

# O PAI GORIOT

**Honoré de Balzac**

**InfoLivros.org**



## SINOPSE DE PAPA GORIOT

Papa Goriot é o romance mais conhecido de Honoré de Balzac e um dos mais importantes da literatura francesa e mundial. Foi publicado em 1835 e faz parte dos episódios da vida privada do Comédie humaine (projeto de Balzac, que deixou 87 romances escritos).

É ambientado durante a Restauração francesa e reflete a realidade da sociedade parisiense por temas como a essência do casamento, a família, a divisão das classes sociais e a corrupção. Tudo pode ser compreendido através da história do personagem principal, Papa Goriot, um homem que vive na pobreza após ter sacrificado sua vida por suas filhas, que o abandonaram sem cerimônias.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [Papa Goriot por Honoré de Balzac](#) em InfoLivros.org

**Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:**

- Inglês InfoBooks.org: [Father Goriot author Honoré de Balzac](#)
  - Espanhol InfoLibros.org: [Papá Goriot autor Honoré de Balzac](#)
  - Francês InfoLivres.org: [Le père goriot auteur Honoré de Balzac](#)
- 

**Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:**

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

A sra. Vauquer, em solteira De Conflans, é uma senhora de idade que há quarenta anos mantém em Paris uma pensão burguesa instalada na Rue Neuve- Sainte-Geneviève, entre o Quartier Latin e o Faubourg Saint-Marceau. Essa pensão, conhecida pelo nome de Casa Vauquer, admite igualmente homens e mulheres, moços e velhos, sem que nunca a maledicência tenha atacado os costumes desse respeitável estabelecimento. Mas, também, há trinta anos nunca se viu um jovem por lá, e para que um rapaz more ali sua família deve lhe dar uma mesada muito magra. No entanto, em 1819, época em que começa este drama, ali vivia uma pobre moça. Seja qual for o descrédito em que tenha caído a palavra “drama” pela maneira abusiva e torturante como foi atacada nestes tempos de dolorosa literatura, é necessário empregá-la aqui: não que esta história seja dramática no verdadeiro sentido da palavra; mas, concluída a obra, talvez se terão derramado algumas lágrimas intra e extramuros . Será ela compreendida fora de Paris? A dúvida é legítima. As peculiaridades desta cena cheia de observações e cores locais só podem ser apreciadas entre as colinas de Montmartre e as alturas de Montrouge, neste ilustre vale de escombros incessantemente prestes a desabar e de riachos negros de lama; vale repleto de sofrimentos reais, de alegrias volta e meia falsas, e tão terrivelmente agitado que se precisa um não sei que de exorbitante para produzir uma sensação de certa permanência. Porém, aí se encontram, aqui e

acolá, dores que pelo amontoado dos vícios e virtudes tornam-se grandes e solenes: diante de seu aspecto, os egoísmos e interesses se detêm e se apiedam; mas a impressão que recolhem é como um fruto saboroso prontamente devorado. O carro da civilização, semelhante ao do ídolo de Jaggernaut, 1 apenas retardado por um coração mais difícil de esmagar que os outros e que atravança a sua roda, logo o quebrou e prossegue sua marcha gloriosa. Assim farão vocês, vocês que seguram com a mão branca este livro, vocês que se afundam numa poltrona macia pensando: “Talvez isto vá me divertir”. Depois de terem lido os secretos infortúnios do pai Goriot, jantarão com apetite imputando a própria insensibilidade ao autor, tachando-o de exagero, acusando-o de poesia. Ah! saibam: este drama não é uma ficção, nem um romance. All is true , ele é tão verdadeiro que todos podem reconhecer esses elementos em si mesmos, em seu coração talvez!

A casa onde se explora a pensão burguesa pertence à sra. Vauquer. Situa-se na parte baixa da Rue Neuve-Sainte-Genève, no lugar onde o terreno desce em direção à Rue de l’Arbalète por uma ladeira tão íngreme e tão difícil que raramente os cavalos a sobem ou descem. Essa circunstância é favorável ao silêncio que reina nessas ruas apertadas entre a cúpula do Val-de-Grâce e a cúpula do Panthéon, dois monumentos que mudam as condições da atmosfera, nela lançando tons

amarelados e tudo escurecendo com as tonalidades severas que suas cúpulas projetam. Ali os calçamentos são secos, os riachos não têm lama nem água, o mato cresce ao longo dos muros. Ali o homem mais indiferente se entristece, como todos os passantes, o barulho de um carro torna-se um acontecimento, as casas são sombrias, os muros cheiram a prisão. Ali um parisiense perdido só enxergaria pensões burguesas ou instituições, 2 miséria ou tédio, velhice que morre, alegre juventude obrigada a trabalhar. Nenhum bairro de Paris é mais horrível, nem, digamolo, mais desconhecido. A Rue Neuve-Sainte-Geneviève é, sobretudo, como uma moldura de bronze, a única que convém a este relato, para o qual não se deveria preparar demais o espírito com cores escuras, com ideias graves; assim como, de degrau em degrau, o dia declina e o canto do condutor se acentua quando o viajante desce às Catacumbas.

3 Comparação verdadeira! Quem decidirá o que é mais horrível ver, corações ressecados ou crânios vazios?

A fachada da pensão dá para um jardimzinho, de modo que a casa cai em ângulo reto na Rue Neuve-Sainte-Geneviève, onde a vemos cortada em sua profundidade. Ao longo dessa fachada, entre a casa e o jardimzinho, reina um círculo de cascalhos com dois metros de largura, diante do qual há uma alameda arenosa margeada de gerânios, louros-rosa e romãzeiras plantados em grandes vasos de porcelana azul e branca. Entra-se nessa

alameda por uma porta secundária, tendo ao alto uma tabuleta em que está escrito: CASA VAUQUER , e embaixo: Pensão burguesa para os dois sexos e outros . 4 Durante o dia, uma porta com postigo, armada com uma sineta estridente, deixa perceber no final da calçadinha, no muro oposto à rua, uma arcada pintada em mármore verde por um artista do bairro. No vão simulado por essa pintura, eleva-se uma estátua que representa o Amor. Ao verem o verniz descascado que a cobre, os amantes de símbolos descobririam talvez um mito do amor parisiense que é curado a poucos passos dali. 5 Sob o pedestal, esta inscrição meio apagada lembra o tempo de que data o ornamento, graças ao entusiasmo demonstrado por Voltaire, que retornou a Paris em 1777:

Quem quer que sejas, eis teu mestre: Ele o é, o foi ou deve sê-lo. 6

Ao cair a noite, a porta de postigo é substituída por uma porta maciça. O jardimzinho, tão largo quanto o comprimento da fachada, fica encravado entre o muro da rua e a parede-meia da casa vizinha, ao longo da qual pende um manto de hera que a esconde inteiramente e atrai os olhos dos passantes por um efeito pitoresco em Paris. Cada um desses muros é forrado de latadas e vinhas cujas frutificações frágeis e poeirentas são alvo dos temores anuais da sra. Vauquer e de suas conversas com os pensionistas. Ao longo de cada muro reina uma estreita aleia

que leva a uma sombra de tília, palavra que a sra. Vauquer, embora nascida De Conflans, pronuncia obstinadamente tília, apesar das observações gramaticais de seus hóspedes. Entre as duas aleias laterais há um canteiro de alcachofras ladeado de árvores frutíferas podadas em forma de roca, e margeado de azedinha, alface e salsinha. Sob o abrigo de tília está fincada uma mesa redonda pintada de verde e cercada de cadeiras. Ali, nos dias caniculares, os convivas bastante ricos para se permitirem tomar café vão saboreá-lo num calor capaz de fazer os ovos serem chocados. A fachada, com a altura de três andares e dominada pelas mansardas, é de pedras e pintada dessa cor amarela que dá um aspecto ignóbil a quase todas as casas de Paris. As cinco janelas abertas em cada andar têm pequenas vidraças e são guarnecidas de gelosias, nenhuma delas estando levantada da mesma maneira, de modo que todas as suas linhas discordam entre si. A profundidade dessa casa comporta duas janelas que, no térreo, têm como ornamento barras de ferro gradeadas. Atrás da construção há um quintal com cerca de seis metros de largura, onde vivem em paz porcos, galinhas, coelhos, e no fundo do qual se ergue um telheiro para se serrar madeira. Entre esse telheiro e a janela da cozinha está suspenso o guarda-comida, abaixo do qual caem as águas gordurosas da pia. Esse quintal tem, dando para a Rue Neuve-Sainte-Geneviève, uma porta estreita por onde a cozinheira joga o



lixo da casa, limpando essa cloaca com muita água, sob pena de pestilência.

Naturalmente destinado à exploração da pensão burguesa, o térreo se compõe

de um primeiro aposento iluminado pelas duas janelas da rua, e no qual se entra por uma porta-janela. Esse salão se comunica com uma sala de jantar que é separada da cozinha pelo vão de uma escada cujos degraus são de madeira e ladrilhos pintados e esfregados. Nada é mais triste de ver do que esse salão mobiliado com poltronas e cadeiras estofadas de crina com listas alternadas foscas e brilhantes. No meio há uma mesa redonda com tampo de mármore Sainte-Anne, enfeitada com uma licoreira de porcelana branca ornamentada de filetes de ouro semiapagados, que hoje se encontra por toda parte. Essa sala, bastante mal assoalhada, é coberta de lambris até a altura do parapeito. O resto das paredes é forrado com um papel envernizado representando as principais cenas de Telêmaco, e cujos personagens clássicos são coloridos. O painel entre as janelas gradeadas oferece aos pensionistas o quadro do festim organizado por Calipso para o filho de Ulisses. Há quarenta anos essa pintura provoca as brincadeiras dos jovens pensionistas, que se creem superiores à sua posição zombando do jantar a que a miséria os condena. A lareira de pedra, cuja fornalha sempre limpa atesta que ali só se faz fogo nas grandes ocasiões, é

enfeitada com dois vasos cheios de flores artificiais, envelhecidas e enjauladas, que acompanham um relógio de mármore azulado do pior mau gosto. Esse primeiro aposento exala um cheiro sem nome no idioma, e que se deveria chamar de odor de pensão. Cheira a abafado, a mofo, a rançoso; dá frio, é úmido para o nariz, penetra nas roupas; tem gosto de uma sala onde se jantou; fede a serviço, a copa, a hospital. Talvez pudesse ser descrito caso se inventasse um processo para avaliar as quantidades elementares e nauseabundas ali jogadas pelas atmosferas catarrais e sui generis de cada pensionista, jovem ou velho. Pois bem! Apesar desses horrores banais, se vocês o comparassem com a sala de jantar, que é contígua, achariam esse salão elegante e perfumado como deve ser um budoar. Essa sala inteiramente forrada de madeira foi outrora pintada numa cor hoje indefinida, que forma um fundo sobre o qual a sujeira imprimiu suas camadas de modo a desenhar figuras esquisitas. Está tomada por aparadores pegajosos sobre os quais há garrafas bisotadas, manchadas, argolas metálicas furta-cores, pilhas de pratos de porcelana grossa de beiras azuis, fabricados em Tournai. Num canto está colocada uma caixa de escaninhos numerados que serve para guardar os guardanapos, manchados ou sujos de vinho, de cada pensionista. Lá se encontram esses móveis indestrutíveis, proscritos em qualquer lugar, mas postos ali como o são os detritos da civilização nos Incurables. 7 Ali vocês veriam um barômetro com um capuchinho que sai

quando chove, gravuras execráveis que tiram o apetite, todas emolduradas em madeira preta envernizada com filetes dourados; um relógio de parede de tartaruga incrustada de cobre; uma estufa verde, lâmpadas de Argand onde a poeira se mistura com o óleo, uma mesa comprida coberta por um oleado suficientemente engordurado para que um engraçadinho, pensionista externo, escrevesse seu nome servindo-se do dedo como pena, cadeiras estropiadas, pequenos capachos vergonhosos de esparto que

esfiapa mas nunca se solta, e também escalfetas miseráveis com orifícios quebrados, dobradiças desconjuntadas, em que a lenha carboniza. Para explicar como esse mobiliário é velho, rachado, podre, bambo, roído, desastrado, zarolho, inválido, moribundo, seria preciso fazer uma descrição que atrasaria demais o interesse desta história, e que as pessoas apressadas não perdoariam. O piso vermelho é cheio de vales produzidos pela esfregação ou pelas camadas de cor. Em suma, ali reina a miséria sem poesia; uma miséria poupada, concentrada, surrada. Se ainda não tem lama, tem manchas; se não tem buracos nem andrajos, cairá na podridão.

Esse cômodo está em todo o seu esplendor quando, cerca de sete da manhã, o

gato da sra. Vauquer precede sua dona, salta sobre os aparadores, fareja o leite contido em várias tigelas cobertas por

pratos e faz ouvir seu ronrom matinal. Logo a viúva se mostra, ataviada com sua touca de tule, sob a qual pende um tufo de cabelo postiço malposto, e anda arrastando seus chinelos enrugados. Sua cara velhusca, gorducha, do meio da qual sai um nariz em bico de papagaio, suas mãozinhas rechonchudas, sua pessoa roliça como um rato de igreja, seu corpete muito apertado e desalinhado estão em harmonia com a sala que destila infelicidade, em que se esconde a especulação, e cujo ar ardorosamente fétido a sra. Vanquer respira sem sentir enjoo. Seu rosto fresco como uma primeira geada de outono, seus olhos enrugados, cuja expressão passa do sorriso prescrito às dançarinas à amarga carranca do agiota, enfim toda a sua pessoa explica a pensão, assim como a pensão implica sua pessoa. A prisão para os forçados não existe sem o comitê, não se imaginaria um sem o outro. A corpulência macilenta dessa mulherzinha é produto dessa vida, assim como o tifo é consequência das exalações de um hospital. Sua anágua de lã tricotada, que fica aparecendo sob sua primeira saia feita com um vestido velho, e cujo acolchoado escapa pelas brechas do pano rasgado, resume o salão, a sala de jantar, o jardimzinho, denuncia a cozinha e faz pressentir os pensionistas. Quando ela está ali, o espetáculo está completo. Tendo cerca de cinquenta anos, a sra. Vauquer se parece com todas as mulheres que conheceram desgraças. Tem os olhos baços, o ar inocente de uma alcoviteira que vai intimidar para cobrar mais, mas que, aliás,

está disposta a tudo para amenizar seu destino, a entregar Georges ou Pichegru, se Georges ou Pichegru ainda precisassem ser entregues. 8

No entanto, ela é no fundo boa mulher , dizem os pensionistas, que a imaginam

sem fortuna ao ouvi-la gemer e tossir como eles. Quem havia sido o sr. Vauquer? Ela jamais se explicava sobre o falecido. Como ele perdera sua fortuna? Nas desgraças, ela respondia. Comportara-se mal com ela, só lhe

deixara os olhos para chorar, aquela casa para viver e o direito de não se condoer de nenhum infortúnio, porque, dizia, sofrera tudo o que é possível sofrer. Ao ouvir a patroa dando seus passinhos, Sylvie, a cozinheira, tratava de servir o café da manhã aos pensionistas internos.

Geralmente os pensionistas de fora só pagavam pelo jantar, que custava trinta francos por mês. Na época em que esta história começa, os internos eram sete. O primeiro andar continha os dois melhores apartamentos da casa. A sra. Vauquer morava no mais modesto, e o outro pertencia à sra. Couture, viúva de um fiscal de renda da República francesa. Morava com ela uma mocinha bem jovem, chamada Victorine Taillefer, a quem ela servia de mãe. A pensão dessas duas damas chegava a mil e oitocentos francos. Os dois apartamentos do segundo eram ocupados, um

por um velho chamado Poiret; o outro por um homem de cerca de quarenta anos, que usava uma peruca preta, pintava as suíças, dizia ser ex-comerciante e se chamava sr. Vautrin. O terceiro andar se compunha de quatro quartos, dos quais dois estavam alugados, um por uma solteirona chamada srta. Michonneau; o outro por um antigo fabricante de aletrias, de massas da Itália e de amido, que se deixava chamar pai Goriot. Os dois outros quartos estavam destinados às aves de arribação, esses estudantes desafortunados que, como o pai Goriot e a srta. Michonneau, só podiam pôr quarenta e cinco francos por mês na alimentação e na moradia; mas a sra. Vauquer não desejava muito a presença deles e só os aceitava quando não encontrava nada melhor: comiam pão demais. Nesse momento, um dos dois quartos pertencia a um rapaz vindo dos arredores de Angoulême para Paris, a fim de estudar direito, e cuja família numerosa se submetia às mais duras privações para lhe enviar mil e duzentos francos por ano. Eugène de Rastignac, assim se chamava, era um desses jovens moldados no trabalho pelo infortúnio, que compreendem desde a tenra idade as esperanças que os pais depositam neles e que se preparam para um belo destino já calculando o alcance de seus estudos e adaptando-os de antemão ao movimento futuro da sociedade, para serem os primeiros a esmagá-la. Sem suas observações curiosas e a habilidade com que ele soube se comportar nos salões de Paris, este relato não teria se colorido dos tons verdadeiros que, com

certeza, deverá a seu espírito sagaz e a seu desejo de penetrar nos mistérios de uma situação pavorosa, tão cuidadosamente escondida pelos que a haviam criado quanto por quem a sofria.

Acima desse terceiro andar havia um sótão para pendurar a roupa e duas

mansardas em que dormiam um criado para o serviço pesado, Christophe, e a gorda Sylvie, a cozinheira. Além dos sete pensionistas internos, a sra. Vauquer

tinha, dependendo do ano, oito estudantes de direito ou de medicina, e dois ou três frequentadores assíduos que moravam no bairro, todos pagando só o jantar. A sala recebia para jantar dezoito pessoas e podiam caber umas vinte; mas na parte da manhã ali só havia sete inquilinos, cuja reunião oferecia, durante o almoço, o aspecto de uma refeição de família. Todos desciam de chinelos, permitiam-se observações confidenciais sobre a roupa ou a aparência dos pensionistas externos, e sobre os acontecimentos da noite anterior, expressando-se com a confiança da intimidade. Esses sete pensionistas eram os filhinhos mimados da sra. Vauquer, que lhes dispensava com uma precisão de astrônomo cuidados e atenções, de acordo com o montante de suas pensões. Idêntica consideração afetava aquelas criaturas reunidas pelo acaso. Os dois inquilinos do segundo pagavam apenas setenta e dois francos por mês. Esse preço em conta, que só se acha no Faubourg Saint-Marcel, entre a

Bourbe e a Salpêtrière, e do qual a sra. Couture era a única exceção, anunciava que esses pensionistas deviam estar sob o peso de desgraças mais ou menos aparentes. Assim, o espetáculo desolador apresentado dentro daquela casa se repetia no vestuário de seus frequentadores, igualmente deteriorados. Os homens usavam sobrecasacas cuja cor se tornara problemática, sapatos como os que são jogados nas esquinas dos bairros elegantes, camisas puídas, roupas que não tinham mais que a alma. As mulheres usavam vestidos antiquados, retingidos, desbotados, velhas rendas remendadas, luvas lustrosas pelo uso, golas bordadas sempre encardidas e lenços esgarçados. Se essas eram as roupas, quase todos mostravam corpos solidamente robustos, compleições que haviam resistido às tempestades da vida, faces frias, duras, apagadas como as dos escudos fora de circulação. As bocas enrugadas eram armadas de dentes ávidos. Esses pensionistas faziam pressentir dramas concluídos ou em ação; não esses dramas representados às luzes da ribalta, entre telas pintadas, mas dramas vivos e mudos, dramas gélidos que remexiam ardorosamente o coração, dramas contínuos.

A velha srta. Michonneau mantinha sobre seus olhos cansados uma viseira de

tafetá verde rodeada por um fio de arame que teria assustado um anjo da Misericórdia. Seu xale de franjas mirradas e chorosas parecia cobrir um esqueleto, de tão angulosas eram as formas



que escondia. Que ácido despojara essa criatura de suas fortunas femininas? Devia ter sido bonita e bem-feita: seria o vício, a tristeza, a cupidez? Teria amado demais, teria sido vendedora de roupas usadas, ou somente cortesã? Expiava, por uma velhice da qual os passantes fugiam, os triunfos de uma juventude insolente ao encontro da qual tinham se precipitado os prazeres? Seu olhar branco dava frio, sua figura

franzina ameaçava. Tinha a voz estridente de uma cigarra gritando no arbusto à chegada do inverno. Dizia ter cuidado de um velho atacado por um catarro na bexiga e abandonado pelos filhos, que o imaginaram sem recursos. Esse velho lhe legara mil francos de renda vitalícia, periodicamente disputados pelos herdeiros, de cujas calúnias era alvo. Embora o jogo das paixões tivesse devastado seu rosto, ainda se viam certos vestígios de uma brancura e de uma delicadeza no tecido que permitiam supor que o corpo conservasse alguns restos de beleza.

O sr. Poiret era uma espécie de máquina. Avistando-o estender-se como uma sombra cinza ao longo de uma alameda do Jardin des Plantes, a cabeça coberta por um velho boné mole, mal segurando na mão a bengala com cabo de marfim amarelado, deixando flutuar as abas murchas de sua sobrecasaca que escondia mal uma calça quase vazia, e pernas com meias azuis que cambaleavam como as de um homem embriagado, mostrando seu colete branco sujo e seu jabô de musseline grosseira

amarrotada que se unia de modo imperfeito à gravata amarrada em volta de seu pescoço de peru, muita gente se perguntava se aquela sombra chinesa pertencia à raça audaciosa dos filhos de Jafé 9 que borboleteiam pelo Boulevard Italien. Que trabalho pudera encarquilhá-lo assim? Que paixão deixara cor de bistre sua face bulbosa, que, desenhada como caricatura, teria parecido irreal? O que havia ele sido? Mas talvez tivesse sido funcionário do Ministério da Justiça, na seção para onde os carrascos enviam seus relatórios de despesas, a conta do fornecimento de véus negros para os parricidas, de farelo para as cestas, de cordas para as lâminas. 10 Talvez tivesse sido recebedor na porta de um matadouro, ou subinspetor de salubridade. Enfim, aquele homem parecia ter sido um dos asnos de nosso grande moinho social, um desses Ratons parisienses que nem sequer conhecem seus Bertrands, 11 algum pivô em torno de quem tinham girado os infortúnios ou as sujeiras públicas, enfim um desses homens de quem dizemos, ao vê-los: No entanto, é preciso gente assim. A bela Paris ignora essas figuras pálidas de sofrimentos morais ou físicos. Mas Paris é um verdadeiro oceano. Joguem a sonda, jamais conhecerão sua profundidade. Percorram-no, descrevam-no! Por mais cuidado que ponham em percorrê-lo, em descrevê-lo; por mais numerosos e interessados que sejam os exploradores desse mar, sempre se encontrará um lugar virgem, um antro desconhecido, flores, pérolas, monstros, alguma coisa de inaudito, esquecido pelos

mergulhadores literários. A Casa Vauquer é uma dessas monstruosidades curiosas.

Duas figuras formavam ali um contraste surpreendente com a massa dos

pensionistas e dos frequentadores. Embora a srta. Victorine Taillefer tivesse uma

palidez doentia parecida com a das moças atacadas de anemia clorótica, e se ligasse ao sofrimento geral que formava o fundo desse quadro por uma tristeza habitual, por um jeito encabulado, por um ar pobre e frágil, seu rosto, porém, não era velho, seus movimentos e sua voz eram ágeis. Essa infelicidade jovem parecia um arbusto de folhas amareladas, recém-plantado em terreno inóspito. Sua fisionomia arruivada, seus cabelos de um louro fulvo, seu corpo magro demais expressavam essa graça que os poetas modernos encontravam nas estatuetas da Idade Média. Seus olhos cinzentos mesclados de negro expressavam uma doçura, uma resignação cristãs. Suas roupas simples, baratas, traíam formas jovens. Era bonita por justaposição. Feliz, teria sido deslumbrante: a felicidade é a poesia das mulheres, assim como a toailete é a maquiagem. Se a alegria de um baile tivesse refletido suas cores rosadas sobre aquele rosto pálido; se as doçuras de uma vida elegante tivessem preenchido, tivessem avermelhado aquelas faces já levemente encovadas; se o amor tivesse reanimado aqueles olhos tristes, Victorine

poderia ter lutado com as mais belas moças. Faltava-lhe o que cria uma segunda vez a mulher, as roupas e adereços, e as cartas de amor. Sua história forneceria o assunto de um livro. Seu pai acreditava ter razões para não reconhecê-la, recusava mantê-la perto de si, só lhe concedia cem francos por ano, e alterara sua fortuna a fim de poder transmiti-la inteiramente a seu filho. Parente afastada da mãe de Victorine, que outrora fora morrer de desespero na casa dela, a sra. Couture tomava conta da órfã como de sua própria filha. Infelizmente a viúva do fiscal de renda das Forças Armadas da República não possuía nada no mundo além de um usufruto sobre a partilha do marido, e de sua pensão; um dia poderia deixar essa pobre moça, sem experiência e sem recursos, à mercê do mundo. A boa mulher levava Victorine à missa todo domingo, à confissão a cada quinze dias, a fim de torná-la, para qualquer eventualidade, uma moça devota. Tinha razão. Os sentimentos religiosos ofereciam um futuro àquela criança renegada, que amava o pai, que todos os anos se encaminhava à casa dele para levar-lhe o perdão de sua mãe; mas que, todos os anos, topava inexoravelmente com a porta fechada da casa paterna. Seu irmão, seu único mediador, não fora vê-la uma só vez em quatro anos, e não lhe enviava nenhuma ajuda. Ela implorava a Deus que abrisse os olhos do pai, que enternecesse o coração do irmão, e rezava por eles sem acusá-los. A sra. Couture e a sra. Vauquer não encontravam palavras suficientes no dicionário de injúrias para qualificar esse

comportamento bárbaro. Quando amaldiçoavam aquele milionário infame, Victorine deixava ouvir palavras doces, semelhantes ao canto do torcaz ferido, cujo grito de dor ainda exprime amor.

Eugène de Rastignac tinha um rosto todo meridional, a tez branca, cabelos pretos, olhos azuis. Sua presença, suas maneiras, sua pose habitual denotavam o filho de uma família nobre, em que a primeira educação comportara apenas tradições de bom gosto. Se era econômico em seus trajés, se nos dias correntes acabava de gastar as roupas do ano anterior, às vezes podia, porém, sair vestido como se veste um rapaz elegante. Via de regra usava uma velha sobrecasaca, um colete ordinário, a feia gravata preta, amassada, mal amarrada do estudante, umas calças do mesmo tipo e botas com meias-solas.

Entre esses dois personagens e os outros, Vautrin, o homem de quarenta anos, de suíças pintadas, servia de transição. Era uma dessas pessoas de quem o povo diz: “Esse aí está vendendo saúde!”. Tinha os ombros largos, o busto bem desenvolvido, os músculos aparentes, mãos grossas, quadradas e fortemente marcadas nas falanges por tufo de pelos cerrados e de um ruivo ardente. Seu rosto, riscado por rugas prematuras, oferecia sinais de dureza que suas maneiras ágeis e afáveis desmentiam. Sua voz de baixo, em harmonia com a imensa alegria, não desagradava. Era prestativo e divertido. Se alguma fechadura

funcionava mal, logo a desmontava, consertava, lubrificava, limava, remontava, dizendo: “Isso eu conheço”. Conhecia tudo, aliás, os navios, o mar, a França, o estrangeiro, os negócios, os homens, os acontecimentos, as leis, os hotéis e as prisões. Se alguém se queixava demais, logo lhe oferecia seus serviços. Várias vezes emprestou dinheiro à sra. Vauquer e a alguns pensionistas; mas seus devedores prefeririam morrer a não lhe pagar, de tanto medo instilava, apesar de seu ar bondoso, por um certo olhar profundo e cheio de resolução. Pelo modo como lançava um jato de saliva, anunciava um sangue-frio imperturbável que não devia fazê-lo recuar diante de um crime para sair de uma posição ambígua. Como um juiz severo, seu olhar parecia ir ao fundo de todas as questões, de todas as consciências, de todos os sentimentos. Seus costumes consistiam em sair depois do almoço, em voltar para jantar, em sumir por toda a noite e retornar cerca de meia-noite, com a ajuda de uma chave mestra que a sra. Vauquer lhe entregara. Só ele gozava desse privilégio. Mas, também, dava-se maravilhosamente bem com a viúva, a quem chamava de mamãe agarrando-a pela cintura, afago pouco entendido! A boa mulher acreditava que a coisa ainda era fácil, ao passo que só Vautrin tinha os braços compridos o suficiente para apertar aquela pesada circunferência. Um traço de sua personalidade era pagar generosamente quinze francos por mês pelo gloria 12 que tomava à sobremesa. Gente menos superficial do que eram aqueles jovens levados pelos turbilhões da vida

parisiense ou aqueles velhotes indiferentes ao que não os tocava

diretamente não teriam se detido na impressão duvidosa que Vautrin lhes causava. Ele sabia ou adivinhava os negócios dos que o cercavam, ao passo que ninguém podia penetrar em seus pensamentos nem em suas ocupações. Embora tivesse erguido sua aparente bonomia, sua constante condescendência e sua alegria como uma barreira entre os outros e ele, vez por outra deixava ser desvendada a terrível profundidade de seu caráter. Volta e meia uma tirada digna de Juvenal, e com a qual parecia se satisfazer em ridicularizar as leis, fustigar a alta sociedade, convencê-la de ser incosequente consigo mesma, deixava supor que ele tinha rancor do estado social e que havia, no fundo de sua vida, um mistério cuidadosamente escondido.

Atraída, talvez sem saber, pela força de um ou pela beleza do outro, a srta. Taillefer dividia seus olhares furtivos e seus pensamentos secretos entre esse quarentão e o jovem estudante; mas nenhum deles parecia pensar nela, se bem que, de um dia para o outro, o acaso pudesse mudar sua situação e torná-la um rico partido. Aliás, nenhuma daquelas pessoas se dava ao trabalho de verificar se os infortúnios alegados por uma delas eram falsos ou verdadeiros. Todas tinham umas pelas outras uma indiferença mesclada de desconfiança que resultava de suas situações respectivas. Sabiam-se impotentes para aliviar seus

sofrimentos, e todas, ao contá-los, haviam esgotado o cálice das condolências. Semelhantes a velhos cônjuges, já não tinham nada a se dizer. Portanto, só restavam entre elas relações de uma vida mecânica, o jogo de engrenagens sem óleo. Todas deviam passar direto na rua por um cego, escutar sem emoção o relato de um infortúnio e ver na morte a solução de um problema de miséria que as tornava frias à mais terrível agonia. A mais feliz dessas almas desconsoladas era a sra. Vauquer, que reinava naquele hospital livre. Só para ela aquele jardimzinho, que o silêncio e o frio, a secura e a umidade tornavam vasto como uma estepe, era um bosquezinho aprazível. Só para ela a casa amarela e sombria, que cheirava a azinhavre de balcão, tinha suas delícias. As celas lhe pertenciam. Ela alimentava aqueles forçados condenados a penas perpétuas exercendo sobre eles uma autoridade respeitada. Onde aquelas pobres criaturas teriam encontrado em Paris, pelo preço que ela cobrava, alimentos saudáveis, suficientes, e um apartamento que tinham toda a liberdade para tornar, se não elegante e cômodo, ao menos limpo e salubre? Tivesse ela se permitido uma injustiça gritante, a vítima a teria suportado sem se queixar.

Uma reunião dessas devia oferecer e oferecia em pequena escala os elementos



de uma sociedade completa. Entre os dezoito convivas encontrava-se, como nos colégios, como na sociedade, uma pobre criatura rejeitada, um saco de pancadas sobre quem choviam as brincadeiras. No começo do segundo ano, essa figura tornou-se para Eugène de Rastignac a mais notável de todas em meio das quais ele estava condenado a viver ainda por dois anos. Esse cristo era o antigo macarroneiro, o pai Goriot, sobre cuja cabeça um pintor teria, assim como um historiador, feito cair toda a luz do quadro. Por qual acaso esse desprezo semidioso, essa perseguição mesclada de piedade, esse desrespeito pela desgraça tinham atacado o mais antigo pensionista? Ele dera margem a isso por alguns desses ridículos ou esquisitices que perdoamos menos do que perdoamos os vícios? Essas questões estão muito próximas de grandes injustiças sociais. Talvez esteja na natureza humana fazer com que tudo suporte quem tudo sofre por humildade verdadeira, fraqueza ou indiferença. Acaso todos nós não gostamos de provar nossa força à custa de alguém ou de alguma coisa? O ser mais fraco, o garoto de rua, bate em todas as portas quando está congelando, ou trepa num monumento virgem para escrever seu nome.

O pai Goriot, velhote de seus sessenta e nove anos, retirara-se para a pensão da sra. Vauquer em 1813, depois de largar os negócios. Primeiro pegara o apartamento ocupado pela sra.

Couture, e pagava então mil e duzentos francos de pensão, como homem para quem cinco luíses a mais ou a menos eram uma bagatela. A sra. Vauquer reformara os três quartos daquele apartamento mediante uma ajuda de custo prévia que financiou, dizem, o valor de uma mobília ordinária composta de cortinas de percalina amarela, poltronas de madeira envernizada estofadas de veludo de Utrecht, algumas pinturas a cola e papéis que bibocas do subúrbio recusariam. Talvez a negligente generosidade com que se deixou enganar o pai Goriot, que por essa época era respeitosamente chamado de sr. Goriot, a tenha feito considerá-lo um imbecil que não entendia nada de negócios. Goriot chegou munido de um guarda-roupa bem fornido, o enxoval magnífico do negociante que não se recusa nada ao se retirar do comércio. A sra. Vauquer admirara dezoito camisas de meia-holanda, cuja delicadeza era mais notável ainda porque o macarroneiro usava sobre o jabô fixo dois alfinetes presos por uma correntinha, cada um com um grande diamante engastado. Habitualmente vestido com uma casaca azul-clara, pegava todo dia um colete de piquê branco, sob o qual flutuava seu ventre piriforme e proeminente, que fazia pular uma pesada corrente de ouro guarnecida de berloques. Sua tabaqueira, também de ouro, continha um medalhão cheio de cabelos que aparentemente o tornava culpado de alguma boa fortuna. Quando sua hospedeira o acusou de ser um frajola , ele

deixou perambular pelos lábios o alegre sorriso do burguês cujo brinquedinho foi elogiado. Seus armouros (ele pronunciava essa palavra como o zé-povinho) 13 foram enchidos com a volumosa prataria de sua casa. Os olhos da viúva se acenderam quando o ajudou cortesmente a desembalar e arrumar as conchas, as colheres de servir, os talheres, os galheteiros, as molheiras, vários pratos, os aparelhos de café de vermeil, enfim peças mais ou menos belas, pesando uma certa quantia de marcos, e das quais ele não queria se desfazer. Esses presentes lhe lembravam as solenidades de sua vida doméstica.

— Este — ele disse à sra. Vauquer apertando um prato e uma tigelinha cuja tampa representava duas rolinhas que se bicotavam — é o primeiro presente que minha mulher me deu, no dia de nosso aniversário. Pobre mulher! Empregou nisso todas as suas economias de solteira. Está vendo, senhora? Eu preferiria raspar a terra com as unhas a me separar disso. Graças a Deus! Poderei tomar nesta tigela meu café, todas as manhãs, pelo resto de meus dias. Não tenho do que me queixar, tenho meios de sobreviver por muito tempo.

Por fim, a sra. Vauquer tinha visto muito bem, com seu olho de águia, certas inscrições no livro-caixa que, vagamente somadas, podiam dar àquele excelente Goriot uma renda de cerca de oito a dez mil francos. Desde esse dia, a sra. Vauquer, De Conflans em

solteira, que estava então com quarenta anos feitos e só aceitava trinta e nove, teve algumas ideias. Embora o canal lacrimal dos olhos de Goriot estivesse revirado, inchado, caído, o que o obrigava a enxugá-los com muita frequência, ela o achou com aparência agradável e muito ajeitado. Aliás, sua panturrilha carnuda e saliente prognosticava, tanto quanto seu nariz quadrado e comprido, qualidades morais que a viúva parecia apreciar, e que o rosto lunar e ingenuamente parvo do homenzinho parecia confirmar. Devia ser um animal solidamente constituído, capaz de dispende todo seu espírito em sentimentos. Seus cabelos em asas de pombo, que o barbeiro da Escola Politécnica ia empoar toda manhã, desenhavam cinco pontas sobre a fronte baixa e decoravam bem seu rosto. Embora um pouco rústico, ele andava tão frajola, pegava seu tabaco magnificamente, o aspirava como um homem tão seguro de ter sempre sua tabaqueira cheia de macouba, 14 que no dia em que o sr. Goriot se instalou em sua pensão a sra. Vauquer deitou-se à noite assando, como uma perdiz envolta na tira de toucinho, ao fogo do desejo que a agarrou de abandonar o sudário de Vauquer para renascer como Goriot. Casar-se, vender sua pensão, dar o braço àquela fina flor de burguesia, tornar-se uma dama de prestígio no bairro, pedir recursos para os indigentes, organizar pequenos passeios de domingo a Choisy, Soissy, Gentilly; ir ao espetáculo quando bem entendesse, no

camarote, sem esperar os ingressos de autor que lhe davam alguns de seus

pensionistas no mês de julho; sonhava com todo o Eldorado dos casaizinhos parisienses. Não confessara a ninguém que possuía quarenta mil francos amealhados vintém a vintém. Sem dúvida, julgava-se, no quesito fortuna, um partido vantajoso. “Quanto ao resto, eu valho esse homenzinho!”, pensou virando-se na cama, como para provar a si mesma encantos que a gorda Sylvie via toda manhã modelados pelo avesso. A partir desse dia, durante cerca de três meses, a viúva Vauquer aproveitou o barbeiro do sr. Goriot e fez algumas despesas de toailete, desculpadas pela necessidade de dar à sua casa um certo decoro em harmonia com as pessoas honradas que a frequentavam. Urdiu muitas intrigas para mudar os empregados de seus pensionistas, exibindo a pretensão de, dali em diante, só aceitar as pessoas mais distintas sob todos os pontos de vista. Um estrangeiro se apresentava, e ela se gabava da preferência que o sr. Goriot, um dos comerciantes mais importantes e respeitáveis de Paris, lhe concedera. Distribuiu prospectos em cujo alto se lia: CASA VAUQUER. “Era”, ela dizia, “uma das mais antigas e mais estimadas pensões burguesas do Quartier Latin. Com uma vista das mais agradáveis para o vale dos Gobelins (podia-se avistá-lo do terceiro andar) e um bonito jardim, ao fundo do qual SE ESTENDIA uma ALAMEDA de tílias.” Falava do

bom ar e da solidão. Esse prospecto lhe levou a sra. condessa de l'Ambermesnil, mulher de trinta e seis anos, que esperava o fim da liquidação e o acerto de uma pensão que lhe era devida, na qualidade de viúva de um general morto nos campos de batalha. A sra. Vauquer cuidou de sua mesa, acendeu a lareira nos salões durante quase seis meses e cumpriu tão bem as promessas de seu prospecto que pôs dinheiro seu na pensão. Assim, a condessa dizia à sra. Vauquer, chamando-a de querida amiga, que lhe traria a baronesa de Vaumerland e a viúva do coronel conde Picquiseau, duas amigas suas, que terminavam no Marais o contrato com uma pensão mais cara que a Casa Vauquer. Essas senhoras, aliás, ficariam muito bem de vida quando o Departamento da Guerra tivesse terminado seu trabalho. “Mas o Departamento não termina nada”, ela dizia. Depois do jantar, as duas viúvas subiam juntas para o quarto da sra. Vauquer, e ali trocavam uma prosinha bebendo cassis e comendo guloseimas reservadas à boca da proprietária. A sra. de l'Ambermesnil aprovou plenamente as opiniões de sua hospedeira sobre o Goriot, excelentes opiniões, que aliás adivinhara desde o primeiro dia; achava-o um homem perfeito.

— Ah! minha querida senhora, um homem saudável como meus olhos —

dizia-lhe a viúva. — Um homem perfeitamente conservado, e que ainda pode dar muito prazer a uma mulher.

A condessa fez generosas observações à sra. Vauquer sobre sua roupa, que não estava de acordo com suas pretensões. “É preciso se pôr em pé de guerra”, disse-lhe. Depois de muitos cálculos, as duas viúvas foram juntas ao Palais-Royal, onde compraram, nas Galeries de Bois, um chapéu de penas e uma touca. A condessa arrastou a amiga para a loja La Petite Jeannette, onde escolheram um vestido e uma echarpe. Quando essas munições foram utilizadas, e a viúva se viu com essas armas, ficou parecendo, sem tirar nem pôr, a tabuleta do Boeuf à la mode. 15 No entanto, viu-se tão mudada, e para melhor, que se julgou muito grata à condessa e, embora pouco generosa, rogou-lhe que aceitasse um chapéu de vinte francos. Na verdade, tencionava lhe pedir o favor de sondar Goriot e valorizá-la junto a ele. A sra. de l’Ambermesnil se prestou muito amigavelmente a essa manobra, e cercou o velho macarroneiro, com quem conseguiu ter uma conversa; mas depois de tê-lo achado pudico, para não dizer refratário às tentativas que lhe sugeriu seu desejo particular de seduzi-lo por conta própria, saiu revoltada com sua grosseria.

— Meu anjo — disse à querida amiga —, você nada tirará desse homem! Ele é ridiculamente desconfiado; é um sovina, uma besta, um tolo, que só lhe causará desgosto.

Houve entre o sr. Goriot e a sra. de l’Ambermesnil coisas tais que a condessa não quis nem mais se encontrar com ele. No dia seguinte, partiu esquecendo-se de pagar seis meses de pensão, e

deixando uma roupa velha avaliada em cinco francos. Por mais rigorosa que a sra. Vauquer tenha sido em suas buscas, não conseguiu obter nenhuma informação em Paris sobre a condessa de l'Ambermesnil. Costumava falar desse caso deplorável, queixando-se de seu excesso de confiança, embora fosse mais desconfiada que uma gata; mas parecia essas muitas pessoas que desconfiam dos mais chegados e se entregam ao primeiro que aparece. Fato moral, estranho mas verdadeiro, cuja raiz é fácil encontrar no coração humano. Talvez certos indivíduos não tenham mais nada a ganhar junto daqueles com quem vivem; depois de ter lhes mostrado o vazio de suas almas, sentem-se secretamente julgados por eles com uma severidade merecida; mas, sentindo uma invencível necessidade das adulações que lhes faltam, ou devorados pela vontade de parecer possuir as qualidades que não têm, esperam flagrar a estima ou o coração dos que lhes são estranhos, arriscando-se a se decepcionarem um dia. Enfim, há indivíduos nascidos mercenários que não fazem nenhum bem a seus amigos ou a seus próximos, porque devem; ao passo que, prestando serviço a desconhecidos, recolhem em troca um grão de amor- próprio: quanto mais perto deles está o círculo de seus afetos, menos amam;



quanto mais este se amplia, mais prestativos são. A sra. Vauquer tinha, sem dúvida, algo dessas duas naturezas, essencialmente mesquinhas, falsas, execráveis.

— Se eu estivesse aqui — dizia-lhe então Vautrin —, essa desgraça não lhe teria acontecido! Eu teria encarado muito bem essa farsante. Conheço essas figurinhas .

Como todos os espíritos tacanhos, a sra. Vauquer tinha o costume de não sair do círculo dos acontecimentos e de não julgar suas causas. Gostava de acusar os outros por seus próprios erros. Quando essa perda ocorreu, considerou o honesto macarroneiro o princípio de seu infortúnio, e a partir daí começou, dizia, a perder as ilusões a seu respeito. Quando reconheceu a inutilidade de suas provocações e de seus gastos de representação, não demorou a adivinhar a razão disso. Percebeu então que seu pensionista já tinha, segundo sua expressão, umas atitudes suspeitas. Por fim, foi-lhe provado que sua esperança tão delicadamente afagada repousava numa base quimérica, e que jamais tiraria nada daquele homem, conforme a expressão enérgica da condessa, que parecia uma conhecedora. Ela foi necessariamente mais longe na aversão do que tinha ido em sua amizade. Seu ódio não foi proporcional a seu amor, mas às suas esperanças frustradas. Se o coração humano encontra serenidade subindo às alturas da afeição, raramente se detém na ladeira rápida dos sentimentos odiosos.

Mas o sr. Goriot era seu pensionista, e a viúva foi, portanto, obrigada a reprimir as explosões de seu amor-próprio ferido, a enterrar os suspiros que essa decepção lhe causou e a devorar os desejos de vingança, como um monge humilhado por seu prior. Os espíritos mesquinhos satisfazem seus sentimentos, bons ou maus, com mesquinhas incessantes. A viúva empregou sua malícia de mulher em inventar perseguições surdas contra sua vítima. Começou por cortar os supérfluos introduzidos na pensão.

— Acabaram-se os pepinos em conserva, acabaram-se as anchovas: são umas

arapucas! — disse a Sylvie, na manhã em que voltou ao seu antigo programa. O sr. Goriot era um homem frugal, em quem a parcimônia necessária às pessoas que fazem fortuna por si mesmas degenerara em hábito. A sopa, o cozido, um prato de legumes tinham sido, deviam sempre ser seu jantar predileto.

Portanto, foi bem difícil para a sra. Vauquer atormentar seu pensionista, cujos gostos em nada ela podia melindrar.

Desesperada por encontrar um homem inatacável, começou a desconsiderá-lo, e assim fez sua aversão ser partilhada por seus pensionistas, que, por diversão, serviram a suas vinganças. Por volta do fim do primeiro ano, a viúva chegara a tal grau de desconfiança que se perguntava por

que aquele negociante, tendo como riqueza sete a oito mil libras de renda, possuindo uma prataria fantástica e joias tão belas quanto as de uma rapariga sustentada, permanecia na casa dela, pagando-lhe uma pensão tão módica relativamente à sua fortuna. Durante quase todo esse primeiro ano, Goriot costumara jantar fora uma ou duas vezes por semana; depois, insensivelmente, começara a jantar fora não mais que duas vezes por mês. As pequenas escapadas do sr. Goriot convinham bem demais aos interesses da sra. Vauquer para que ela ficasse descontente com a exatidão progressiva com que seu pensionista fazia as refeições em sua casa. Essas mudanças foram atribuídas tanto a uma lenta diminuição de sua fortuna como ao desejo de contrariar sua hospedeira. Um dos mais detestáveis costumes desses espíritos liliputianos é supor suas mesquinhas nos outros. Infelizmente, no fim do segundo ano o sr. Goriot justificou os falatórios de que era alvo, pedindo à sra. Vauquer para passar para o segundo andar, e reduzir sua pensão a novecentos francos. Ele precisou fazer uma economia tão estrita que já não acendeu a lareira em seu quarto durante o inverno. A viúva Vauquer quis ser paga adiantado; o que aceitou o sr. Goriot, que a partir de então ela chamou de pai Goriot. E foi um tal de adivinhar as causas daquela decadência! Exploração difícil! Como dissera a falsa condessa, o pai Goriot era um sonso, um taciturno. De acordo com a lógica das pessoas de cabeça oca, todas indiscretas porque só têm tolices a dizer, os que não falam de seus

negócios devem fazer negócios suspeitos. Portanto, aquele negociante tão distinto tornou-se um tratante, aquele frajola virou um velho esquisito. Ora, segundo Vautrin, que nessa época foi morar na Casa Vauquer, o pai Goriot era um homem que ia à Bolsa e que, seguindo uma expressão bastante enérgica da linguagem financeira, especulava miúdo sobre as rendas depois de ter se arruinado. Ora era um desses pequenos jogadores que vão arriscar e ganhar toda noite dez francos no jogo. Ora o tornavam um espião ligado à alta polícia; mas Vautrin pretendia que ele não era esperto o suficiente para sê-lo. O pai Goriot era também um avarento que emprestava a juros extorsivos, um homem que sustentava todos os sorteios da loteria. Faziam dele tudo o que o vício, a vergonha, a impotência geram de mais misterioso. Só que, por mais ignóbeis que fossem seu comportamento ou seus vícios, a aversão que inspirava não ia a ponto de bani-lo: ele pagava sua pensão. Além disso, era útil, todos jogavam em cima dele seu bom ou mau humor, com brincadeiras ou empurrões. A opinião que parecia a mais provável, geralmente adotada, era a da sra. Vauquer. A ouvi-la, aquele homem tão bem conservado, saudável como seus olhos e com quem ainda se podia ter muito prazer, era um libertino que tinha gostos estranhos. Eis

os fatos em que a viúva Vauquer apoiava suas calúnias. Alguns meses depois da partida daquela desastrosa condessa que

soubera viver por seis meses às suas custas, uma manhã, antes de se levantar, ela ouviu na escada o fru-fru de um vestido de seda e o passo miúdo de uma mulher jovem e ágil que corria para o quarto de Goriot, cuja porta estava inteligentemente aberta. A gorda Sylvie logo foi dizer à patroa que uma moça bonita demais para ser honesta, vestida como uma deusa, calçando borzeguins de lã que não estavam enlameados, deslizara como uma enguia da rua até a sua cozinha e lhe perguntara pelo apartamento do sr. Goriot. A sra. Vauquer e sua cozinheira se puseram a escutar e flagraram várias palavras carinhosamente pronunciadas durante a visita, que durou algum tempo. Quando o sr. Goriot reconduziu sua dama, a gorda Sylvie logo pegou sua cesta e fingiu ir ao mercado, para seguir o casal enamorado.

— Senhora — disse à patroa ao voltar —, pensando bem, o sr. Goriot tem de

ser rico até dizer chega para mantê-las nesse nível aí. Imagine que havia na esquina da L'Estrapade uma carruagem fantástica na qual ela subiu.

Durante o jantar, a sra. Vauquer foi puxar uma cortina, para impedir que

Goriot ficasse incomodado com um raio de sol que batia em seus olhos.

— O senhor é amado pelas beldades, sr. Goriot, o sol o procura — ela disse fazendo alusão à visita que recebera. — Diachos! Tem bom gosto, ela era bem bonita.

— Era minha filha — ele disse com uma espécie de orgulho no qual os pensionistas quiseram ver a fatuidade de um velho que mantém as aparências.

Um mês depois dessa visita, o sr. Goriot recebeu outra. Sua filha que, da primeira vez, viera em traje matutino, veio depois do jantar, e vestida como para ir ao espetáculo. Os pensionistas, ocupados em conversar no salão, puderam ver uma bonita loura, corpo magro, graciosa, e elegante demais para ser filha de um pai Goriot.

— Dá-lhe duas! — disse a gorda Sylvie, que não a reconheceu.

Alguns dias depois, outra moça, alta e corpo bonito, morena, cabelos negros e olhos vivos, perguntou pelo sr. Goriot.

— Dá-lhe três! — disse Sylvie.

Essa segunda filha, que da primeira vez também tinha ido ver o pai de manhã, voltou dias depois, à noite, com vestido de baile e de carruagem.

— Dá-lhe quatro! — disseram a sra. Vauquer e a gorda Sylvie, que não reconheceram nessa grande dama nenhum vestígio da moça vestida simplesmente na manhã em que fez sua primeira visita.

Goriot ainda pagava mil e duzentos francos de pensão. A sra. Vauquer achou

muito natural que um homem rico tivesse quatro ou cinco amantes, e o julgou mesmo muito hábil em fazê-las passarem por suas filhas. Não se escandalizou por ele mandá-las ir à Casa Vauquer. Só que, como essas visitas lhe explicavam a indiferença de seu pensionista a seu respeito, permitiu-se, no começo do segundo ano, chamá-lo de velho nojento. Por fim, quando seu pensionista caiu nos novecentos francos, perguntou-lhe o que pretendia fazer em sua casa, ao ver descer uma daquelas senhoras. O pai Goriot lhe respondeu que aquela senhora era sua filha mais velha.

— Então tem umas trinta e seis filhas? — disse, áspera, a sra. Vauquer.

— Tenho só duas — retrucou o pensionista com a doçura de um homem arruinado que chega a todas as docilidades da miséria.

Pelo fim do terceiro ano, o pai Goriot reduziu ainda mais suas despesas, subindo ao terceiro andar e se pondo a quarenta e cinco francos de pensão por mês. Dispensou o fumo, despediu seu peruqueiro e não se empoou mais. Quando o pai Goriot apareceu pela primeira vez sem estar empoado, sua hospedeira deixou escapar uma exclamação de surpresa

percebendo a cor de seus cabelos, que eram de um cinza sujo e esverdeado. Sua fisionomia, que desgostos secretos tinham insensivelmente tornado mais triste dia após dia, parecia a mais desconsolada de todas as que guarneciam a mesa. Então não houve mais nenhuma dúvida. O pai Goriot era um velho libertino cujos olhos só tinham sido preservados da influência maligna dos remédios necessitados por suas doenças graças à habilidade de um médico. A cor repugnante de seus cabelos provinha de seus excessos e das drogas que tomara para continuá-los. O estado físico e moral do pobre homem dava razão a esses disparates. Quando seu enxoval se gastou, ele comprou percalina a catorze vinténs a vara para substituir sua bela roupa de baixo. Seus diamantes, sua tabaqueira de ouro, sua corrente, suas joias desapareceram um a um. Abandonara a casaca azul-clara, toda a sua roupa elegante, para vestir, verão como inverno, um redingote de pano marrom grosseiro, um colete de pele de cabra e umas calças cinza de lã grossa. Progressivamente foi emagrecendo; suas barrigas da perna caíram; seu rosto, inchado pelo contentamento de uma felicidade burguesa, enrugou-se exageradamente; sua testa franziu-se, seu maxilar se delineou. Durante o quarto ano de sua permanência na Rue Neuve-Sainte-Genève, já não parecia a mesma pessoa. O bom macarroneiro de sessenta e dois anos, que não aparentava quarenta, o burguês gordo e grande, viçoso e singelo, cujo jeito galhofeiro alegrava os passantes, que tinha algo de jovem no



sorriso, parecia um septuagenário embrutecido, vacilante, macilento. Seus olhos azuis tão vivos ficaram com tons embaçados e cinzentos, empalideceram, já não lacrimejavam, e suas bordas vermelhas pareciam chorar sangue. A uns dava horror; a outros dava pena. Jovens estudantes de medicina, tendo reparado a descida de seu lábio inferior e medido o vértice de seu ângulo facial, o declararam sofrendo de cretinismo, depois de tê-lo longamente maltratado sem nada concluir. Uma noite, após o jantar, a sra. Vauquer tendo lhe dito à guisa de zombaria: “Pois é! Então as suas filhas não vêm mais vê-lo?”, e pondo em dúvida sua paternidade, o pai Goriot estremeceu como se sua hospedeira tivesse lhe espetado com um ferro.

— Elas vêm de vez em quando — respondeu com voz emocionada.

— Ah! Ah! O senhor ainda as vê de vez em quando! — exclamaram os estudantes. — Bravo, pai Goriot!

Mas o velho não ouviu as brincadeiras que sua resposta provocara, recaía num

estado meditativo que quem o observava superficialmente confundia com um embotamento senil decorrente de sua falta de inteligência. Se o tivessem conhecido bem, talvez houvessem ficado profundamente interessados pelo problema que sua situação física e moral apresentava; mas nada era mais difícil.

Embora fosse fácil saber se Goriot havia realmente sido macarroneiro, e qual era o montante de sua fortuna, os velhos cuja curiosidade despertou por sua causa não saíam do bairro e viviam na pensão como ostras num rochedo. Quanto às outras pessoas, a efervescência peculiar da vida parisiense as fazia esquecer, saindo da Rue Neuve-Sainte-Geneviève, o pobre velho de quem caçoavam. Para esses espíritos limitados, como para aqueles jovens indiferentes, a seca miséria do pai Goriot e sua estúpida atitude eram incompatíveis com uma fortuna e uma capacidade quaisquer. Quanto às mulheres a quem chamava de filhas, todos partilhavam a opinião da sra. Vauquer, que dizia, com a lógica severa que o hábito de tudo supor dá às velhas ocupadas em tagarelar durante suas noites:

— Se o pai Goriot tivesse filhas tão ricas como pareciam ser todas as damas

que vieram vê-lo, não estaria na minha pensão, no terceiro andar, a quarenta e cinco francos por mês, e não estaria vestido como um pobre.

Nada conseguia desmentir essas induções. Assim, lá para o fim do mês de novembro de 1819, época em que estourou este drama, todos na pensão tinham ideias bem firmes sobre o pobre velhote. Ele jamais tivera filha nem mulher; o abuso dos prazeres fazia dele um caracol, um molusco antropomorfo a ser classificado entre os boneíferos, 16 dizia um empregado do Museu de História Natural,

um dos frequentadores da pensão. Poiret era uma águia, um gentleman, perto de Goriot. Poiret falava, argumentava, respondia; na verdade, não dizia

nada, ao falar, argumentar ou responder, pois tinha o hábito de repetir em outros termos o que os outros diziam; mas contribuía para a conversa, era vivo, parecia sensível; ao passo que o pai Goriot, dizia também o empregado do Museu, estava constantemente a zero grau na escala de Réaumur.

Eugène de Rastignac retornara numa disposição de espírito que devem ter conhecido os jovens superiores, ou aqueles a quem uma situação difícil comunica momentaneamente as qualidades dos homens de elite. Durante seu primeiro ano de estada em Paris, o pouco estudo exigido pelos primeiros graus acadêmicos na Faculdade o deixara livre para provar as delícias visíveis da Paris material. Um estudante não tem muito tempo se quiser conhecer o repertório de cada teatro, estudar as saídas do labirinto parisiense, saber os usos, aprender a língua e se habituar aos prazeres particulares da capital; explorar os bons e os maus lugares, frequentar os cursos que divertem, inventariar as riquezas dos museus. Então, um estudante se apaixona por bobagens que lhe parecem grandiosas. Tem seu grande homem, um professor do Collège de France, pago para se comportar à altura de seu auditório. Ajeita a gravata e se pavoneia para a mulher das primeiras galerias do Opéra-Comique. Nessas iniciações

sucessivas, despoja-se de sua casca, amplia o horizonte de sua vida e acaba por conceber a superposição das camadas humanas que compõem a sociedade. Se começou admirando os carros no desfile dos Champs-Élysées sob um belo sol, logo chega a invejá-los. Eugène se submetera a esse aprendizado sem se dar conta, quando partiu de férias, depois de ser recebido como bacharel em letras e bacharel de direito. Suas ilusões de infância, suas ideias provincianas tinham desaparecido. Sua inteligência modificada, sua ambição exaltada o fizeram ver as coisas como elas são no solar paterno, no seio de sua família. Seu pai, sua mãe, os dois irmãos, as duas irmãs e uma tia cuja fortuna consistia em pensões viviam na pequena propriedade de Rastignac. Esse domínio de uma renda de cerca de três mil francos era submetido à incerteza que rege o produto perfeitamente industrial da vinha, e no entanto dali era preciso extrair todo ano mil e duzentos francos para ele. A dimensão dessa constante angústia que lhe era generosamente escondida, a comparação que foi obrigado a fazer entre suas irmãs, que lhe pareciam tão belas em sua infância, e as mulheres de Paris, que se tinham apresentado como o tipo de uma beleza sonhada, o futuro incerto daquela família numerosa que se escorava nele, a atenção parcimoniosa com que viu serem economizadas as mais escassas produções, a bebida feita por sua família com os bagaços da prensa, enfim, uma profusão de circunstâncias inúteis

de registrar aqui decuplicaram seu desejo de triunfar e lhe deram sede de distinções.

Como ocorre com as grandes almas, quis não dever nada senão a seu mérito. Mas seu espírito era eminentemente meridional; na execução, suas determinações deveriam, portanto, ser afetadas por aquelas hesitações que atingem os jovens quando se encontram em pleno mar, sem saber para que lado dirigir suas forças nem sob que ângulo enfunar suas velas. Se primeiro quis se jogar de corpo e alma no estudo, logo seduzido pela necessidade de criar relações, observou quanta influência têm as mulheres na vida social, e de súbito decidiu lançar-se na sociedade, a fim de conquistar protetoras: acaso deveriam elas faltar a um rapaz ardente e espirituoso cujo espírito e ardor eram realçados por uma aparência elegante e uma espécie de beleza nervosa a que as mulheres se deixam de bom grado prender? Essas ideias o assaltaram no meio dos campos, durante os passeios que outrora fazia alegremente com as irmãs, que o acharam bem mudado. Sua tia, a sra. de Marcillac, no passado apresentada à corte, ali conhecera as sumidades aristocráticas. De repente o jovem ambicioso reconheceu, nas lembranças com que sua tia o embalara tantas vezes, os elementos de várias conquistas sociais, ao menos tão importantes quanto as que ele fazia na Escola de Direito; interrogou-a sobre os laços de parentesco que ainda podiam ser reatados. Depois de

sacudir os galhos da árvore genealógica, a velha senhora considerou que, de todas as pessoas que podiam servir a seu sobrinho entre a raça egoísta dos parentes ricos, a sra. viscondessa de Beauséant seria a menos recalcitrante. Escreveu a essa jovem mulher uma carta no velho estilo e a entregou a Eugène, dizendo-lhe que se tivesse êxito junto à viscondessa ela o faria encontrar outros parentes. Alguns dias depois de sua chegada, Rastignac enviou a carta de sua tia à sra. de Beauséant. A viscondessa respondeu com um convite de baile para o dia seguinte.

Esta era a situação geral da pensão burguesa no fim do mês de novembro de

1819. Dias depois, Eugène, após ter ido ao baile da sra. de Beauséant, voltou pelas duas da madrugada. A fim de recuperar o tempo perdido, o corajoso estudante se prometera, enquanto dançava, estudar até de manhã. Pela primeira vez, passaria a noite no meio daquele bairro silencioso, pois caíra sob o encanto de uma falsa energia ao ver os esplendores da sociedade. Não jantara com a sra. Vauquer. Os pensionistas puderam, então, acreditar que ele só voltaria do baile na manhã seguinte, bem cedinho, como às vezes voltava das festas do Prado ou dos bailes do Odéon, enlameando as meias de seda e deformando os escarpins. Antes de passar os ferrolhos na porta, Christophe a abriu para olhar a rua. Rastignac apareceu nesse momento, e

pôde subir para o quarto sem fazer barulho, seguido por Christophe, que fazia muito. Eugène se despiu, calçou os chinelos, pegou um redingote ordinário, acendeu a lareira com torrões de turfa seca e se preparou depressa para o estudo, de modo que Christophe ainda abafou com a barulheira de seus sapatos os preparativos pouco ruidosos do rapaz. Eugène ficou pensativo por uns momentos antes de mergulhar em seus livros de direito. Acabava de reconhecer na sra. viscondessa de Beauséant uma das rainhas da moda em Paris, e cuja casa era considerada a mais agradável do Faubourg Saint-Germain. Aliás, ela era, tanto pelo nome como pela fortuna, uma das sumidades do mundo aristocrático. Graças à sua tia de Marcillac, o pobre estudante fora bem recebido naquela casa, sem conhecer a extensão desse privilégio. Ser recebido naqueles salões dourados equivalia a um título de alta nobreza. Mostrando-se naquela sociedade, a mais exclusiva de todas, conquistara o direito de ir a qualquer lugar. Deslumbrado com aquela brilhante assembleia, tendo apenas trocado umas palavras com a viscondessa, Eugène se contentara de distinguir, entre a multidão de deidades parisienses que se comprimiam naquela festança, uma dessas mulheres que um homem deve adorar em primeiro lugar. A condessa Anastasie de Restaud, alta e graciosa, tinha fama de ser uma das mais belas figuras de Paris. Imaginem grandes olhos negros, mãos magníficas, um pé bem delineado,

fogo nos movimentos, uma mulher que o marquês de Ronquerolles chamava um cavalo puro-sangue. Essa delicadeza de nervos não lhe tirava nenhuma vantagem; possuía as formas cheias e roliças, sem que pudesse ser acusada de muita corpulência. Cavalo puro-sangue , mulher de raça

, essas locuções começavam a substituir os anjos do céu, as figuras ossiânicas, toda a antiga mitologia amorosa rejeitada pelo dandismo. Mas, para Rastignac, a sra. Anastasie de Restaud foi a mulher desejável. Ele incluía duas danças na lista dos cavalheiros escrita no leque, e conseguira lhe falar durante a primeira contradança.

— Onde encontrará-la de agora em diante, senhora? — dissera-lhe abruptamente com essa força de paixão que tanto agrada às mulheres.

— Mas — ela disse — no Bois, no Bouffons, em minha casa, em toda parte.

E o aventureiro meridional se apressara em se ligar a essa deliciosa condessa, tanto quanto um rapaz pode se ligar a uma mulher durante uma contradança e uma valsa. Dizendo-se primo da sra. de Beauséant, foi convidado por essa mulher, que ele pensou ser uma grande dama, e teve acesso à casa dela. Pelo último sorriso que ela lhe lançou, Rastignac imaginou ser necessária uma visita. Tivera a felicidade de encontrar um homem



que não zombara de sua ignorância, defeito mortal entre os ilustres impertinentes da época, os Maulincour, os Ronquerolles, os Maxime de Trailles, os De Marsay, os Ajuda-Pinto, os Vandenesse, que lá estavam na glória de suas fatuidades e misturados com as mulheres mais elegantes, lady Brandon, a duquesa de Langeais, a condessa de Kergarouët, a sra. de Sérizy, a duquesa de Carigliano, a condessa Férraud, a sra. de Lanty, a marquesa d'Aiglemont, a sra. Firmiani, a marquesa de Listomère e a marquesa d'Espard, a duquesa de Maufrigneuse e os Grandlieu.

17 Portanto, felizmente o ingênuo estudante topou com o marquês de Montriveau, amante da duquesa de Langeais, um general simples como uma criança, que lhe comunicou que a condessa de Restaud morava na Rue du Helder. Ser jovem, ter sede de sociedade, ter fome de uma mulher e ver abrirem-se para si duas casas! Pôr o pé no Faubourg Saint-Germain na casa da viscondessa de Beauséant, o joelho na Chaussée d'Antin na casa da condessa de Restaud! Mergulhar os olhos, de enfiada, nos salões de Paris, e imaginar-se rapaz bonito o bastante para ali encontrar ajuda e proteção num coração de mulher! Sentir-se ambicioso o suficiente para dar um maravilhoso pontapé na corda bamba em que é preciso andar com a segurança do equilibrista que não cairá, e ter encontrado numa mulher encantadora a melhor das marombas! Com esses pensamentos e diante daquela mulher que se erguia sublime ao

lado de um fogo de torrões de turfa, entre o Código e a miséria, quem não teria, como Eugène, sondado o futuro por uma meditação, quem não o teria guarnecido de sucessos? Seu pensamento errante antegozava tão intensamente suas alegrias futuras que ele se via ao lado da sra. de Restaud quando um suspiro parecido com um hã de são José perturbou o silêncio da noite, ressoou no coração do rapaz de maneira a fazê-lo imaginar que se tratava do estertor de um moribundo. Abriu devagarinho a porta e, quando estava no corredor, avistou uma linha de luz traçada por baixo da porta do pai Goriot. Eugène temeu que seu vizinho estivesse indisposto, aproximou o olho da fechadura, olhou para dentro do quarto e viu o velho ocupado em trabalhos que lhe pareceram criminosos demais para que ele não pensasse em prestar um serviço à sociedade examinando bem o que o suposto macarroneiro estava urdindo em plena noite. O pai Goriot, que com certeza amarrara no tampo de uma mesa emborcada um prato e uma espécie de sopeira de vermeil, girava um tipo de cabo em torno desses objetos ricamente entalhados, apertando-os com tanta força que aparentemente os entortava para convertê-los em lingotes. “Caramba! Que homem!”, pensou Rastignac vendo os braços nervosos do velho que, com a ajuda da corda, comprimia sem barulho a prata dourada, como uma massa. “Mas então seria ele um ladrão ou um receptador que, para se dedicar com mais segurança a seu comércio, fingiria a estupidez e a impotência e

viveria como mendigo?”, pensou Eugène, levantando-se nesse momento.

O estudante voltou a encostar o olho na fechadura. O pai Goriot, que desenrolara o cabo, pegou a massa de prata, colocou-a sobre a mesa depois de tê-la forrado com o cobertor, e nele a enrolou para arredondá-la em barra, operação que executou com espantosa facilidade. “Então seria ele tão forte quanto Augusto, rei da Polônia?”, 18 pensou Eugène quando a barra redonda ficou praticamente moldada. O pai Goriot olhou para sua obra com ar triste, lágrimas caíram de seus olhos, soprou a velinha à luz da qual torcera aquele vermeil, e Eugène o ouviu se deitar dando um suspiro. “Ele é louco”, pensou o estudante.

— Pobre criança! — disse em voz alta o pai Goriot.

Diante dessas palavras, Rastignac julgou prudente manter silêncio sobre esse acontecimento, e não condenar irrefletidamente o vizinho. Ia voltar para o quarto quando distinguiu de repente um barulho bastante difícil de expressar, e que devia ser produzido por homens com chinelos de feltro subindo a escada. Eugène prestou atenção e, de fato, reconheceu o som alternado da respiração de dois homens. Sem ter ouvido o rangido da porta nem os passos dos homens, viu de repente um clarão tênue no segundo andar, no quarto do sr. Vautrin. “Tem um bocado de mistérios numa pensão burguesa!”, pensou. Desceu uns degraus, pôs-se a escutar, e o som do ouro bateu em seu ouvido. Logo a

luz se apagou e as duas respirações se fizeram ouvir de novo, sem que a porta tivesse rangido. Depois, à medida que os dois homens desceram, o barulho foi se atenuando.

— Quem está aí? — gritou a sra. Vauquer abrindo a janela de seu quarto.

— Sou eu que estou chegando, mamãe Vauquer — disse Vautrin com seu vozeirão.

“É estranho! Christophe tinha passado os ferrolhos”, pensou Eugène voltando para seu quarto. “É preciso ficar acordado para saber exatamente o que acontece ao redor de si em Paris.”

Desviado por esses pequenos fatos de sua meditação ambiciosamente amorosa, ele começou a estudar. Distraído pelas desconfianças que lhe vinham a respeito do pai Goriot, mais distraído ainda pela figura da sra. de Restaud, que de vez em quando se postava diante dele como a mensageira de um brilhante destino, acabou indo se deitar e dormiu a sono solto. De dez noites prometidas pelos jovens ao estudo, eles dão sete ao sono. É preciso ter mais de vinte anos para passar uma noite em claro.

Na manhã seguinte reinava em Paris um desses nevoeiros densos que a

envolvem e embrumam tão bem que as pessoas mais pontuais se enganam sobre o tempo. Os encontros de negócios são anulados.

Todos pensam ser oito horas quando bate meio-dia. Eram nove e meia, a sra. Vauquer ainda não se mexera de sua cama.

Christophe e a gorda Sylvie, também atrasados, tomavam tranquilamente seu café, preparado com as camadas superiores do leite destinado aos pensionistas, e que Sylvie deixava ferver muito tempo, a fim de que a sra. Vauquer não percebesse aquele dízimo ilegalmente arrecadado.

— Sylvie — disse Christophe molhando a primeira torrada —, o sr. Vautrin, que apesar de tudo é um bom homem, viu mais duas pessoas esta noite. Se a patroa se preocupar, é melhor não lhe dizer nada.

— Ele lhe deu alguma coisa?

— Ele me deu cem vinténs por conta do mês, maneira de me dizer: “Cale a boca”.

— Fora ele e a sra. Couture, que não são pães-duros, os outros gostariam de nos tirar com a mão esquerda o que dão com a mão direita no primeiro dia do ano — disse Sylvie.

— E, mesmo assim, o que é que eles dão! — disse Christophe —, uma

moedinha mixuruca, e de cem vinténs. Lá vão dois anos que o pai Goriot cuida pessoalmente dos seus sapatos. Esse mão de vaca do Poiret nem quer saber de cera, e preferiria bebê-la a passá-la

nas sapatranças dele. Quanto ao magricela do estudante, me dá quarenta vinténs. Quarenta vinténs não pagam nem minhas escovas, e para completar vende suas roupas velhas. Que miserê!

— Deixe para lá! — disse Sylvie bebendo golinhos de café. — Nossos empregos ainda são os melhores do bairro: a gente vive bem aqui. Mas, a propósito do gordo papai Vautrin, Christophe, disseram alguma coisa para você?

— Disseram. Encontrei há uns dias um senhor na rua, que me disse: “Não é na sua casa que mora um senhor gordo com suíças que ele pinta?”. Eu disse: “Não, senhor, ele não pinta. Um homem alegre como ele não tem tempo para isso”. Então eu disse isso para o sr. Vautrin, que me respondeu: “Fez bem, garoto! Responda sempre assim. Nada é mais desagradável do que deixar que conheçam nossas mazelas. Isso pode estragar os casamentos”.

— Pois é, para mim, no mercado, também quiseram me embrulhar para me

fazerem dizer se eu o via vestir sua camisa. Que graça! Puxa — ela disse interrompendo-se —, já está batendo quinze para as dez no Val-de-Grâce e ninguém se mexe.

— Ora essa! Eles todos saíram. A sra. Couture e sua mocinha foram comer o bom Deus na igreja Sainte-Étienne desde as oito horas. O pai Goriot saiu com um pacote. O estudante só voltará depois da aula, às dez horas. Eu os vi saindo quando limpava

minhas escadas; o pai Goriot me deu uma batida com o que carregava, que era duro como ferro. Mas o que é que afinal faz esse homenzinho? Os outros o empurram como se fosse um pião, mas no final das

contas é um bom homem, e que vale mais que todos eles. Não dá grande coisa; mas as senhoras nas casas de quem ele me manda às vezes dão umas gorjetas polpudas, e são bem vestidas para chuchu.

— Aquelas que ele chama de filhas, hein? Elas são uma dúzia.

— Eu sempre só fui na casa de duas, as mesmas que vieram aqui.

— Lá está a patroa se mexendo; vai fazer seu estardalhaço; tenho que ir. Preste atenção no leite, Christophe, olhe o gato.

Sylvie subiu para o quarto da patroa.

— O quê, Sylvie, são quinze para as dez, você me deixou dormir como uma marmota! Nunca me aconteceu uma coisa dessas.

— É o nevoeiro, que está de cortar de faca.

— Mas e o almoço?

— Ora! Os seus pensionistas estavam com o diabo no corpo; todos eles puseram sebo nas canelas desde o raiar da orora.

— Mas fale direito, Sylvie — retrucou a sra. Vauquer —, a gente diz “raiar da ourora”.

— Ah, patroa, digo como a senhora quiser. O que interessa é que a senhora pode almoçar às dez horas. 19 A Michonneau e o Poiret não se mexeram. Só os dois é que estão na casa, e dormem que nem pedras que são.

— Mas Sylvie, você põe os dois juntos, como se...

— Como se o quê? — continuou Sylvie deixando escapar uma gargalhada boba. — Os dois têm os mesmos defeitos, são feitos um para o outro.

— É curioso, Sylvie: como é que então o sr. Vautrin entrou esta noite depois que Christophe passou os ferrolhos?

— Muito pelo contrário, patroa. Ele ouviu o sr. Vautrin e desceu para lhe abrir a porta. E foi isso que a senhora pensou...

— Dê-me a minha camisola e vá correndo ver o almoço. Arrume o resto do carneiro com as batatas e sirva umas peras cozidas, daquelas que custam dois vinténs cada.

Instantes depois, a sra. Vauquer desceu, no momento em que seu gato acabava

de derrubar com uma patada o prato que cobria uma tigela de leite, e o lambia com a maior pressa.

— Bichano! — ela exclamou. O gato deu no pé, e depois foi se esfregar em suas pernas. — É, é, faça seu chamego, velho covarde! — ela lhe disse. — Sylvie! Sylvie!



— Ei, patroa, o que é?

— Mas olhe o que o gato bebeu.

— É culpa desse animal do Christophe, eu disse para ele pôr a tampa. Onde ele se meteu? Não se preocupe, senhora; será o café do pai Goriot. Vou pôr água dentro, ele não vai notar. Não presta atenção em nada, nem mesmo no que come.

— Mas aonde é que ele foi, esse palhaço? — indagou a sra. Vauquer pondo os pratos.

— E a gente lá sabe? Ele faz uns negócios de todos os diabos.

— Dormi demais — disse a sra. Vauquer.

— Mas também, está fresca como uma rosa...

Nesse momento tocou a campainha e Vautrin entrou no salão cantando com seu vozeirão:

Por muito tempo percorri o mundo

E me viram por todo lugar...

— Oh! Oh! Bom dia, mamãe Vauquer — disse ao ver a hospedeira, que ele pegou galantemente nos braços.

— Ande, pare com isso.

— Diga impertinente ! — ele retrucou. — Vamos, diga. Quer fazer o favor de dizer? Pronto, vou pôr a mesa com a senhora. Ah! sou bonzinho, não sou?

Cortejar a morena e a loura, Amar, suspirar...

— Acabo de ver uma coisa singular.

... ao léu.

— O quê? — perguntou a viúva.

— O pai Goriot estava às oito e meia na Rue Dauphine, no ourives que compra galões e talheres antigos. Ele lhe vendeu por uma boa quantia um utensílio doméstico de vermeil, muito bem entortado para um homem que não é do ramo.

— Ah! É mesmo?

— É. Eu voltava para cá depois de ter levado um amigo que está se expatriando pelos Transportes Reais; esperei o pai Goriot para ver: só para me divertir. Voltou para este bairro pela Rue des Grès, onde entrou na casa de um agiota conhecido, chamado Gobseck, um sujeitinho esquisito, capaz de fazer peça de dominó

com os ossos do pai; um judeu, um árabe, um grego, um cigano, um homem que seria um bocado difícil de roubar, ele bota seus escudos no

Banco.

— Mas o que é que esse pai Goriot faz?

— Ele não faz nada — disse Vautrin —, ele desfaz. É um imbecil bastante idiota para se arruinar por amar as moças que...

— Aí está ele! — disse Sylvie.

— Christophe — gritou o pai Goriot —, suba comigo. Christophe seguiu o pai Goriot, e logo tornou a descer.

— Aonde você vai? — perguntou a sra. Vauquer a seu criado.

— Fazer uma entrega para o sr. Goriot.

— O que é que é isso? — perguntou Vautrin arrancando das mãos de Christophe uma carta na qual leu: À sra. condessa Anastasie de Restaud . — E você vai? — continuou, entregando a carta a Christophe.

— Rue du Helder. Tenho ordem de só entregar isto aqui à senhora condessa.

— O que é que tem aí dentro? — perguntou Vautrin pondo a carta contra a luz.

— Uma nota? Não. — Entreabriu o envelope. — Uma promissória paga! — exclamou. — Caramba! É galante, esse velho gaiteiro. Vá, espertinho — ele disse, cobrindo com a mão larga a cabeça de Christophe, que ele fez girar sobre si mesmo como um dado —, vai ganhar uma boa gorjeta.

A mesa estava posta. Sylvie fervia o leite. A sra. Vauquer acendia a estufa, ajudada por Vautrin, que continuava a cantarolar:

Por muito tempo percorri o mundo

E me viram por todo lugar...

Quando estava tudo pronto, a sra. Couture e a sra. Taillefer entraram.

— Mas de onde vem tão madrugadora, minha bela senhora? — perguntou a sra. Vauquer à sra. Couture.

— Acabamos de fazer nossas devoções na Saint-Étienne-du-Mont, hoje não devemos ir à casa do sr. Taillefer? Pobrezinha, ela treme como vara verde — continuou a sra. Couture sentando-se na frente da estufa, à boca da qual apresentou seus sapatos, que soltaram fumaça.

— Então aqueça-se, Victorine — disse a sra. Vauquer.

— É bom, senhorita, rezar ao bom Deus para enternecer o coração de seu pai

— disse Vautrin levando uma cadeira para a órfã. — Mas isso não basta. Precisaria de um amigo que se encarregasse de dar uma palavrinha a essa fera, um selvagem que, dizem, tem três milhões e não lhe dá um dote. Uma bela moça precisa de dote nos tempos que correm.

— Pobre menina — disse a sra. Vauquer. — Vamos, meu amor, o monstro do seu pai atrai toda a desgraça para ele.

Diante dessas palavras, os olhos de Victorine se molharam de lágrimas e a viúva parou a um sinal que lhe fez a sra. Couture.

— Se pelo menos pudéssemos vê-lo, se eu conseguisse falar com ele, entregar- lhe a última carta de sua mulher — recomeçou a viúva do fiscal de renda. — Nunca ousei correr o risco de enviá-la pelo correio; ele conhece minha letra...

— Ó mulheres inocentes, infelizes e perseguidas! — exclamou Vautrin interrompendo —, a que ponto vocês chegaram! Daqui a alguns dias me meterei em seus negócios, e dará tudo certo.

— Oh! senhor — disse Victorine dando um olhar ao mesmo tempo úmido e ardente para Vautrin, que não se comoveu —, se souber um meio de chegar a meu pai, diga-lhe claramente que seu afeto e a honra de minha mãe são mais preciosos que todas as riquezas

do mundo. Se conseguisse que ele suavizasse um pouco seu rigor, eu rezaria a Deus pelo senhor. Esteja certo de minha gratidão...

— Por muito tempo percorri o mundo — cantou Vautrin em tom irônico.

Nesse momento, Goriot, a srta. Michonneau e Poiret desceram, atraídos talvez pelo cheiro do refogado que Sylvie preparava para acomodar as sobras do carneiro. Quando os sete convivas sentaram à mesa desejando-se bom dia, dez horas soaram, e ouviu-se na rua o passo do estudante.

— Ah, muito bem, sr. Eugène — disse Sylvie —, hoje vai almoçar com todo mundo.

O estudante cumprimentou os pensionistas e se sentou ao lado do pai Goriot.

— Acaba de me acontecer uma curiosa aventura — disse servindo-se abundantemente de carneiro e cortando um pedaço de pão que a sra. Vauquer sempre calculava com os olhos.

— Uma aventura! — disse Poiret.

— Bem, por que se espantaria, velho? — disse Vautrin a Poiret. — O

cavalheiro é feito para tê-las.

A srta. Taillefer desviou timidamente um olhar para o jovem estudante.

- Conte-nos sua aventura — pediu a sra. Vauquer.
- Ontem eu estava no baile da casa da sra. viscondessa de Beauséant, minha prima, dona de uma casa magnífica, aposentos forrados de seda, enfim, que nos deu uma festa maravilhosa, onde me diverti como um rei...
- Congo — disse Vautrin, interrompendo-o na hora.
- O que quer dizer, senhor? — Eugène retrucou vivamente.
- Eu digo congo porque os reis-congos se divertem muito mais que os reis.
- É verdade: preferiria ser esse passarinho sem preocupações do que rei, porque... — disse Poiret, o idemista . 20
- Afinal — continuou o estudante, cortando-lhe a palavra —, danço com uma das mulheres mais belas do baile, uma condessa encantadora, a criatura mais deliciosa que já vi. Seu penteado tinha flores de pessegueiro, no ombro o mais lindo buquê de flores, flores naturais que perfumavam; mas, ah! precisavam tê-la visto, é impossível pintar uma mulher animada pela dança. Pois bem, hoje de manhã encontrei essa divina condessa, pelas nove horas, a pé, na Rue des Grès. Oh! meu coração disparou, eu imaginava...
- Que ela vinha aqui — disse Vautrin dando um olhar profundo para o estudante. — Ela com certeza ia ver o seu

Gobseck, um agiota. Se um dia for remexer no coração das mulheres em Paris, encontrará o agiota antes do amante. A sua condessa se chama Anastasie de Restaud e mora na Rue du Helder.

Diante desse nome, o estudante encarou Vautrin. O pai Goriot levantou bruscamente a cabeça, lançou para os dois interlocutores um olhar luminoso e cheio de inquietação que surpreendeu os pensionistas.

— Christophe chegará tarde demais, então ela terá ido lá — exclamou dolorosamente Goriot.

— Adivinhei — disse Vautrin inclinando-se ao ouvido da sra. Vauquer.

Goriot comia mecanicamente e sem saber o que comia. Nunca parecera mais estúpido e mais absorto do que naquele momento.

— Qual diabo, sr. Vautrin, pôde lhe dizer o nome dela? — perguntou Eugène.

— Ah! Ah! Pois é — respondeu Vautrin. — O pai Goriot o sabia muito bem! Por que eu não saberia?

— O sr. Goriot! — exclamou o estudante.

— O quê! — disse o pobre velho. — Quer dizer que ontem ela estava muito bonita?

— Quem?



— A sra. de Restaud.

— Veja só o velho sovina — disse a sra. Vauquer a Vautrin —, como os olhos dele se acendem.

— Então ele a sustenta? — perguntou a sra. Michonneau ao estudante.

— Ah! Sim, estava furiosamente bela — prosseguiu Eugène, que o pai Goriot olhava com avidez. — Se a sra. de Beauséant não estivesse lá, minha divina condessa teria sido a rainha do baile; os rapazes só tinham olhos para ela, eu era o décimo segundo inscrito em sua lista, ela bailava todas as contradanças. As outras mulheres se enfureciam. Se ontem uma criatura se sentiu feliz, foi mesmo

ela. Tem toda razão quem diz que não há nada mais bonito do que fragata a todo pano, cavalo a galope e mulher que dança.

— Ontem no alto da roda, na casa de uma duquesa — disse Vautrin —, hoje de manhã no mais baixo degrau da escada, na casa de um agiota: assim são as parisienses. Se o marido não consegue sustentar seu luxo desenfreado, elas se vendem. Se não sabem se vender, estripam as mães à procura de algo com que brilhar. Em suma, dão cem mil golpes. É conhecido, conhecido!

O rosto do pai Goriot, que ao ouvir o estudante se iluminara como o sol de um belo dia, ficou sombrio com essa observação cruel de Vautrin.

— Pois é! — disse a sra. Vauquer —, mas onde está a sua aventura? Falou com ela? Perguntou-lhe se vinha aprender direito?

— Ela não me viu — disse Eugène. — Mas encontrar uma das mulheres mais bonitas de Paris na Rue des Grès, às nove horas, uma mulher que deve ter voltado do baile às duas da manhã, não é curioso? Só mesmo em Paris aventuras assim acontecem.

— Ora! Conheço umas bem mais engraçadas — exclamou Vautrin.

A srta. Taillefer mal ouvira, tão preocupada estava com a tentativa que ia fazer. A sra. Couture lhe fez sinal para se levantar e ir se vestir. Quando as duas mulheres saíram, o pai Goriot fez o mesmo.

— Pois é, vocês o viram? — perguntou a sra. Vauquer a Vautrin e a seus outros pensionistas. — É óbvio que ele se arruinou por essas mulheres aí.

— Nunca me farão acreditar — exclamou o estudante — que a bela condessa de Restaud pertence ao pai Goriot.

— Mas — disse-lhe Vautrin interrompendo-o — não fazemos questão que acredite. Você ainda é muito moço para conhecer bem Paris, mais tarde saberá que aqui se encontram o que chamamos de homens de paixões ... (Diante dessas palavras, a srta. Michonneau olhou para Vautrin com ar inteligente. Pareceria um cavalo de regimento ouvindo o som da trombeta.) Ah! Ah! — disse Vautrin interrompendo-se para lhe lançar um olhar profundo

—, quanta paixãozinha também tivemos ? (A solteirona baixou os olhos como uma freira que vê estátuas.) Pois muito bem! — ele recomeçou —, essas pessoas encasquetam uma ideia e não desistem dela. Só têm sede de uma certa água tirada de uma certa fonte, e em geral estagnada; para bebê-la venderiam mulheres, filhos; venderiam a alma ao diabo. Para uns, essa fonte é o jogo, a Bolsa, uma coleção de quadros ou de insetos, a música; para outros, é uma mulher que sabe lhes cozinhar guloseimas. A eles, você lhes ofereceria todas as mulheres da terra, mas estão pouco ligando, só querem aquela que satisfaz sua paixão. Essa mulher costuma

não amá-los, maltrata-os, vende-lhes muito caro umas migalhas de satisfações; pois bem! meus traquinas não se cansam, e poriam no prego o último cobertor para lhes entregar seu último tostão. O pai Goriot é um desses indivíduos. A condessa o explora porque ele é discreto, e é isso a aristocracia! O pobre homenzinho só pensa nela. Fora de sua paixão, como pode ver, é um animal bruto. Inclua-o nesse capítulo, e o rosto dele cintila como um diamante. Não é difícil adivinhar esse segredo. Hoje de manhã levou vermeil para fundir, e o vi entrando na loja do seu Gobseck, na Rue des Grès. Vá me seguindo! Ao voltar, mandou à casa da condessa de Restaud esse parvo do Christophe, que nos mostrou o endereço da carta em que havia uma promissória paga. Está claro que, se a condessa também foi ver o velho

agiota, é porque havia urgência. O pai Goriot financiou galantemente o empréstimo dela. Não é preciso costurar duas ideias para enxergar claramente esse negócio. Isso lhe prova, meu jovem estudante, que enquanto a sua condessa ria, dançava, fazia suas macaquices, balançava as flores de pessegueiro e puxava o vestido, estava em maus lençóis, como se diz, pensando em suas letras de câmbio protestadas ou nas do amante.

— Isso me dá uma vontade alucinante de saber a verdade. Amanhã irei à casa da sra. de Restaud — exclamou Eugène.

— É — disse Poiret —, amanhã é preciso ir à casa da sra. de Restaud.

— Talvez encontre por lá o pobre Goriot, que irá receber o pagamento de suas galanterias.

— Mas — disse Eugène com ar de nojo —, então a Paris dos senhores é um lamaçal.

— E um lamaçal muito esquisito — continuou Vautrin. — Os que aí se enlameiam de carro são pessoas honestas, os que aí se enlameiam a pé são uns pilantras. Tenha a infelicidade de surrupiar alguma coisa, e será exibido na praça do Palácio da Justiça como uma curiosidade. 21 Roube um milhão, e será apontado nos salões como um virtuoso. E pagará trinta milhões à Gendarmeria e à Justiça para manter essa moral. Bonito!

— Como assim? — exclamou a sra. Vauquer. — O pai Goriot teria fundido

seu aparelho de café da manhã de vermeil?

— Não havia duas rolinhas na tampa? — perguntou Eugène.

— É isso mesmo.

— Então gostava muito dela, chorou quando amassou a tigela e o prato. Vi por acaso — disse Eugène.

— Gostava como de sua própria vida — respondeu a viúva.

— Vejam só o homenzinho, como está apaixonado — exclamou Vautrin. —

Essa mulher sabe titilar sua alma.

O estudante subiu para seu quarto. Vautrin saiu. Instantes depois, a sra. Couture e Victorine entraram num fiacre que Sylvie foi buscar para elas. Poirot ofereceu o braço à srta. Michonneau e os dois foram passear no Jardin des Plantes, durante as duas belas horas do dia.

— Muito bem! Olhem só os dois, estão quase casados — disse a gorda Sylvie.

— Saem juntos hoje pela primeira vez. Os dois são tão secos que, se por acaso se esbarrarem, farão fogo que nem um isqueiro.

— Ai do xale da srta. Michonneau — disse a sra. Vauquer rindo —, vai pegar fogo como um pavio.

Às quatro da tarde, quando Goriot voltou, viu, à luz de duas lamparinas fumegantes, Victorine, cujos olhos estavam vermelhos. A sra. Vauquer escutava o relato da visita infrutífera feita ao sr. Taillefer durante a manhã. Aborrecido por receber a filha e aquela velha, Taillefer as deixara chegar até ele para se explicar com elas.

— Minha cara senhora — dizia a sra. Couture à sra. Vauquer —, imagine que nem sequer fez sentar Victorine, que ficou o tempo todo em pé. A mim, disse, sem se enfurecer, muito friamente, para nos pouparmos o trabalho de ir à casa dele; que a senhorita, sem dizer sua “filha”, se prejudicava em seu espírito ao importuná-lo (uma vez por ano, esse monstro!); que a mãe de Victorine, tendo sido desposada sem fortuna, nada tinha a pretender; em suma, as coisas mais duras, que fizeram essa pobre menina se derramar em lágrimas. Então a garota se jogou aos pés do pai e lhe disse com coragem que só insistia tanto pela mãe, e que obedeceria às suas vontades sem um murmúrio; mas que lhe implorava que lesse o testamento da pobre defunta, e pegou a carta e a apresentou, dizendo as coisas mais bonitas do mundo e as mais sentidas, não sei de onde as tirou. Deus as ditava, pois a pobre criança estava tão bem inspirada que, ao ouvi-la, eu chorava como uma tonta. Sabe o que fazia esse horror de homem?, cortava as unhas, pegou

aquela carta que a pobre sra. Taillefer encharcara de lágrimas e a jogou na lareira dizendo: “Está bem!”. Quis levantar a filha, que lhe tomava as mãos para beijá-las, mas ele as puxou. Não é uma perversidade? O grande palerma do filho dele entrou sem cumprimentar a irmã.

— Então são monstros? — comentou o pai Goriot.

— E depois — disse a sra. Couture sem prestar atenção na exclamação do pobre homem —, pai e filho foram embora me cumprimentando e me pedindo para desculpá-los, pois tinham compromissos urgentes. Foi assim nossa visita. Pelo menos viu a filha. Não sei como pode renegá-la, ela e ele se parecem como duas gotas d’água.

Os pensionistas, internos e externos, chegaram uns depois dos outros, desejando-se naturalmente bom dia, e dizendo essas insignificâncias que constituem, em certas classes parisienses, um espírito divertido em que a tolice entra como elemento principal e cujo mérito consiste especialmente no gesto ou na pronúncia.

Essa espécie de gíria varia continuamente. A brincadeira que é seu princípio nunca tem um mês de existência. Um fato político, um processo no tribunal do júri, uma canção das ruas, as farsas de um ator, tudo serve para entreter esse jogo de espírito que consiste sobretudo em pegar as ideias e as palavras como petecas e atirá-las um para o outro com raquetes. A recente

invenção do Diorama, que levava a ilusão de óptica a um grau mais alto que o dos Panoramas, 22 criara em alguns ateliês de pintura a brincadeira de falar em rama , espécie de caricatura que um jovem pintor, frequentador da pensão Vauquer, ali inoculava.

— Muito bem!, senhorre Poiret — disse o empregado do museu —, como vai essa pequena sauderama ? — E depois, sem esperar a resposta: — As senhoras estão tristes — disse à sra. Couture e a Victorine.

— Vamos jantarre? — exclamou Horace Bianchon, um estudante de medicina, amigo de Rastignac —, minha estomaguinha desceu usque ad talones

.

— Está fazendo um friorama horroroso! — disse Vautrin. — Mexa-se, pai

Goriot! Que diabos! Seu pé ocupa toda a boca da estufa.

— Ilustre sr. Vautrin — disse Bianchon —, por que diz friorama ? Tem um erro, é frioperama .

— Não — disse o empregado do museu —, é frionoperama , pela regra: “estou com frio nos pés”.

— Ah! Ah!



— Aí está sua excelência o marquês de Rastignac, doutor em direito-torto — exclamou Bianchon agarrando Eugène pelo pescoço e o apertando de modo a sufocá-lo. — Ei, vocês aí, ei!

A srta. Michonneau entrou devagarinho, cumprimentou os convivas sem dizer nada e foi se colocar perto das três mulheres.

— Ela sempre me dá arrepios, essa velha morcega — Bianchon disse baixinho a Vautrin, apontando para a srta. Michonneau. — Eu, que estudo o sistema de Gall, 23 encontro nela as protuberâncias de Judas.

— Conheceu-o? — perguntou Vautrin.

— Quem não o encontrou! — respondeu Bianchon. — Palavra de honra, essa

solteirona branquela me dá a impressão desses vermes compridos que acabam roendo uma viga.

— É isso mesmo, rapaz — disse o quarentão penteando as suíças.

E rosa, ela viveu o que vivem as rosas, O espaço de uma manhã...

— Ah! Ah! Aqui temos uma ótima sopirama — disse Poiret ao ver

Christophe entrar trazendo respeitosamente a sopa.

— Desculpe, senhor — disse a sra. Vauquer —, é uma sopa de repolho. Todos os jovens caíram na gargalhada.

— Perdeu, Poiret!

— Poirrrrrrette perdeu!

— Marquem dois pontos para mamãe Vauquer — disse Vautrin.

— Alguém prestou atenção no nevoeiro desta manhã? — perguntou o empregado.

— Era — disse Bianchon — um nevoeiro frenético e inaudito, um nevoeiro lúgubre, melancólico, verde, ofegante, um nevoeiro Goriot.

— Goriorama — disse o pintor —, porque ninguém via um palmo na frente do nariz.

— Ei, lorde Gaoriote, estamos falando de vóis.

Sentado na ponta da mesa, perto da porta pela qual se servia, o pai Goriot levantou a cabeça farejando um pedaço de pão que deixara debaixo do guardanapo, por um velho hábito comercial que às vezes reaparecia.

— O que é? — gritou-lhe, áspera, a sra. Vauquer num tom que abafou o ruído das colheres, dos pratos e das vozes —, será que não está achando bom o pão?

— Ao contrário, senhora — ele respondeu —, é feito com a farinha de

Étampes, primeira qualidade.

— Como é que percebe isso? — perguntou-lhe Eugène.

— Pela brancura, pelo gosto.

— Pelo gosto do nariz, já que o está cheirando — disse a sra.

Vauquer. — O senhor está ficando tão econômico que vai acabar dando um jeito de se alimentar fungando o ar da cozinha.

— Então registre uma patente de invenção — gritou o empregado do museu

—, fará uma bela fortuna.

— Mas deixe-o, ele faz isso para nos convencer de que foi macarroneiro —

disse o pintor.

— Então o seu nariz é uma retorta? — perguntou ainda o empregado do museu.

— Re quê? — perguntou Bianchon.

— Re-truque.

— Re-tranca.

— Re-traso.

— Re-treta.

— Re-trós.

— Re-boco.

— Re-clame.

— Re-tortarama.

Essas oito respostas partiram de todos os lados da sala com a rapidez de um fogo de rasilho, e prestaram-se tanto mais ao riso porque o pai Goriot olhava para os convivas com cara de bobo, como um homem que tenta compreender uma língua estrangeira.

— Re? — perguntou a Vautrin, que estava perto dele.

— Revanchismo, meu velho! — disse Vautrin enfiando o chapéu do pai Goriot com um tapa que lhe deu na cabeça e que o fez descer até os olhos.

O pobre velho, estupefato com esse ataque desabrido, ficou imóvel por um instante. Christophe levou o prato do homenzinho, acreditando que ele terminara a sopa; de modo que quando Goriot, depois de levantar o chapéu, pegou sua colher, acabou batendo na mesa. Todos os convivas caíram na risada.

— O senhor — disse o velhote — é um impertinente, e caso se permita de novo dar esses socos no meu chapéu...

— E daí, o que, papai? — disse Vautrin interrompendo-o.

— Pois então! Um dia pagará muito caro por isso...

— No inferno, não é? — disse o pintor —, naquele cantinho preto onde se põem as crianças más!

— E aí, senhorita — disse Vautrin a Victorine —, não está comendo. Então o

papai se mostrou recalcitrante?

— Um horror — disse a sra. Couture.

— É preciso chamá-lo às falas — disse Vautrin.

— Mas — disse Rastignac, que estava pertinho de Bianchon —, essa senhorita poderia mover uma ação sobre a questão dos alimentos, já que não come. Ei! Ei! Mas vejam como o pai Goriot examina a srta. Victorine.

O velho esquecia de comer para contemplar a pobre moça, em cujos traços explodia uma dor verdadeira, a dor da filha não reconhecida que ama o pai.

— Meu caro — disse Eugène baixinho —, nós nos enganamos sobre o pai Goriot. Não é um imbecil nem um homem sem nervos. Aplique a ele seu sistema de Gall e diga-me o que pensa. Eu o vi esta noite entortar um prato de vermeil, como se fosse cera, e nesse momento a expressão de seu rosto trai sentimentos extraordinários. Sua vida me parece misteriosa demais para não valer a pena ser estudada. Sim, Bianchon, por mais que você ria, não estou brincando.

— Esse homem é um fato médico — disse Bianchon —, concordo; se quiser, eu o disseco.

— Não, apalpe a cabeça dele.

— Ah! Bem, a estupidez dele talvez seja contagiosa.

No dia seguinte Rastignac se vestiu todo elegante e foi, lá pelas três da tarde, à casa da sra. de Restaud, entregando-se no caminho a essas esperanças irrefletidamente loucas que tornam a vida dos jovens tão bela de emoções: então eles não calculam os obstáculos nem os perigos, veem em tudo o sucesso, poetizam sua existência unicamente pelo jogo da imaginação e tornam-se infelizes ou tristes pela ruína de projetos que só viviam em seus desejos desenfreados; se não fossem ignorantes e tímidos, o mundo social seria impossível. Eugène andava com mil precauções para não se enlamear, mas andava pensando no que diria à sra. de Restaud, abastecia-se de espírito, inventava as réplicas de uma conversa imaginária, preparava suas tiradas, suas frases à Talleyrand, supondo pequenas circunstâncias favoráveis à declaração sobre a qual baseava seu futuro. O estudante se enlameou, foi obrigado a mandar engraxar as botas e escovar as calças no Palais-Royal. “Se eu fosse rico”, pensou trocando uma moeda de trinta vinténs que pegara no caso de uma desgraça, “teria ido de carruagem, poderia ter pensado à vontade.” Finalmente, chegou à Rue du Helder e perguntou pela condessa de Restaud. Com a fúria fria de um homem certo de triunfar um dia, recebeu o olhar de desprezo das pessoas que o tinham visto atravessar o pátio a pé, sem ter

ouvido o barulho de um carro na porta. Aquele olhar lhe foi mais sensível ainda porque já havia entendido sua inferioridade ao entrar no pátio, onde bufava um belo cavalo ricamente atrelado a um desses cabriolés elegantes que exibem o luxo de uma existência dissipadora e subentendem o hábito de todas as felicidades parisienses. Ficou, por conta própria, de mau humor. As gavetas abertas de seu cérebro e que ele esperava encontrar cheias de espírito se fecharam, tornou-se um tolo. Esperando a resposta da condessa, a quem um mordomo fora dizer o nome do visitante, Eugène ficou num só pé diante de uma janela da antessala, apoiou o cotovelo numa cremona e olhou mecanicamente para o pátio. Achava o tempo longo, teria ido embora se não fosse dotado dessa tenacidade meridional que gera prodígios quando caminha em linha reta.

— Senhor — disse o mordomo —, a senhora está em seu budoar e muito ocupada, não me respondeu; mas, se quiser passar ao salão, já há alguém ali.

Admirando o tenebroso poder dessas pessoas que, com uma só palavra, acusam ou julgam seus patrões, Rastignac abriu deliberadamente a porta pela qual saiu o mordomo, a fim de, tudo indica, fazer esses insolentes criados acreditarem que conhecia os moradores da casa; mas, muito atordoado, foi dar num cômodo onde havia lamparinas, aparadores, um aparelho de aquecer toalhas para o banho, e que desembocava num

corredor escuro e numa escada camuflada. Os risos abafados que ouviu na antessala levaram seu embaraço ao auge.

— Senhor, o salão é por aqui — disse-lhe o criado com esse falso respeito que parece um escárnio a mais.

Eugène voltou atrás com tamanha precipitação que bateu numa banheira, mas felizmente segurou o chapéu para evitar que caísse dentro do banho. Nesse instante, abriu-se uma porta no fundo do longo corredor iluminado por uma pequena lamparina, Rastignac ouviu ao mesmo tempo a voz da sra. de Restaud, a do pai Goriot e o ruído de um beijo. Entrou na sala de jantar, cruzou-a, seguiu o criado e entrou num primeiro salão onde ficou encostado defronte da janela, percebendo que tinha vista para o pátio. Queria ver se aquele pai Goriot era mesmo, realmente, o seu pai Goriot. Seu coração disparava, estranhamente, lembrava-se das terríveis reflexões de Vautrin. O criado esperava Eugène à porta do salão, mas de lá saiu de repente um elegante rapaz, que disse impaciente:

— Vou embora, Maurice. Diga à senhora condessa que a esperei mais de meia hora.

Esse impertinente, que com certeza tinha o direito de sê-lo, cantarolou algum trinado italiano dirigindo-se à janela onde estacionava Eugène, tanto para ver a figura do estudante como para olhar o pátio.



— Mas o senhor conde melhor faria se esperasse mais um instante, a senhora

terminou — disse Maurice retornando à antessala.

Nesse momento o pai Goriot aparecia perto da porta-cocheira pela saída da escadinha. O homem pegava seu guarda-chuva e se preparava para abri-lo, sem prestar atenção na grande porta que estava aberta para dar passagem a um rapaz condecorado que dirigia um tîlburi. O pai Goriot apenas teve tempo de se jogar para trás a fim de não ser esmagado. O tafetá do guarda-chuva assustara o cavalo, que se desviou ligeiramente precipitando-se para a escadaria. Esse rapaz virou a cabeça com uma expressão de raiva, olhou para o pai Goriot e lhe fez,

antes que ele saísse, uma saudação que retratava a consideração forçada demonstrada aos agiotas de quem se precisa, ou esse respeito necessário exigido por um homem corrupto, mas do qual mais tarde sentimos vergonha. O pai Goriot respondeu com uma saudaçãozinha amistosa, cheia de bonomia. Esses fatos ocorreram com a rapidez de um raio. Atento demais para perceber que não estava sozinho, Eugène ouviu de repente a voz da condessa.

— Ah! Maxime, você estava indo embora — ela disse em tom de reprimenda, ao qual se misturava um pouco de desprezo.

A condessa não prestara atenção na entrada do tálburi. Rastignac se virou abrupto e viu a condessa sedutoramente vestida com um penhoar de caxemira branco, laços cor-de-rosa, penteado displicente, como são o das mulheres de Paris pela manhã; estava perfumada, com certeza tomara banho, e sua beleza, por assim dizer amaciada, parecia mais voluptuosa; seus olhos estavam úmidos. O olhar dos jovens sabe ver tudo: seus espíritos se unem aos esplendores da mulher assim como uma planta aspira no ar substâncias que lhe são próprias, Eugène sentiu então o frescor desabrochado das mãos daquela mulher sem precisar tocá-las. Via, através da caxemira, as tonalidades rosadas do corpete que o penhoar, ligeiramente entreaberto, deixava às vezes a nu, e sobre o qual seus olhos se espalhavam. O recurso às barbatanas era inútil para a condessa, só a cintura marcava seu corpo flexível, seu pescoço convidava ao amor, seus pés eram bonitos dentro das pantufas. Quando Maxime pegou aquela mão para beijá-la, Eugène então percebeu a presença de Maxime, e a condessa percebeu a de Eugène.

— Ah!, é o sr. de Rastignac, estou muito contente em vê-lo — disse ela, com um jeito a que sabem obedecer as pessoas inteligentes.

Maxime olhava alternadamente para Eugène e para a condessa de modo bastante significativo para fazer o intruso dar no pé. “Ah, essa! Espero, minha cara, que você vai me pôr esse engraçadinho porta afora!” Essa frase era uma tradução clara e

inteligível dos olhares do rapaz impertinentemente orgulhoso que a condessa Anastasie chamara de Maxime, e cujo rosto ela consultava com essa atenção submissa que expressa todos os segredos de uma mulher sem que ela nem desconfie. Rastignac sentiu um ódio violento daquele rapaz. Primeiro, os belos cabelos louros e bem frisados de Maxime lhe ensinaram como os seus eram horríveis. Depois, Maxime tinha botas finas e limpas, ao passo que as suas, apesar do cuidado que tomara ao andar, estavam marcadas por um leve rastro de lama. Por fim, Maxime vestia uma sobrecasaca que lhe apertava elegantemente a cintura e o fazia parecer uma mulher bonita, enquanto Eugène vestia, às duas e

meia, uma casaca preta. O espirituoso filho da Charente sentiu a superioridade que a roupa dava àquele dândi, esbelto e alto, de olhos claros, tez pálida, um desses homens capazes de arruinar os órfãos. Sem esperar a resposta de Eugène, a sra. de Restaud bateu asas e voou para o outro salão, deixando flutuarem as abas de seu penhoar que se enrolavam e desenrolavam de modo a lhe dar a aparência de uma borboleta; e Maxime a seguiu.

Eugène, furioso, seguiu Maxime e a condessa. Esses três personagens se viram, portanto, em presença um do outro, na altura da lareira, no meio do grande salão. O estudante bem sabia que ia atrapalhar aquele odioso Maxime; mas arriscando-se a desagradar à sra. de Restaud, quis incomodar o dândi. De

repente, lembrando-se de ter visto aquele rapaz no baile da sra. de Beauséant, adivinhou o que Maxime era para a sra. de Restaud; e com essa audácia juvenil que faz cometerem-se grandes besteiras ou obter grandes êxitos, pensou consigo mesmo: “Aí está meu rival, vou triunfar contra ele”. Imprudente! Ignorava que o conde Maxime de Trailles deixava-se insultar, atirava em primeiro lugar e matava o adversário. Eugène era um caçador hábil, mas ainda não tinha conseguido derrubar vinte bonecos dos vinte e dois existentes num tiro ao alvo. O jovem conde jogou-se numa bergère ao lado da lareira, pegou as tenazes e remexeu o fogo com um gesto tão violento, tão rabugento, que o belo rosto de Anastasie se entristeceu subitamente. A jovem mulher virou-se para Eugène e lhe lançou um desses olhares friamente interrogativos que dizem tão bem: “Por que não vai embora?”, que as pessoas bem-educadas logo percebem o que querem dizer essas frases, que deveriam ser chamadas frases de saída.

Eugène fez uma expressão agradável e disse:

— Senhora, eu estava apressado em vê-la para...

Parou de chofre. Uma porta se abriu. O senhor que dirigia o tálburi surgiu de repente, sem chapéu, não cumprimentou a condessa, olhou preocupado para Eugène, estendeu a mão a Maxime dizendo-lhe “Bom dia”, com uma expressão fraterna que

surpreendeu singularmente Eugène. Os rapazes da província ignoram como é doce a vida a três.

— O sr. de Restaud — disse a condessa ao estudante, apontando-lhe seu marido.

Eugène fez uma profunda reverência.

— Este — ela continuou, apresentando Eugène ao conde de Restaud — é o sr. de Rastignac, parente da sra. viscondessa de Beauséant pelos Marcillac, e que tive o prazer de encontrar em seu último baile.

Parente da sra. viscondessa de Beauséant pelos Marcillac! Essas palavras, que

a condessa pronunciou quase enfaticamente, por conta da espécie de orgulho que sente uma dona de casa ao provar que só recebe em sua residência pessoas distintas, tiveram um efeito mágico, o conde abandonou seu ar friamente cerimonioso e cumprimentou o estudante.

— Muito prazer, senhor — disse —, em poder conhecê-lo.

O próprio conde Maxime de Trailles deu para Eugène um olhar inquieto e de súbito abandonou seu jeito impertinente. Esse golpe de mágica, decorrente da poderosa intervenção de um sobrenome, abriu trinta compartimentos no cérebro do meridional

e lhe devolveu o espírito que ele havia preparado. Uma luz súbita o fez ver claro na atmosfera, para ele ainda tenebrosa, da alta sociedade parisiense. Então, a Casa Vauquer e o pai Goriot ficaram bem longe de seu pensamento.

— Eu acreditava que os Marcillac estavam extintos? — comentou o conde de

Restaud com Eugène.

— É, senhor — ele respondeu. — Meu tio-avô, o cavaleiro de Rastignac, casou-se com a herdeira da família De Marcillac. Só teve uma filha, que se casou com o marechal de Clarimbault, avó materno da sra. de Beauséant. Somos o ramo caçula, ramo hoje mais pobre ainda porque meu tio-avô, vice-almirante, perdeu tudo a serviço do rei. O governo revolucionário não quis admitir nossos créditos na liquidação que fez da Companhia das Índias.

— O senhor seu tio-avô não comandava o Vengeur antes de 1789?

— Exatamente.

— Então ele conheceu meu avô, que comandava o Warwick .

Maxime deu ligeiramente de ombros ao olhar para a sra. de Restaud, com jeito de lhe dizer: “Se ele se põe a falar de marinha com esse aí, estamos fritos”. Anastasie compreendeu o olhar do sr. de Trailles. Com esse admirável poder que as mulheres têm, ela começou a sorrir dizendo:

— Venha, Maxime; tenho algo a lhe pedir. Senhores, vamos deixá-los navegar

juntos pela mesma rota no Warwick e no Vengeur .

Levantou-se e fez um sinal cheio de irônica traição para Maxime, que pegou com ela a rota do budoar. Mal esse casal morganático , bonita expressão alemã que não tem equivalente em francês, chegara à porta, o conde interrompeu sua conversa com Eugène.

— Anastasie! Mas fique, minha querida — exclamou com humor —, você bem sabe que...

— Já volto, já volto — ela disse interrompendo-o —, só preciso de um momento para dizer a Maxime o que quero que ele faça.

Voltou prontamente. Como todas as mulheres que, obrigadas a observar o caráter dos maridos para poderem se comportar segundo suas fantasias, sabem reconhecer até onde devem ir a fim de não perderem uma confiança preciosa, e que então jamais se chocam com eles nas pequenas coisas da vida, a condessa vira pelas inflexões de voz do conde que não haveria nenhuma segurança em ficar no budoar. Esses contratemplos se deviam a Eugène. Assim a condessa mostrou com uma expressão e com um gesto cheios de desprezo o estudante a Maxime, que disse, muito satírico, ao conde, à sua mulher e a Eugène:

— Escutem aqui, os senhores estão falando de negócios, não quero atrapalhá-los; adeus.

E se foi.

— Mas fique, Maxime! — gritou o conde.

— Venha jantar — disse a condessa, que, deixando mais uma vez Eugène e o conde, seguia Maxime pelo primeiro salão, onde ficaram juntos tempo suficiente para crer que o sr. de Restaud mandaria Eugène embora.

Rastignac os ouvia sucessivamente caindo na risada, conversando, se calando; mas o malicioso estudante mostrava-se espirituoso com o sr. de Restaud, o lisonjeava ou o embarcava em discussões, a fim de rever a condessa e saber quais eram suas relações com o pai Goriot. Aquela mulher, sem a menor dúvida apaixonada por Maxime, aquela mulher, senhora de seu marido, ligada secretamente ao velho macarroneiro, parecia-lhe um mistério total. Queria penetrar nesse mistério, esperando assim poder reinar como soberano sobre a mulher tão eminentemente parisiense.

— Anastasie — disse o conde chamando de novo a mulher.

— Vamos, meu pobre Maxime — ela disse ao rapaz —, é preciso se resignar. Até à noite...

— Espero, Nasie — ele lhe disse ao ouvido —, que você barrará a entrada desse mocinho cujos olhos se acenderam como brasas quando o seu penhoar se entreabriu. Ele lhe faria declarações, a comprometeria, e você me forçaria a matá-lo.



— Está louco, Maxime? — ela disse. — Esses estudantezinhos não são, ao

contrário, excelentes para-raios? Eu o farei, com certeza, tomar birra de Restaud.

Maxime caiu na risada e saiu, seguido pela condessa, que se pôs na janela para vê-lo subir na carruagem, fazendo o cavalo patear e balançando seu chicote. Só voltou quando o portão se fechou.

— Mas me diga, minha querida — gritou-lhe o conde quando ela entrou —, a terra onde vive a família do cavalheiro não é longe de Verteuil, na beira do

Charente. O tio-avô dele e meu avô se conheciam.

— Que prazer saber que somos todos da mesma terra — disse a condessa, distraída.

— Mais do que imagina — disse baixinho Eugène.

— Como? — ela retrucou com vivacidade.

— Mas — continuou o estudante — acabo de ver sair de sua casa um senhor que mora porta a porta comigo, na mesma pensão, o pai Goriot.

Diante desse nome embelezado com a palavra “pai”, o conde, que estava atiçando o fogo, jogou as tenazes no chão, como se lhe tivessem queimado as mãos, e se levantou.

— O senhor poderia ter dito sr. Goriot! — exclamou.

A condessa, primeiro, empalideceu ao ver a impaciência do marido, depois enrubesceu e ficou evidentemente embaraçada; respondeu com uma voz que quis tornar natural, e com ar falsamente distante:

— É impossível conhecer alguém de quem mais gostamos... —  
Interrompeu-se, olhou para seu piano como se despertasse nela alguma fantasia, e disse: — Gosta de música?

— Muito — respondeu Eugène, agora vermelho e pasmo com a constrangedora ideia de ter cometido uma rematada bobagem.

— Canta? — ela exclamou indo para o piano, tendo atacado intensamente todas as teclas, remexendo-as desde o dó de baixo até o fá do alto. Rrrahh!!

— Não, senhora.

O conde de Restaud ia de um lado para o outro.

— É uma pena, privou-se de um grande instrumento de sucesso. Ca-a-ro , ca- a-ro, ca-a-a-a-ro , non du-bitá-re — cantou a condessa.

Ao pronunciar o nome do pai Goriot, Eugène dera um golpe de mágica, cujo efeito no entanto era inverso ao que haviam provocado as palavras: parente da sra. de Beauséant. Estava na situação de um homem introduzido de favor na casa de um

grande amante de curiosidades e que, tocando por desatenção num armário cheio de figuras esculpidas, deixa caírem três ou quatro cabeças mal coladas. Gostaria de se jogar num abismo. O rosto da sra. de Restaud estava seco, frio, e seus olhos agora indiferentes fugiam daqueles do desastrado estudante.

— A senhora — ele disse — tem o que conversar com o sr. de Restaud, queira

aceitar minhas homenagens e me permita...

— Sempre que vier — disse precipitadamente a condessa, parando Eugène com um gesto — esteja certo de que dará, ao sr. de Restaud e a mim, o mais

intenso prazer.

Eugène saudou com reverência o casal e saiu, seguido pelo sr. de Restaud, que, apesar de suas solicitações, o acompanhou até a antessala.

— Sempre que esse senhor se apresentar — disse o conde a Maurice —, nem a senhora nem eu estaremos em casa.

Quando Eugène pôs o pé na escadaria, percebeu que chovia. “Ora”, pensou com seus botões, “vim armar uma trapalhada, cuja causa e cujo alcance ignoro, e para completar estragarei minha roupa e meu chapéu. Deveria ficar no meu canto, dando duro

no direito, só pensando em me tornar um rude magistrado. Posso frequentar a sociedade quando, para aí manobrar adequadamente, se precisa de um monte de cabriolés, botas engraxadas, apetrechos indispensáveis, correntes de ouro, desde a manhã luvas de camurça brancas que custam seis francos, e sempre luvas amarelas à noite? Velho esquisito esse pai Goriot, que coisa!”

Quando se viu à porta da rua, o cocheiro de um carro de aluguel, que provavelmente acabava de deixar uns recém-casados e não pedia nada melhor do que roubar de seu patrão algumas corridas de contrabando, fez sinal para Eugène, vendo-o sem guarda-chuva, de casaca preta, colete branco, luvas amarelas e botas engraxadas. Eugène estava sob o impacto de uma dessas raivas surdas que impelem um jovem a se enfiar cada vez mais no abismo em que entrou, como se ali esperasse encontrar uma feliz saída. Aceitou, com um aceno de cabeça, a oferta do cocheiro. Sem ter mais que vinte e dois vinténs no bolso, subiu na carruagem onde alguns grãos de flores de laranjeira e canutilhos demonstravam a passagem dos noivos.

— Para onde vai? — perguntou o cocheiro, que já não usava suas luvas brancas.

“Santo Deus!”, pensou Eugène, “já que estou me afundando, que pelo menos isso me sirva para alguma coisa!” — Vá ao palacete de Beauséant — acrescentou em voz alta.

— Qual? — disse o cocheiro.

Palavra sublime que confundiu Eugène. Esse novato elegante não sabia que havia dois palacetes de Beauséant, não imaginava como era rico em parentes que não se preocupavam com ele.

— O do visconde de Beauséant, à Rue...

— De Grenelle — disse o cocheiro balançando a cabeça e o interrompendo. — Sabe, ainda há o palacete do conde e do marquês de Beauséant, na Rue Saint- Dominique — acrescentou levantando o estribo.

— Eu sei perfeitamente — respondeu Eugène em tom seco.

“Todos hoje estão zombando de mim!”, pensou jogando o chapéu sobre as almofadas dianteiras. “Aí está uma escapada que vai me custar o resgate de um rei. Mas pelo menos vou fazer uma visita à minha suposta prima de maneira solidamente aristocrática. O pai Goriot já me custa ao menos dez francos, esse velho celerado! Palavra de honra, vou contar minha aventura à sra. de Beauséant, talvez a faça rir. Com certeza ela conhecerá o mistério das ligações criminosas desse velho rato sem rabo com aquela linda mulher. É melhor agradar minha prima do que me bater contra essa mulher imoral, que me dá a sensação de ser bem dispendiosa. Se o nome da bela viscondessa é tão poderoso, então qual deve ser o peso de sua pessoa? Dirijamo-nos ao alto escalão. Quando se ataca uma coisa no céu, é preciso visar Deus!”

Essas palavras são a fórmula breve dos mil e um pensamentos entre os quais

ele pairava. Recuperou um pouco de calma e segurança ao ver cair a chuva. Pensou que, se ia dissipar duas das preciosas moedas de cem vinténs que lhe restavam, elas seriam felizmente empregadas na conservação de sua roupa, de suas botas e de seu chapéu. Ouviu não sem um ímpeto de hilaridade o cocheiro gritando: “A porta, por favor!”. Um porteiro vermelho e dourado fez grunhir as dobradiças da porta do palacete, e Rastignac viu com doce satisfação seu carro passando pelo pórtico, virando no pátio e parando sob a marquise da escadaria. O cocheiro com um grosso capote azul bordado de vermelho foi desdobrar o estribo. Descendo do carro, Eugène ouviu risos abafados que partiam do peristilo. Três ou quatro criados já tinham gracejado a respeito daquele carro vulgar de noiva. O riso deles esclareceu o estudante quando comparou aquela carruagem com um dos mais elegantes cupês de Paris, atrelado com dois cavalos fogosos que tinham rosas na orelha, mordiam o travão, e que um cocheiro empoadado e bem engravatado segurava pela rédea como se eles quisessem escapar. Na Rue Chaussée d’Antin, a sra. de Restaud tinha no pátio o refinado cabriolé do homem de vinte e seis anos. No Faubourg Saint-Germain, esperava-o o luxo de um grande aristocrata, uma carruagem que trinta mil francos não pagariam.

“Mas quem estará aí?”, pensou Eugène entendendo meio tardiamente que

devia haver em Paris bem poucas mulheres desimpedidas, e que a conquista de uma dessas rainhas custava mais que sangue.

“Diachos! minha prima com certeza também terá seu Maxime.”

Subiu a escadaria desesperado. Quando o viram, a porta envidraçada se abriu;

encontrou os criados sérios como asnos sendo escovados. A festa à qual assistira

ocorrera nos grandes salões de recepção, situados no térreo do palacete de Beauséant. Como não tivera tempo, entre o convite e o baile, de fazer uma visita à prima, ainda não penetrara nos aposentos da sra. de Beauséant; assim, ia ver pela primeira vez as maravilhas daquela elegância pessoal que trai a alma e os costumes de uma mulher de distinção. Estudo tanto mais curioso na medida em que o salão da sra. de Restaud lhe fornecia um termo de comparação. Às quatro e meia a viscondessa estava visível. Cinco minutos mais cedo, não teria recebido o primo.

Eugène, que não sabia nada das diversas etiquetas parisienses, foi conduzido por uma grande escadaria em tons brancos, cheia de flores, com rampa dourada, tapete vermelho, até a sra. de Beauséant, cuja biografia verbal ele ignorava, uma dessas

histórias cambiantes que se contam todas as noites de ouvido em ouvido nos salões de Paris.

A viscondessa era ligada, fazia três anos, a um dos mais célebres e mais ricos

senhores portugueses, o marquês d'Ajuda-Pinto. Era uma dessas ligações inocentes que têm tantos atrativos para as pessoas assim ligadas, que elas não conseguem suportar nenhum estranho. Assim, o visconde de Beauséant dera ele mesmo o exemplo ao público, respeitando, bem ou mal, essa união morganática. As pessoas que, nos primeiros dias dessa amizade, foram ver a viscondessa às duas horas, ali encontraram o marquês d'Ajuda-Pinto. A sra. de Beauséant, incapaz de fechar sua porta, o que teria sido muito inconveniente, recebia tão friamente as visitas e contemplava com tanta aplicação a cornija de sua casa que todos compreendiam como a embaraçavam. Quando se soube em Paris que se incomodava a sra. de Beauséant indo vê-la entre duas e quatro horas, ela se viu na solidão mais completa. Ia ao Bouffons ou ao Opéra em companhia do sr. de Beauséant e do sr. d'Ajuda-Pinto; mas, como homem que sabe viver, o sr. de Beauséant sempre deixava sua mulher e o português depois de instalá-los. O sr. d'Ajuda devia se casar. Desposava uma srta. de Rochefide. Em toda a alta sociedade uma só pessoa ainda ignorava esse casamento, essa pessoa era a sra. de Beauséant. Algumas amigas suas tinham lhe



falado vagamente; ela rira, acreditando que as amigas queriam perturbar uma felicidade invejada. No entanto, os proclamas iam correr. Embora ele tivesse ido lá para notificar o casamento à viscondessa, o belo português ainda não ousara dizer uma mísera palavra a respeito. Por quê? Nada, com certeza, é mais difícil do que notificar a uma mulher um ultimatum desses. Certos homens se sentem mais à vontade, no campo de batalha, na frente de um homem que lhes ameaça o coração com uma espada do que na frente de uma mulher que, depois de ter declamado suas elegias durante duas horas, faz-se de morta e pede os saís. Portanto, naquele

momento o sr. d’Ajuda-Pinto estava pisando em ovos e queria sair, pensando que a sra. de Beauséant ficaria sabendo da notícia; ele lhe escreveria, seria mais cômodo tratar desse galante assassinato por correspondência do que de viva voz. Quando o criado da viscondessa anunciou o sr. Eugène de Rastignac, fez estremecer de alegria o marquês d’Ajuda-Pinto. Saibam que uma mulher apaixonada é ainda mais engenhosa em criar dúvidas do que hábil em variar o prazer. Quando está prestes a ser deixada, adivinha mais depressa o sentido de um gesto do que o corcel de Virgílio fareja os longínquos corpúsculos que lhe anunciam o amor. Assim, tenham em conta que a sra. de Beauséant flagrou esse estremecimento involuntário, leve, mas ingenuamente aterrador. Eugène ignorava que nunca

ninguém deve se apresentar em qualquer casa em Paris sem que os amigos da casa lhe tenham contado a história do marido, da mulher ou dos filhos, a fim de não cometer nenhuma dessas gafes a respeito das quais se diz pitorescamente na Polônia: “Atrele cinco bois à sua carroça!”, sem dúvida para tirá-lo do mau passo que vai fazê-lo se atolar. Se essas desgraças da conversação ainda não têm nenhum nome na França, aqui certamente supõe-se que elas são impossíveis, devido à enorme publicidade que as maledicências alcançam. Depois de ter se atolado na casa da sra. de Restaud, que não lhe deixara nem sequer o tempo de atrelar os cinco bois à sua carroça, só Eugène era capaz de recomeçar seu ofício de boiadeiro, apresentando-se na casa da sra. de Beauséant. Mas, se tinha horripantemente atrapalhado a sra. de Restaud e o sr. de Trailles, tirou de apuros o sr. d’Ajuda.

— Adeus — disse o português apressando-se em chegar à porta quando Eugène entrou no salãozinho gracioso, cinza e rosa, em que o luxo parecia ser apenas elegância.

— Mas até esta noite — disse a sra. de Beauséant virando a cabeça e dando uma olhadela para o marquês. — Não vamos ao Bouffons?

— Não posso — ele disse pegando a maçaneta da porta.

A sra. de Beauséant se levantou, chamou-o para junto de si, sem prestar a menor atenção em Eugène, que, em pé, atordoado com

as cintilações de uma riqueza maravilhosa, acreditava na realidade dos contos árabes, e não sabia onde se meter ao ver-se em presença daquela mulher sem ser notado por ela. A viscondessa levantara o indicador da mão direita e por um bonito gesto apontava ao marquês um lugar na frente dela. Houve nesse gesto um tão violento despotismo de paixão que o marquês largou a maçaneta da porta e se aproximou. Eugène o olhou, não sem inveja.

“Aí está”, pensou, “o homem do cupê! Mas então é preciso ter cavalos

fogosos, librés e ouro a rodo para obter o olhar de uma mulher de Paris?” O demônio do luxo o mordeu no coração, a febre do ganho o assaltou, a sede de ouro secou-lhe a garganta. Ele tinha cento e trinta francos para o seu trimestre. Seu pai, sua mãe, seus irmãos, suas irmãs, sua tia não gastavam, todos juntos, duzentos francos por mês. Essa rápida comparação entre sua situação presente e o objetivo a que era preciso chegar contribuiu para deixá-lo estupefato.

— Por que — disse a viscondessa rindo — não pode ir ao Italiens?

— Negócios! Janto com o embaixador da Inglaterra.

— Abandone-os.

Quando um homem engana, é invencivelmente obrigado a acumular desculpas em cima de desculpas. O sr. d’Ajuda disse então, rindo:

— Você exige?

— Sim, sem dúvida.

— Era o que eu queria ouvir — respondeu lançando um desses olhares finos que teriam tranquilizado qualquer outra mulher. Pegou a mão da viscondessa, beijou-a e foi embora.

Eugène passou a mão nos cabelos e se contorceu para saudá-la, acreditando que a sra. de Beauséant ia pensar nele; de repente ela se lança, precipita-se pela galeria, acorre à janela e olha para o sr. d’Ajuda enquanto ele subia na carruagem; presta atenção na ordem e ouve o empregado repetindo ao cocheiro: “Para a casa do sr. de Rochefide”. Essas palavras foram o raio e o trovão para aquela mulher, que retornou, às voltas com apreensões mortais. Na alta sociedade, as mais terríveis catástrofes são apenas isso. A viscondessa entrou em seu quarto, sentou-se à sua mesa, pegou um bonito papel.

Tendo em vista , escreveu, que janta com os Rochefide e não na embaixada inglesa, deve-me uma explicação; espero-o.

Depois de arrumar umas letras desfiguradas pelo tremor convulso de sua mão, pôs um C, que queria dizer Claire de Bourgogne, e tocou.

— Jacques — disse a seu criado de quarto, que veio logo —, você irá às sete e

meia à casa do sr. de Rochefide, perguntará pelo marquês d’Ajuda. Se o senhor marquês estiver, lhe entregará este bilhete sem pedir resposta; se não estiver, voltará e me devolverá a carta.

— A senhora condessa tem alguém que a espera em seu salão.

— Ah, é verdade! — ela disse empurrando a porta.

Eugène começava a se sentir incomodado, quando enfim viu a viscondessa, que lhe disse num tom cuja emoção remexeu as fibras de seu coração:

— Desculpe, senhor, eu tinha um bilhete para escrever, agora sou toda sua.

Não sabia o que dizia, pois eis o que pensava: “Ah! ele quer se casar com a srta. de Rochefide. Mas então é livre? Esta noite esse casamento será desfeito, ou eu... Mas amanhã não se falará mais disso”.

— Minha prima... — respondeu Eugène.

— Hein? — disse a viscondessa dando-lhe um olhar cuja impertinência gelou o estudante.

Eugène entendeu aquele hein. Fazia três horas que aprendia tantas coisas, que se sentia pronto para o que desse e viesse.

— Senhora — recomeçou, enrubescendo. Hesitou, depois continuou: — Desculpe; preciso de tanta proteção que um fiapo de parentesco não seria nada mau.

A sra. de Beauséant sorriu, mas tristemente; já sentia a desgraça que ressoava em seu ambiente.

— Se conhecesse a situação em que se encontra minha família — ele prosseguiu —, iria gostar de fazer o papel de uma dessas fadas fabulosas que se deliciavam em dissipar os obstáculos em torno de seus afilhados.

— Muito bem, meu primo — ela disse rindo —, em que lhe posso ser útil?

— Mas, e eu sei? Ligar-se à senhora por um laço de parentesco que se perde na sombra já é toda uma fortuna. A senhora me perturbou, já não sei o que vinha lhe dizer. É a única pessoa que conheço em Paris. Ah! Gostaria de consultá-la pedindo que me aceite como um pobre menino que deseja grudar-se em sua saia, e que seria capaz de morrer por si.

— Mataria alguém por mim?

— Mataria dois — disse Eugène.

— Menino! Sim, você é um menino — ela disse reprimindo umas lágrimas —, amaria com sinceridade!

— Oh! — ele disse balançando a cabeça.

A viscondessa se interessou profundamente pelo estudante devido a essa resposta ambiciosa. O meridional estava em seu primeiro cálculo. Entre o budoar azul da sra. de Restaud e o salão rosa da sra. de Beauséant, fizera três anos desse direito parisiense do qual não se fala, embora constitua uma alta jurisprudência social que, bem aprendida e bem praticada, leva a tudo.

— Ah! lembrei-me — disse Eugène. — Eu tinha reparado na sra. de Restaud durante o seu baile, fui à casa dela hoje de manhã.

— Deve tê-la incomodado bastante — disse sorrindo a sra. de Beauséant.

— É! Sim, sou um ignorante que porá contra si próprio o mundo inteiro, se a senhora me recusar seu auxílio. Creio que é muito difícil encontrar em Paris uma

mulher jovem, bela, rica, elegante, que esteja livre, e preciso de uma que me ensine o que vocês mulheres sabem tão bem explicar: a vida. Encontrarei em toda parte um sr. de Trailles. Portanto, vinha vê-la para lhe pedir a chave de um enigma e solicitar que me dissesse de que natureza foi a bobagem que cometi por lá. Falei de um pai...

— A sra. duquesa de Langeais — disse Jacques, cortando a palavra do estudante, que fez o gesto de um homem violentamente contrariado.

— Se quiser ter êxito — disse a viscondessa em voz baixa —, primeiro não seja tão demonstrativo.

— Ah! Bom dia, minha cara — ela continuou levantando-se e indo ao encontro da duquesa, cujas mãos apertou com a efusão carinhosa que poderia mostrar por uma irmã e à qual a duquesa respondeu com os mais lindos afagos.

“Aí estão duas boas amigas”, pensou Rastignac. “Terei, a partir de então, duas

protetoras; essas duas mulheres devem ter as mesmas afeições, e esta com certeza se interessará por mim.”

— A que feliz pensamento devo a felicidade de vê-la, minha querida

Antoinette? — perguntou a sra. de Beauséant.

— Mas vi o sr. d’Ajuda-Pinto entrando na casa do sr. de Rochefide e então pensei que você estaria sozinha.

A sra. de Beauséant não apertou os lábios, não corou, seu olhar permaneceu o mesmo, sua fronte pareceu se iluminar enquanto a duquesa proferia essas palavras fatais.

— Se soubesse que estaria ocupada... — acrescentou a duquesa virando-se para Eugène.

— O cavalheiro é o sr. Eugène de Rastignac, um de meus primos — disse a viscondessa. — Tem notícias do general Montriveau? —



prosseguiu. — Sérizy me disse ontem que não o viam mais, ele esteve hoje em sua casa?

A duquesa, que diziam ter sido abandonada pelo sr. de Montriveau, por quem

estava perdidamente apaixonada, sentiu no coração a estocada dessa pergunta e corou ao responder:

— Ele estava ontem no Elysée.

— De serviço — disse a sra. de Beauséant.

— Clara, com certeza você sabe — retomou a duquesa jogando torrentes de malignidade em seu olhar — que amanhã os proclamas do sr. d’Ajuda-Pinto e da srta. de Rochefide vão ser publicados?

Esse golpe era violento demais, a viscondessa empalideceu e respondeu rindo:

— Um desses rumores com que os bobos se divertem. Por que o sr. d’Ajuda

levaria para os Rochefide um dos mais belos nomes de Portugal? Os Rochefide são gente enobrecida ontem.

— Mas Berthe reunirá, dizem, duzentas mil libras de renda.

— O sr. d’Ajuda é muito rico para fazer esses cálculos.

— Mas, minha cara, a srta. de Rochefide é um encanto.

— Ah!

— Em suma, ele janta lá hoje, as condições estão estabelecidas. Muito me espanta você estar tão estranhamente pouco informada.

— Que tolice, afinal, o senhor fez? — perguntou a sra. de Beauséant. — Esta pobre criança foi jogada tão recentemente na sociedade, que não entende nada, minha cara Antoinette, do que dizemos. Seja boa com ele, voltemos a falar disso amanhã. Amanhã, veja você, tudo provavelmente será oficial, e com toda certeza você poderá ser oficiosa.

A duquesa desviou para Eugène um desses olhares impertinentes que envolvem um homem dos pés à cabeça, o achatam e o reduzem a zero.

— Senhora, sem saber enfiei um punhal no coração da sra. de Restaud. Sem saber, eis meu erro — disse o estudante, a quem seu espírito servira bastante bem, e que descobrira os mordazes epigramas ocultos nas frases afetuosas daquelas duas mulheres. — Continuamos a ver, e tememos talvez as pessoas que conhecem o segredo do mal que nos fazem, ao passo que quem fere ignorando a profundidade de sua ferida é olhado como um tolo, um canhestro que não sabe tirar proveito de nada, e todos o desprezam.

A sra. de Beauséant deu para o estudante um desses olhares suaves em que as almas grandiosas sabem pôr a um só tempo gratidão e dignidade. Esse olhar foi como um bálsamo que acalmou a chaga que acabava de abrir no coração do estudante a olhadela de leiloeiro público com que a duquesa o avaliara.

— Imagine que eu acabava — prosseguiu Eugène — de granjear a benevolência do conde de Restaud; pois — disse, virando-se para a duquesa com cara ao mesmo tempo humilde e maliciosa — é preciso lhe dizer, senhora, que ainda não passo de um pobre-diabo de estudante, bem sozinho, bem pobre...

— Não diga isso, sr. de Rastignac. Nós, mulheres, jamais queremos o que ninguém quer.

— Ora! — disse Eugène —, tenho apenas vinte e dois anos, é preciso saber suportar as desgraças de sua idade. Aliás, estou me confessando; e é impossível se pôr de joelhos num confessionário mais bonito: cometemos aqui pecados de que nos acusamos no outro.

A duquesa assumiu uma expressão fria diante desse discurso antirreligioso, cujo mau gosto ela proscreeu dizendo à viscondessa:

— Esse senhor está chegando...

A sra. de Beauséant começou a rir abertamente de seu primo e da duquesa.

— Ele está chegando, minha cara, e procura uma professora que lhe ensine o bom gosto.

— Senhora duquesa — prosseguiu Eugène —, não é natural iniciar-se nos segredos do que nos encanta? (“Vejamos”, pensou consigo mesmo, “tenho certeza de que estou lhes dizendo frases de cabeleireiro.”)

— Mas a sra. de Restaud é, creio, aluna do sr. de Trilles — disse a duquesa.

— Eu não sabia de nada, senhora — continuou o estudante. — Assim, joguei-me estouvadamente entre eles. Em suma, tinha me entendido bastante bem com o marido, via-me tolerado durante algum tempo pela mulher, quando resolvi lhes dizer que conhecia um homem que eu acabara de ver saindo por uma escada oculta e que, no fundo de um corredor, beijara a condessa.

— Quem é? — disseram as duas mulheres.

— Um velho que vive à razão de dois luíses por mês, no fundo do Faubourg Saint-Marceau, como eu, pobre estudante; um verdadeiro infeliz de quem todo mundo caçoa, e que nós chamamos de pai Goriot.

— Mas como o senhor é uma criança — exclamou a viscondessa —  
, a sra. de

Restaud é uma srta. Goriot.

— A filha de um macarroneiro — prosseguiu a duquesa —, uma  
mulherzinha que foi apresentada à corte no mesmo dia que a filha  
de um confeitiro. Você não se lembra, Clara? O rei começou a rir,  
e disse em latim uma pilhéria sobre a farinha. Pessoas, mas como  
é mesmo? Pessoas...

— Ejusdem farinae 24 — disse Eugène.

— É isso — disse a duquesa.

— Ah! É o pai dela — retrucou o estudante, fazendo um gesto de  
horror.

— Isso mesmo; esse homem tem duas filhas por quem é quase  
louco, embora uma e outra o tenham praticamente renegado.

— A segunda não é — disse a viscondessa olhando para a sra. de  
Langeais — casada com um banqueiro cujo nome é alemão, um  
barão de Nucingen? Não se chama Delphine? Não é uma loura  
que tem um camarote lateral no Opéra, que também vai ao  
Bouffons e ri muito alto para se fazer notar?

A duquesa sorriu, dizendo:

— Mas minha cara, eu a admiro. Afinal, por que se ocupa tanto  
dessa gente? Era preciso estar loucamente apaixonado, como

estava Restaud, para ter se enfarinhado com a srta. Anastasie. Ah! Vai acabar lhe acontecendo alguma desgraça! Ela está nas mãos do sr. de Trailles, que a levará à perdição.

— Elas renegaram o pai — repetia Eugène.

— Pois é, sim, o pai delas, o pai, um pai — prosseguiu a viscondessa —, um bom pai que deu, pelo que dizem, a cada uma quinhentos ou seiscentos mil francos para fazer a felicidade delas, casando-as bem, e que só reservou para si mesmo oito a dez mil libras de renda, acreditando que as filhas continuariam a ser suas filhas, que ele criara na casa delas duas existências, duas casas nas quais seria adorado, mimado. Em dois anos, seus genros o baniram de seu convívio como o último dos miseráveis...

Algumas lágrimas rolaram dos olhos de Eugène, recentemente renovado pelas puras e santas emoções da família, ainda sob o encanto das crenças jovens, e que estava apenas em seu primeiro dia no campo de batalha da civilização parisiense. As emoções verdadeiras são tão comunicativas, que por um instante aquelas três pessoas se olharam em silêncio.

— Ai, meu Deus! — disse a sra. de Langeais —, sim, isso parece bem terrível, e no entanto é o que vemos todos os dias. Não haveria uma causa para isso? Diga, minha querida, algum dia já pensou no que é um genro? Um genro é um homem para quem

nós criaremos, você ou eu, uma querida criaturinha à qual estaremos ligadas por mil laços, que será durante dezessete anos a alegria da família, que é a sua alma branca, diria Lamartine, e que se tornará a sua peste. Quando esse homem a tiver agarrado de nós, começará por empunhar seu amor como um machado, a fim de cortar no coração e no mais íntimo desse anjo todos os sentimentos pelos quais ela se ligava à família. Ontem, nossa filha era tudo para nós, éramos tudo para ela; no dia seguinte, torna-se nossa inimiga. Não vemos essa tragédia se consumando todos os dias? Aqui, a nora demonstra a pior impertinência com o sogro, que tudo sacrificou por seu filho. Mais adiante, um genro bota a sogra para fora de casa. Ouço perguntarem o que hoje há de dramático na sociedade; mas o drama do genro é assustador, sem contar nossos casamentos, que se tornaram coisas muitíssimo idiotas. Dou-me perfeitamente conta do que aconteceu com esse velho macarroneiro. Creio me lembrar de que esse Foriot...

— Goriot, senhora.

— Sim, esse Moriot foi presidente de sua seção 25 durante a revolução; inteirou-se do segredo da famosa epidemia de fome e começou sua fortuna vendendo, naquele tempo, farinha por dez vezes o que lhe custava. Ganhou tanto quanto quis. O intendente de minha avó lhe vendeu quantidades imensas. Esse Goriot

provavelmente dividia tudo, como todas aquelas pessoas, com o Comitê

de Salvação Pública. Lembro-me de que o intendente dizia à minha avó que ela podia ficar em absoluta segurança em Grandvilliers, porque seus grãos eram uma excelente carta cívica. Pois bem, esse Lorient, que vendia trigo aos cortadores de cabeças, teve uma única paixão. Adora, pelo que dizem, as filhas. Pendurou a mais velha na casa de Restaud, enxertou a outra no barão de Nucingen, um rico banqueiro que finge ser adepto do rei. Vocês compreendem que, na época do Império, os dois genros não se escandalizaram muito por ter esse velho Noventa-e-três na casa deles; com Bonaparte ainda era tolerável. Mas, quando os Bourbon retornaram, o homem incomodou o sr. de Restaud, e mais ainda o banqueiro. As filhas, que talvez continuassem a gostar do pai, quiseram jogar com um pau de dois bicos, o pai e o marido; recebiam o Goriot quando não tinham ninguém; imaginavam pretextos para a ternura. “Papai, venha, estaremos melhores, porque estaremos a sós!” etc. Eu, minha cara, creio que os sentimentos verdadeiros têm olhos e uma inteligência: o coração desse pobre Noventa-e-três, portanto, sangrou. Viu que as filhas se envergonhavam dele; que, se amavam os maridos, ele prejudicava os genros. Portanto, era preciso se sacrificar. Sacrificou-se, porque era pai: baniu-se por conta própria. Ao ver as filhas contentes, compreendeu que tinha feito



bem. Pai e filhas foram cúmplices desse pequeno crime. Vemos isso por toda parte. Esse pai Goriot não teria sido uma mancha de gordura no salão das filhas? Ali teria ficado constrangido, teria se entediado. O que acontece com esse pai pode acontecer com a mais linda mulher em relação ao homem que ela mais amar: se o aborrece com seu amor, ele se vai, faz covardias para fugir dela. Todos os sentimentos estão aí. Nosso coração é um tesouro, esvaziem-no de uma só vez e estarão arruinados. Não perdoamos um sentimento que se mostrou por inteiro, assim como não perdoamos a um homem por não ter um vintém. Esse pai dera tudo. Dera, por vinte anos, suas entranhas, seu amor; dera sua fortuna em um dia. Uma vez o limão bem espremido, suas filhas deixaram a casca no canto das ruas.

— O mundo é infame — disse a viscondessa desafiando seu xale sem erguer os

olhos, pois estava atingida no seu íntimo pelas palavras que a sra. de Langeais lhe dissera ao contar essa história.

— Infame! Não — continuou a duquesa —, segue seu caminho, só isso. Se lhes falo assim é para mostrar que não me deixo ludibriar pelo mundo. Penso como você — disse apertando a mão da viscondessa. — O mundo é um lamaçal, tentemos nos manter nas alturas.

Levantou-se, beijou a sra. de Beauséant na testa dizendo-lhe:

— Você está muito bonita agora, minha cara. Tem as cores mais bonitas que já

vi.

Em seguida, saiu, depois de ter inclinado ligeiramente a cabeça ao olhar para o primo.

— O pai Goriot é sublime! — disse Eugène lembrando-se de tê-lo visto entortando seu vermeil de noite.

A sra. de Beauséant não ouviu, estava pensativa. Passaram-se uns momentos de silêncio, e o pobre estudante, por uma espécie de estupor envergonhado, não ousava ir embora, nem ficar, nem falar.

— O mundo é infame e mau — disse enfim a viscondessa. — Logo que uma desgraça nos acontece, sempre encontramos um amigo disposto a vir nos contá-la e a nos dissecar o coração com um punhal fazendo-nos admirar o cabo. Logo o sarcasmo, logo as zombarias! Ah! Hei de me defender. — Levantou a cabeça como a grande dama que era, e fagulhas saíram de seus olhos orgulhosos.  
— Ah!

— disse, vendo Eugène —, o senhor está aí!

— Ainda — ele disse, num estado lastimável.

— Pois bem, sr. de Rastignac, trate este mundo como ele merece sê-lo. Quer triunfar, vou ajudá-lo. Sondará como é profunda a

corrupção feminina, avaliará a amplitude da miserável vaidade dos homens. Embora eu tenha lido muito bem esse livro do mundo, havia páginas que me eram, porém, desconhecidas. Agora sei tudo. Quanto mais friamente calcular, mais longe irá. Bata sem piedade, e será temido. Só aceite os homens e as mulheres como cavalos de aluguel que deixará morrer em cada estalagem, assim chegará ao topo de seus desejos. Sabe, aqui não será nada se não tiver uma mulher que se interesse pelo senhor. Ela precisa ser jovem, rica, elegante. Mas, se tiver um sentimento verdadeiro, esconda-o como um tesouro; jamais deixe que desconfiem dele, pois estaria perdido. Não seria mais o carrasco, iria se tornar a vítima. Se algum dia amar, guarde bem seu segredo! Não o revele antes de ter sabido muito bem a quem abrirá o coração. Para reservar de antemão esse amor que ainda não existe, aprenda a desconfiar deste mundo. Escute-me bem, Miguel... (Ela se enganava ingenuamente de nome, sem se dar conta.) Existe alguma coisa de mais assustador que o abandono do pai por suas duas filhas, que gostariam de vê-lo morto? É a rivalidade de duas irmãs entre si. Restaud tem berço, a mulher dele foi adotada, foi apresentada; mas a irmã não é mais sua irmã; essas duas mulheres se renegam entre si como renegam o pai. Assim, a sra. de Nucingen lambeiria toda a lama que há entre a Rue Saint-Lazare e a Rue de Grenelle para entrar em meu salão. Acreditou que De Marsay a faria alcançar seu objetivo, e fez-se escrava de De Marsay, ela importuna De Marsay. De Marsay liga muito

pouco para ela. Se o senhor apresentá-la a mim, será seu Benjamim, ela o adorará. Ame-a, se puder, depois, senão sirva-se dela. Eu a verei uma ou duas vezes, em bailes de gala, quando houver muita gente; mas jamais a receberei pela manhã. Eu a cumprimentarei, isso será suficiente. O senhor fechou-se a porta da condessa por ter pronunciado o nome do pai Goriot. Sim, meu caro, se for vinte vezes à casa da sra. de Restaud, vinte vezes a encontrará ausente. Foi barrado. Pois bem, que o pai Goriot o introduza junto da sra. Delphine de Nucingen. A bela sra. de Nucingen será para si um reclame. Seja o homem que ela singulariza, as mulheres ficarão loucas pelo senhor. As rivais, as amigas, as melhores amigas quererão arrancá-lo dela. Há mulheres que amam o homem já escolhido por outra, assim como há pobres burguesas que, pegando nosso chapéu, esperam ter nossas maneiras. O senhor acumulará sucessos. Em Paris, o sucesso é tudo, é a chave do poder. Se as mulheres o acham com espírito, talento, os homens acreditarão, se não decepcioná-los. Então, poderá querer tudo, poderá pisar em toda parte. Então, saberá o que é a sociedade, uma reunião de palermas e vigaristas. Não se ponha entre uns nem entre outros. Dou-lhe meu sobrenome como um fio de Ariadne para entrar nesse labirinto. Não o comprometa — ela disse curvando o pescoço e dando um olhar de rainha para o estudante —, devolva-o limpo. Vá, deixe-me. Nós, mulheres, também temos nossas batalhas a travar.

— Se precisasse de um homem de boa vontade para pôr fogo numa mina... —

disse Eugène interrompendo-a.

— E então? — ela disse.

Ele bateu no coração, sorriu para o sorriso da prima e saiu. Eram cinco horas. Eugène estava com fome, temia não chegar a tempo para a hora do jantar. Esse temor o fez sentir a felicidade de ser rapidamente arrastado por Paris. Esse prazer puramente mecânico o deixou todo entregue aos pensamentos que o assaltavam. Quando um rapaz de sua idade é atingido pelo desprezo, exalta-se, enfurece, ameaça com os punhos a sociedade inteira, quer se vingar e também duvida de si mesmo. Rastignac estava naquele momento arrasado por estas palavras: “O senhor fechou-se a porta da condessa”. “Irei lá!”, pensou, “e se a sra. de Beauséant estiver certa, se eu for barrado... eu... a sra. de Restaud me encontrará em todos os salões aonde for. Aprenderei a manejar as armas, a atirar com pistola, matarei o seu Maxime! — E o dinheiro?”, gritava-lhe a sua consciência, “onde afinal o conseguirá?” De repente a riqueza exibida na casa da condessa de Restaud brilhou diante de seus olhos. Ali vira o luxo pelo qual uma srta. Goriot devia ser apaixonada, dourados, objetos de valor em evidência, o

luxo nada inteligente do arrivista, o desperdício da mulher sustentada. Essa imagem fascinante foi repentinamente esmagada pelo grandioso palacete de Beauséant. Sua imaginação, transportada para as elevadas regiões da sociedade parisiense, lhe inspirou mil pensamentos maus no coração, ampliando-lhe a mente e a consciência. Viu o mundo tal como ele é: as leis e a moral impotentes para os ricos, e viu na fortuna a ultima ratio mundi . 27 “Vautrin tem razão, a fortuna é a virtude!”, pensou consigo mesmo.

Chegando à Rue Neuve-Sainte-Geneviève, subiu depressa a seu quarto, desceu para dar dez francos ao cocheiro e foi para a sala de jantar nauseabunda, onde viu, como animais numa manjedoura, os dezoito hóspedes se saciando. O espetáculo daquelas misérias e o aspecto da sala lhe foram horríveis. A transição era demasiado brusca, o contraste, demasiado completo, para não desenvolver exageradamente nele a sensação da ambição. De um lado, as frescas e encantadoras imagens da natureza social mais elegante, figuras jovens, vivas, emolduradas pelas maravilhas da arte e do luxo, cabeças apaixonadas cheias de poesia; de outro, sinistros quadros rodeados de lama, e faces nas quais as paixões deixaram apenas suas cordas e seus mecanismos. Os ensinamentos que a cólera de uma mulher abandonada arrancara da sra. de Beauséant, suas ofertas capciosas voltaram-lhe à memória, e a miséria os

comentou. Rastignac resolveu abrir duas trincheiras paralelas para chegar à fortuna, apoiar-se na ciência e no amor, ser um sábio doutor e um homem na moda. Ainda era muito criança! Essas duas linhas são tão assíntotas que jamais conseguem se juntar.

— Está bem sombrio, senhor marquês — disse-lhe Vautrin, que lhe lançou um desses olhares pelos quais esse homem parecia se iniciar nos segredos mais ocultos do coração.

— Não estou mais disposto a tolerar as brincadeiras dos que me chamam de senhor marquês — ele respondeu. — Aqui, para ser verdadeiramente marquês, é preciso ter cem mil libras de renda, e quando se vive na Casa Vauquer não se é propriamente o favorito da Fortuna.

Vautrin olhou para Rastignac com ar paternal e de desprezo, como se tivesse

dito: “Pirralho!, dou cabo de você com uma dentada!”. Depois respondeu:

— Está de mau humor, porque talvez não tenha tido sucesso com a bela condessa de Restaud.

— Ela me fechou a porta por ter lhe dito que seu pai comia na nossa mesa —

exclamou Rastignac.

Todos os convivas se entreolharam. O pai Goriot baixou os olhos e se virou para enxugá-los.

— O senhor me jogou fumaça no olho — ele disse ao vizinho.

— A partir de agora quem humilhar o pai Goriot terá de me enfrentar — respondeu Eugène olhando para o vizinho do ex-macarroneiro —, ele vale mais que nós todos. Não falo das senhoras — disse virando-se para a srta. Taillefer.

Essa frase foi um desenlace, Eugène a proferira com uma expressão que impõe silêncio aos convivas. Só Vautrin lhe disse, escarnecendo:

— Para se responsabilizar pelo pai Goriot e se estabelecer como editor responsável por ele, é preciso saber manejar bem uma espada e atirar bem com a pistola.

— Assim farei — disse Eugène.

— Então entrou hoje em campanha militar?

— Talvez — respondeu Rastignac. — Mas não devo satisfação de meus negócios a ninguém, considerando que não procuro adivinhar o que os outros fazem durante a noite.

Vautrin olhou atravessado para Rastignac.

— Garoto, quem não quer ser tapeado pelas marionetes tem de entrar para valer na barraca, e não se contentar em olhar pelos buracos dos bastidores. Chega de conversa — acrescentou



vendo Eugène prestes a se descontrolar. — Teremos nós dois uma conversinha quando quiser.

O jantar ficou sombrio e frio. O pai Goriot, absorto pela profunda dor que a frase do estudante lhe causara, não entendeu que as disposições dos espíritos estavam mudadas a seu respeito, e que um rapaz em condições de impor silêncio à perseguição tomara sua defesa.

— Então o sr. Goriot — disse a sra. Vauquer baixinho — seria a essa altura o pai de uma condessa?

— E de uma baronesa — retrucou-lhe Rastignac.

— Ele não tem mais o que fazer — disse Bianchon a Rastignac —, examinei a cabeça dele: só tem uma protuberância, a da paternidade, será um Pai Eterno .

Eugène estava muito sério para achar graça na brincadeira de Bianchon. Queria

aproveitar os conselhos da sra. de Beauséant, e perguntava-se onde e como conseguiria dinheiro. Ficou preocupado ao ver as savanas do mundo que se estendiam diante de seus olhos, a um só tempo vazias e cheias; todos o deixaram sozinho na sala quando o jantar terminou.

— Então viu minha filha? — perguntou-lhe Goriot num tom emocionado. Despertado de sua meditação pelo homenzinho, Eugène pegou sua mão e,

contemplando-o com uma espécie de ternura, respondeu:

— O senhor é um homem bravo e digno. Conversaremos mais tarde sobre suas

filhas.

Levantou-se sem querer ouvir o pai Goriot, retirou-se para seu quarto, onde escreveu à mãe a seguinte carta:

Minha querida mãe, veja se não tem um terceiro seio a me oferecer. Estou em situação de fazer fortuna prontamente. Preciso de mil e duzentos francos, e necessito-os custe o que custar. Não diga nada de meu pedido a meu pai, talvez ele se opusesse, e se eu não tivesse esse dinheiro ficaria às voltas com um desespero que me levaria a dar um tiro na cabeça. Vou lhe explicar meus motivos assim que a vir, pois seria preciso lhe escrever volumes para fazê-la entender a situação em que estou. Não joguei, minha boa mãe, não devo nada; mas, se deseja conservar a vida que me deu, preciso encontrar essa quantia. Enfim, vou à casa da viscondessa de Beauséant, que me tomou sob sua proteção. Devo frequentar a sociedade, e não tenho um vintém para ter luvas limpas. Saberei comer apenas pão, beber apenas água, se

necessário jejuarei; mas não posso dispensar ferramentas com as quais se prepara o vinhedo aqui nesta terra. Trata-se para mim de abrir meu caminho ou permanecer na lama. Sei todas as esperanças que depositaram em mim, e quero realizá-las rapidamente. Minha boa mãe, venda algumas de suas antigas joias, breve as substituirei. Conheço bastante a situação de nossa família para saber apreciar esses sacrifícios, e você deve acreditar que não lhe peço para fazê-los em vão, do contrário eu seria um monstro. Não veja em meu pedido senão o grito de uma imperiosa necessidade. Nosso futuro está inteiro nesse subsídio, com o qual devo iniciar a batalha; pois essa vida de Paris é um combate perpétuo. Se, para completar a quantia, não houver outros recursos senão vender as rendas de minha tia, diga-lhe que lhe enviarei mais bonitas. Etc.

Escreveu a cada uma das irmãs pedindo-lhes suas economias, e, para arrancá-las sem que falassem em família do sacrifício que não deixariam de fazer com alegria, conquistou a delicadeza delas atacando as cordas da honra, que são tão bem esticadas e ressoam tão forte nos jovens corações. Quando escreveu essas cartas, sentiu porém uma trepidação involuntária: ele palpitava, estremecia. Esse jovem ambicioso conhecia a nobreza imaculada dessas almas ocultas na solidão, sabia das tristezas que causaria

às duas irmãs, e também quais seriam suas alegrias; com que prazer elas se entreteriam em segredo, no fundo do vinhedo, sobre aquele irmão bem-amado. Sua consciência ergueu-se luminosa e mostrou-lhe as duas avaliando em sigilo seu pequeno tesouro; viu-as, exibindo o gênio malicioso das moças para lhe enviar às escondidas aquele dinheiro, ensaiando uma primeira mentira para serem sublimes. “O coração de uma irmã é um diamante de pureza, um abismo de ternura!”, pensou. Envergonhava-se de ter escrito. Como seriam poderosos seus votos, como seria puro o ímpeto de suas almas em direção ao céu! Com que volúpias não se sacrificariam? Por qual dor seria atingida sua mãe, se não pudesse enviar toda a quantia! Esses belos sentimentos, esses tenebrosos sacrifícios iam lhe servir de escada para chegar a Delphine de Nucingen. Algumas lágrimas, últimos grãos de incenso jogados no altar sagrado da família, lhe saíram dos olhos. Andou para lá e para cá, numa agitação cheia de desespero. O pai Goriot, vendo-o assim por sua porta que ficara entreaberta, entrou e lhe disse:

— O que há, senhor?

— Ah! meu bom vizinho, ainda sou filho e irmão, como o senhor é pai. Tem razão de tremer pela condessa Anastasie, ela está com um sr. Maxime de Trailles, que a perderá.

O pai Goriot se retirou balbuciando umas palavras cujo sentido Eugène não captou. No dia seguinte, Rastignac foi levar suas cartas ao correio. Hesitou até o último momento, mas as lançou na caixa pensando: “Vencerei!”. A palavra do jogador, do grande capitão, palavra fatalista que perde mais homens do que salva. Dias depois, Eugène foi à casa da sra. de Restaud e não foi recebido. Três vezes retornou, mais três vezes encontrou a porta fechada, embora se apresentasse em horas em que o conde Maxime de Trailles não estivesse. A viscondessa estava certa. O estudante não estudou mais. Ia às aulas para responder à chamada, e, quando comprovava sua presença, dava no pé. Fizera o raciocínio que faz a maioria dos estudantes. Reservava seus estudos para quando se tratasse de fazer os exames; resolvera acumular as matrículas de segundo e terceiro ano, depois de aprender o direito seriamente e de uma só vez no último momento. Assim, tinha quinze meses de folga para navegar pelo oceano de Paris, para aí se entregar ao tráfico de mulheres ou pescar a fortuna. Durante aquela semana, viu duas vezes a sra. de Beauséant, a cuja casa só ia quando de lá saía a carruagem do marquês d’Ajuda. Por mais alguns dias essa ilustre mulher, a mais poética figura do Faubourg Saint-Germain, continuou a ser vitoriosa e conseguiu suspender o casamento da srta. de Rochefide com o marquês d’Ajuda- Pinto. Mas esses últimos dias, que o medo de perder a felicidade transformou nos mais ardentes de todos, iriam precipitar a catástrofe. O marquês d’Ajuda, de

comum acordo com os Rochefide, encarara essa desavença e essa reconciliação como uma feliz circunstância: esperavam que a sra. de Beauséant se acostumasse com a ideia daquele casamento e acabasse sacrificando suas manhãs a um futuro previsto na vida dos homens. Apesar das mais sagradas promessas renovadas todo dia, o sr. d’Ajuda representava, pois, o papel, e a viscondessa gostava de ser enganada. “Em vez de pular nobremente pela janela, ela se deixava rolar pelas escadas”, dizia a duquesa de Langeais, sua melhor amiga. No entanto, esses últimos clarões brilharam bastante tempo para que a viscondessa permanecesse em Paris e servisse a seu jovem parente, por quem tinha uma espécie de afeição supersticiosa. Eugène mostrara-se com ela cheio de dedicação e sensibilidade numa circunstância em que as mulheres não veem piedade nem consolo verdadeiro em nenhum olhar. Se então um homem lhes diz palavras doces, ele lhes diz por especulação.

No desejo de conhecer perfeitamente bem seu tabuleiro antes de tentar o

assalto à casa de Nucingen, Rastignac quis se informar sobre a vida pregressa do pai Goriot e recolheu informações seguras, que podem se resumir ao que se segue.

Jean-Joachim Goriot era, antes da Revolução, um simples operário macarroneiro, hábil, econômico e bastante empreendedor para ter comprado o negócio de seu patrão, que o

acaso tornou vítima do primeiro levante de 1789. Estabeleceram-se na Rue de la Jussienne, perto da Halle-aux-blés, e tiveram o grande bom senso de aceitar a presidência de sua seção, a fim de fazer seu comércio ser protegido pelas pessoas mais influentes dessa época perigosa. Essa sabedoria fora a origem de sua fortuna, que começou durante a epidemia de fome, falsa ou verdadeira, em seguida à qual os grãos alcançaram um altíssimo preço em Paris. O povo se matava à porta dos padeiros, ao passo que certas pessoas iam buscar sem tumulto massas da Itália nos armazéns. Durante aquele ano, 28 o cidadão Goriot amealhou os capitais que mais tarde lhe serviram para fazer seu comércio com toda a superioridade dada por um grande volume de dinheiro a quem o possui. Aconteceu-lhe o que acontece com todos os homens que têm uma capacidade apenas relativa. Sua mediocridade o salvou. Aliás, sua fortuna só sendo conhecida quando já não havia perigo em ser rico, ele não excitou a inveja de ninguém. O comércio dos grãos parecia ter absorvido toda a sua inteligência. Que se tratasse de trigo, farinhas, limpadura, de reconhecer suas qualidades, proveniências, de cuidar de sua conservação, prever as cotações, profetizar a abundância ou a penúria das colheitas, conseguir os cereais baratos, se abastecer na Sicília, na Ucrânia, não havia outro igual a Goriot. Ao vê-lo conduzir seus negócios, explicar as leis sobre a exportação, sobre a importação de grãos, estudar seu espírito, perceber seus

defeitos, um homem o teria julgado capaz de ser ministro de Estado. Paciente, ativo, enérgico, constante, rápido em suas expedições, tinha um olho de águia, antecipava tudo, previa tudo, sabia tudo, escondia tudo; diplomata para conceber, soldado para marchar. Saindo de sua especialidade, de sua simples e obscura loja em cuja soleira ficava durante suas horas de ociosidade, o ombro encostado no batente da porta, voltava a ser o operário estúpido e grosseiro, o homem incapaz de compreender um raciocínio, insensível a todos os prazeres do espírito, o homem que adormecia no espetáculo, um desses Dolibans 29 parisienses, competentes apenas em bobagens. Quase todas essas naturezas se parecem. Em quase todas vocês encontrariam um sentimento sublime no coração. Dois sentimentos exclusivos tinham enchido o coração do macarroneiro, absorvido todo o seu fluido, assim como o comércio dos grãos empregava toda a inteligência de seu cérebro. Sua mulher, filha única de um rico fazendeiro da Brie, foi para ele objeto de admiração religiosa, de um amor sem limites. Goriot admirara nela uma natureza frágil e forte, sensível e bonita, que contrastava vigorosamente com a sua. Se há um sentimento inato no coração do homem, não é o orgulho da proteção exercida a todo instante em favor de um ser fraco? Juntem a isso o amor, esse reconhecimento vivo de todas as almas francas pelo princípio de seus prazeres, e terão compreendido uma profusão de esquisitices morais. Depois de sete anos de felicidade sem



nuvens, Goriot, infelizmente para ele, perdeu a mulher: ela começava a exercer influência sobre ele, fora da esfera dos sentimentos. Talvez ela tivesse cultivado aquela natureza inerte, talvez tivesse jogado nela a percepção das coisas do mundo e da vida. Nessa situação, o sentimento da paternidade se desenvolveu em Goriot até as raias do desatino. Transferiu seus afetos traídos pela morte para as duas filhas, que, primeiro, satisfizeram plenamente todos os seus sentimentos. Por mais brilhantes que tivessem sido as propostas que lhe foram feitas por negociantes ou fazendeiros zelosos de lhe darem suas filhas, quis permanecer viúvo. Seu sogro, o único homem por quem tivera simpatia, pretendia saber perfeitamente que Goriot jurara não cometer infidelidade à mulher, mesmo morta. As pessoas da Halle, incapazes de entender aquela sublime loucura, fizeram pilhéria e deram a Goriot um apelido grotesco. O primeiro deles que, bebendo vinho no mercado, resolveu pronunciá-lo recebeu do macarroneiro um soco no ombro que o despachou, a cabeça em primeiro lugar, para um paralelepípedo da Rue Oblin. A dedicação impulsiva, o amor suscetível e delicado que Goriot tinha pelas filhas eram tão conhecidos que, certo dia, um de seus concorrentes, querendo que ele saísse do mercado para ficar dono do negócio, disse-lhe que Delphine acabara de ser atropelada por um cabriolé. O macarroneiro, pálido e assustado, logo saiu da Halle. Ficou doente vários dias, por causa da reação

dos sentimentos contrários em que lhe deixou esse alarme falso. Se não tascou seu tapa mortal no ombro daquele homem, o expulsou da Halle obrigando-o, numa circunstância crítica, a ir à falência. A educação das duas filhas foi, naturalmente, irracional. Rico, com mais de sessenta mil libras de renda, e só gastando mil e duzentos francos consigo, a felicidade de Goriot era satisfazer as fantasias das filhas: os professores mais excepcionais foram encarregados de dotá-las dos talentos que assinalavam uma boa educação; tiveram uma dama de companhia; felizmente para elas, foi uma mulher de espírito e de gosto; andavam a cavalo, tinham carro, viviam como teriam vivido as amantes de um velho cavalheiro rico; bastava-lhes expressar os mais caros desejos para ver o pai empenhando-se em realizá-los; ele só pedia uma carícia em troca de suas oferendas. Goriot punha as filhas no nível dos anjos, e necessariamente acima dele, o pobre homem! Gostava até do mal que lhe faziam. Quando as filhas chegaram à idade de se casar, puderam escolher o marido segundo seus gostos: cada uma devia ter como dote a metade da fortuna do pai. Cortejada por sua beleza pelo conde de Restaud, Anastasie tinha pendores aristocráticos que a levaram a sair da casa paterna para se lançar nas altas esferas sociais. Delphine gostava de dinheiro: casou-se com Nucingen, banqueiro de origem alemã que se tornou barão du Saint-Empire. Goriot continuou a ser macarroneiro. Suas filhas e seus genros logo se chocaram ao vê-lo continuar aquele comércio, embora

fosse toda a sua vida. Depois de aguentar por cinco anos as solicitações deles, aceitou retirar-se, com o produto de seu patrimônio e os lucros dos últimos anos; capital que a sra. Vauquer, com quem fora se instalar, estimara render de oito a dez mil libras de renda. Jogou-se naquela pensão devido ao desespero que o agarrara ao ver as duas filhas obrigadas pelos maridos a recusarem não só que morasse com elas como também que ali fosse recebido ostensivamente.

Essas informações eram tudo o que sabia um certo sr. Muret sobre o pai

Goriot, cujo negócio ele comprara. As suposições que Rastignac ouvira a duquesa de Langeais fazer estavam, assim, confirmadas. Aqui termina a exposição dessa obscura mas pavorosa tragédia parisiense.

Pelo fim dessa primeira semana do mês de dezembro, Rastignac recebeu duas cartas, uma da mãe, outra da irmã mais velha. Aquelas letras tão conhecidas o fizeram tanto palpitar de alegria como tremer de terror. Os dois papéis frágeis continham uma sentença de vida ou morte sobre suas esperanças. Se ele sentia certo terror ao se lembrar da angústia dos pais, percebera muito bem a predileção deles para não temer ter aspirado suas últimas gotas de sangue. A carta da mãe era assim escrita:

Meu querido filho, envio-lhe o que me pediu. Faça bom uso deste dinheiro, eu não conseguiria, quando se tratasse de salvar a sua vida, encontrar uma segunda vez quantia tão considerável sem que seu pai fosse informado, o que perturbaria a harmonia de nosso lar. Para obtê-la, seríamos obrigados a dar garantias sobre nossa terra. É-me impossível julgar o mérito de projetos que não conheço; mas, afinal, de que natureza são eles para levá-lo a ter receio de me contá-los? Essa explicação não requeria volumes, basta-nos, a nós mães, uma palavra, e essa palavra me teria evitado as angústias da incerteza. Eu não saberia esconder de você a impressão dolorosa que sua carta me causou. Meu querido filho, qual é então esse sentimento que o obrigou a jogar tamanho pavor em meu coração? Você deve ter sofrido bastante ao me escrever, pois sofri bastante ao lê-lo. Em que carreira se mete então? Sua vida, sua felicidade estariam ligadas a aparentar o que não é, a ver um mundo que não poderia frequentar sem fazer despesas de dinheiro que não consegue manter, sem perder um tempo precioso para seus estudos? Meu bom Eugène, acredite no coração de sua mãe, os caminhos tortuosos não levam a nada de grandioso. A paciência e a resignação devem ser as virtudes dos jovens que estão em sua posição. Não ralho com você, não gostaria de comunicar à nossa oferta nenhuma amargura. Minhas palavras são as da mãe tão confiante como

previdente. Se sabe quais são suas obrigações, eu sei como seu coração é puro, como suas intenções são excelentes. Assim, posso lhe dizer sem receio: Vá, meu bem-amado, ande! Tremo porque sou sua mãe; mas cada um de seus passos será ternamente acompanhado por nossos olhos e nossas bênçãos. Seja prudente, querido filho. Deve ser bem-comportado como um homem, o destino de cinco pessoas que lhe são caras repousa sobre sua cabeça. Sim, todas as nossas fortunas estão em você, assim como sua felicidade é a nossa. Nós todos rezamos a Deus para secundá-lo em suas iniciativas. Sua tia Marcillac foi, nessa circunstância, de uma bondade inaudita: chegou até a imaginar o que você me diz de suas luvas. Mas ela tem um fraco pelo mais velho, como me disse alegremente. Meu Eugène, ame muito sua tia, só lhe direi o que fez por você quando você vencer; do contrário, o dinheiro dela queimaria os seus dedos. Vocês, filhos, não sabem o que é sacrificar lembranças! Mas o que não sacrificaríamos? Ela me encarrega de lhe dizer que o beija na testa, e gostaria de lhe comunicar por esse beijo a força para você ser muito feliz. Essa boa e excelente mulher teria lhe escrito se não sofresse de gota nos dedos. Seu pai vai bem. A colheita de 1819 ultrapassa nossas esperanças. Adeus, querido filho. Nada direi de suas

irmãs: Laura lhe escreveu. Deixo a ela o prazer de tagarelar sobre os pequenos acontecimentos da família. Que o céu permita que você vença! Oh! Sim, vença, meu Eugène, você me fez conhecer uma dor profunda demais para que eu consiga suportá-la uma segunda vez. Eu soube o que era ser pobre, desejando a fortuna para dá-la a meu filho. Bem, adeus. Não nos deixe sem notícias, e receba aqui o beijo que sua mãe lhe envia.

Quando Eugène acabou de ler essa carta, estava em prantos, pensava no pai Goriot entortando seu vermeil e o vendendo para ir pagar a letra de câmbio da filha. “Sua mãe entortou as joias!”, ele pensava. “Sua tia com certeza chorou ao vender algumas de suas relíquias! Com que direito você amaldiçoaria Anastasie? Você acaba de imitar pelo egoísmo de seu futuro o que ela fez pelo amante! Quem, ela ou você, vale mais?” O estudante sentiu-se com as entranhas roídas por uma intolerável sensação de calor. Queria renunciar ao mundo, queria não pegar aquele dinheiro. Sentiu os nobres e belos remorsos secretos cujo mérito é raramente apreciado pelos homens quando julgam seus semelhantes, e quando costumam fazer os anjos do céu absolverem o criminoso condenado pelos juristas da Terra. Rastignac abriu a carta da irmã, cujas expressões inocentemente graciosas lhe refrescaram o coração.

Sua carta chegou bem a calhar, querido irmão. Agathe e eu queríamos empregar nosso dinheiro de tantas maneiras diferentes que já não sabíamos por qual compra nos decidir. Você fez como o empregado do rei da Espanha quando derrubou os relógios de seu senhor, você nos pôs de acordo. De verdade, estávamos constantemente brigando pelo nosso desejo ao qual daríamos preferência, e não tínhamos adivinhado, meu bom Eugène, o uso que incluía todos os nossos desejos. Agathe pulou de alegria. Em suma, ficamos como duas loucas durante todo o dia, a tal nível (estilo da tia) que mamãe nos dizia com seu ar severo: “Mas o que é que vocês têm, senhoritas?”. Se não ralhasse conosco um pouquinho, acho, teríamos ficado ainda mais contentes. Uma mulher deve ter bastante prazer em sofrer por quem ama! Só eu estava sonhadora e tristonha no meio de minha alegria. Serei sem dúvida uma má mulher, sou muito gastadeira. Eu havia comprado dois cintos, uma linda ponteira para furar os ilhoses de meus corpetes, umas bugigangas, de modo que tinha menos dinheiro do que essa gorda Agathe, que é econômica e acumula seus escudos como uma gralha. Ela tinha duzentos francos! Eu, meu pobre amigo, tenho apenas cinquenta escudos. Fui bem castigada, gostaria de jogar meu cinto no poço, sempre me será doloroso usá-lo. Roubei você. Agathe foi um encanto. Disse-me: “Enviemos os trezentos e cinquenta francos, nós duas!”. Mas não

resisti à vontade de lhe contar as coisas como aconteceram. Sabe como fizemos para obedecer às suas recomendações? Pegamos nosso glorioso dinheiro, fomos passear, nós duas, e, quando chegamos à estrada principal, corremos a Ruffec, onde muito simplesmente demos a quantia ao sr. Grimbert, que cuida do escritório dos Transportes Reais! Ao voltarmos, estávamos leves como andorinhas. “Será que a felicidade nos deixaria mais leves?”, me disse Agathe. Nós nos dissemos mil coisas que não vou repetir para você, senhor parisiense, de quem falamos muito. Oh! querido irmão, gostamos muito de você, em poucas palavras, é isso. Quanto ao segredo, segundo minha tia, figurinhas como nós são capazes de tudo, até de calar. Minha mãe foi misteriosamente a Angoulême com titia, e as duas guardaram o silêncio sobre a alta política da viagem, que não ocorreu sem longas conferências das quais fomos banidas, bem como o senhor barão. Grandes conjecturas ocupam os espíritos no Estado de Rastignac. O vestido de musselina salpicado de flores de crivo que as infantas bordam para sua majestade a rainha avança no mais profundo sigilo. Só restam duas larguras a fazer. Ficou decidido que não se faria um muro do lado de Verteuil, haverá uma cerca. O povinho miúdo perderá frutas e espaldeiras, mas ganharemos uma bela vista para os estrangeiros. Se o herdeiro presuntivo tiver necessidade de lenços, fica avisado que a viúva rica de Marcillac, remexendo em seus tesouros e malas, designadas pelo nome de Pompeia e Herculano, descobriu uma



peça de belo linho de Holanda, que ela não sabia que tinha; as princesas Agathe e Laure põem às vossas ordens sua linha, agulha, e mãos sempre um pouco vermelhas demais. Os dois jovens

príncipes dom Henri e dom Gabriel conservaram o funesto hábito de se empanturrarem de compota de uvas, de deixarem suas irmãs furiosas, de não quererem aprender nada, de se divertirem desalojando pássaros dos ninhos, de fazerem algazarra e de cortar, apesar das leis do Estado, o vime para fazer chicotes. O núncio do papa, vulgarmente chamado senhor cura, ameaça excomungá-los se continuarem a trocar os santos cânones da gramática pelos cânones do sabugueiro belicoso. Adeus, querido irmão, nunca uma carta levou tantos votos feitos para a sua felicidade, nem tanto amor satisfeito. Portanto, terá muitas coisas a nos dizer quando chegar! Você me dirá tudo, a mim, sou a mais velha. Titia nos deixou supor que você estava tendo êxitos na sociedade.

Fala-se de uma dama e cala-se sobre o resto.

Conosco, entenda-se! Mas diga, Eugène, se quisesse poderíamos dispensar os lenços e faríamos camisas para você. Responda-me depressa a respeito. Se precisasse prontamente de belas camisas

bem cosidas, seríamos obrigadas a começar de imediato; e, se houvesse em Paris modelos que não conhecêssemos, você nos mandaria um molde, sobretudo para os punhos. Adeus, adeus! Beijo-o na frente do lado esquerdo, na têmpera que me pertence exclusivamente. Deixo a outra folha para Agathe, que me prometeu nada ler do que eu lhe digo. Porém, para ter mais certeza, ficarei perto dela enquanto escreve. Sua irmã que o ama.

#### LAURE DE RASTIGNAC

“Ah! sim”, pensou Eugène, “sim, a fortuna a qualquer preço! Tesouros não pagariam essa dedicação. Gostaria de lhes levar todas as felicidades juntas. Mil quinhentos e cinquenta francos!”, disse para si mesmo depois de uma pausa. “Cada moeda deve dar resultado! Laure tem razão. Ah, essas mulheres! Só tenho camisas de pano grosso. Pela felicidade de outro, uma moça se torna tão esperta quanto um ladrão. Inocente para ela e previdente para mim, é como o anjo do céu que perdoa as faltas da Terra sem compreendê-las.”

O mundo era dele! Já seu alfaiate tinha sido convocado, sondado, conquistado. Ao ver o sr. de Trailles, Rastignac entendera a influência que os alfaiates exercem na vida dos jovens.

Infelizmente, não existe média entre esses dois termos: um alfaiate é um inimigo mortal ou um amigo dado pela fatura! 30

Eugène encontrou no seu um homem que entendera a paternidade de seu comércio, e que se considerava um traço de união entre o presente e o futuro dos jovens. Assim, Rastignac, grato, fez a fortuna desse homem por uma dessas tiradas com que, mais tarde, ele brilharia:

— Conheço — dizia — duas calças dele que fizeram casamentos de vinte mil libras de renda.

Mil e quinhentos francos e roupas à vontade! Naquele momento o pobre meridional não duvidou de mais nada, e desceu para o almoço com o ar indefinível que dá a um rapaz a posse de uma quantia qualquer. No instante em que o dinheiro desliza para o bolso de um estudante, ergue-se nele mesmo uma coluna fantástica na qual se apoia. Anda melhor que antes, sente-se um ponto de apoio para sua alavanca, tem o olhar pleno, direto, os movimentos ágeis; na véspera, humilde e tímido, teria recebido golpes; no dia seguinte, os daria a um primeiro-ministro. Passam-se nele fenômenos incríveis: quer tudo e pode tudo, deseja a torto e a direito, é alegre, generoso, expansivo. Enfim, o pássaro outrora sem asas reencontrou sua envergadura. O estudante sem dinheiro abocanha uma gota de prazer assim como um cão que rouba um osso, depois de mil perigos, quebra-o, chupa seu tutano e corre mais; mas o jovem que sacode em seu bolso do colete umas

fugazes moedas de ouro degusta seus prazeres, conta-as, balança-se no céu, já não sabe o que significa a palavra “miséria”. Paris inteira lhe pertence. Idade em que tudo é brilhante, em que tudo cintila e flameja! Idade de força alegre que ninguém aproveita, nem o homem nem a mulher! Idade das dívidas e dos profundos temores que decuplicam todos os prazeres! Quem não frequentou a margem esquerda do Sena, entre a Rue Saint-Jacques e a Rue des Saint-Pères, nada conhece da vida humana! “Ah! se as mulheres de Paris soubessem”, pensava Rastignac devorando as peras cozidas, a um vintém cada, servidas pela sra. Vauquer, “elas viriam ser amadas aqui!” Nesse momento, um carteiro dos Transportes Reais se apresentou na sala de jantar, depois de ter tocado à porta de postigo. Perguntou pelo sr. Eugène de Rastignac, a quem entregou duas sacolas e um registro para assinar. Rastignac foi então vergastado como por uma chicotada pelo olhar profundo que Vautrin lhe lançou.

— Terá como pagar as aulas de armas e as sessões de tiro — disse-lhe aquele homem.

— Os galeões chegaram — disse-lhe a sra. Vauquer olhando para as sacolas.

A srta. Michonneau temeu jogar os olhos sobre o dinheiro, receando mostrar sua cobiça.

— O senhor tem uma boa mãe — disse a sra. Couture.

— O cavalheiro tem uma boa mãe — repetiu Poiret.

— É, a mamãe se sangrou — disse Vautrin. — Agora pode fazer suas farras, frequentar a sociedade, pescar dotes, dançar com condessas que têm flores de pessegueiro no cabelo. Mas acredite em mim, rapaz, aprenda a atirar.

Vautrin fez o gesto de um homem que visa seu adversário.

Rastignac quis dar uma gorjeta ao carteiro e não encontrou nada no bolso. Vautrin vasculhou o seu e jogou vinte vinténs para o homem.

— Você tem bom crédito — retrucou, olhando para o estudante.

Rastignac foi obrigado a agradecer, embora desde as palavras asperamente trocadas, no dia em que voltara da casa da sra. de Beuséant, aquele homem lhe fosse insuportável. Durante aqueles oito dias Eugène e Vautrin tinham ficado silenciosamente em presença, e se observavam um ao outro. O estudante se perguntava, em vão, por quê. Talvez as ideias se projetassem em razão direta da força com que são concebidas, e fossem bater ali para onde o cérebro as envia, por uma lei matemática comparável à que dirige as bombas ao saírem do moinho. Diversos são os efeitos disso. Se há naturezas ternas em que as

ideias se alojam e que elas destroem, há também naturezas vigorosamente guarnecidas, crânios com bastiões de bronze contra os quais as vontades dos outros se esmagam e caem como balas diante de uma muralha; e também há naturezas frouxas e algodoadas em que as ideias alheias vão morrer como balas de canhão que amortecem na terra mole das fortificações. Rastignac tinha uma dessas cabeças cheias de pólvora que explodem ao menor choque. Era demasiado vivaz e jovem para não ser acessível a essa projeção de ideias, a esse contágio dos sentimentos de que tantos fenômenos estranhos nos atingem sem nos darmos conta. Sua visão moral tinha o alcance lúcido de seus olhos de lince. Cada um de seus duplos sentidos possuía essa extensão misteriosa, essa flexibilidade de ir e voltar que nos maravilha nas pessoas superiores, esgrimistas hábeis em captar o defeito de todas as couraças. Aliás, fazia um mês que se desenvolvera em Eugène tantas qualidades quanto defeitos. Seus defeitos, a sociedade e a realização de seus crescentes desejos os suscitaram. Entre suas qualidades estava essa vivacidade meridional que faz ir direto à dificuldade para resolvê-la, e que não permite a um homem de além-Loire permanecer numa incerteza qualquer; qualidade que as pessoas do Norte chamam de defeito: para elas, se isso foi a origem da fortuna de Murat, foi também a causa de sua morte. 31 Daí se deveria concluir que, quando um meridional sabe unir a astúcia do Norte à audácia de além-Loire, é completo e acaba sendo rei da

Suécia. 32 Rastignac não podia, portanto, ficar muito tempo sob o fogo das baterias de Vautrin sem saber se

aquele homem era seu amigo ou inimigo. De quando em quando, parecia-lhe que aquele personagem singular penetrava em suas paixões e lia em seu coração, ao passo que nele tudo era tão bem fechado que aparentava ter a profundidade imóvel de uma esfinge que sabe e vê tudo mas nada diz. Sentindo-se com o bolso bem recheado, ele se amotinou.

— Dê-me o prazer de esperar — disse a Vautrin, que se levantava para sair, depois de ter saboreado os últimos goles de seu café.

— Por quê? — perguntou o quarentão pondo seu chapéu de abas largas e pegando uma bengala de ferro com a qual costumava fazer círculos, como homem que não temeria ser assaltado por quatro ladrões.

— Vou lhe pagar — continuou Rastignac, que prontamente abriu uma sacola e contou cento e quarenta francos para a sra.

Vauquer. — Boas contas fazem bons amigos — disse à viúva. — Estamos quites até a São Silvestre. Troque-me estes cem vinténs.

— Bons amigos fazem boas contas — repetiu Poiret olhando para Vautrin.

— Aqui estão vinte vinténs — disse Rastignac entregando uma moeda à esfinge de peruca.

— Até parece que tem medo de me dever alguma coisa! — exclamou Vautrin, afundando um olhar adivinhador na alma do rapaz, para quem deu um desses sorrisos zombeteiros e diogênicos 33 com que Eugène estivera prestes a se zangar cem vezes.

— Mas... é — respondeu o estudante, que segurava na mão as duas sacolas e se levantara para subir até seu quarto.

Vautrin saía pela porta que dava para o salão, e o estudante se preparava para sair por aquela que dava para o patamar da escada.

— Saiba, sr. marquês de Rastignacorama, que o que me diz não é exatamente cortês — disse então Vautrin chicoteando a porta do salão e se dirigindo ao estudante, que o olhou friamente.

Rastignac fechou a porta da sala de jantar, levando Vautrin para o pé da

escada, até o patamar que separava a sala de jantar da cozinha, onde havia uma porta maciça que dava para o jardim e tendo ao alto uma vidraça comprida com grades de ferro. Ali, o estudante disse na frente de Sylvie, que surgiu de sua cozinha:

— Monsieur Vautrin, não sou marquês, e não me chamo Rastignacorama.



— Eles vão se duelar — disse a srta. Michonneau com uma expressão indiferente.

— Duelar-se! — repetiu Poiret.

— Que nada — respondeu a sra. Vauquer acariciando sua pilha de escudos.

— Mas estão indo para debaixo das tílias — gritou a srta. Victorine levantando-se para olhar o jardim. — Aquele pobre rapaz tem razão.

— Vamos subir, minha queridinha — disse a sra. Couture —, esses negócios não nos dizem respeito.

Quando a sra. Couture e Victorine se levantaram, encontraram na porta a gorda

Sylvie, que lhes barrou a passagem.

— Mas que que há afinal? — ela perguntou. — O sr. Vautrin disse para o sr. Eugène: “Vamos nos entender!”. Aí ele o pegou pelo braço e olhem lá eles andando em cima das nossas alcachofras.

Nesse instante Vautrin apareceu.

— Mãe Vauquer — disse sorrindo —, não se apavore com coisa nenhuma, vou testar minhas pistolas debaixo das tílias.

— Ah! senhor — disse Victorine juntando as mãos —, por que quer matar o sr. Eugène?

Vautrin deu dois passos atrás e contemplou Victorine.

— É outra história — exclamou num tom brincalhão que fez a pobre moça enrubescer. — Esse rapaz aí é muito bonzinho, não é? — continuou. — A senhorita está me dando uma ideia. Farei a felicidade de vocês dois, minha bela menina.

A sra. Couture pegara sua pupila pelo braço e a arrastara dizendo-lhe ao ouvido:

— Mas Victorine, esta manhã você está impossível.

— Não quero que disparem tiros de pistola na minha casa — disse a sra. Vauquer. — Não vá assustar toda a vizinhança e trazer a polícia a esta hora!

— Que nada, calma, mamãe Vauquer — respondeu Vautrin. — Não, não, tranquilinhos, nós iremos ao tiro. — Foi encontrar Rastignac, que pegou com intimidade pelo braço: — Se eu lhe tivesse provado que a trinta e cinco passos meto cinco vezes seguidas minha bala num ás de espadas — ele lhe disse —, isso não tiraria a sua coragem. Parece-me um pouco raivoso, e se deixaria matar como um imbecil.

— Está recuando — disse Eugène.

— Não me esquente a bÍlis — respondeu Vautrin. — Esta manhã não faz frio, vamos nos sentar ali — disse mostrando as cadeiras pintadas de verde. — Lá ninguém nos ouvirá. Temos que conversar.

Você é um bom rapazote e não lhe quero mal. Gosto de você, palavra de Enganad... (diachos!), palavra de Vautrin. Vou lhe dizer por que gosto de você. Entretanto, conheço-o como se o tivesse feito, e vou lhe provar. Ponha suas sacolas aí — continuou, mostrando-lhe a mesa redonda.

Rastignac pôs seu dinheiro em cima da mesa e sentou-se, vítima de uma curiosidade resultante, no mais alto grau, da mudança súbita operada nas maneiras daquele homem que, depois de ter falado em matá-lo, posava de seu protetor.

— Gostaria de saber quem eu sou, o que fiz ou o que faço — prosseguiu Vautrin. — Você é muito curioso, meu filho. Bem, calma. Vai ouvir muitas histórias! Conheci desgraças. Primeiro me ouça, e me responderá depois. Aqui está minha vida pregressa em poucas palavras. Quem sou eu? Vautrin. Que faço? O que me agrada. Passemos. Quer conhecer meu caráter? Sou bom com aqueles que me fazem o bem ou cujo coração fala ao meu. Para esses tudo é permitido, podem me dar pontapés nos ossos das pernas sem que eu lhes diga: “Tomem cuidado!”. Mas, macacos me mordam! Sou malvado como o diabo com os que me importunam ou com aqueles que não engulo. E é bom que fique sabendo que me preocupo tanto em matar um homem como com isso! — disse lançando um jato de cuspe. — Só que me esforço para matar com limpeza, quando é absolutamente necessário. Sou o que chamam de artista. Li as Memórias de Benvenuto

Cellini, sim senhor, eu mesmo, e em italiano, para completar! Aprendi com esse homem, que era um tremendo sujeito, a imitar a Providência que nos mata a torto e a direito, e a amar o belo em qualquer lugar onde se encontre. Aliás, não é uma bela partida a jogar essa de estar só contra todos os homens e ter sorte? Refleti bastante sobre a constituição atual de sua desordem social. Meu filho, o duelo é uma brincadeira de criança, uma bobagem. Quando, de dois homens vivos, um deve desaparecer, é preciso ser imbecil para se entregar ao acaso. O duelo? Cara ou coroa! É isso. Meto cinco balas seguidas num ás de espadas reenfiando cada nova bala uma em cima da outra, e para completar a trinta e cinco passos! Quando se é dotado desse talentozinho, pode-se ter certeza de matar um homem. Pois bem, atirei num homem a vinte passos e não acertei. O engraçadinho nunca na vida tinha manejado uma pistola. Veja! — disse esse homem extraordinário desabotoando o colete e mostrando o peito peludo como o dorso de um urso mas coberto por um pelame ruivo que causava um certo nojo mesclado de pavor —, aquele pirralho me queimou o pelo — acrescentou pondo o dedo de Rastignac num buraco que tinha no peito. — Mas naquele tempo eu era uma criança, tinha a sua idade, vinte e um anos. Ainda acreditava em alguma coisa, no amor de uma mulher, num monte de besteiras nas quais você vai se enrolar. Nós teríamos nos duelado, não é verdade? Você

poderia ter me matado. Suponha que eu estivesse no chão, onde você estaria? Teria de dar no pé, ir para a Suíça, comer o dinheiro do papai, que não o tem. Vou lhe esclarecer, eu, a posição em que está; mas vou fazê-lo com a superioridade de um homem que, depois de ter examinado as coisas deste mundo, viu que só havia duas decisões a tomar: ou uma obediência estúpida ou a revolta. Não obedeço a nada, está claro? Sabe de quanto precisa, no ritmo em que está indo? Um milhão, e depressa; sem o quê, com nossa cabecinha, poderíamos flunar entre as redes de Saint-Cloud, 34 para ver se existe um Ser supremo. Esse milhão, eu vou lhe dar. — Fez uma pausa olhando para Eugène.

— Ah! Ah! Está fazendo uma cara melhor para o seu papaizinho Vautrin! Ao ouvir essa palavra, ficou como uma mocinha a quem se diz: “Até à noite”, e que se arruma toda lambendo-se como um gato que bebe leite. Ainda bem! Ora essa! A nós dois! Eis a sua conta, rapaz. Temos, lá longe, papai, mamãe, tia-avó, duas irmãs (dezoito e dezessete anos), dois irmãozinhos (quinze e dez anos), esta é a lista de controle da tripulação. A tia educa suas irmãs. O cura vai ensinar latim aos dois irmãos. A família come mais mingau de castanhas do que pão branco, o papai economiza as calças, mamãe se dá apenas um vestido de inverno e um vestido de verão, nossas irmãs fazem o que podem. Eu sei tudo, estive no Sul. As coisas são assim na sua casa, se lhe enviam mil e duzentos

francos por ano, e se a sua terrinha só rende três mil francos. Temos uma cozinheira e um empregado, é preciso manter o decoro, papai é barão. Quanto a nós, temos ambição, temos os Beauséant como aliados e andamos a pé, queremos fortuna e não temos um tostão, comemos os ensopadinhos da mamãe Vauquer e gostamos dos belos jantares do Faubourg Saint-Germain, dormimos num catre e queremos um palacete! Não critico as suas vontades. Ter ambição, meu benzinho, não é dado a todos. Pergunte às mulheres quais homens procuram, são os ambiciosos. Os ambiciosos têm os rins mais fortes, o sangue mais rico em ferro, o coração mais quente que os outros homens. E a mulher fica tão feliz e tão bela nas horas em que é forte, que ela prefere a todos os homens aquele cuja força é enorme, ainda que se arriscando a ser quebrada por ele. Faço o inventário dos seus desejos a fim de lhe formular a pergunta. Essa pergunta, ei-la. Temos uma fome de lobo, nossos dentinhos são afiados, como faremos para abastecer a marmitta? Temos primeiro o Código para comer, não é divertido, e não ensina nada; mas é preciso. Vá lá. Viramos advogados, para nos tornarmos presidente de um tribunal do júri, mandar os pobres-diabos que valem mais que nós com um TF 35 no ombro, a fim de provar aos ricos que podem dormir em paz. Primeiro, dois anos mofando em Paris, olhando, sem poder tocar, as gulodices que adoramos. É

cansativo desejar o tempo todo sem nunca se satisfazer. Se você fosse pálido e da natureza dos moluscos, não teria nada a temer; mas temos o sangue febril dos leões e um apetite para fazer vinte besteiras por dia. Portanto, sucumbirá a esse suplício, o mais horrível que vimos no inferno do bom Deus. Admitamos que seja comportado, que beba leite e faça elegias; generoso como é, terá de começar, depois de muitos aborrecimentos e privações de deixar raivoso um cão, por tornar-se o substituto de algum sujeitinho, num buraco de cidade onde o governo lhe jogará mil francos de ordenado, assim como se joga uma sopa a um dogue de açougueiro. Lata diante dos ladrões, defenda o rico, mande guilhotinar pessoas bondosas. Que remédio! Se não tiver proteções, apodrecerá no seu tribunal de província. Por volta dos trinta anos, será juiz com mil e duzentos francos por ano, se ainda não tiver jogado fora sua toga. Quando chegar aos quarenta, se casará com alguma filha de moleiro, rica, com cerca de seis mil libras de renda. Obrigado. Tenha pistolões, e será procurador do rei aos trinta anos, com mil escudos de ordenado, e se casará com a filha do prefeito. Se fizer algumas dessas pequenas baixezas políticas, como ler numa cédula eleitoral Villèle em vez de Manuel (dá rima, deixa a consciência em paz), será, aos quarenta anos, procurador-geral, e poderá se tornar deputado. Repare, meu caro menino, que teremos dado uns arranhões na nossa conscienciazinha, que teremos tido vinte anos de aborrecimentos, de misérias secretas, e que nossas irmãs terão

ficado para titia. Tenho a honra de fazê-lo observar, além disso, que só há vinte procuradores-gerais na França, e que vocês são vinte mil aspirantes ao posto, entre os quais se encontram farsantes que venderiam a família para subir um degrau. Se a profissão o repugna, vejamos outra coisa. O barão de Rastignac quer ser advogado? Ah! beleza. É preciso penar por dez anos, gastar mil francos por mês, ter uma biblioteca, um gabinete, frequentar a sociedade, beijar a toga de um procurador para conseguir causas, varrer o tribunal com a língua. Se essa profissão o levasse a bom porto, eu não diria não; mas encontre-me em Paris cinco advogados que, aos cinquenta anos, ganham mais de cinquenta mil francos por ano? Ora! mais do que me enfraquecer assim a alma, eu preferiria virar corsário. Aliás, onde pegar os escudos? Nada disso é engraçado. Temos um recurso no dote de uma mulher. Quer se casar? Será colocar uma pedra no pescoço; além do mais, na hipótese de se casar por dinheiro, onde vão parar nossos sentimentos de honra, nossa nobreza? Melhor começar hoje a sua revolta contra as convenções humanas. Não seria nada deitar-se como uma serpente diante de uma mulher, lambe os pés da mãe, fazer baixezas de dar nojo a uma porca, bergh!, se ao menos encontrasse a felicidade. Mas será infeliz como as pedras de esgoto com uma mulher que tiver desposado assim. Ainda mais vale guerrear com os homens do que lutar com a



mulher. É essa a encruzilhada da vida, rapaz, escolha. Já escolheu: foi à casa de nossa prima de Beauséant, e lá farejou o luxo. Foi à casa da sra. de Restaud, a filha do pai Goriot, e lá farejou a parisiense. Naquele dia voltou com uma palavra escrita na testa, e que eu soube ler muito bem: “Vencer!”. Vencer a qualquer preço. Bravo!, pensei, aí está um rapaz que me cai bem. Precisou de dinheiro. Onde pegá-lo? Sangrou as irmãs. Todos os irmãos ludibriam mais ou menos as irmãs. Os seus mil e quinhentos francos arrancados, Deus sabe como!, numa terra onde se encontram mais castanhas que moedas de cem vinténs, vão sumir como soldados na hora da pilhagem! Depois, o que fará? Trabalhará? O trabalho, compreendido como o compreende agora, dá, nos velhos dias, um apartamento na pensão de mamãe Vauquer a uns sujeitos do naipe de Poiret. Uma rápida fortuna é o problema que neste momento se propõem a resolver cinquenta mil jovens que se encontram, todos, na sua situação. Você é uma unidade dessa soma. Considere os esforços que tem de fazer e a sanha do combate. Terão de comer uns aos outros como aranhas dentro de um pote, considerando que não há cinquenta mil bons cargos. Sabe como se abre caminho aqui? Pelo brilho do gênio ou pela habilidade da corrupção. É preciso entrar nessa massa de homens como uma bala de canhão, ou aí se esgueirar como uma peste. A honestidade não serve para nada. As pessoas se dobram sob o poder do gênio, odeiam-no, tentam caluniá-lo, porque ele pega sem dividir; mas se dobram

se ele persiste; em suma, o adoram de joelhos quando não conseguiram enterrá-lo na lama. A corrupção é copiosa, o talento é raro. Assim, a corrupção é a arma da mediocridade que abunda, e você sentirá por toda parte sua pontada. Verá mulheres cujos maridos têm seis mil francos de ordenado como única renda, e que gastam mais de dez mil francos com suas toaletes. Verá empregados com mil e duzentos francos comprarem terras. Verá mulheres se prostituírem para andar na carruagem do filho de um par da França, que pode correr em Longchamp pela pista do meio. Você viu o pobre idiota do pai Goriot obrigado a pagar a letra de câmbio endossada pela filha, cujo marido tem cinquenta mil libras de renda. Desafio-o a dar dois passos em Paris sem encontrar trapaças infernais. Eu apostaria minha cabeça por um pé desta alface que você vai cair num vespeiro com a primeira mulher que lhe agrada, se for rica, bonita e jovem. Todas estão presas às leis, em guerra com o marido a respeito de tudo. Eu não acabaria nunca se tivesse de lhe explicar as tramoias que se fazem por causa de amantes, de roupas, de filhos, pelo lar ou pela vaidade, raramente por virtude, esteja certo. Assim, o homem honesto é o

inimigo comum. Mas o que pensa que é um homem honesto? Em Paris, o homem honesto é aquele que se cala e se recusa a dividir. Não lhe falo desses pobres hilotas que em toda parte fazem sua labuta sem jamais ser recompensados por seus

trabalhos, e que eu chamo de confraria dos chinelos do bom Deus. Sem dúvida, aí está a virtude em toda a flor de sua idiotice, mas aí está a miséria. Vejo daqui a careta dessa brava gente se Deus nos fizesse a brincadeira de mau gosto de se ausentar do juízo final. Portanto, se quer a fortuna prontamente, é preciso já ser rico ou parecê-lo. Para enriquecer, trata-se aqui de armar grandes jogadas; do contrário, é afanar, e passe bem. Se nas cem profissões que puder abraçar houver dez homens que vencerem depressa, o público os chamará de ladrões. Tire suas conclusões. Eis a vida como ela é. Isso não é mais bonito que a cozinha, fede da mesma maneira, e temos que sujar as mãos se quisermos nos deliciar; saiba pelo menos limpar-se direito: aí está toda a moral de nossa época. Se lhe falo assim do mundo, é porque ele me deu esse direito, eu o conheço. Pensa que o recrimino? De jeito nenhum. Ele sempre foi assim. Os moralistas jamais o mudarão. O homem é imperfeito. Às vezes é mais ou menos hipócrita, e então os tolos dizem que tem ou não tem bons costumes. Não acuso os ricos em favor do povo: o homem é o mesmo no alto, embaixo, no meio. Encontram-se para cada milhão desse gado superior dez sujeitos que se põem acima de tudo, até mesmo das leis: sou um deles. Você, se for um homem superior, ande em linha reta e de cabeça erguida. Mas será preciso lutar contra a inveja, a calúnia, a mediocridade, contra todo mundo. Napoleão encontrou um ministro da Guerra que se chamava Aubry, e que quase o mandou para as colônias. Sonde-se! Veja se poderá se levantar todas as

manhãs com mais vontade do que tinha na véspera. Nessa conjuntura, vou lhe fazer uma proposta que ninguém recusaria. Ouça bem. Eu, sabe, tenho uma ideia. Minha ideia é ir viver a vida patriarcal no meio de uma grande propriedade, cinquenta mil hectares, por exemplo, nos Estados Unidos, no Sul. Quero virar fazendeiro, ter escravos, ganhar uns bons milhõezinhos vendendo meus bois, meu fumo, minhas madeiras, vivendo como um soberano, fazendo minhas vontades, levando uma vida inconcebível aqui, onde a gente se esconde numa toca de gesso. Sou um grande poeta. Minhas poesias, não as escrevo; consistem em ações e sentimentos. Possuo neste momento cinquenta mil francos que me dariam apenas quarenta negros. Preciso de duzentos mil francos, porque quero duzentos negros, a fim de satisfazer meu gosto pela vida patriarcal. Negros, sabe?, são filhos já prontos com os quais fazemos o que queremos, sem que um curioso procurador do rei chegue lhe pedindo satisfação. Com esse capital negro, em dez anos terei três ou quatro milhões. Se eu vencer, ninguém me perguntará: “Quem é você?”. Serei o sr. Quatro-Milhões, cidadão dos Estados Unidos. Terei cinquenta anos, ainda não estarei podre, me divertirei a meu modo. Em poucas palavras, se eu lhe conseguir um dote de um milhão, você me dará duzentos mil francos? Vinte por cento de comissão, hein!, é muito alto? Você se fará amar por sua mulherzinha. Uma vez casado, manifestará inquietações,

remorsos, bancará o triste durante quinze dias. Uma noite, depois de algumas macaquices, declarará à sua mulher, entre um beijo e outro, duzentos mil francos de dívidas, dizendo-lhe: “Meu amor!”. Esse vaudeville é representado todos os dias pelos rapazes mais distintos. Uma jovem mulher não recusa sua bolsa àquele que lhe toma o coração. Pensa que perderá com isso? Não. Dará um jeito de ganhar novamente seus duzentos mil francos num negócio. Com seu dinheiro e seu espírito, amearará uma fortuna tão considerável quanto puder desejá-la. Ergo, terá feito, em seis meses, a sua felicidade, a de uma mulher adorável e a do seu papai Vautrin, sem contar a de sua família, que sopra nos dedos, durante o inverno, por falta de lenha. Não se espante com o que lhe proponho nem com o que lhe peço! De sessenta belos casamentos que acontecem em Paris, há quarenta e sete que dão lugar a combinações semelhantes. A Câmara dos Notários forçou o cavalheiro...

— O que devo fazer? — disse avidamente Rastignac, interrompendo Vautrin.

— Quase nada — respondeu aquele homem, deixando escapar um gesto de alegria parecido com a surda expressão de um pescador que sente o peixe na ponta da linha. — Ouça-me bem! O coração de uma pobre moça infeliz e miserável é a esponja mais ávida a se encher de amor, uma esponja seca que se dilata assim que ali cai uma gota de sentimento. Cortejar uma

jovem que se acha em condições de solidão, desespero e pobreza sem que ela desconfie de sua fortuna futura! valha-me!, é uma trinca e um par na mão, é saber os números premiados na loteria, é jogar com as ações conhecendo as notícias. Você construirá um casamento sobre pilótis, um casamento indestrutível. Milhões virão para essa jovem, ela os jogará a seus pés, como se fossem pedras. “Tome, meu bem-amado! Tome, Adolphe! Alfred! Tome, Eugène!”, dirá se Adolphe, Alfred ou Eugène tiveram a boa inteligência de se sacrificar por ela. O que entendo por sacrifícios é vender uma velha casaca a fim de ir ao Cadran-Bleu comerem juntos uma torta de cogumelo; de lá, à noite, para o Ambigu-Comique; é pôr seu relógio no prego para lhe dar um xale. Não lhe falo das garatujas do amor nem das bobices a que as mulheres tanto se apegam, como por exemplo espalhar gotas d’água no papel de carta como se fossem lágrimas quando estamos longe delas: você tem cara de conhecer perfeitamente o jargão do coração. Paris, veja, é como uma floresta do Novo Mundo, na qual se agitam vinte espécies de tribos selvagens, os Illinois, os Hurões, que vivem do produto dado pelas diferentes caças sociais; você é um caçador de milhões. Para pegá-los, use armadilhas, alçapões, chamarizes. Há várias maneiras de caçar. Uns caçam o dote; outros caçam o momento de liquidar as ações; estes pescam consciências, aqueles vendem, pés e mãos atados, seu jornal. Quem volta com a

algibeira bem fornida é saudado, festejado, recebido na boa sociedade. Fazemos justiça a este solo hospitaleiro, você está lidando com a cidade mais condescendente que existe no mundo. Se as orgulhosas aristocracias de todas as capitais da Europa se recusam a admitir em suas fileiras um milionário infame, Paris lhe abre os braços, corre às suas festas, come seus jantares e brinda à sua infâmia.

— Mas onde encontrar uma moça? — perguntou Eugène.

— Ela é sua, está na sua frente!

— A srta. Victorine?

— Exato!

— Ei! Como?

— Ela já o ama, a sua pequena baronesa de Rastignac!

— Ela não tem um tostão — retrucou Eugène, espantado.

— Ah! Chegamos ao que interessa. Mais duas palavrinhas — disse Vautrin — e tudo se esclarecerá. O pai Taillefer é um velho maroto que dizem ter assassinado um de seus amigos durante a Revolução. É um de meus sujeitos que têm independência em suas opiniões. É banqueiro, principal sócio da casa Frédéric Taillefer e companhia. Tem um filho único, a quem quer deixar seus bens, em prejuízo de Victorine. Não gosto dessas injustiças. Sou como dom Quixote, gosto de tomar a defesa do fraco contra

o forte. Se a vontade de Deus fosse lhe retirar o filho, Taillefer pegaria de volta a filha; gostaria de um herdeiro qualquer, uma dessas besteiras que está na natureza, e não pode mais ter filhos, eu sei. Victorine é meiga e gentil, breve terá dobrado o pai, e o fará girar como um pião da Alemanha, com a corda do sentimento! Ela será muito sensível ao seu amor para esquecê-lo, e você se casará com ela. Encarrego-me do papel da Providência, farei com que o bom Deus o queira. Tenho um amigo a quem me mostrei dedicado, um coronel do Exército do Loire que acaba de se empregar na guarda real. Ele ouve minhas opiniões e se fez ultramonarquista: não é um desses imbecis que se aferram às próprias opiniões. Se ainda tenho um conselho a lhe dar, meu anjo, é não se aferrar mais às suas opiniões do que às suas palavras. Quando as pedirem, venda-as. Um homem que se gaba de nunca mudar de opinião é um homem que se impõe andar sempre em linha reta, um bobo que acredita na infalibilidade. Não há princípios, há apenas fatos; não há leis, há apenas circunstâncias: o homem superior desposa os fatos e as circunstâncias para conduzi-los. Se houvesse princípios e leis fixas, os povos não os mudariam como mudamos de camisas. O homem não é obrigado a ser mais sensato que toda uma nação. O homem que prestou menos serviços à França é um fetiche venerado por ter sempre visto tudo vermelho, ele serve no máximo para ser posto no Conservatório, entre as máquinas,



com a etiqueta La Fayette; 36 ao passo que o príncipe em quem todos atiram pedra, e que despreza bastante a humanidade para lhe cuspir no rosto tantos juramentos quantos ela pedir, impediu a divisão da França no Congresso de Viena; a ele devem-se coroas, jogam-lhe lama. Ah! conheço os negócios! Sei dos segredos de muitos homens! Basta. Terei uma opinião inquebrantável no dia em que tiver encontrado três cabeças de acordo sobre o emprego de um princípio, e esperarei muito tempo! Não se encontram nos tribunais três juízes que tenham a mesma opinião sobre um artigo de lei. Volto ao meu homem. Ele reporia Jesus Cristo na cruz se eu lhe pedisse. A uma só palavra de seu papai Vautrin ele vai procurar briga com aquele engraçadinho que não manda nem mesmo cem vintens à sua pobre irmã, e... — Aqui Vautrin se levantou, pôs-se em posição de defesa e fez o gesto de um mestre de armas que riposta. — E debaixo da terra! — acrescentou.

— Que horror! — disse Eugène. — Está brincando, sr. Vautrin?

— Não, não, não, calma — prosseguiu aquele homem. — Não banque a criança: no entanto, se isso pode diverti-lo, enfureça-se, arrebate-se! Diga que sou um infame, um facínora, um malandro, um bandido, mas não me chame de escroque, nem de espião! Ande, diga, solte sua saraivada de insultos! Eu o perdoo, é tão natural na sua idade! Já fui assim! Só que reflita. Fará pior um dia desses. Irá pavonear-se para alguma mulher

bonita e receberá dinheiro. Já pensou nisso? — disse Vautrin. — Pois como vencerá, se não cobrar por seu amor? A virtude, meu caro estudante, não se cinde: ela é ou não é. Falam-nos de fazer penitência por nossos erros. Mais um lindo sistema, esse em virtude do qual ficamos quite de um crime com um ato de contrição! Seduzir uma mulher para conseguir se colocar em determinado degrau da escada social, semear a cizânia entre os filhos de uma família, em suma todas as infâmias que se praticam por baixo do pano ou de outra forma com um objetivo de prazer ou interesse pessoal, você acredita que sejam atos de fé, de esperança e de caridade? Por que dois meses de prisão para o dândi que, numa noite, tira de uma criança a metade de sua fortuna, e por que trabalhos forçados para um pobre-diabo que rouba uma nota de mil francos com circunstâncias agravantes? Essas são as suas leis. Não há um artigo que não leve ao absurdo. O homem de luvas e palavras amarelas cometeu assassinatos em que não se derrama sangue, mas em que se dá o sangue; o assassino abriu uma porta com um pé de cabra: duas coisas tenebrosas! Entre o que lhe proponho e o que você fará um dia, a única diferença é o sangue a menos. Acredita em algo fixo nesse mundo? Portanto, despreze os homens, e veja as malhas por onde se pode passar na rede do Código. O segredo das grandes fortunas sem causa aparente é um crime esquecido, porque foi cometido com limpeza.

— Silêncio, senhor, não quero mais ouvir, pois me faria duvidar de mim mesmo. Neste momento o sentimento é toda a minha ciência.

— Como quiser, belo menino. Eu o julgava mais forte — disse Vautrin —, não

lhe direi mais nada. Uma última palavra, porém. — Olhou fixamente para o estudante. — Você conhece o meu segredo — disse-lhe.

— Um jovem que o recusa saberá perfeitamente esquecê-lo.

— Disse-o muito bem, isso me agrada. Um outro, veja bem, seria menos escrupuloso. Lembre-se do que quero fazer por você. Dou-lhe quinze dias. É pegar ou largar.

“Mas que cabeça fria tem esse homem!”, pensou Rastignac, vendo Vautrin ir embora tranquilamente, com a bengala debaixo do braço. “Ele me disse cruamente o que a sra. de Beauséant me dizia cheia de rodeios. Rasgou-me o coração com garras de aço. Por que eu quero ir à casa da sra. de Nucingen? Adivinhou meus motivos assim que os imaginei. Em poucas palavras, esse bandido me disse mais coisas sobre a virtude do que me disseram os homens e os livros. Se a virtude não sofre capitulação, quer dizer que roubei minhas irmãs?”, pensou, jogando a sacola em cima da mesa. Sentou-se e ficou ali, mergulhado numa atordoante meditação. “Ser fiel à virtude, sublime martírio! Ora!

Todo mundo acredita na virtude; mas quem é virtuoso? Os povos têm a liberdade como ídolo; mas onde existe na terra um povo livre? Minha juventude ainda é azul como um céu sem nuvem: querer ser grande ou rico não é decidir-se a mentir, dobrar-se, rastejar-se, reerguer-se, bajular, dissimular? Não é consentir fazer-se de criado daqueles que mentiram, dobraram-se, rastejaram-se? Antes de ser cúmplice deles, é preciso servi-los. Pois bem, não. Quero trabalhar nobremente, santamente; quero trabalhar dia e noite, só dever minha fortuna à minha labuta. Será a mais lenta das fortunas, mas todo dia minha cabeça repousará no travesseiro sem um pensamento ruim. O que há de mais belo do que contemplar sua vida e achá-la pura como um lírio? Eu e a vida, somos como um jovem e sua noiva. Vautrin me fez ver o que acontece depois de dez anos de casamento. Diachos! Minha cabeça está se perdendo. Não quero pensar em nada, o coração é um bom guia.”

Eugène foi tirado de seu devaneio pela voz da gorda Sylvie, que lhe anunciou seu alfaiate, diante do qual se apresentou segurando as duas sacolas de dinheiro, e não se zangou que fosse essa a circunstância. Depois que provou suas roupas de noite, tornou a vestir a nova toalete matutina, que o metamorfoseava por completo. “Até que valho tanto quanto o sr. de Trailles”, pensou. “Finalmente estou com jeito de um fidalgo!”

— O senhor — disse o pai Goriot ao entrar no quarto de Eugène — me perguntou se eu conhecia as casas aonde vai a sra. de Nucingen?

— É.

— Pois bem, na próxima segunda-feira ela vai ao baile do marechal de Carigliano. Se puder estar lá, me dirá se minhas duas filhas se divertiram bastante, como estavam vestidas, em suma, tudo.

— Como soube disso, meu bom pai Goriot? — perguntou Eugène fazendo-o sentar-se perto de sua lareira.

— A camareira dela me disse. Sei tudo o que fazem por Thérèse e por Constance — continuou com ar alegre. O velho parecia um amante ainda bastante jovem para ficar feliz com um estratagema que o põe em contato com a amante sem que ela possa desconfiar. — O senhor as verá! — disse expressando com ingenuidade uma dolorosa inveja.

— Não sei — respondeu Eugène. — Vou à casa da sra. de Beauséant perguntar-lhe se pode me apresentar à senhora do marechal.

Eugène pensava com uma espécie de alegria interior em aparecer na casa da viscondessa vestido como agora sempre estaria. O que os moralistas chamam de abismos do coração humano são unicamente os pensamentos ilusórios, os movimentos

involuntários do interesse pessoal. Essas peripécias, objeto de tantas declamações, essas reviravoltas súbitas são cálculos feitos em benefício de nossos prazeres. Vendo-se bem vestido, bem enluvado, bem calçado, Rastignac esqueceu sua virtuosa decisão. A juventude não ousa se olhar no espelho da consciência quando se inclina para o lado da injustiça, ao passo que a idade madura ali já se viu: é onde jaz toda a diferença entre essas duas fases da vida. Fazia alguns dias que os dois vizinhos, Eugène e o pai Goriot, tinham se tornado bons amigos. Sua amizade secreta decorria das razões psicológicas que haviam gerado sentimentos contrários entre Vautrin e o estudante. O ousado filósofo que quiser verificar os efeitos de nossos sentimentos no mundo físico encontrará certamente mais de uma prova de sua efetiva materialidade nas relações que eles criam entre nós e os animais. Qual fisiognomista está mais capacitado para adivinhar o caráter do que um cachorro o está para saber se um desconhecido gosta ou não gosta dele? Os átomos de aço , 37 expressão proverbial que todos usam, são um desses fatos que ficam nas linguagens para desmentir as tolices filosóficas que ocupam os que gostam de peneirar as peles das palavras primitivas. Sentimo-nos amados. O sentimento se imprime em todas as coisas e atravessa os espaços. Uma carta é uma alma, é um eco tão fiel da voz que fala, que os espíritos delicados a incluem entre os mais ricos tesouros do amor. O pai Goriot, cujo

sentimento irrefletido se elevava ao sublime da natureza canina, farejara a compaixão, a admirativa bondade, as simpatias juvenis que se haviam comovido por ele no coração do estudante. No entanto, aquela união nascente ainda não levava a nenhuma confiança. Se Eugène manifestara o desejo de ver a sra. de Nucingen, não era porque contasse com o velhote para que o introduzisse na casa dela; mas esperava que uma indiscrição pudesse ajudá-lo. O pai Goriot só lhe falara das filhas a propósito do que ele se permitira dizer publicamente delas no dia de suas duas visitas.

— Meu caro senhor — ele lhe dissera no dia seguinte —, como pôde acreditar que a sra. de Restaud tenha lhe querido mal por ter pronunciado meu nome? Minhas duas filhas gostam muito de mim. Sou um pai feliz. Só que meus dois genros se comportaram mal comigo. Não quis que essas queridas criaturas sofressem por minhas dissensões com seus maridos, e preferi vê-las escondido. Esse mistério me dá mil prazeres que não compreendem os outros pais que podem ver suas filhas quando querem. Eu, eu não posso, entende? Então, quando faz tempo bom, vou ao Champs-Élysées, depois de ter perguntado às camareiras se minhas filhas vão sair. Espero-as no caminho, meu coração dispara quando as carruagens chegam, admiro-as em suas toaletes, elas me jogam, ao passar, um sorrisinho que me doura a natureza como um raio que caísse de um belo sol. E ali

permaneço, elas devem retornar. Vejo-as de novo! O ar lhes fez bem, estão rosadas. Ouço dizerem ao meu redor: “Olhem que bela mulher!”. Isso me alegra o coração. Não é meu sangue? Gosto dos cavalos que as transportam, e gostaria de ser o cãozinho que levam no colo. Vivo dos prazeres delas. Cada um tem seu modo de amar, o meu, porém, não causa mal a ninguém, por que o mundo se ocupa de mim? Sou feliz à minha maneira. Acaso é contra as leis ir ver minhas filhas, à noite, quando saem de casa para irem ao baile? Que tristeza para mim se chego tarde demais e me dizem: “A senhora já saiu”. Uma noite esperei até as três da manhã para ver Nasie, que fazia dois dias que eu não via. Quase morri de contentamento! Peço-lhe encarecidamente, não fale de mim senão para dizer o quanto minhas filhas são boas. Elas querem me cobrir de presentes de toda espécie; não permito, digo-lhes: “Mas guardem seu dinheiro! O que querem que eu faça com isso? Não preciso de nada!”. De fato, meu caro senhor, que sou eu? Um feio cadáver cuja alma está em todo lugar onde estão minhas filhas. Quando tiver visto a sra. de Nucingen, me dirá qual das duas prefere — disse o homenzinho depois de um instante de silêncio, vendo que Eugène se preparava para sair e ir passear nas Tuileries, à espera da hora de se apresentar na casa da sra. de Beauséant.

Esse passeio foi fatal para o estudante. Algumas mulheres repararam nele. Era tão bonito, tão jovem, e com uma elegância



de tão bom gosto! Vendo-se objeto de uma atenção quase admirativa, não pensou mais nas irmãs nem na tia espoliadas, nem em suas virtuosas repugnâncias. Vira passar acima de sua cabeça aquele demônio que é tão fácil confundir com um anjo, aquele Satã de asas furta-cores, que semeia rubis, joga flechas de ouro na fachada dos palácios, purpureia as mulheres, reveste com um brilho estúpido os tronos, tão simples em sua origem; escutara o deus dessa vaidade crepitante cujo brilho falso nos parece um símbolo de poder. As palavras de Vautrin, por mais cínicas que fossem, se alojaram em seu coração assim como na lembrança de uma virgem grava-se o perfil ignóbil de uma velha vendedora de joias que lhe disse: “Ouro e amor aos borbotões!”. Depois de ter flanado indolente, pelas cinco horas Eugène se apresentou na casa da sra. de Beauséant e recebeu um desses golpes terríveis contra os quais os jovens corações estão desarmados. Até então encontrara a viscondessa cheia dessa amenidade polida, dessa graça melíflua dada pela educação aristocrática, e que só está completa se vem do coração.

Quando entrou, a sra. de Beauséant fez um gesto seco e disse-lhe num tom apressado:

— Sr. de Rastignac, é impossível vê-lo, pelo menos neste momento! Estou tratando de negócios...

Para um observador, e Rastignac prontamente se tornara um deles, essa frase, o gesto, o olhar, a inflexão de voz eram a história do caráter e dos hábitos da casta. Percebeu a mão de ferro sob a luva de veludo; a personalidade, o egoísmo, sob os bons modos; a madeira, sob o verniz. Entendeu enfim o EU O REI que começa sob os penachos do trono e termina sob a cimeira do último gentil-homem. Eugène se deixara com demasiada facilidade, baseado em suas palavras, acreditar nas nobrezas da mulher. Como todos os infelizes, assinara de boa-fé o delicioso pacto que deve ligar o benfeitor ao apadrinhado, e cujo primeiro artigo consagra entre os grandes corações uma completa igualdade. A benevolência, que junta dois seres num só, é uma paixão celeste também incompreendida, tão rara quanto é o verdadeiro amor. Uma e outro são a prodigalidade das belas almas. Rastignac queria chegar ao baile da duquesa de Carigliano, e engoliu aquela borrasca.

— Senhora — disse com voz emocionada —, se não se tratasse de uma coisa importante não teria vindo importuná-la; seja bastante gentil para me permitir vê-la mais tarde, aguardarei.

— Muito bem! Venha jantar comigo — ela disse um pouco envergonhada com a dureza que pusera em suas palavras; pois aquela mulher era realmente tão boa quanto grande.

Embora tocado com essa reviravolta súbita, Eugène pensou, ao ir embora:

“Rasteje, suporte tudo. O que devem ser as outras se, num instante, a melhor das mulheres apaga as promessas de sua amizade, deixa-o ali como um sapato velho? Então é cada um por si? É verdade que sua casa não é uma loja, e que estou errado em precisar dela. É necessário, como diz Vautrin, ser bala de canhão”. As amargas reflexões do estudante logo foram dissipadas pelo prazer que se prometia jantando na casa da viscondessa. Assim, por uma espécie de fatalidade, os menores acontecimentos de sua vida conspiraram para empurrá-lo na carreira em que, seguindo as observações da terrível esfinge da Casa Vauquer, ele deveria, como num campo de batalha, matar para não ser morto, enganar para não ser enganado; em que deveria deixar na cancela a sua consciência, o seu coração, pôr uma máscara, escarnecer sem piedade dos homens, e, como na Lacedemônia, agarrar sua sorte sem ser visto, para merecer a coroa. Quando voltou à casa da viscondessa, encontrou-a cheia dessa bondade graciosa que sempre lhe demonstrara. Os dois foram para uma sala de jantar onde o visconde esperava a mulher e onde resplandecia esse luxo de mesa que, durante a Restauração, foi levado, como todos sabem, ao mais alto grau. O sr. de Beauséant, como tantas pessoas indiferentes, já não tinha outros prazeres além dos da

boa mesa; na verdade, em matéria de comilança, era da escola de Luís XVIII e do duque d'Escars. 38 Portanto, sua mesa oferecia um duplo luxo, o do continente e o do conteúdo. Nunca um espetáculo desses impressionara os olhos de Eugène, que jantava pela primeira vez numa dessas casas onde as grandezas sociais são hereditárias. A moda acabava de suprimir as ceias que outrora encerravam os bailes do Império, quando os militares precisavam ganhar forças para se preparar para todos os combates que os esperavam, tanto dentro como fora. Eugène até então só assistira a bailes. O desembaraço que o distinguiu mais tarde de modo tão eminente, e que ele já começava a demonstrar, o impediu de se assombrar como um parvo. Mas ao ver aquela prataria lavrada e os mil requintes de uma mesa suntuosa, ao admirar pela primeira vez um serviço feito sem ruído, era difícil para um homem de ardorosa imaginação não preferir essa vida constantemente elegante à vida de privações que pela manhã ele queria abraçar. Seu pensamento o jogou de novo, por um instante, na sua pensão burguesa; sentiu um horror tão profundo que jurou a si mesmo abandoná-la no mês de janeiro, tanto para se instalar numa casa limpa como para fugir de Vautrin, cuja mão larga sentia em seu ombro. Quando se chega a pensar nas mil formas que a corrupção, falada ou muda, assume em Paris, um homem de bom senso se pergunta por qual aberração o Estado aí instala

escolas e reúne jovens, como as mulheres bonitas aí são respeitadas, como o ouro exposto pelos cambistas em vasilhas não desaparece magicamente. Mas quando se chega a pensar que há poucos exemplos de crimes, até mesmo de delitos cometidos pelos jovens, que respeito não devemos demonstrar por esses pacientes Tântalos que combatem a si mesmos, e quase sempre são vitoriosos! Se ele fosse bem pintado em sua luta com Paris, o pobre estudante forneceria um dos temas mais dramáticos de nossa civilização moderna. A sra. de Beauséant olhava em vão para Eugène a fim de convidá-lo a falar, mas ele não quis dizer nada na presença do visconde.

— Esta noite vai me levar ao Italiens? — perguntou a viscondessa ao marido.

— Não pode duvidar do prazer que eu teria em obedecê-la — ele respondeu com uma galanteria zombeteira que enganou o estudante —, mas devo ir encontrar alguém no Variétés.

“Sua amante”, ela pensou.

— Então esta noite não tem D’Ajuda? — perguntou o visconde.

— Não — ela respondeu de mau humor.

— Pois bem, se precisar inevitavelmente de um braço, tome o do sr. de

Rastignac!

A viscondessa olhou sorrindo para Eugène.

— Será bem comprometedor para si — disse.

— O francês gosta do perigo porque nele encontra a glória , disse o sr. de

Chateaubriand — respondeu Rastignac inclinando-se.

Momentos depois foi levado, ao lado da sra. de Beauséant, num cupê rápido, para o teatro da moda, e acreditou em alguma fantasmagoria quando entrou num camarote de frente e viu-se alvo de todos os binóculos junto com a viscondessa, cuja toailete era deliciosa. Ele ia de encantamento em encantamento.

— Tem algo para me falar — disse-lhe a sra. de Beauséant. — Ah! Veja, ali está a sra. de Nucingen, a três camarotes do nosso. A irmã dela e o sr. de Trailles estão do outro lado.

Ao dizer essas palavras a viscondessa olhava para o camarote onde devia estar a srta. de Rochefide, e, não vendo ali o sr. d’Ajuda, seu rosto tomou um brilho extraordinário.

— Ela é encantadora — disse Eugène depois de olhar para a sra. de Nucingen.

— Tem os cílios brancos.

— Sim, mas que linda cinturinha!

— Tem mãos grossas.

— Belos olhos!

— Tem o rosto comprido.

— Mas a forma longa tem distinção.

— Feliz dela que tenha essa distinção. Veja como pega e larga o lorgnon! O Goriot transparece em todos os seus movimentos — disse a viscondessa, para grande espanto de Eugène.

De fato, a sra. de Beauséant olhava de soslaio para a sala e parecia não prestar atenção na sra. de Nucingen, de quem, no entanto, não perdia um gesto. A plateia estava deliciosamente bela. Delphine de Nucingen não se sentia pouco lisonjeada por ocupar exclusivamente o jovem, o belo, o elegante primo da sra. de Beauséant, que só olhava para ela.

— Se continuar a cobri-la de olhares, provocará escândalo, sr. de Rastignac. Não conseguirá nada atirando-se assim na cabeça das pessoas.

— Minha cara prima — disse Eugène —, já me protegeu bastante; se quiser completar sua obra, não lhe peço mais do que me fazer um favor que lhe dará pouco trabalho e me fará grande bem. Eis-me agarrado.

— Já?

— Já.

— E por essa mulher?

— Então minhas pretensões seriam ouvidas em outro lugar? — ele disse lançando um olhar penetrante para a prima. — A sra. duquesa de Carigliano é ligada à duquesa de Berry — recomeçou depois de uma pausa —, a senhora deve ir vê-la, faça a bondade de me apresentá-la e de me levar ao baile que ela oferece na segunda-feira. Lá encontrarei a sra. de Nucingen e terei minha primeira escaramuça.

— Com prazer — ela disse. — Se já se sente atraído por ela, seus negócios

amorosos vão muito bem. Olhe De Marsay no camarote da princesa Galathionne. A sra. de Nucingen está sofrendo horrores, está despeitada. Não há melhor momento para se aproximar de uma mulher, mais ainda de uma mulher de banqueiro. Todas essas damas da Chaussée d’Antin gostam de vingança.

— Mas o que faria num caso desses?

— Eu, eu sofreria calada.

Nesse instante o marquês d’Ajuda se apresentou no camarote da sra. de Beauséant.



— Fiz mal os meus negócios a fim de vir encontrá-la — ele disse —, e informo-lhe a respeito para que não seja um sacrifício.

Os esplendores do rosto da viscondessa ensinaram Eugène a reconhecer as expressões de um verdadeiro amor, e a não confundi-las com os salamaleques do coquetismo parisiense. Admirou a prima, ficou mudo e cedeu o lugar ao sr. d’Ajuda, suspirando. “Que nobre, que sublime criatura é uma mulher que ama assim!”, pensou. “E esse homem a trairia com uma boneca! Como é possível traí-la?” Sentiu-se no centro de uma raiva de criança. Gostaria de se enrolar aos pés da sra. de Beauséant, desejava o poder dos demônios a fim de levá-la para seu coração, assim como uma águia leva da planície para seu ninho uma cabritinha branca que ainda mama. Sentia-se humilhado por estar nesse grande Museu da Beleza sem seu quadro, sem uma amante sua. “Ter uma amante é uma posição quase régia”, pensava, “é o signo do poder!” E olhou para a sra. de Nucingen como um homem insultado olha para seu adversário. A viscondessa se virou para ele a fim de lhe dirigir com sua discrição mil agradecimentos, num piscar de olhos. O primeiro ato terminara.

— Mas ela ficará encantada de ver o cavalheiro — disse o marquês.

O belo português se levantou e pegou o braço do estudante, que num piscar de olhos se viu ao lado da sra. de Nucingen.

— Senhora baronesa — disse o marquês —, tenho a honra de apresentar-lhe o

cavalleiro Eugène de Rastignac, primo da viscondessa de Beauséant. A senhora causou-lhe tão viva impressão, que quis completar sua felicidade aproximando-o de seu ídolo.

Essas palavras foram ditas com um certo quê de troça que transmitia um pensamento um pouco brutal, mas que, bem expressado, jamais desagradava a uma mulher. A sra. de Nucingen sorriu e ofereceu a Eugène o lugar de seu marido, que acabava de sair.

— Não ousou-lhe propor ficar a meu lado, senhor — disse-lhe. — Quando se tem a felicidade de estar ao lado da sra. de Beauséant, ali se permanece.

— Mas — Eugène-lhe disse baixinho — parece-me, senhora, que se eu quiser agradecer à minha prima ficarei perto de si. Antes da chegada do senhor marquês, falávamos da senhora e da distinção de toda a sua pessoa — disse em voz alta.

O sr. d’Ajuda se retirou.

— Realmente, senhor — disse a baronesa —, vai ficar comigo? Então poderemos nos conhecer, a sra. de Restaud já havia me dado o mais intenso desejo de vê-lo.

— Então ela é muito falsa, pois me barrou à sua porta.

— Como?

— Senhora, terei a consciência de lhe dizer a razão; mas exijo toda a sua indulgência confiando-lhe um segredo desses. Sou vizinho do senhor seu pai. Ignorava que a sra. de Restaud fosse filha dele. Cometi a imprudência de falar disso muito inocentemente, e aborreci a senhora sua irmã e o marido dela. Nem imagina como a sra. duquesa de Langeais e minha prima acharam de mau gosto essa apostasia filial. Contei-lhes a cena, riram como loucas. Foi então que, fazendo um paralelo entre a senhora e sua irmã, a sra. de Beauséant me falou a seu respeito em ótimos termos e me disse o quanto era excelente para o meu vizinho, o sr. Goriot. De fato, como não o amaria? Ele a adora tão apaixonadamente que já estou com ciúme. Falamos de si de manhã por duas horas. Depois, todo imbuído do que seu pai me contou, esta noite, jantando com minha prima, eu lhe dizia que a senhora não podia ser tão bela quanto era amorosa. Querendo na certa favorecer uma admiração tão ardente, a sra. de Beauséant me trouxe aqui, dizendo-me com sua graça habitual que eu a veria.

— Como, senhor — disse a mulher do banqueiro —, eu já lhe devo gratidão? Mais um pouco e vamos ser velhos amigos.

— Embora perto de si a amizade deva ser um sentimento pouco vulgar —

disse Rastignac —, não quero nunca ser seu amigo.

Essas tolices estereotipadas para uso dos iniciantes sempre parecem fascinantes às mulheres, e só são pobres se lidas a frio. O gesto, o tom, o olhar de um rapaz lhes dão valores incalculáveis. A sra. de Nucingen achou Rastignac um encanto. Depois, como todas as mulheres, não podendo dizer nada sobre questões tão vigorosamente formuladas como a do estudante, respondeu a outra coisa.

— Sim, minha irmã está errada pela maneira como se comporta com esse pobre pai, que realmente foi um deus para nós. Foi preciso que o sr. de Nucingen me ordenasse terminantemente que eu só visse meu pai de manhã para que eu cedesse nesse ponto. Mas por muito tempo fiquei um bocado infeliz. Chorava. Essas violências, vindas depois das brutalidades do casamento, foram uma das

razões que mais perturbaram minha vida conjugal. Sou, sem dúvida, a mulher de Paris mais feliz aos olhos da sociedade, na realidade a mais infeliz. Vai me achar louca por lhe falar assim. Mas conhece meu pai e, por essa razão, não me pode ser um estranho.

— Jamais encontrará alguém — disse-lhe Eugène — que seja motivado por um desejo mais profundo de lhe pertencer. O que todas vocês procuram? A felicidade — ele recomeçou com uma

voz que ia à alma. — Pois bem, se, para uma mulher, a felicidade é ser amada, adorada, ter um amigo a quem possa confiar seus desejos, suas fantasias, suas tristezas, suas alegrias; mostrar-se na nudez de sua alma, com seus lindos defeitos e suas belas qualidades, sem temer ser traída; creia-me, esse coração devotado, sempre ardente, só pode se encontrar num homem jovem, cheio de ilusões, capaz de morrer a um só de seus sinais, que ainda não sabe nada do mundo e não quer saber nada, porque a senhora passa a ser o mundo para ele. Eu, veja, e vai rir de minha ingenuidade, chego do fundo de uma província, inteiramente novo, só tendo conhecido belas almas, e contava permanecer sem amor. Aconteceu-me ver minha prima, que me pôs perto demais de seu coração; ela me fez adivinhar os mil tesouros da paixão; sou, como Querubim, o amante de todas as mulheres, esperando que possa me dedicar a alguma delas. Ao vê-la, quando entrei, senti-me transportado até a senhora como por uma corrente. Já tinha pensado tanto em si! Mas não imaginava que fosse tão bela como é na realidade. A sra. de Beauséant me mandou não olhá-la tanto. Ela não sabe o que há de atraente em ver seus lindos lábios vermelhos, sua pele branca, seus olhos tão suaves. Também estou lhe dizendo loucuras, mas deixe-me dizê-las.

Nada agrada mais às mulheres do que ouvir essas doces palavras serem proferidas. A devota mais severa as escuta,

mesmo quando não deve responder. Depois de ter assim começado, Rastignac desfiou seu rosário com uma voz graciosamente surda; e a sra. de Nucingen encorajava Eugène com sorrisos, olhando de vez em quando para De Marsay, que não saía do camarote da princesa Galathionne. Rastignac ficou com a sra. de Nucingen até o momento em que seu marido foi buscá-la para partirem.

— Senhora — disse-lhe Eugène —, terei o prazer de ir vê-la antes do baile da duquesa de Carigliano.

— Chá que a senhorra se gompromete a recepê-lo — disse o barão, gordo alsaciano cuja cara redonda anunciava uma perigosa sagacidade —, tenha zerteza que zerá bem-findo!

“Meus negócios estão indo bem, pois ela não se intimidou ao me ouvir lhe

dizer: ‘Gostará de mim?’. Meu animal já está com a brida, agora é pular em cima e governá-lo”, pensou Eugène indo cumprimentar a sra. de Beauséant, que se levantava e se retirava com D’Ajuda. O pobre estudante não sabia que a baronesa era distraída e esperava de De Marsay uma dessas cartas decisivas que dilaceram a alma. Muito feliz com seu falso triunfo, Eugène acompanhou a viscondessa até o peristilo, onde todos esperam seus carros.

— Seu primo já não parece o mesmo — disse o português rindo para a viscondessa quando Eugène os deixou. — Vai explodir o banco. É ágil como uma enguia, e creio que vai longe. Só você poderia ter-lhe escolhido a dedo uma mulher no momento em que é preciso consolá-la.

— Mas — disse a sra. de Beauséant — é preciso saber se ela ainda ama aquele que a abandona.

O estudante voltou a pé do Théâtre-Italien até a Rue Neuve-Sainte-Geneviève,

fazendo os mais doces projetos. Reparara muito bem na atenção com que a sra. de Restaud o examinara, fosse no camarote da viscondessa, fosse no da sra. de Nucingen, e presumiu que a porta da condessa não lhe ficaria mais fechada. Assim, já quatro notáveis relações, pois contava agradar à esposa do marechal, iam ser conquistadas no coração da alta sociedade parisiense. Sem explicar demais os meios, adivinhava de antemão que, no jogo complicado dos interesses desse mundo, devia se agarrar a uma engrenagem para se colocar no alto da máquina, e sentia a força de travar a roda. “Se a sra. de Nucingen se interessar por mim, vou lhe ensinar a governar seu marido. Esse marido faz negócios de ouro, poderá me ajudar a amealhar de uma só vez uma fortuna.” Não pensava isso cruamente, ainda não era político o suficiente para avaliar uma situação, apreciá-la e calculá-la; essas ideias pairavam no horizonte na forma de

nuvens ligeiras, e embora não tivessem a dureza das de Vautrin, se fossem submetidas à prova da consciência, não teriam resultado em nada de muito puro. Os homens chegam, por uma série de transações do gênero, a essa moral relaxada professada pela época atual, em que é mais raro que nunca encontrarmos esses homens retangulares, essas belas vontades que jamais se dobram ao mal, para quem o menor desvio da linha reta parece um crime: magníficas imagens da probidade que nos valeram duas obras-primas, o Alceste de Molière e, mais recentemente, Jenny Deans e seu pai, na obra de Walter Scott. <sup>39</sup> Talvez a obra oposta, a pintura das sinuosidades em que um homem mundano, um ambicioso faz rolar sua consciência, tentando caminhar ao lado do mal, a fim de chegar a seu objetivo mantendo as aparências, não seria menos bonita nem menos dramática. Ao chegar à porta da pensão, Rastignac estava apaixonado pela sra. de Nucingen,

que lhe parecera esbelta, fina como uma andorinha. A inebriante doçura de seus olhos, o tecido delicado e sedoso de sua pele sob a qual ele imaginara ver correr o sangue, o som encantador de sua voz, seus cabelos louros, ele se lembrava de tudo; e talvez a caminhada, pondo seu sangue em movimento, ajudasse a essa fascinação. O estudante bateu rudemente à porta do pai Goriot.

— Meu vizinho — disse —, vi a sra. Delphine.

— Onde?



— No Italiens.

— Ela se divertia bastante? Mas entre! — E o homenzinho, que se levantara de camisa, abriu a porta e voltou a se deitar depressa.

— Então me fale dela — pediu.

Eugène, que entrava pela primeira vez no quarto do pai Goriot, não controlou um gesto de perplexidade ao ver o tugúrio onde vivia o pai, depois de ter admirado a toaleta da filha. A janela não tinha cortinas; o papel colado nas paredes soltava-se em vários lugares por causa da umidade e enrugava-se deixando aparecer o gesso amarelado pela fumaça. O homem deitava-se sobre uma cama ordinária, tinha apenas um cobertor fino e uma coberta acolchoada feita com os bons retalhos dos velhos vestidos da sra. Vauquer. O chão ladrilhado era úmido e cheio de pó. Defronte da janela via-se uma dessas velhas cômodas de pau-rosa, bojudas, que têm puxadores de cobre torcido na forma de sarmentos decorados com folhas ou flores; um velho móvel com tampo de madeira sobre o qual havia um jarro de água dentro de uma bacia e todos os utensílios necessários para fazer a barba. Num canto, os sapatos; na cabeceira da cama, uma mesinha sem porta nem mármore; no canto da lareira, onde não havia vestígio de fogo, achava-se a mesa quadrada, em nogueira, cujo tampo servira ao pai Goriot para deformar sua tigela de vermeil. Uma escrivaninha ordinária sobre a qual estava o chapéu do bom homem, uma poltrona escura de palha e

duas cadeiras completavam essa mobília miserável. A haste do cortinado, presa no teto por um trapo, sustentava uma faixa de tecido vagabundo xadrez vermelho e branco. O sótão do mais pobre moço de recados não era, com certeza, tão mal mobiliado como o quarto do pai Goriot na pensão da sra. Vauquer. O aspecto daquele quarto dava frio e apertava o coração, parecia a mais triste cela de uma prisão. Ainda bem que Goriot não viu a expressão que se estampou na fisionomia de Eugène quando este pousou a vela na mesa de cabeceira. O homenzinho se virou para seu lado, continuando coberto até o queixo.

— Pois então, quem prefere, a sra. de Restaud ou a sra. de Nucingen?

— Prefiro a sra. Delphine — respondeu o estudante — porque ela gosta mais do senhor.

Diante dessas palavras ditas calorosamente, o bom homem tirou o braço da cama e apertou a mão de Eugène.

— Obrigado, obrigado — respondeu o velho comovido. — Então o que lhe disse de mim?

O estudante repetiu as palavras da baronesa, embelezando-as, e o velho o ouviu como se ouvisse a palavra de Deus.

— Caro menino! É, é, ela gosta muito de mim. Mas não acredite no que lhe disse de Anastasie. As duas irmãs têm ciúmes uma da

outra, sabe?, é mais uma prova da ternura delas. A sra. de Restaud também gosta muito de mim. Eu sei. Um pai é com seus filhos como Deus é conosco, vai até o fundo dos corações, e julga as intenções. As duas são igualmente amorosas. Oh! Se eu tivesse tido bons genros, seria muito feliz. Com certeza não há felicidade completa neste mundo. Se tivesse vivido com elas! Mas só de ouvir suas vozes, saber que estão ali, vê-las andar, sair, como quando moravam comigo, isso faria meu coração dar cambalhotas. Estavam bem vestidas?

— Estavam — disse Eugène. — Mas, sr. Goriot, como, tendo filhas tão ricamente instaladas como estão as suas, pode ficar num pardieiro como este?

— De que me adiantaria estar em lugar melhor, palavra de honra?  
— disse com ar aparentemente despreocupado. — Não posso lhe explicar essas coisas; não sei dizer corretamente duas palavras seguidas. Tudo está aqui — acrescentou batendo no coração. — Minha vida, a minha, está em minhas duas filhas. Se elas se divertem, se estão felizes, elegantemente vestidas, se caminham em cima de tapetes, o que importa com que tecido estou vestido, e como é o lugar onde me deito? Não sinto frio se elas estão no calor, nunca me entediu se elas riem. Só tenho as tristezas que são as delas. Quando for pai, quando disser para si mesmo, ouvindo seus filhos balbuciarem: “Saíram de mim!”, quando sentir essas criaturinhas ligadas a cada gota de seu sangue, do qual elas

foram a fina flor, pois é isso!, aí se sentirá ligado à pele delas, e acreditará estar sendo movido pelos passos delas! A voz das duas me responde em qualquer canto. Um olhar delas, quando é triste, me paralisa o sangue. Um dia saberá que somos muito mais felizes com a felicidade dos filhos que com a nossa própria. Não consigo lhe explicar isso: são movimentos interiores que espalham o contentamento por todo lado. Enfim, eu vivo três vezes. Quer que lhe diga uma coisa curiosa? Pois bem! Quando fui pai, compreendi Deus. Ele está inteiro em toda parte, já que a criação saiu dele. Sou assim com minhas filhas, senhor. Só que gosto mais de

minhas filhas do que Deus gosta do mundo, porque o mundo não é tão belo como Deus, e minhas filhas são mais belas que eu. Estão tão ligadas à minha alma que eu tinha a intuição de que o senhor as veria esta noite. Meu Deus! Um homem que tornasse minha pequena Delphine tão feliz como uma mulher é quando é bem-amada! Pois eu lhe engraxaria as botas, faria as compras para ele. Soube por sua camareira que aquele pequeno sr. de Marsay é um desalmado. Tive vontade de lhe torcer o pescoço. Não amar uma joia de mulher, uma voz de rouxinol, e bem-feita como um manequim! O que foi que ela enxergou para se casar com aquele alsaciano casca-grossa? As duas precisavam de jovens bonitos bem amáveis. Em suma, seguiram o próprio capricho.

O pai Goriot era sublime. Nunca Eugène pudera vê-lo iluminado com os fogos de sua paixão paterna. Uma coisa digna de observação é o poder de infusão que os sentimentos possuem. Por mais grosseira que seja uma criatura, assim que exprime uma afeição forte e verdadeira, exala um fluido especial que modifica a fisionomia, anima o gesto, colore a voz. Volta e meia o ser mais estúpido alcança, sob o esforço da paixão, a mais alta eloquência na ideia, se não for na linguagem, e parece mover-se numa esfera luminosa. Naquele momento, havia na voz e no gesto do bom homem a força comunicativa que assinala o grande ator. Mas nossos belos sentimentos não são as poesias da vontade?

— Pois é, talvez não fique aborrecido se souber — disse-lhe Eugène — que ela provavelmente vai romper com esse De Marsay. Esse emperiquitado a deixou para se ligar à princesa Galathionne. Quanto a mim, esta noite cáí apaixonado pela sra. Delphine.

— Ora, ora! — disse o pai Goriot.

— Sim. Não a desagradei. Conversamos sobre o amor durante uma hora, e devo ir vê-la depois de amanhã, sábado.

— Ah!, como o apreciaria, meu caro, se agradasse a ela. O senhor é bom, não a atormentaria. Se a traísse, eu lhe cortaria o pescoço, primeiro. Uma mulher não tem dois amores, sabe? Meu Deus! Mas

estou dizendo bobagens, sr. Eugène. Faz frio aqui para o senhor. Meu Deus! Então a ouviu, o que ela lhe disse para mim?

“Nada”, pensou Eugène consigo mesmo.

— Disse-me — respondeu em voz alta — que lhe mandava um beijo de filha.

— Adeus, meu vizinho, durma bem, tenha lindos sonhos; os meus são todos feitos com essas palavras. Que Deus o proteja em todos os seus desejos! Foi para mim esta noite como um bom anjo, trazendo-me o ar de minha filha.

“Pobre homem”, pensou Eugène ao se deitar, “tem como tocar corações de mármore. A filha pensou tanto nele como no sultão da Turquia.”

Desde essa conversa, o pai Goriot viu no vizinho um confidente inesperado, um amigo. Estabelecera-se entre eles as únicas relações pelas quais aquele velhote podia se ligar a algum outro homem. As paixões nunca fazem cálculos falsos. O pai Goriot se via um pouco mais perto da filha Delphine, via-se mais bem recebido por ela, se Eugène se tornasse estimado pela baronesa. Aliás, confiara-lhe uma de suas dores. A sra. de Nucingen, a quem mil vezes por dia desejava a felicidade, não conhecera as doçuras do amor. Sem dúvida, Eugène era, para recorrer à sua expressão, um dos jovens mais gentis que ele jamais vira, e parecia pressentir que lhe daria todos os prazeres de que ela fora privada. O bom

homem tomou-se, portanto, de uma amizade por seu vizinho que foi crescendo, e sem a qual teria provavelmente sido impossível conhecer o desfecho desta história.

Na manhã seguinte, na hora do almoço, a afetação com que o pai Goriot olhava

para Eugène, ao lado de quem se colocou, as poucas palavras que lhe disse e a mudança de sua fisionomia, em geral parecida com uma máscara de gesso, surpreenderam os hóspedes. Vautrin, que revia o estudante pela primeira vez desde sua conversa, parecia querer ler em sua alma. Lembrando-se do projeto daquele homem, Eugène, que à noite, antes de dormir, calculara o vasto campo que se abria a seus olhares, pensou necessariamente no dote da srta. Taillefer e não pôde se impedir de olhar para Victorine como o mais virtuoso rapaz olha para uma rica herdeira. Por acaso, seus olhos se encontraram. A pobre moça não deixou de achar Eugène encantador em seu novo traje. O olhar que trocaram foi bastante significativo para que Rastignac não duvidasse ser para ela o objeto desses desejos confusos que atingem todas as moças e que elas ligam ao primeiro ser sedutor. Uma voz lhe gritava: “Oitocentos mil francos!”. Mas de repente tornou a se jogar em suas lembranças da véspera, e pensou que sua paixão simulada pela sra. de Nucingen era o antídoto de seus maus pensamentos involuntários.

— Ontem apresentavam no Italiens O barbeiro de Sevilha , de Rossini. Eu

nunca tinha ouvido música tão deliciosa — disse. — Meu Deus! que felicidade ter um camarote no Italiens.

O pai Goriot agarrou no voo essas palavras, como um cachorro agarra um gesto de seu dono.

— Vocês têm a vida que pediram a Deus — disse a sra. Vauquer —, vocês, homens, fazem tudo o que gostam.

— Como voltou? — perguntou Vautrin.

— A pé — respondeu Eugène.

— Eu — prosseguiu o tentador —, eu não gostaria de semiprazeres; gostaria de ir lá na minha carruagem, no meu camarote, e voltar bem confortavelmente. Tudo ou nada!, essa é a minha divisa.

— E que é boa — retrucou a sra. Vauquer.

— Talvez o senhor vá ver a sra. de Nucingen — Eugène disse baixinho a Goriot. — Com toda certeza ela o receberá de braços abertos; querará saber mil pequenos detalhes a meu respeito. Soube que daria tudo no mundo para ser recebida por minha prima, a sra. viscondessa de Beauséant. Não esqueça de lhe dizer que a amo demais para não pensar em lhe conseguir essa satisfação.



Rastignac foi rapidamente para a Escola de Direito, queria ficar o mínimo possível naquela odiosa casa. Perambulou durante quase o dia todo, às voltas com aquela febre que conheceram os jovens afetados por esperanças muito intensas. Os argumentos de Vautrin o faziam refletir na vida social, quando encontrou seu amigo Bianchon no Jardin du Luxembourg.

— De onde tirou esse ar grave? — perguntou o estudante de medicina pegando-lhe pelo braço para passearem defronte do palácio.

— Estou atormentado por más ideias.

— De que gênero? As ideias se curam.

— Como?

— Sucumbindo a elas.

— Você ri sem saber do que se trata. Leu Rousseau?

— Li.

— Lembra-se do trecho em que ele pergunta a seu leitor o que faria caso pudesse enriquecer matando na China, só por sua vontade, um velho mandarim, sem sair de Paris?

— Lembro.

— E então?

- Ora! Estou no meu trigésimo terceiro mandarim.
- Não brinque. Bem, se lhe fosse provado que a coisa é possível e que lhe bastasse um aceno de cabeça, você o faria?
- Ele é muito velho, o mandarim? Mas, qual! Moço ou velho, parálítico ou em forma, pensando bem... Diachos! Pois é, não.
- Você é um bom rapaz, Bianchon. Mas se amasse uma mulher a ponto de por ela virar a alma pelo avesso, e se precisasse de dinheiro, de muito dinheiro para sua roupa, para seu carro, para todas as suas fantasias, e então?
- Mas você me tira a razão e quer que eu raciocine.
- Pois é, Bianchon, estou louco, cure-me. Tenho duas irmãs que são anjos de beleza, de candura, e quero que sejam felizes. Onde pegar duzentos mil francos para o dote delas daqui a cinco anos? Há circunstâncias na vida, sabe, em que é preciso jogar apostando alto e não gastar sua felicidade para ganhar uns vinténs.
- Mas você coloca a questão que se apresenta para qualquer pessoa no ingresso da vida, e quer cortar o nó górdio com a espada. Para agir assim, meu caro, é preciso ser Alexandre, do contrário se vai para os trabalhos forçados. Eu, de meu lado, estou feliz com a vidinha que levarei na província, onde muito simplesmente sucederei a meu pai. As afeições do homem se

satisfazem no menor círculo tão plenamente como numa imensa circunferência. Napoleão não jantava duas vezes, e não podia ter mais amantes que as que tem um estudante de medicina quando é residente no Capucins. Nossa felicidade, meu caro, sempre caberá entre a planta dos pés e nosso occipital; e que custe um milhão por ano ou cem luíses, sua percepção intrínseca é a mesma dentro de nós. Concluo pela vida do chinês.

— Obrigado, você me fez bem, Bianchon! Sempre seremos amigos.

— Mas me diga — prosseguiu o estudante de medicina, saindo do curso de Cuvier 40 no Jardin des Plantes —, acabo de avistar a Michonneau e o Poiret conversando num banco com um senhor que vi durante os tumultos do ano passado nos arredores da Câmara dos Deputados, e que me deu a impressão de ser um homem da polícia disfarçado de honrado burguês vivendo de rendas. Estudemos aquele casal: e lhe direi por quê. Adeus, vou responder à minha chamada das quatro horas.

Quando Eugène voltou para a pensão, encontrou o pai Goriot esperando por ele.

— Tome — disse o bom homem —, aqui está uma carta dela. Bela letra, hein! Eugène quebrou o lacre da carta e leu.

Senhor, meu pai me disse que gostava de música italiana. Ficaria feliz se quisesse me dar o prazer de aceitar um lugar em meu

camarote. Teremos sábado a Fodor e Pellegrini, portanto tenho certeza de que não me recusará. O sr. de Nucingen une-se a mim para lhe pedir que venha jantar conosco sem cerimônia. Se aceitar, o fará muito feliz por não ter de cumprir seu dever conjugal me acompanhando. Não me responda, venha, e receba meus cumprimentos.

D. DE N.

— Mostre-me — disse o homem a Eugène quando ele leu a carta.

— Irá, não é? — acrescentou depois de ter cheirado o papel. —

Que cheiro bom! Os dedos dela tocaram isso!

“Uma mulher não se joga assim em cima de um homem”, pensava o estudante. “Quer se servir de mim para trazer De Marsay de volta. Só o despeito provoca essas coisas.”

— Bem — disse o pai Goriot —, então, em que está pensando?

Eugène não conhecia o delírio de vaidade que assaltava certas mulheres nesses momentos, e não sabia que, para abrir uma porta no Faubourg Saint-Germain, a mulher de um banqueiro era capaz de todos os sacrifícios. Nessa época, a moda começava a pôr acima de todas as mulheres aquelas que eram admitidas na sociedade do Faubourg Saint-Germain, chamadas as damas do Petit Château, 41 entre as quais a sra. de Beauséant, sua amiga, a duquesa de Langeais, e a duquesa de Maufrigneuse

ocupavam o primeiro lugar. Só Rastignac ignorava o furor que acometera as mulheres da Chaussée d'Antin para entrar no círculo superior onde brilhavam as constelações de seu sexo. Mas sua desconfiança bem que o serviu, pois lhe deu frieza, e o triste poder de impor condições em vez de recebê-las.

— Sim, irei — respondeu.

Assim, a curiosidade o levava à casa da sra. de Nucingen, ao passo que, se essa mulher o tivesse desprezado, é provável que tivesse sido levado pela paixão. No entanto, não esperou sem uma espécie de impaciência o dia seguinte e a hora de partir. Para um rapaz, existe em sua primeira aventura tantos encantos talvez quanto os que se encontram num primeiro amor. A certeza de triunfar gera mil felicidades que os homens não confessam, e que fazem todo o charme de certas mulheres. O desejo nasce igualmente da dificuldade como da facilidade dos triunfos. Todas as paixões dos homens são muito certamente excitadas ou mantidas por uma ou outra dessas duas causas, que dividem o império amoroso. É possível que essa divisão seja uma consequência da grande questão dos temperamentos, que domina, diga o que se disser, a sociedade. Se os melancólicos precisam do tônico das coqueterias, talvez as pessoas nervosas ou sanguíneas fujam, se a resistência durar demais. Em outras palavras, a elegia é tão essencialmente linfática como o ditirambo é biliar. 42 Fazendo sua toalete, Eugène saboreou todas essas

pequenas alegrias de que não ousam falar os jovens, temerosos de que zombem deles, mas que titilam o amor-próprio. Arrumava o cabelo pensando que o olhar de uma mulher bonita deslizaria sob seus cachos pretos. Permitiu-se macaquices infantis assim como faria uma moça

se vestindo para o baile. Olhou com condescendência para sua cintura fina, alisando a casaca. “Com certeza”, pensou, “é possível encontrar outros piores!” Depois, desceu na hora em que todos os frequentadores da pensão estavam à mesa e recebeu alegremente os hurras e as tolices que sua roupa elegante suscitou. Um traço dos costumes peculiares das pensões burguesas é o assombro que causa um traje bem cuidado. Ninguém ali veste roupa nova sem que alguém faça um comentário.

— Poct, poct, poct, poct — fez Bianchon estalando a língua no palato, como para estimular um cavalo.

— Jeito de duque e de par de França! — disse a sra. Vauquer.

— O cavalheiro sai em conquista? — observou a srta. Michonneau.

— Cocoricó! — gritou o pintor.

— Meus cumprimentos à senhora sua esposa — disse o empregado do museu.

— Tem uma esposa? — perguntou Poiret.

— Uma esposa com compartimentos, que boia na água, boa pele garantida, com preços de vinte e quatro a quarenta, estampados xadrez na última moda, podendo ser lavada, belo aspecto, metade linha, metade algodão, metade lã, curando dor de dentes e outras doenças aprovadas pela Academia Real de Medicina! Excelente, aliás, para as crianças! Melhor ainda contra as dores de cabeça, as repleções e outras doenças do esôfago, dos olhos e dos ouvidos — exclamou Vautrin com a loquacidade cômica e a pronúncia de um operador. 43

— Mas quanto é essa maravilha, os senhores me perguntarão? Dois vinténs! Não. Absolutamente nada. É um resto das provisões compradas do Grão- Mongol, e que todos os soberanos da Europa, inclusive o grrrrrrão-duque de Bade, quiseram ver! Entrem, sempre em frente, e passem ao pequeno escritório. Andem, música! Brum, lá-lá, trimm! lá-lá, bum-bum! O senhor da clarineta está desafinando — ele prosseguiu com voz rouca —, vou bater nos seus dedos.

— Meu Deus! Como esse homem é agradável — disse a sra. Vauquer à sra.

Couture —, jamais me aborreceria com ele.

Em meio aos risos e às brincadeiras, cujo sinal foi esse discurso comicamente proferido, Eugène conseguiu captar o olhar furtivo

da srta. Taillefer, que se inclinou para a sra. Couture, dizendo-lhe umas palavras ao ouvido.

— O cabriolé chegou — disse Sylvie.

— Mas onde ele vai jantar? — perguntou Bianchon.

— Na casa da sra. baronesa de Nucingen.

— A filha do sr. Goriot — respondeu o estudante.

Diante desse nome, os olhares se viraram para o antigo macarroneiro, que

contemplava Eugène com uma espécie de inveja.

Rastignac chegou à Rue Saint-Lazare, a uma dessas casas leves, de colunas finas, pórticos mesquinhos, que constituem o bonito em Paris, uma verdadeira casa de banqueiro, cheia de requintes caros, estuques, patamares de escada em mosaico de mármore. Encontrou a sra. de Nucingen num salãozinho com pinturas italianas cuja decoração parecia a dos cafés. A baronesa estava triste. Os esforços que fez para esconder sua tristeza interessaram mais intensamente Eugène na medida em que não tinham nada de fingido. Pensava em tornar uma mulher alegre por sua presença, e a encontrava no desespero. Esse desapontamento espicou seu amor-próprio.



— Tenho bem poucos direitos à sua confiança, senhora — disse depois de tê-la alfinetado sobre sua preocupação —, mas se a incomodo conto com sua boa-fé, e me diga francamente.

— Fique — ela disse —, eu me sentiria sozinha se fosse embora. Nucingen janta fora, e não gostaria de me ver só, preciso de distração.

— Mas o que tem?

— O senhor é a última pessoa a quem eu diria — exclamou.

— Quero saber, senão devo ter algo a ver com esse segredo.

— Talvez! Mas não — retrucou —, são brigas conjugais que devem ser sepultadas no fundo do coração. Eu não lhe dizia anteontem? Não sou feliz. As correntes de ouro são as mais pesadas.

Quando uma mulher diz a um rapaz que é infeliz, se esse rapaz é inteligente, bem-posto, se tem mil e quinhentos francos ociosos no bolso, deve pensar o que pensava Eugène, e torna-se presunçoso.

— O que pode desejar? — ele respondeu. — É bela, amada, rica.

— Não falemos de mim — ela disse fazendo um sinistro gesto de cabeça. — Jantaremos juntos, a sós, iremos ouvir a música mais deliciosa. Estou a seu gosto? — continuou, levantando-se e mostrando o vestido de caxemira branca com motivos persas, da mais alta elegância.

— Gostaria que fosse inteiramente minha — disse Eugène. — Está adorável.

— Teria uma triste propriedade — ela disse sorrindo com amargura. — Nada aqui lhe anuncia a desgraça, e no entanto, apesar dessas aparências, estou no desespero. Minhas tristezas me tiram o sono, vou ficar feia.

— Oh! Isso é impossível — disse o estudante. — Mas estou curioso para conhecer esses sofrimentos que um amor dedicado não apagaria.

— Ah! Se eu os contasse, o senhor me fugiria — ela disse. — Ainda não me ama senão por uma galanteria que é de praxe nos homens; mas, se me amasse,

cairia num desespero terrível. Está vendo que devo me calar. Por favor —

continuou —, falemos de outra coisa. Venha ver meus aposentos.

— Não, fiquemos aqui — respondeu Eugène, sentando-se numa conversadeira à frente da lareira, ao lado da sra. de Nucingen, cuja mão ele pegou com segurança.

Ela o deixou pegá-la e até a apoiou sobre a do rapaz com um desses gestos de força concentrada que traem fortes emoções.

— Escute — disse-lhe Rastignac —, se sente tristezas, deve me contá-las. Quero lhe provar que a amo por si mesma. Ou falará e

me contará seus pesares para que eu possa dissipá-los, ainda que seja preciso matar seis homens, ou sairei para nunca mais voltar.

— Pois bem — ela exclamou, tomada por um pensamento de desespero que a levou a bater na própria testa —, vou pô-lo à prova neste instante.

“Sim”, disse consigo mesma, “só resta esse meio.” Tocou a campainha.

— O carro do senhor está atrelado? — perguntou a seu criado de quarto.

— Está, senhora.

— Vou pegá-lo. Dê-lhe o meu e meus cavalos. Só sirva o jantar às sete horas. Ande, venha — disse a Eugène, que pensou estar sonhando ao se ver dentro do cupê do sr. de Nucingen, ao lado daquela mulher. — Para o Palais-Royal — ela disse ao cocheiro —, perto do Théâtre-Français.

No caminho, pareceu agitada e negou-se a responder às mil perguntas de

Eugène, que não sabia o que pensar daquela resistência muda, compacta, obtusa. “Num instante ela me escapa”, pensou.

Quando o carro parou, a baronesa olhou para o estudante de um jeito que impôs silêncio a suas alucinantes palavras; pois ele se arrebatara.

- Gosta mesmo de mim? — perguntou.
- Gosto — ele respondeu escondendo a inquietação que o invadia.
- Não pensará nada de mal a meu respeito, apesar do que eu possa lhe pedir?
- Não.
- Está disposto a me obedecer?
- Cegamente.
- Foi algumas vezes jogar? — perguntou com voz trêmula.
- Nunca.
- Ah! Antes isso. Conhecerá a felicidade. Aqui está minha bolsa — ela disse.
- Mas pegue-a! Há cem francos, é tudo o que possuí esta mulher tão feliz. Suba a uma casa de jogo, não sei onde ficam, mas sei que há no Palais-Royal. Arrisque os cem francos num jogo que se chama roleta, e perca tudo, ou traga-me seis mil francos. Na sua volta lhe contarei minhas tristezas.
- Quero que o diabo me carregue se estou entendendo alguma coisa do que vou fazer, mas vou obedecê-la — ele disse com uma alegria provocada por esse pensamento: “Ela se compromete comigo, não me recusará nada”.

Eugène pega a linda bolsa, corre ao número NOVE , depois que um vendedor de roupas lhe indicou a casa de jogo mais próxima. Sobe, deixa que peguem o seu chapéu; mas entra e pergunta onde fica a roleta. Para espanto dos frequentadores, o moço da sala o leva diante de uma mesa comprida. Eugène, seguido por todos os espectadores, pergunta sem pejo onde deve pôr a aposta.

— Se puser um luís num único desses trinta e seis números, e ele sair, terá trinta e seis luíses — diz-lhe um velho respeitável de cabelos brancos.

Eugène joga os cem francos no número de sua idade, vinte e um. Ouve-se um grito de espanto sem que ele tenha tempo de se identificar. Ganhou sem perceber.

— Mas retire seu dinheiro — diz-lhe o velho cavalheiro —, não se ganha duas vezes desse jeito.

Eugène pega um rodo que o velho lhe estica, puxa para si os três mil e seiscentos francos e, sempre sem entender nada do jogo, coloca-os sobre o vermelho. Os jogadores o olham com inveja, vendo que continua a jogar. A roda gira, ele ganha de novo, e a banca lhe joga novamente três mil e seiscentos francos.

— Tem sete mil e duzentos francos seus — diz-lhe ao ouvido o velho. — acredite em mim, vá embora, deu vermelho oito vezes. Se for caridoso, reconhecerá esse bom conselho aliviando a miséria

de um antigo prefeito de Napoleão que enfrenta as piores dificuldades.

Rastignac, atordoado, deixa que o homem de cabelos brancos lhe tome dez luíses e desce com os sete mil francos, ainda sem entender nada do jogo, mas estupefato com sua felicidade.

— Ah, essa! Para onde me levará agora? — disse mostrando os sete mil

francos à sra. de Nucingen quando a portinhola se fechou.

Delphine o apertou com um abraço alucinante e o beijou vivamente, mas sem paixão.

— Salvou-me!

Lágrimas de alegria correram abundantes em suas faces.

— Vou lhe dizer tudo, meu amigo. Porque será meu amigo, não é? Está me vendo rica, opulenta, nada me falta ou aparento não precisar de nada! Pois bem, saiba que o sr. de Nucingen não me deixa dispor de um tostão: paga tudo na

casa, meus carros, meus camarotes; atribui-me para minhas toaletes uma quantia insuficiente, reduz-me a uma miséria secreta por cálculo. Sou orgulhosa demais para lhe implorar. Não seria eu a última das criaturas se comprasse seu dinheiro pelo preço que ele quer me vendê-lo? Como eu, rica, com setecentos mil francos, deixei-me espoliar? Por orgulho, por indignação. Somos tão

jovens, tão ingênuas, quando começamos a vida conjugal! A palavra com a qual eu precisava pedir dinheiro a meu marido me dilacerava a boca; eu jamais ousava, comia o dinheiro de minhas economias e aquele que meu pobre pai me dava; depois, me endividei. O casamento é para mim a mais horrível decepção, não posso lhe falar a respeito: que lhe baste saber que me jogaria pela janela se tivesse de viver com Nucingen de outra maneira senão tendo cada um aposentos separados. Quando foi preciso lhe declarar minhas dívidas de jovem mulher, as joias, as fantasias (meu pobre pai tinha nos acostumado a não nos recusar nada), sofri o martírio; mas, enfim, encontrei a coragem de lhe dizer. Não tinha uma fortuna minha? Nucingen se enfureceu, disse-me que eu o arruinaria, horrores! Eu gostaria de estar a trinta metros debaixo da terra. Como ele havia pegado meu dote, pagou; mas estipulando dali em diante, para minhas despesas pessoais, uma pensão à qual me resignei, a fim de ter paz. Desde então, quis responder ao amor-próprio de alguém que o senhor conhece — ela disse. — Se fui enganada por ele, serei malvista caso não faça justiça à nobreza de seu caráter. Mas, afinal, ele me deixou, indignamente! Nunca se deve abandonar uma mulher a quem se jogou, num dia de desespero, um monte de ouro! Sempre se deve amá-la! O senhor, bela alma de vinte e um anos, jovem e puro, me perguntará como uma mulher pode aceitar ouro de um homem? Meu Deus! Não é natural dividir tudo com o ser a quem devemos nossa felicidade? Quando nos demos totalmente,

quem poderia se preocupar com uma parcela desse tudo? O dinheiro só se torna alguma coisa quando o sentimento não existe mais. Não estamos ligados para toda a vida? Quem de nós prevê uma separação acreditando ser bem-amada? Vocês nos juram um amor eterno, como ter, então, interesses distintos? Não tem ideia do que sofri hoje, quando Nucingen se recusou, terminantemente, a me dar seis mil francos, ele que os dá todo mês à amante, uma corista do Opéra! Eu queria me matar. As ideias mais loucas me passaram pela cabeça. Houve momentos em que invejava a sorte de uma criada, de minha camareira. Ir encontrar meu pai, loucura! Anastasie e eu o degolamos: meu pobre pai teria se vendido se pudesse valer seis mil francos. Eu teria ido desesperá-lo em vão. O senhor me salvou da vergonha e da morte, eu estava ébria de dor. Ah! senhor, eu lhe devia essa explicação: fui bem insensatamente louca consigo. Quando me deixou, e que o perdi de vista, queria fugir a pé... para onde? não sei. Eis a vida de metade das mulheres de Paris: um luxo exterior, preocupações cruéis na alma. Conheço pobres criaturas ainda mais infelizes que eu. Porém, há mulheres obrigadas a pedir faturas falsas a seus fornecedores. Outras são forçadas a roubar seus maridos: uns acreditam que caxemiras de cem luíses se vendem por quinhentos francos, outros, que uma caxemira de quinhentos francos vale cem luíses. Encontram-se pobres mulheres que fazem seus filhos jejuarem e se metem em



tramoias para ter um vestido. Eu sou pura quanto a essas odiosas enganações. Eis minha última angústia. Se certas mulheres se vendem a seus maridos para governá-los, eu ao menos sou livre! Poderia fazer Nucingen me cobrir de ouro, e prefiro chorar com a cabeça encostada no peito de um homem que eu possa estimar. Ah! Esta noite o sr. de Marsay não terá o direito de me olhar como uma mulher a quem pagou. — Pôs o rosto entre as mãos, para não mostrar as lágrimas a Eugène, que lhe descobriu o rosto para contemplá-la, ela estava sublime assim. — Misturar o dinheiro com os sentimentos, não é horrível? O senhor não poderá me amar — disse.

Essa mistura de bons sentimentos, que tornam as mulheres tão grandiosas, e dos erros que a constituição atual da sociedade as força a cometer transtornava Eugène, que dizia palavras meigas e de consolo ao admirar aquela linda mulher, tão ingenuamente imprudente em seu grito de dor.

— O senhor não se servirá disso contra mim — ela disse —, prometa-me.

— Ah, senhora! Sou incapaz disso — ele disse.

Pegou-lhe a mão e a colocou sobre o peito, com um gesto cheio de gratidão e gentileza.

— Graças a si eis-me novamente livre e alegre. Vivia oprimida por uma mão de ferro. Agora quero viver simplesmente, não gastar

nada. Vai me achar bem da maneira como eu serei, não vai, meu amigo? Guarde isto — disse, pegando apenas seis notas. — Tenho consciência de que lhe devo mil escudos, pois considero que é metade para cada um.

Eugène se defendeu como uma virgem. Mas tendo a baronesa lhe dito: “Olho-o

como meu inimigo se não for meu cúmplice”, pegou o dinheiro.

— Será um capital para investir em caso de desgraça — ele lhe disse.

— Eis a expressão que eu temia — ela exclamou empalidecendo. — Se quiser que eu seja alguma coisa para si, jure-me nunca tornar a jogar. Meu Deus! Eu, corrompê-lo! Morreria de dor — disse.

Tinham chegado. O contraste entre aquela miséria e essa opulência atordoava o estudante, em cujos ouvidos as sinistras palavras de Vautrin foram ecoar.

— Ponha-se aí — disse a baronesa entrando em seu quarto e mostrando uma conversadeira perto da lareira —, vou escrever uma carta bem difícil! Aconselhe-me.

— Não escreva — disse-lhe Eugène —, enrole as notas, ponha o endereço e envie-as pela sua criada de quarto.

— Mas o senhor é um amor de homem — ela disse. — Ah! Eis o que é ter sido bem-educado! Isso é Beauséant em estado puro — disse sorrindo.

“Ela é um encanto”, pensou Eugène, que se afeiçoava cada vez mais. Olhou para aquele quarto onde transpirava a voluptuosa elegância de uma rica cortesã.

— Agrada-lhe? — ela disse tocando a campainha para a camareira. — Thérèse, leve isso, pessoalmente, ao sr. de Marsay, e entregue a ele mesmo. Se não o encontrar, traga-me a carta de volta.

Thérèse não saiu sem dar uma olhada maliciosa para Eugène. O jantar estava

servido. Rastignac deu o braço à sra. de Nucingen, que o levou para uma deliciosa sala de jantar, onde encontrou o luxo de mesa que admirara na casa da prima.

— Nos dias de Italiens — ela disse —, virá jantar comigo e me acompanhará.

— Eu me acostumaria a essa doce vida se ela tivesse de durar; mas sou um pobre estudante que tem sua fortuna para fazer.

— Ela se fará — ela disse rindo. — Está vendo, tudo se arranja: eu não esperava ser tão feliz.

Está na natureza das mulheres provar o impossível pelo possível e destruir os fatos por pressentimentos. Quando a sra. de Nucingen e Rastignac entraram em seu camarote no Bouffons, ela exibiu um ar de contentamento que a tornava tão bela, que todos se permitiram essas caluniazinhas contra as quais as mulheres não têm defesa, e que costumam fazer com que se acredite em desordens inventadas à vontade. Quando se conhece Paris, não se acredita em nada do que ali se diz, e não se diz nada do que ali se faz. Eugène pegou a mão da baronesa e os dois se falaram por pressões mais ou menos intensas, comunicando-se as sensações que lhes dava a música. Para eles, aquela noite foi inebriante. Saíram juntos, e a sra. de Nucingen quis acompanhar Eugène até a Pont-Neuf, negando-lhe, durante todo o caminho, um dos beijos que lhe prodigalizara tão calorosamente no Palais-Royal. Eugène lhe recriminou essa inconsequência.

— À tarde era o reconhecimento por uma dedicação inesperada — ela

respondeu —, agora seria uma promessa.

— E não quer me fazer nenhuma, ingrata.

Ele se zangou. Fazendo um desses gestos de impaciência que maravilham um

amante, ela lhe deu a mão para beijar, que ele pegou com uma má vontade que a encantou.

— Até segunda-feira, no baile — ela disse.

E indo embora a pé, sob um belo luar, Eugène caiu em sérias reflexões. Estava ao mesmo tempo feliz e descontente: feliz com uma aventura cujo desfecho provável lhe dava uma das mais lindas e mais elegantes mulheres de Paris, objeto de seus desejos; descontente ao ver derrubados seus projetos de fortuna; e foi então que sentiu a realidade dos pensamentos indecisos aos quais se entregara na antevéspera. O insucesso sempre nos revela a força de nossas pretensões. Quanto mais Eugène desfrutava da vida parisiense, menos queria continuar a ser obscuro e pobre. Amarrotava sua nota de mil francos dentro do bolso, fazendo mil raciocínios capciosos para se apropriar dela. Finalmente chegou à Rue Neuve-Sainte-Geneviève, e quando estava no alto da escada viu luz. O pai Goriot deixara sua porta aberta e a vela acesa, a fim de que o estudante não esquecesse de lhe contar sua filha, segundo sua expressão. Eugène não lhe escondeu nada.

— Mas — exclamou o pai Goriot num violento desespero de ciúme — elas acreditam que estou arruinado: ainda tenho mil e trezentas libras de renda! Meu Deus! A pobrezinha, por que não vinha aqui! Eu teria vendido meus títulos, teríamos tirado do capital, e o resto eu teria transformado em renda vitalícia. Por que não veio me contar que estava em apuros, meu bom vizinho? Como teve a coragem de ir arriscar no jogo os pobres cem franquinhos dela? É

de partir a alma. É assim que são os genros! Oh! Se eu os pegasse, apertaria o pescoço deles. Meu Deus! Chorar, ela chorou?

— A cabeça sobre meu colete — disse Eugène.

— Oh! Dê-me seu colete — disse o pai Goriot. — Como! Aqui houve lágrimas de minha filha, de minha querida Delphine, que nunca chorava quando era pequena! Oh! Comprarei outro para o senhor, não o use mais, deixe-o comigo. Ela deve, segundo seu contrato, usufruir de seus bens. Ah! Vou encontrar Derville, um advogado, já amanhã. Vou exigir o investimento de sua fortuna. Conheço as leis, sou uma velha raposa, vou recuperar meus dentes.

— Tome, pai, aqui estão mil francos que ela quis me dar de nosso ganho.

Guarde-os, dentro do colete.

Goriot olhou para Eugène, estendeu-lhe a mão para pegar a dele, na qual deixou cair uma lágrima.

— O senhor terá sucesso na vida — disse-lhe o velho. — Deus é justo, sabe? Eu cá me conheço em probidade, e posso lhe garantir que há bem poucos

homens que se parecem consigo. Portanto, quer ser também meu querido filho? Vá, durma. Pode dormir, ainda não é pai. Ela chorou, fico sabendo disso, eu, que estava ali tranquilamente comendo

como um imbecil, enquanto ela sofria; eu, eu que venderia o Pai, o Filho e o Espírito Santo para lhes evitar uma lágrima, às duas!

“Por minha fé!”, pensou Eugène ao se deitar, “creio que serei homem honesto toda a minha vida. Há prazer em seguir as inspirações de sua consciência.”

Talvez apenas os que acreditam em Deus é que fazem o bem em segredo, e Eugène acreditava em Deus. No dia seguinte, na hora do baile, Rastignac foi à casa da sra. de Beauséant, que o levou para apresentá-lo à duquesa de Carigliano. Recebeu a mais graciosa acolhida da esposa do marechal, em cuja casa encontrou a sra. de Nucingen. Delphine se enfeitara com a intenção de agradar a todos para melhor agradar a Eugène, de quem esperava impacientemente um olhar, pensando esconder sua impaciência. Para quem sabe adivinhar as emoções de uma mulher, esse momento é repleto de delícias. Quem não se deliciou várias vezes em fazer esperarem sua opinião, em disfarçar com faceirice seu prazer, em buscar confissões na inquietação causada, em desfrutar dos temores que serão dissipados por um sorriso? Durante aquela festa, o estudante avaliou de repente o alcance de sua situação, e compreendeu que tinha uma bela posição na sociedade sendo primo declarado da sra. de Beauséant. A conquista da sra. baronesa de Nucingen, que já lhe era atribuída, o punha tão bem em relevo, que todos os jovens lhe lançavam olhares de inveja; flagrando alguns, provou os primeiros

prazeres da fatuidade. Passando de um salão a outro, cruzando os grupos, ouviu elogiarem sua felicidade. Todas as mulheres lhe previam sucessos. Delphine, temendo perdê-lo, prometeu não lhe recusar à noite o beijo que tanto se impedira lhe dar na antevéspera. Nesse baile, Rastignac recebeu vários convites. Foi apresentado por sua prima a algumas mulheres que, todas, tinham pretensões à elegância, e cujas casas passavam por ser agradáveis; viu-se lançado na maior e mais bela sociedade de Paris. Portanto, essa noite teve para ele os encantos de uma brilhante estreia, e ele iria recordá-la até em seus velhos dias, como uma moça se lembra do baile em que teve triunfos. No dia seguinte, quando, almoçando, contou seus êxitos ao pai Goriot diante dos pensionistas, Vautrin começou a sorrir de um jeito diabólico.

— E acredita — exclamou esse lógico feroz — que um rapaz na moda pode

morar na Rue Neuve-Sainte-Geneviève, na Casa Vauquer? Pensão infinitamente respeitável em todos os aspectos, certamente, mas que é tudo menos fashionable

. É opulenta, é bela em sua abundância, é orgulhosa de ser o solar momentâneo

de um Rastignac; mas, afinal, fica na Rue Neuve-Sainte-Geneviève, e ignora o luxo, porque é puramente patriarcalorama .



Meu jovem amigo — Vautrin prosseguiu com um ar paternalmente debochado —, se quiser ter boa estampa em Paris, precisa de três cavalos e de um fílburi para a manhã, um cupê para a noite, no total nove mil francos para o veículo. Seria indigno de seu destino se não gastasse três mil francos com seu alfaiate, seiscentos francos com seu perfumista, cem escudos com o boteiro, cem escudos com o chapeleiro. Quanto à sua lavadeira, lhe custará mil francos. Os jovens na moda não podem deixar de ser muito bons no quesito da roupa de baixo: não é o que mais frequentemente se examina neles? O amor e a igreja querem belas toalhas em seus altares. Estamos em catorze mil. Não lhe falo do que perderá no jogo, em apostas, em presentes; é impossível não contar com dois mil francos de dinheiro miúdo. Levei essa vida, conheço o que é preciso desembolsar. Acrescente a essas primeiras necessidades trezentos luíses para a comida, mil francos para um teto. Vamos lá, meu filho, já estamos nos vinte e cinco milzinhos por ano nos ombros, ou então caímos na lama, deixamos que zombem de nós, e somos privados de nosso futuro, de nossos sucessos, de nossas amantes! Esqueço o criado de quarto e o moço de recados! É Christophe que levará suas cartas de amor? Vai escrevê-las no papel que usa? Seria suicidar-se. Acredite num velho cheio de experiência! — prosseguiu fazendo um rinzando em sua voz de baixo. — Ou seja deportado para uma virtuosa mansarda e case-se ali com o trabalho, ou pegue outro caminho.

E Vautrin piscou o olho, de soslaio, para a srta. Taillefer, de modo a lembrar e resumir nesse olhar os argumentos sedutores que semeara no coração do estudante para corrompê-lo. Vários dias se passaram durante os quais Rastignac levou a vida mais dissipada. Jantava quase todo dia com a sra. de Nucingen, que acompanhava em sociedade. Voltava às três ou quatro horas da madrugada, levantava-se ao meio-dia para fazer sua toalete, ia passear no bosque com Delphine, quando estava tempo bom, prodigalizando assim seu tempo sem saber seu preço, e aspirando todos os ensinamentos, todas as seduções do luxo com o ardor de que é tomado o impaciente cálice de uma tamareira fêmea pelos grãos fecundantes de seu himeneu. Apostava alto, perdia ou ganhava muito, e acabou se habituando à vida exorbitante dos jovens de Paris. De seus primeiros ganhos, devolveu mil e quinhentos francos à mãe e às irmãs, acompanhando a restituição com lindos presentes. Embora tivesse anunciado querer largar a Casa Vauquer, ainda estava lá nos últimos dias do mês de janeiro e não sabia como sair dali. Quase todos os jovens são submetidos a uma lei aparentemente inexplicável, mas cuja razão vem de sua própria juventude e da espécie de fúria com que se precipitam no prazer. Ricos ou pobres, nunca têm dinheiro para as necessidades da vida, ao passo que sempre o encontram para seus caprichos. Pródigos em tudo o que se obtém a crédito, são avaros para tudo o que se paga no mesmo instante,

e parecem se vingar do que não têm, dissipando tudo o que podem ter. Assim, para colocar a questão claramente, um estudante toma muito mais cuidado com seu chapéu do que com sua casaca. A enormidade do ganho torna o alfaiate essencialmente credor, ao passo que a modicidade da quantia faz do chapeleiro um dos seres mais intratáveis entre aqueles com quem é obrigado a parlamentar. Se o rapaz sentado no balcão de um teatro oferece ao binóculo das lindas mulheres coletes assombrosos, é duvidoso que esteja calçando meias; o vendedor de malhas é mais um desses carunchos que destroem seu bolso. Rastignac estava nesse ponto. Sempre vazia para a sra. Vauquer, sempre cheia para as exigências da vaidade, sua bolsa tinha reveses e êxitos lunáticos em desacordo com os pagamentos mais naturais. A fim de sair da pensão fétida e ignóbil onde se humilhavam periodicamente suas pretensões, não era preciso pagar um mês à sua hospedeira e comprar móveis para seu apartamento de dândi? Era o que continuava a ser impossível. Se, para conseguir o dinheiro necessário ao jogo, Rastignac sabia comprar com seu joalheiro relógios e correntes de ouro pagas muito caro com seus ganhos, e que levava à casa de penhor, esse sombrio e discreto amigo da juventude, via-se sem imaginação e sem audácia quando se tratava de pagar sua comida, sua moradia, ou de comprar as ferramentas indispensáveis para a exploração da vida elegante. Uma necessidade vulgar, dívidas contraídas

pelas necessidades satisfeitas já não o inspiravam. Como a maioria dos que conheceram essa vida incerta, esperava o último instante para saldar empréstimos sagrados aos olhos dos burgueses, como fazia Mirabeau, que só pagava seu pão quando se apresentava sob a forma exasperante de uma letra de câmbio. Por essa época Rastignac perdera seu dinheiro e se endividara. O estudante começava a entender que lhe seria impossível continuar essa existência sem ter recursos fixos. Mas, embora gemendo sob os prejuízos constrangedores de sua situação precária, sentia-se incapaz de renunciar aos prazeres excessivos dessa vida, e queria continuá-la a qualquer preço. Os acasos com que contara para sua fortuna tornavam-se quiméricos, e os obstáculos reais cresciam. Iniciando-se nos segredos domésticos do sr. e sra. de Nucingen, percebera que, para converter o amor em instrumento de fortuna, teria de beber toda a vergonha e renunciar às nobres ideias que são a absolvição dos erros da juventude. Desposara essa vida

exteriormente esplêndida, mas corroída por todas as tênias do remorso, e cujos prazeres fugazes eram a duras penas expiados por persistentes angústias; nela se enrolava ao fazer, como o Distráido de La Bruyère, uma cama na lama do fosso; mas como o Distráido, até então só sujava suas roupas.

— Então matamos o mandarim? — disse-lhe um dia Bianchon, saindo da mesa.

— Ainda não — ele respondeu —, mas está nos estertores.

O estudante de medicina tomou essa expressão como uma brincadeira, mas não era. Eugène, que pela primeira vez depois de muito tempo jantara na pensão, mostrou-se pensativo durante a refeição. Em vez de sair à sobremesa, ficou na sala sentado perto da srta. Taillefer, para quem de vez em quando dava olhares expressivos. Alguns hóspedes ainda estavam à mesa e comiam nozes, outros andavam, continuando discussões iniciadas. Como quase todas as noites, cada um falava segundo sua fantasia, segundo o grau de interesse que tinha pela conversa ou segundo o maior ou menor peso que lhe causava a digestão. No inverno, era raro que a sala de jantar ficasse inteiramente vazia antes das oito horas, momento em que as quatro mulheres se viam sozinhas e se vingavam do silêncio que seu sexo lhes impunha em meio àquela reunião masculina. Impressionado com a preocupação que dominava Eugène, Vautrin permaneceu na sala de jantar, embora de início parecesse apressado para sair, e manteve-se o tempo todo de modo a não ser visto por Eugène, que deve ter acreditado que ele saíra. Depois, em vez de acompanhar os pensionistas que eram os últimos a se ir, estacionou sub-repticiamente no salão. Lera na alma do estudante e pressentia um sintoma decisivo. Na verdade, Rastignac estava numa situação de perplexidade que muitos jovens devem ter conhecido. Amorosa ou coquete, a

sra. de Nucingen fizera Rastignac passar por todas as angústias de uma paixão verdadeira, exibindo-lhe os recursos da diplomacia feminina em uso em Paris. Depois de ter se comprometido diante do público, mantendo perto de si o primo da sra. de Beauséant, ela hesitava em lhe dar realmente os direitos de que ele parecia usufruir. Fazia um mês que excitava tão bem os sentidos de Eugène, que acabava atacando seu coração. Se nos primeiros momentos de sua ligação, o estudante acreditara ser o senhor, a sra. de Nucingen se tornara a mais forte, com a ajuda dessa manobra que em Eugène punha em marcha todos os sentimentos, bons ou maus, dos dois ou três homens que existem num jovem de Paris. Seria, nela, um cálculo? Não; as mulheres são sempre verdadeiras, mesmo em meio a suas maiores falsidades, porque cedem a algum sentimento natural. Talvez Delphine, depois de deixar o jovem ter de repente tanto domínio sobre ela, e de

ter lhe mostrado demasiada afeição, obedecesse a um sentimento de dignidade que a fazia recuar em suas concessões ou divertir-se em suspendê-las. É tão natural numa parisiense, no próprio instante em que a paixão a arrasta, hesitar em sua queda, pôr à prova o coração daquele a quem vai entregar seu futuro! Todas as esperanças da sra. de Nucingen tinham sido traídas uma primeira vez, e sua fidelidade a um jovem egoísta acabava de ser ignorada. Podia estar desconfiada, com muita razão. Talvez

tivesse percebido nas maneiras de Eugène, que seu rápido sucesso tornara fátuo, uma espécie de menosprezo causado pelas bizarrices da situação de ambos. Sem dúvida desejava parecer imponente a um homem daquela idade, e achar-se grande diante dele depois de ter sido tão pequena diante daquele por quem fora abandonada. Não queria que Eugène a imaginasse uma conquista fácil, justamente porque ele sabia que ela pertencera a De Marsay. Enfim, depois de ter sofrido o degradante prazer de um verdadeiro monstro, um libertino jovem, sentia tanta doçura em passear pelas regiões floridas do amor que sem a menor dúvida era um encanto admirar todos os seus aspectos, escutar longamente seu estremecimento e deixar-se por muito tempo acariciar por brisas castas. O verdadeiro amor pagava pelo falso. Infelizmente, esse contrassenso será frequente enquanto os homens não souberem quantas flores ceifam na alma de uma jovem mulher os primeiros golpes da traição. Fossem quais fossem suas razões, Delphine brincava com Rastignac e se divertia em brincar com ele, talvez porque se soubesse amada e certa de fazer cessar as tristezas de seu amante, segundo seu soberano bel-prazer de mulher. Por respeito a si mesmo, Eugène não queria que seu primeiro combate terminasse com uma derrota, e persistia em persegui-lo, como um caçador que quer a todo custo matar uma perdiz em sua primeira festa de Saint-Hubert. Suas ansiedades, seu amor-próprio ofendido, seus desesperos, falsos

ou verdadeiros, o prendiam cada vez mais àquela mulher. Toda Paris lhe atribuía a sra. de Nucingen, junto a quem ele não estava mais adiantado do que no primeiro dia em que a vira. Ignorando ainda que o coquetismo de uma mulher oferece às vezes mais benefícios que o prazer dado por seu amor, caía em raivas tolas. Se a estação durante a qual uma mulher disputa com o amor oferecia a Rastignac o butim de suas primícias, estas se tornavam tão difíceis quanto eram verdes, azedinhas e deliciosas de saborear. Às vezes, vendo-se sem um tostão, sem futuro, ele pensava, apesar da voz de sua consciência, nas chances de fortuna cuja possibilidade um casamento com a srta. Taillefer Vautrin lhe demonstrara. Ora, estava então num momento em que sua miséria falava tão alto, que cedeu quase involuntariamente aos artifícios da terrível esfinge cujos olhares costumavam fasciná-lo. Quando Poiret e a srta.

Michonneau subiram para seus quartos, Rastignac, pensando estar sozinho entre a sra. Vauquer e a sra. Couture, que tricotava mangas de lã cochilando perto da estufa, olhou para a srta. Taillefer de um jeito tão meigo que a fez baixar os olhos.

— Andaria tendo desgostos, sr. Eugène? — perguntou-lhe Victorine depois de um instante de silêncio.

— Qual homem não tem desgostos! — respondeu Rastignac.

— Se nós, jovens, tivéssemos certeza de ser amados, com uma



dedicação que nos recompensasse os sacrifícios que estamos sempre dispostos a fazer, talvez nunca tivéssemos desgostos.

A srta. Taillefer lhe lançou, como única resposta, um olhar que não era equívoco.

— A senhorita se sente segura de seu coração hoje; mas responderia que

jamais mudaria?

Um sorriso foi percorrer os lábios da pobre moça como um raio jorrando de sua alma, e fez tão bem reluzir seu rosto que Eugène se assustou por ter provocado uma explosão tão intensa de sentimento.

— Pois é! Se amanhã fosse rica e feliz, se uma imensa fortuna lhe caísse das nuvens, ainda amaria o rapaz pobre que lhe teria agradado durante seus dias de infortúnio?

Ela fez um lindo aceno de cabeça.

— Um rapaz bem infeliz? Novo aceno.

— Mas que bobagens está dizendo aí? — exclamou a sra. Vauquer.

— Deixe-nos — respondeu Eugène —, nós nos entendemos.

— Então estaria havendo promessa de casamento entre o sr. cavalheiro Eugène de Rastignac e a srta. Victorine Taillefer? — disse Vautrin com sua voz grossa, mostrando-se de repente na porta da sala de jantar.

— Ah!, o senhor nos meteu medo — disseram ao mesmo tempo a sra. Couture

e a sra. Vauquer.

— Eu poderia fazer escolha pior — respondeu rindo Eugène, em quem a voz de Vautrin causou a mais cruel emoção que ele jamais sentiu.

— Nada de brincadeiras de mau gosto, senhores! — disse a sra. Couture. — Minha filha, vamos subir para nosso quarto.

A sra. Vauquer seguiu as duas pensionistas, a fim de economizar sua vela e sua lareira, passando a noite com elas. Eugène se viu sozinho e frente a frente com Vautrin.

— Eu tinha certeza que conseguiria — disse-lhe o homem, mantendo um imperturbável sangue-frio. — Mas, ouça! Tenho delicadezas, como qualquer outro. Não se decida neste momento, não está nos seus melhores dias. Tem dívidas. Não quero que seja a paixão, o desespero, mas a razão que o determine a vir até mim. Talvez precise de alguns milhares de escudos. Tome, deseja-os?

Esse demônio pegou no bolso uma carteira e tirou três notas, que fez cintilarem diante dos olhos do estudante. Eugène estava na mais cruel situação. Devia ao marquês d’Ajuda e ao conde de Trailles cem luíses apostados sob palavra. Não os tinha, e não ousava passar a noite na casa da sra. de Restaud, onde era

esperado. Era uma dessas reuniões sem cerimônia, em que se comem docinhos, em que se bebe chá, mas em que se podem perder seis mil francos no uíste.

— Senhor — disse-lhe Eugène, escondendo dificilmente um tremor convulso

—, depois do que me contou deve entender que para mim é impossível ter obrigações consigo.

— Pois é, teria me dado pena falar de outra maneira — retrucou o tentador. — Você é um belo rapaz, delicado, altivo como um leão e meigo como uma moça. Seria uma bela presa para o diabo. Gosto dessa qualidade dos jovens. Mais duas ou três reflexões sobre a alta política e verá o mundo como ele é. Representando aí algumas pequenas cenas de virtude, o homem superior satisfaz todas as suas fantasias sob grandes aplausos dos parvos da plateia. Dentro de poucos dias você será nosso. Ah! se quisesse se tornar meu aluno eu o faria conseguir tudo. Não formularia um desejo que não fosse satisfeito no mesmo instante, pouco importa o que pudesse desejar: honra, fortuna, mulheres. Toda a civilização lhe seria reduzida a uma ambrosia. Seria nosso filho mimado, nosso Benjamim, exterminaríamos a todos por você, com prazer. Tudo o que lhe criasse obstáculo seria eliminado. Se mantém escrúpulos, então é porque me toma por um celerado? Pois bem, o sr. de Turenne, homem que tinha tanta probidade como você ainda pensa ter, fazia, sem se imaginar

comprometido, uns negocinhos com bandidos. 44 Não quer ser agradecido a mim, hein? Não seja por isso — continuou Vautrin deixando escapar um sorriso. — Pegue esses trapos e me ponha aí em cima — disse tirando um selo —, aí, na transversal: Aceito pela soma de três mil e quinhentos francos, pagável em um ano . E date! O juro é bastante alto para lhe tirar qualquer escrúpulo; pode me chamar de judeu e se ver livre de qualquer declaração de dívida. Permito-lhe desprezar-me ainda hoje, certo de que mais tarde gostará de mim. Encontrará em mim esses imensos abismos, esses vastos sentimentos concentrados que os estúpidos chamam vícios; mas nunca me achará covarde nem ingrato. Enfim, não sou um peão nem um bispo, mas uma torre, meu filho.

— Que homem é o senhor, afinal? — exclamou Eugène. — Foi criado para me atormentar.

— Que nada, sou um bom homem que quer se sujar para que você esteja protegido da lama até o resto de seus dias. Pergunta-se por que essa dedicação? Pois bem, vou lhe dizer bem baixinho, um dia, no seu canal auditivo. Primeiro o surpreendi mostrando-lhe o carrilhão da ordem social e o jogo da máquina; mas o seu primeiro pavor passará como o do recruta no campo de batalha, e se acostumará com a ideia de considerar os homens soldados decididos a morrer a serviço dos que se autoconsagram reis. Os tempos mudaram muito. Outrora se dizia a um pistoleiro:

“Aqui estão cem escudos, mate-me o senhor fulano de tal”, e se jantava tranquilamente depois de ter posto um homem na cova por tudo e por nada. Hoje proponho lhe dar uma bela fortuna contra um aceno de cabeça que não lhe compromete em nada, e você hesita. O século é muito mole.

Eugène assumiu a promissória e a trocou pelas notas de dinheiro.

— Muito bem, vejamos, falemos com a razão — continuou Vautrin.

— Quero partir daqui a alguns meses para a América, ir plantar meu fumo. Vou lhe enviar os charutos da amizade. Se ficar rico, o ajudarei. Se não tiver filhos (caso provável, não tenho a menor curiosidade de ser replantado aqui a partir de uma muda), pois bem, vou lhe legar minha fortuna. Não é isso ser amigo de um homem? Mas gosto de você. Tenho paixão de me dedicar a um outro. Já fiz isso. Veja só, meu pequeno, vivo numa esfera mais elevada que a dos outros homens. Considero as ações como meios, e vejo apenas o objetivo. O que é um homem para mim? Isto! — disse estalando a unha do polegar num de seus dentes. Um homem é tudo ou nada. É menos que nada quando se chama Poiret; podemos esmagá-lo como um percevejo; é achatado e fede. Mas um homem é um deus quando parece com você: não é mais uma máquina coberta de pele; e sim um teatro no qual se excitam os mais belos sentimentos, e eu só vivo pelos sentimentos. Um sentimento não é o mundo em um pensamento? Veja o pai Goriot: suas duas filhas são para ele todo o universo, são o fio

com que ele se dirige na criação. Pois bem, para mim, que cavei bem a vida, só existe um sentimento real, uma amizade de homem a homem. Pierre e Jaffier, é essa a minha paixão. Sei de cor A salvação de Veneza . 45 Já viu pessoas destemidas o suficiente para, quando um companheiro diz: “Vamos enterrar um corpo!”, irem sem dar um pio nem aborrecê-lo com lição de moral? Mas você, você é um homem superior, a gente pode lhe dizer tudo, você sabe compreender tudo. Não chafurdará muito tempo nos pântanos onde vivem esses sapos que nos cercam aqui. Pois então, estamos combinados. Você se casará. Puxemos cada um nossas espadas! A minha é de ferro e não amolece nunca, rá, rá!

Vautrin saiu sem querer ouvir a resposta negativa do estudante, a fim de deixá-lo à vontade. Parecia conhecer o segredo dessas pequenas resistências, desses combates que os homens se atribuem, para si mesmos, e que lhes servem para justificar suas ações repreensíveis.

“Que ele faça como quiser, com certeza não me casarei com a srta. Taillefer!”, pensou Eugène.

Depois de ter sofrido o mal-estar de uma febre interior causado pela ideia de um pacto feito com aquele homem por quem tinha horror, mas que a seu ver crescia pelo próprio cinismo de suas ideias e pela audácia com que estreitava a sociedade, Rastignac

se vestiu, pediu um carro e foi à casa da sra. de Restaud. Fazia alguns dias que essa mulher redobrava as atenções com um rapaz cujos passos eram um progresso rumo ao cerne da alta sociedade, e cuja influência, um dia, parecia se tornar temível. Ele pagou ao sr. de Trailles e ao sr. d’Ajuda, jogou uíste uma parte da noite, e ganhou de novo o que tinha perdido. Supersticioso como a maioria dos homens cujo caminho está para ser feito e que são mais ou menos fatalistas, quis ver em sua felicidade uma recompensa do céu por sua perseverança em permanecer no bom caminho. Na manhã seguinte, apressou-se em perguntar a Vautrin se ainda estava com sua letra de câmbio. Diante de uma resposta afirmativa, devolveu-lhe os três mil francos, manifestando um prazer bastante natural.

— Vai tudo bem — disse-lhe Vautrin.

— Mas não sou seu cúmplice — disse Eugène.

— Eu sei, eu sei — respondeu Vautrin, interrompendo-o. — Continua a fazer criancices. Detém-se nas aparências sem importância.

Dois dias depois, Poiret e a srta. Michonneau estavam sentados num banco, ao sol, numa alameda solitária do Jardin des Plantes, e conversavam com o senhor que parecia, com razão, suspeito para o estudante de medicina.

— Senhorita — dizia o sr. Gondureau —, não vejo de onde nascem seus

escrúpulos. Sua excelência o senhor ministro da Polícia Geral do reino...

— Ah! Sua excelência o senhor ministro da Polícia Geral do reino...

— repetiu

Poiret.

— Sim, sua excelência cuida desse caso — disse Gondureau.

A quem não parecerá inverossímil que Poiret, antigo funcionário, talvez homem de virtudes burguesas, embora destituído de ideias, continuasse a ouvir o pretense rentista da Rue de Buffon, no momento em que pronunciava a palavra

“polícia”, deixando assim ver a fisionomia de um agente da Rue de Jérusalem 46 atrás de sua máscara de homem honesto? No entanto, nada era mais natural. Todos entenderão melhor a espécie peculiar a que pertencia Poiret na grande família dos parvos, depois de uma ponderação já feita por certos observadores, mas que até o presente não foi publicada. Ele é de uma nação plumígera, comprimida no orçamento entre o primeiro grau de latitude que comporta os salários de mil e duzentos francos — uma espécie de Groenlândia administrativa



— e o terceiro grau, onde começam os salários um pouco mais quentes, de três a seis mil francos, região temperada, onde se aclimata a gratificação, onde ela floresce apesar das dificuldades da cultura. Um dos traços característicos que melhor trai a enfermidade estreiteza dessa raça subalterna é uma espécie de respeito involuntário, mecânico, instintivo, por esse grande lama de todo ministério, conhecido do funcionário por uma assinatura ilegível e pelo nome de SUA EXCELÊNCIA, O SENHOR MINISTRO, cinco palavras que equivalem a Il Bondo Cani do Califa de Bagdá 47 e que, para esse povo esmagado, representa um poder sagrado, inapelável. Como o papa para os cristãos, o senhor ministro é administrativamente infalível aos olhos do funcionário; o brilho que lança se comunica a seus atos, a suas palavras, àquelas ditas em seu nome; ele tudo acoberta com suas presepadas e legaliza as ações que ordena; seu nome de excelência, que atesta a pureza de suas intenções e a santidade de suas vontades, serve de passaporte para as ideias menos admissíveis. O que essa pobre gente não faria em seu próprio interesse empenha-se em realizar assim que a expressão “sua excelência” é proferida. As repartições têm sua obediência passiva, assim como o exército tem a sua: sistema que abafa a consciência, aniquila um homem e acaba, com o tempo, adaptando-o, como um parafuso ou uma porca, à máquina governamental. Assim, o sr. Gondureau, que parecia ser especialista em homens, distinguiu prontamente em

Poiret um desses palermas burocráticos, e fez sair o deus ex machina, a expressão talismânica de sua excelência, no momento em que era necessário, assestando suas baterias, deslumbrando o Poiret, que lhe parecia o macho da Michonneau, assim como a Michonneau lhe parecia a fêmea do Poiret.

— A partir do momento em que sua excelência em pessoa, sua excelência o

senhor...! Ah, é muito diferente — disse Poiret.

— A senhora está ouvindo o cavalheiro, em cujo julgamento parece ter confiança — prosseguiu o falso rentista, dirigindo-se à srta. Michonneau. — Pois bem, sua excelência agora tem a mais completa certeza de que o suposto Vautrin, alojado na Casa Vauquer, é um galé foragido da prisão de Toulon, onde é conhecido pelo nome de Engana-a-Morte.

— Ah! Engana-a-Morte! — disse Poiret. — Ele é muito feliz, se merece esse nome.

— Mas é claro — continuou o agente. — Esse apelido se deve à felicidade que teve de nunca perder a vida nas façanhas extremamente audaciosas que executou. Esse homem é perigoso, vejam bem! Tem qualidades que o tornam extraordinário. Sua condenação é até mesmo uma coisa que lhe deu, em seu ramo, uma honra infinita...

— Então é isso um homem de honra? — perguntou Poiret.

— À sua maneira. Aceitou assumir o crime de outro, uma falsificação cometida por um rapaz belíssimo de quem gostava muito, um jovem italiano, jogador inveterado, que desde então ingressou no serviço militar, onde aliás se comportou perfeitamente bem.

— Mas, se sua excelência o ministro da Polícia tem certeza de que o sr. Vautrin é Engana-a-Morte, por que então precisaria de mim? — perguntou a srta. Michonneau.

— Ah, é! — disse Poiret —, se de fato o ministro, como nos deu a honra de nos dizer, tem alguma certeza...

— Certeza não é a palavra; apenas se desconfia. Vocês vão entender a questão. Jacques Collin, vulgo Engana-a-Morte, tem toda a confiança das três prisões de galés que o escolheram para ser seu agente e seu banqueiro. Ganha muito em cuidar de negócios desse tipo, que necessariamente exigem um homem de marca.

— Ah! Ah! Entende o trocadilho, senhorita? — perguntou Poiret. — O

cavalheiro o chama de homem de marca porque ele foi marcado.

— O falso Vautrin — continuou o agente — recebe os capitais dos senhores forçados, os investe, os guarda e os mantém à

disposição dos que se evadem, ou de suas famílias, quando eles assim dispõem por testamento, ou de suas amantes, quando tiram dele para elas.

— De suas amantes? Quer dizer de suas mulheres? — observou Poiret.

— Não, senhor. O forçado em geral só tem esposas ilegítimas, a quem chamamos de concubinas.

— Então todos vivem em estado de concubinação?

— Consequentemente.

— Pois é — disse Poiret —, eis aí uns horrores que o senhor ministro não deveria tolerar. Já que tem a honra de ver sua excelência, cabe ao senhor, que me parece ter ideias filantrópicas, esclarecê-lo sobre a conduta imoral dessa gente,

que dá um péssimo exemplo para o resto da sociedade.

— Mas, senhor, o governo não os põe lá para oferecer um modelo de todas as virtudes.

— É verdade. Porém, permita-me, senhor...

— Mas deixe afinal o senhor falar, meu benzinho — disse a srta. Michonneau.

— Compreenda, senhorita — prosseguiu Gondureau. — O governo pode ter grande interesse em pôr a mão num caixa ilícito, que dizem elevar-se a um total um bocado grande. Engana-a-Morte

recebe valores consideráveis receptando não só quantias possuídas por alguns de seus companheiros mas também as que provêm da Sociedade dos Dez Mil...

— Dez mil ladrões! — exclamou Poiret, apavorado.

— Não, a Sociedade dos Dez Mil é uma associação de ladrões de escol, gente que trabalha em alto nível e não se mete em negócio em que não há pelo menos dez mil francos a ganhar. Essa sociedade se compõe de tudo o que existe de mais distinto entre os nossos homens que vão direto para um tribunal do júri. Conhecem o Código, e nunca se arriscam a pegar uma pena de morte quando são apanhados. Collin é o homem de confiança deles, é o conselheiro. Com a ajuda de seus imensos recursos, esse homem soube criar uma polícia sua, relações muito extensas que ele envolve num mistério impenetrável. Embora há um ano o tenhamos cercado de espiões, ainda não conseguimos enxergar claramente seu jogo. Portanto, seu caixa e seus talentos servem constantemente para pagar o vício, fazer reservas para o crime, e mantêm a salvo do perigo um exército de sujeitos perigosos que estão em perpétuo estado de guerra com a sociedade. Agarrar Engana-a-Morte e se apossar de seu banco será cortar o mal pela raiz. Assim, essa expedição se tornou um negócio de Estado e de alta política, capaz de honrar os que cooperarão para seu êxito. O senhor mesmo poderia voltar a ser empregado na administração, tornar-se secretário de um

delegado de polícia, funções que não o impediriam de receber sua pensão de aposentadoria.

— Mas por que — disse a srta. Michonneau — Engana-a-Morte não vai

embora com a caixa?

— Oh! — disse o agente —, aonde ele for será seguido por um homem encarregado de matá-lo, caso roube a prisão. Além disso, uma caixa não se sequestra tão facilmente como se sequestra uma senhorita de boa família. Aliás, Collin é um sujeito incapaz de fazer um lance desses, pois se acreditaria desonrado.

— Tem razão — disse Poirot —, ele ficaria totalmente desonrado.

— Nada disso nos explica por que o senhor não vai, pura e simplesmente,

agarrá-lo — ponderou a srta. Michonneau.

— Pois bem, senhorita — vou responder... Mas — disse-lhe ao ouvido — impeça o seu homem de me interromper ou jamais terminaremos. Esse velho aí deve ter uma fortuna imensa para ser ouvido. Engana-a-Morte, vindo aqui, vestiu a pele de um homem honesto, fez-se bom burguês de Paris, foi morar numa pensão sem aparência; é esperto, convenhamos! Jamais o pegarão desprevenido. Portanto, o sr. Vautrin é um homem considerado, que faz negócios consideráveis.

— Naturalmente — disse Poiret para si mesmo.

— Se nos enganássemos prendendo um verdadeiro Vautrin, o ministro não quer ter contra ele o comércio de Paris nem a opinião pública. O senhor chefe de polícia está dubitativo, tem inimigos. Se houvesse erro, os que querem seu lugar aproveitariam os mexericos e os escarcéus liberais para fazê-lo pular fora. Trata-se aqui de proceder como no caso de Coignard, o falso conde de Sainte-Hélène;

48 se tivesse sido um verdadeiro conde de Saint-Hélène, estaríamos em maus lençóis. Portanto, é preciso verificar!

— É, mas o senhor precisa de uma mulher bonita — disse com vivacidade a srta. Michonneau.

— Engana-a-Morte não se deixaria abordar por uma mulher — disse o agente.

— Saiba de um segredo: ele não gosta de mulheres.

— Mas então não vejo em que eu seria útil numa verificação dessas, algo que eu aceitaria fazer por dois mil francos.

— Nada mais fácil — disse o desconhecido. — Vou lhe entregar um frasco contendo uma dose de licor preparado para provocar uma congestão que não tem o menor perigo e simula uma apoplexia. Essa droga pode ser misturada igualmente no vinho e no café. De imediato a senhorita transportará o seu

homem para uma cama e o despirá a fim de saber se ele não está morrendo. Quando estiver sozinha, lhe dará um tapa no ombro, paf!, e verá as letras aparecerem.

— Mas isso não é nada — disse Poiret.

— Pois então, aceita? — perguntou Gondureau à solteirona.

— Mas, meu caro senhor — disse a srta. Michonneau —, caso não existam letras, eu teria os dois mil francos?

— Não.

— Então qual será o pagamento?

— Quinhentos francos.

— Fazer uma coisa dessas por tão pouco. O mal é o mesmo na consciência, e

tenho minha consciência para serenar, senhor.

— Afirmo-lhe — disse Poiret — que a senhorita tem muita consciência, além de ser uma pessoa amabilíssima e muito engenhosa.

— Pois então — retrucou a srta. Michonneau —, dê-me três mil francos se for

Engana-a-Morte, e nada se for um burguês.

— Está bem — disse Gondureau —, mas com a condição de que o negócio seja feito amanhã.



— Ainda não, meu caro senhor, preciso consultar meu confessor.

— Espertinha! — disse o agente se levantando. — Então até amanhã. E, se tiver pressa de falar comigo, vá à pequena Rue Sainte-Anne, no fundo do pátio da Sainte-Chapelle. Só há uma porta sob a cúpula. Pergunte pelo sr. Gondureau.

Bianchon, que voltava do curso de Cuvier, tivera a atenção fixada na expressão um tanto original de “Engana-a-Morte” e ouviu o “Está bem” do famoso chefe da polícia de segurança.

— Por que não termina logo isso, seriam trezentos francos de renda vitalícia —

disse Poiret à srta. Michonneau.

— Por quê? — ela perguntou. — Mas é preciso refletir. Se o sr. Vautrin fosse esse Engana-a-Morte, talvez fosse mais vantagem se arranjar com ele. Porém, lhe pedir dinheiro seria preveni-lo, e ele seria homem de dar no pé de graça. Seria um fiasco abominável.

— Mesmo que fosse prevenido — prosseguiu Poiret —, esse senhor não nos disse que ele estava sendo vigiado? Mas você, você perderia tudo.

— Aliás — pensou a srta. Michonneau —, não gosto nada desse homem! Só sabe me dizer coisas desagradáveis.

— Mas — continuou Poiret — seria melhor que fizesse. Assim como disse esse cavalheiro, que me parece muito correto, além de estar

muito bem coberto, é um ato de obediência às leis livrar a sociedade de um criminoso, por mais virtuoso que seja. Quem fez voltará a fazer. E se lhe desse na veneta assassinar todos nós? Mas, que diabo! Seríamos culpados por esses assassinios, sem contar que seríamos as primeiras vítimas.

A preocupação da srta. Michonneau não lhe permitia ouvir as frases caindo

uma a uma da boca de Poiret, como gotas d'água que pingam da torneira mal fechada de uma pia. Já que, quando começara a série de suas frases, a srta. Michonneau não o parou, o velhote continuava a falar, parecendo um mecanismo no qual tivessem dado corda. Depois de ter iniciado um primeiro assunto, era levado por seus parênteses a tratar de outros totalmente opostos, sem nada concluir. Chegando à Casa Vauquer, enfiara-se por uma série de trechos e

citações fugazes que o levaram a contar seu depoimento no caso do sr. Ragoulleau e da sra. Morin, 49 em que ele comparecera na qualidade de testemunha de defesa. Ao entrar, sua companheira não deixou de notar Eugène de Rastignac envolvido com a srta. Taillefer numa conversa íntima cujo interesse era tão palpitante que o casal não prestou a menor atenção na passagem dos dois velhos hóspedes quando atravessaram a sala de jantar.

— Isso devia acabar assim — disse a srta. Michonneau a Poiret. — Há oito dias se olhavam ternamente, a se arrancarem a alma.

— É — ele respondeu. — Assim ela foi condenada.

— Quem?

— A sra. Morin.

— Estou lhe falando da srta. Victorine — disse a srta. Michonneau ao entrar sem perceber no quarto de Poiret — e você me responde com a sra. Morin. Quem é essa mulher aí?

— Mas de que seria culpada a srta. Victorine? — perguntou Poiret.

— Ela é culpada de amar o sr. Eugène de Rastignac, e vai em frente sem saber aonde isso a levará, pobre inocente!

Durante a manhã, Eugène fora reduzido ao desespero pela sra. de Nucingen. Em seu foro íntimo, abandonara-se completamente a Vautrin, sem querer sondar os motivos da amizade que lhe demonstrava aquele homem extraordinário nem o futuro de uma união dessas. Só mesmo um milagre para tirá-lo do abismo onde já pusera o pé fazia uma hora, trocando com a srta. Taillefer as mais doces promessas. Victorine acreditava ouvir a voz de um anjo, os céus se abriam para ela, a Casa Vauquer se enfeitava com as tonalidades fantásticas que os decoradores dão aos palácios de teatro: ela amava, era amada, ao menos acreditava ser! E que mulher não acreditaria da mesma forma, ao

ver Rastignac, ao ouvi-lo durante aquela hora roubada de todos os espões da casa? Debatendo-se contra sua consciência, sabendo que agia mal e querendo agir mal, dizendo-se que redimiria esse pecado venial pela felicidade de uma mulher, ele se embelezara com o próprio desespero e resplandecia com todos os fogos do inverno que tinha no coração. Felizmente para ele, o milagre aconteceu: Vautrin entrou muito alegre e leu a alma dos dois jovens que ele casara pelas combinações de seu gênio infernal, mas cuja alegria perturbou de repente cantando com seu vozeirão galhofeiro:

Minha Fanchette é um encanto

Em sua simplicidade...

Victorine fugiu levando tanta felicidade quanto fora a infelicidade que tivera até então na vida. Pobre menina! Um aperto de mãos, sua face roçada pelos cabelos de Rastignac, uma palavra dita tão perto de seu ouvido que ela sentira o calor dos lábios do estudante, a pressão de sua cintura por um braço trêmulo, um beijo em seu pescoço, foram os esponsais de sua paixão, que a vizinhança da gorda Sylvie, ameaçando entrar naquela radiosa sala de jantar, tornou mais ardentes, mais intensos, mais insinuantes do que os mais belos testemunhos de dedicação contados nas mais célebres histórias de amor. Esses

pequenos sufrágios , seguindo uma bonita expressão de nossos antepassados, pareciam ser crimes para uma moça devota que se confessava a cada quinze dias! Naquela hora, ela prodigalizara mais tesouros da alma do que mais tarde, rica e feliz, teria dado ao se entregar inteiramente.

— O negócio está feito — disse Vautrin a Eugène. — Nossos dois dândis

brigaram. Tudo se passou nos conformes. Caso de opinião. Nosso pombinho insultou meu falcão. Amanhã, no reduto de Clignancourt. Às oito e meia, a srta. Taillefer herdará o amor e a fortuna do pai, enquanto estiver ali tranquilamente molhando no café suas fatias de pão com manteiga. Não é engraçado pensar isso? Aquele pequeno Taillefer é muito bom na espada, é confiante como uma trinca e um par; mas será sangrado por um golpe que inventei, uma maneira de levantar a espada e espetar a testa do outro. Vou lhe mostrar essa estocada, pois é furiosamente útil.

Rastignac ouvia com ar aparvalhado e não conseguia responder nada. Nesse instante o pai Goriot, Bianchon e alguns outros pensionistas chegaram.

— Assim é que eu gostaria que você fosse — disse-lhe Vautrin. — Sabe o que está fazendo. Bem, minha pequena águia! 50 Você governará os homens; é forte, firme, valente; tem minha estima.

Quis pegar sua mão. Rastignac retirou vivamente a sua e caiu numa cadeira, empalidecendo; pensava ver uma poça de sangue diante de si.

— Ah! Ainda temos umas pequenas fraldas manchadas de virtude — disse

Vautrin baixinho. — Papai Doliban tem três milhões, conheço a fortuna dele. Seu dote o deixará branco como um vestido de noiva, você verá com seus próprios olhos.

Rastignac não hesitou mais. Resolveu ir avisar à noite os srs. Taillefer, pai e filho. Nesse momento, tendo Vautrin o deixado, o pai Goriot lhe disse ao ouvido:

— Está triste, meu filho! Vou alegrá-lo. Venha!

E o velho macarroneiro acendeu sua vela numa das lamparinas. Eugène o

seguuiu, muito emocionado e curioso.

— Entremos no seu quarto — disse o bom homem, que pedira a Sylvie a chave do estudante. — Hoje de manhã pensou que ela não gostava de você, hein! — continuou. — Ela o despachou à força, e você foi embora zangado, desesperado. Pateta! Ela esperava por mim. Entende? Devíamos ir acabar de arrumar uma joia de apartamento onde você vai morar daqui a três dias. Não me denuncie. Ela quer lhe fazer uma surpresa; mas não faço

questão de esconder-lhe o segredo por muito tempo. Você vai morar na Rue d'Artois, a dois passos da Rue Saint-Lazare. Lá estará como um príncipe. Nós lhe conseguimos móveis como para uma noiva. Fizemos as coisas muito bem, há um mês, não lhe dizendo nada. Meu advogado saiu em campo, minha filha terá seus trinta e seis mil francos por ano, os juros de seu dote, e vou exigir a aplicação de seus oitocentos mil francos em bons bens ao sol.

Eugène estava mudo e andava, de braços cruzados, de um lado a outro, dentro

de seu pobre quarto em desordem. O pai Goriot aproveitou um instante em que o estudante lhe dava as costas e pôs sobre a lareira uma caixa de marroquim vermelho, na qual estavam gravadas em ouro as armas de Rastignac.

— Meu querido filho — dizia o pobre homenzinho —, meti-me em tudo isso até o pescoço. Mas veja, havia em mim bastante egoísmo, estou interessado em sua mudança de bairro. Você não vai me recusar, hein!, se eu lhe pedir uma coisa?

— O que deseja?

— Acima de seu apartamento, no quinto andar, há um quarto que depende dele, morarei lá, não é mesmo? Estou envelhecendo, estou muito longe de minhas filhas. Não o atrapalharei. Apenas ficarei ali. O senhor me falará dela toda noite. Diga-me se isso

não vai contrariá-lo? Quando voltar para casa, quando eu estiver em minha cama, vou escutar e pensarei: “Ele acaba de ver minha pequena Delphine. Levou-a ao baile, ela está feliz com ele”. Se eu estivesse doente, escutá-lo voltar, se mexer, sair seria como um bálsamo em meu coração. Haverá tanto de minha filha no senhor! Só terei de dar um passo para chegar aos Champs-Elysées, onde elas passam todo dia, vou vê-las, enquanto às vezes chego tarde demais. E além disso ela talvez venha vê-lo! Vou ouvi-la, vê-la em seu capote acolchoado matinal, saltitando, andando gentilmente como uma gatinha. Faz um mês que voltou a ser o que era, mocinha, alegre, faceira. Sua alma está em convalescença, ela lhe deve a felicidade. Oh! por si eu faria o impossível. Ela me dizia há pouco, voltando: “Papai, estou muito feliz!”. Quando me chamam cerimoniosamente: Meu pai, me congelam; mas, quando

me chamam de papai, parece-me ainda vê-las pequenas, elas me devolvem todas as minhas lembranças. Sou mais pai delas. Acho que ainda não pertencem a ninguém! (O bom homem enxugou os olhos, chorava.) Há muito tempo eu não ouvia essa frase, muito tempo que ela não me dava o braço. Ah! sim, faz bem dez anos que não andava lado a lado com uma de minhas filhas. Como é bom esfregar no vestido dela, acompanhar seus passos, partilhar seu calor! Enfim, de manhã levei Delphine para todo lado. Entrava com ela nas lojas. E a acompanhei de volta até a casa



dela. Oh! mantenha-me perto de si. Às vezes precisará de alguém para lhe prestar um favor, aqui estarei. Oh! se o casca-grossa daquele alsaciano morresse, se sua gota tivesse a inteligência de subir para o estômago, minha pobre filha seria feliz! O senhor seria meu genro, seria ostensivamente seu marido. Pois é! Ela é tão infeliz por não conhecer nada dos prazeres deste mundo, que a absolvo de tudo. O bom Deus deve estar do lado dos pais que amam. Ela o ama demais! — disse balançando a cabeça depois de uma pausa. — Quando caminhava, falava do senhor comigo: “Ele é bom, não é, meu pai? Fala de mim?”. Da Rue d’Artois até a Passage des Panoramas, contou-me montes de coisas, só vendo! Despejou enfim seu coração no meu. Durante toda essa boa manhã deixei de ser velho, não pesava nem uma onça. Disse a ela que o senhor tinha me entregado a nota de mil francos. Oh! a minha querida, comoveu-se até as lágrimas. Mas o que tem aí sobre a sua lareira? — perguntou enfim o pai Goriot, que morria de impaciência ao ver Rastignac imóvel.

Eugène, completamente atordoado, olhava para seu vizinho com uma expressão perplexa. Aquele duelo, anunciado por Vautrin para o dia seguinte, contrastava tão violentamente com a realização de suas mais queridas esperanças, que ele enfrentava todas as sensações do pesadelo. Virou-se para a lareira, viu a caixinha quadrada, abriu-a e dentro encontrou um

papel que cobria um relógio Breguet. Nesse papel estavam escritas estas palavras:

Quero que pense em mim a toda hora, porque...

DELPHINE.

Esta última palavra provavelmente fazia alusão a alguma cena que ocorrera entre eles, Eugène ficou enternecido. Suas armas estavam internamente esmaltadas no ouro da caixa do relógio. Aquela joia tão longamente invejada, a corrente, a chave, seu feitio, os desenhos respondiam a todos os seus desejos. O pai Goriot estava radiante. Talvez tivesse prometido à filha lhe relatar os menores efeitos em Eugène da surpresa causada pelo presente, pois ele era uma testemunha

dessas jovens emoções e não parecia o menos feliz. Já gostava de Rastignac tanto por sua filha como por si mesmo.

— Vai vê-la esta noite, ela o espera. O gordo estúpido do alsaciano ceia na

casa de sua bailarina. Ah! Ah! ele ficou um tanto desconcertado quando meu advogado lhe expôs sua situação. Não pretende amar minha filha até a adoração? Que toque nela e eu o mato. A

ideia de saber minha Delphine a... (ele suspirou) me faria cometer um crime; mas não seria um homicídio, pois ele é uma cabeça de bezerro em cima de um corpo de porco. Vocês me levarão consigo, não é?

— Sim, meu bom pai Goriot, bem sabe que gosto muito do senhor...

— Estou vendo, não tem vergonha de mim! Deixe-me lhe dar um beijo. (E apertou o estudante nos braços.) O senhor a fará muito feliz, prometa-me! Irá lá esta noite, não é?

— Ah, sim! Devo sair para uns negócios que é impossível adiar.

— Posso lhe ser útil em alguma coisa?

— Pensando bem, sim! Enquanto eu for à casa da sra. de Nuncingen, vá à do sr. Taillefer pai, dizer-lhe para me conceder uma hora à noite a fim de lhe falar de um negócio da maior importância.

— Então seria verdade, jovem? — disse o pai Goriot mudando de fisionomia.

— Estaria fazendo a corte à filha dele, como dizem esses imbecis lá embaixo? Por todos os deuses! Não sabe o que é um tabefe à moda de Goriot. E se nos enganasse, seria o caso para uns bons socos. Oh! não é possível.

— Juro-lhe que só amo uma mulher no mundo — disse o estudante —, e só sei disso há pouco tempo.

— Ah, que felicidade! — disse o pai Goriot.

— Mas — prosseguiu o estudante — o filho de Taillefer se duela amanhã, e ouvi dizer que ele seria morto.

— E o que tem a ver com isso? — perguntou Goriot.

— É preciso lhe dizer para impedir que o filho dele vá lá — exclamou Eugène. Nesse momento, foi interrompido pela voz de Vautrin, que se fez ouvir na

soleira da porta, onde cantava:

Ó, Ricardo, ó meu rei!

O universo te abandona...

Brum! brum! brum! brum! brum!

Por muito tempo percorri o mundo,

E me viram... 51

Tra, lá, lá, lá, lá...

— Senhores — gritou Christophe —, a sopa os espera, e todos estão à mesa.

— Taí — disse Vautrin —, venha tomar uma garrafa de meu vinho de

Bordeaux.

— Acha bonito, o relógio? — perguntou o pai Goriot. — Ela tem bom gosto, hein!

Vautrin, o pai Goriot e Rastignac desceram juntos e se viram, devido a seu atraso, sentados lado a lado, à mesa. Eugène demonstrou a maior frieza com Vautrin durante o jantar, embora nunca esse homem, tão amável aos olhos da sra. Vauquer, tivesse se mostrado tão espirituoso. Foi brilhante em suas tiradas, e soube animar todos os convivas. Essa segurança, esse sangue-frio consternaram Eugène.

— Mas que bicho lhe mordeu hoje? — perguntou-lhe a sra. Vauquer. — Está alegre como um boêmio.

— Sempre fico alegre quando faço bons negócios.

— Negócios? — perguntou Eugène.

— Pois é, sim. Entreguei uma partida de mercadorias que me valerá uns bons trocados de comissão. Srta. Michonneau — disse percebendo que a solteirona o examinava —, tenho no rosto algum traço que lhe desagrade, para que me lance o olho de águia ? É preciso dizê-lo! E o mudarei para lhe ser agradável.

— Poiret, não vamos nos zangar por isso, hein? — disse olhando de soslaio para o velho funcionário.

— Pilantra! Deveria posar para um Hércules Farsante — disse o jovem pintor a

Vautrin.

— Tudo bem, palavra!, se a srta. Michonneau quiser posar como Vênus do

Père-Lachaise — respondeu Vautrin.

— E Poiret? — perguntou Bianchon.

— Ah! Poiret posará de Poiret. Será o deus dos jardins! — exclamou Vautrin.

— Poiret deriva de pera...

— Mole! — retrucou Bianchon. — Então o senhor ficaria entre a pera e o queijo.

— Tudo isso são tolices — disse a sra. Vauquer —, e seria melhor nos darem seu vinho de Bordeaux, cuja pontinha da garrafa estou

vendo. Isso manterá nossa alegria, além do mais é bom para o estômago.

— Senhores — disse Vautrin —, a senhora presidente nos chama à ordem. A sra. Couture e a srta. Victorine não se ofenderão com seus discursos jocosos; mas respeitem a inocência do pai Goriot. Proponho-lhes uma pequena garraforama de vinho de Bordeaux, que o nome de Laffitte torna duplamente ilustre, diga-se sem alusão política. 52 Vamos, chinês! — disse olhando para Christophe, que não se mexeu. — Aqui, Christophe! Como você não ouve seu nome? Chinês, traga os líquidos!

— Aqui estão, senhor — disse Christophe apresentando-lhe a garrafa.

Depois de encher o copo de Eugène e o do pai Goriot, serviu-se lentamente de algumas gotas, que degustou enquanto seus dois vizinhos bebiam, e de repente fez careta.

— Diacho! Diacho! Está com gosto de rolha. Pegue isso para você, Christophe, e vá nos buscar outra: à direita, você sabe! Somos dezesseis, desça oito garrafas.

— Já que está desembolsando — disse o pintor —, eu pago uma centena de castanhas.

— Oba! Oba!

— Buuuuuuh!

— Prrrr!

Todos soltaram exclamações que partiram como foguetes de uma girândola.

— Vamos, mamãe Vauquer, duas de champanhe — gritou-lhe Vautrin.

— Quien , era o que faltava! Por que não pedir a casa? Duas de champanhe! Mas isso custa doze francos! Eu não ganho isso não! Mas, se o sr. Eugène quiser pagá-las, ofereço licor de cassis.

— Lá vem o cassis dela que purga que nem o maná — disse baixinho o estudante de medicina.

— Quer calar a boca, Bianchon? — exclamou Rastignac —, não posso ouvir falar de maná sem que o estômago... Está bem, vá lá para o champanhe, eu pago

— acrescentou o estudante.

— Sylvie — disse a sra. Vauquer —, sirva os biscoitos e os bolinhos.

— Seus bolinhos são grandes demais — disse Vautrin —, já criaram barba. Mas quanto aos biscoitos, passe para cá.

Num instante o vinho de Bordeaux circulou, os convivas se animaram, a alegria redobrou. Foram risos furiosos, em meio aos quais pipocaram imitações das diversas vozes de animais. Como o empregado do museu resolveu reproduzir um pregão dos ambulantes de Paris que tinha analogia com o miado do gato



apaixonado, logo oito vezes berraram simultaneamente as seguintes frases: “Amolador de facas! — Morrião-dos-passarinhos! — Olhem o beijo de moça, senhoras, olhem o beijo de moça! — Conserta-se louça! — Na barçaça! Na barçaça! — Bata em suas mulheres, bata suas roupas! — Roupas velhas, galões velhos, chapéus velhos à venda! — Olha a cereja, da doce!”. O prêmio foi para Bianchon pelo sotaque anasalado com que gritou: “Vendedor de guarda-chuvas!”. Em poucos instantes foi uma gritaria de estourar a cabeça, uma conversa cheia de disparates, uma verdadeira ópera que Vautrin dirigia como um maestro, vigiando Eugène e o pai Goriot, que já pareciam bêbados. Com as costas apoiadas na cadeira, os dois contemplavam essa desordem inusual com um ar grave, bebendo pouco; estavam preocupados com o que tinham a fazer durante a noite, e no entanto se sentiam incapazes de se levantar. Vautrin, que acompanhava as mudanças de suas fisionomias lançando-lhes olhares de soslaio, percebeu o momento em que seus olhos vacilaram e pareceram querer se fechar, e inclinou-se ao ouvido de Rastignac para lhe dizer:

— Meu garotinho, não somos suficientemente espertos para lutar com nosso

papai Vautrin, e ele gosta demais de você para deixá-lo fazer bobagens. Quando decidi alguma coisa, só o bom Deus é bastante forte para me barrar o caminho. Ah! queríamos ir avisar

ao seu Taillefer, cometer erros de criança! O forno está quente, a farinha está amassada, o pão está na pá; amanhã faremos pular as migalhas por cima de nossa cabeça ao mordê-lo; e nós íamos impedir de pô-lo no forno?... não, não, tudo será cozido! Se sentirmos uns remorsozinhos, a digestão os levará. Enquanto tirarmos nossa sonequinha, o coronel conde Franchessini lhe abrirá a sucessão de Michel Taillefer com a ponta de sua espada. Ao herdar do irmão, Victorine terá quinze mil franquinhos de renda. Já colhi informações e sei que a herança da mãe chega a mais de trezentos mil...

Eugène ouvia essas palavras sem conseguir responder: sentia a língua colada no céu da boca e estava às voltas com uma sonolência invencível; só via a mesa e os rostos dos convivas através de uma bruma luminosa. Logo o barulho sossegou, os pensionistas se foram, um a um. Depois, quando só sobraram a sra. Vauquer, a sra. Couture, a srta. Victorine, Vautrin e o pai Goriot, Rastignac percebeu, como se tivesse sonhado, a sra. Vauquer ocupada em esvaziar as garrafas para pegar os restos e encher outras.

— Ah! Eles são loucos, são jovens! — dizia a viúva.

Foi a última frase que Eugène conseguiu ouvir.

— Só mesmo o sr. Vautrin para fazer essas brincadeiras — disse Sylvie. — Ora vejam, aí está Christophe roncando como um porco.

— Adeus, mamãe — disse Vautrin. — Vou ao bulevar admirar o sr. Marty em

Le Mont Sauvage , uma grande peça tirada de Le Solitaire . 53 Se quiser, levo-a

comigo, bem como essas senhoras.

— Agradeço-lhe — disse a sra. Couture.

— Como, minha vizinha! — exclamou a sra. Vauquer —, nega-se a ir ver uma peça tirada de Le Solitaire , obra escrita por Atala de Chateaubriand, 54 e que gostávamos tanto de ler, e que é tão linda que chorávamos como Madalenas a respeito de Élodie, debaixo das tíliais neste último verão, em suma, uma obra moral que pode ser capaz de instruir a sua senhorita?

— Estamos proibidas de ir ao teatro — respondeu Victorine.

— Vamos, esses aí já foram — disse Vautrin remexendo de modo cômico a cabeça do pai Goriot e a de Eugène.

Pondo a cabeça do estudante sobre a cadeira, para que ele pudesse dormir comodamente, beijou-o calorosamente na testa, cantando:

Durmam, meus queridos amores! Por vocês velarei sempre.

— Temo que ele esteja doente — disse Victorine.

— Então fique para cuidar dele — retrucou Vautrin. — É seu dever de mulher submissa — soprou-lhe ao ouvido. — Esse rapaz a adora, e a senhorita será sua mulherzinha, estou prevendo. Enfim — disse em voz alta — foram respeitados em todo o país, viveram felizes e tiveram muitos filhos . Eis como acabam todos os romances de amor. Vamos, mamãe — disse virando-se para a sra. Vauquer, que ele abraçou —, ponha o chapéu, o belo vestido florido, a echarpe da condessa. Vou lhe buscar um fiacre.

E saiu cantando:

Sol, sol, divino sol,

Tu que fazes amadurecer as abóboras ... 55

— Meu Deus! Puxa vida, sra. Couture, esse homem aí me faria viver feliz e contente. Vejamos — ela disse virando-se para o macarroneiro —, o pai Goriot já se foi. Esse velho pão-duro nunca teve ideia de me levar para lugar nenhum . Mas ele vai cair no chão, meu Deus! Ai, como é indecente para um homem de idade perder a razão! A senhora vai me dizer que não se perde aquilo que não se tem. Sylvie, suba com ele até o quarto.

Sylvie pegou o homenzinho por baixo do braço, o fez andar e o jogou todo vestido, como um embrulho, atravessado em sua cama.

— Pobre rapaz — dizia a sra. Couture afastando os cabelos de Eugène que lhe

caíam nos olhos —, está como uma moça, não sabe o que é um excesso.

— Ah! Bem posso dizer que há trinta e um anos que tenho minha pensão — disse a sra. Vauquer —, me passaram muitos jovens pelas mãos, como se diz; mas nunca vi um tão gentil, tão distinto como o sr. Eugène. Como é bonito quando dorme! Mas ponha a cabeça dele no seu ombro, sra. Couture. Nossa, ele está caindo sobre o da srta. Victorine: existe um deus para as crianças. Mais um pouco e ele rachava a cabeça no encosto da cadeira. Os dois juntos formariam um casal bem bonito.

— Mas cale a boca, minha vizinha — exclamou a sra. Couture —, a senhora diz cada coisa...

— Ora essa! — disse a sra. Vauquer, ele não está ouvindo. Vamos, Sylvie, venha me vestir. Vou pôr meu grande espartilho.

— Ah, sei! Seu grande espartilho, depois de ter jantado, senhora — disse

Sylvie. – Não, procure alguém para apertá-la, não vou ser eu a sua assassina. A

senhora cometeria uma imprudência que lhe custaria a vida.

— Para mim tanto faz, preciso honrar o sr. Vautrin.

— Então gosta muito dos seus herdeiros?

— Vamos, Sylvie, nada de discussão — disse a viúva indo embora.

— Na idade dela — disse a cozinheira mostrando sua patroa para Victorine.

A sra. Couture e sua pupila, em cujo ombro dormia Eugène, ficaram sozinhas na sala de jantar. Os roncos de Christophe ressoavam na casa silenciosa, e realçavam o sono sereno de Eugène, que dormia tão graciosamente como uma criança. Feliz de poder se permitir um desses atos de caridade pelos quais se derramam todos os sentimentos da mulher, e que a fazia sentir sem pecado o coração do rapaz batendo contra o seu, Victorine tinha na fisionomia algo maternalmente protetor que a tornava orgulhosa. Através dos mil pensamentos que se elevavam em seu coração, varava um tumultuado gesto de volúpia excitado pela troca de um calor jovem e puro.

— Pobre menina querida! — disse a sra. Couture apertando sua mão.

A velha senhora admirava aquela figura cândida e sofredora, sobre a qual descera a auréola da felicidade. Victorine parecia uma dessas pinturas ingênuas da Idade Média nas quais todos os acessórios são negligenciados pelo artista, que reservou a magia de um pincel calmo e altivo para o rosto de tom amarelo, mas onde o céu parece se refletir com suas tonalidades douradas.

— E olhe que ele não bebeu mais que dois copos, mamãe — disse Victorine passando os dedos pela cabeleira de Eugène.

— Mas se fosse um farrista, minha filha, teria suportado o vinho como todos

esses outros. Sua embriaguez lhe serve de elogio.

O barulho de um carro ecoou na rua.

— Mamãe — disse a mocinha —, o sr. Vautrin está aí. Pegue então o sr. Eugène. Não gostaria de ser vista assim por esse homem, ele tem expressões que sujam a alma, e olhares que encabulam uma mulher, como se lhe tirassem seu vestido.

— Não — disse a sra. Couture —, você se engana! O sr. Vautrin é um homem de bem, um pouco no gênero do finado sr. Couture, brusco mas bom, um intratável bondoso.

Nesse momento Vautrin entrou bem de mansinho, e olhou para o quadro formado por aquelas duas crianças que o clarão da lamparina parecia acariciar.

— Muito bem — disse cruzando os braços —, eis uma dessas cenas que teriam inspirado belas páginas a esse bom Bernardin de Saint-Pierre, autor de Paul e Virginie . A juventude é muito bonita, sra. Couture. Pobre menino, durma — disse contemplando Eugène —, às vezes o bem chega quando se dorme. Senhora

— prosseguiu dirigindo-se à viúva —, o que me liga a este rapaz, o que me comove é saber que a beleza de sua alma está em harmonia com a de seu rosto. Veja, não é um querubim colocado no ombro de um anjo? Esse aí é digno de ser amado! Se eu fosse mulher, gostaria de morrer (não, não ia ser tão bobo!), de viver por ele. Admirando-os assim, senhora — disse baixinho inclinando-se para o ouvido da viúva —, não posso me impedir de pensar que Deus os criou para serem um do outro. A Providência tem caminhos bem ocultos, ela sonda os flancos e os corações — exclamou em voz alta. — Vendo-os unidos, minhas crianças, unidos por uma mesma pureza, por todos os sentimentos humanos, digo-me que é impossível que um dia sejam separados no futuro. Deus é justo. Mas — disse à moça — parece-me ter visto na senhorita linhas de prosperidade. Dê-me sua mão, srta. Victorine? Conheço-me em quiromancia, muitas vezes li a sorte. Ande, não tenha medo. Oh! que entrevejo? Palavra de honra, a senhorita será em breve uma das mais ricas herdeiras de Paris. Encherá de felicidade aquele que a ama. Seu pai a chama perto



de si. Vai se casar com um homem com título de nobreza, jovem, belo, que a adora.

Nesse momento, os passos pesados da faceira viúva que descia interromperam

as profecias de Vautrin.

— Olhem a mamãe Vauquerre bela como um astrrrro, amarrada como uma cenoura. Não estamos sufocando um pouquinho? — ele lhe disse pondo a mão no alto da armação. — Os peitos estão bem apertados, mamãe. Se chorarmos, haverá explosão; mas catarei os restos com o cuidado de um arqueólogo.

— Esse aí conhece a linguagem da galanteria francesa! — disse a viúva se inclinando ao ouvido da sra. Couture.

— Adeus, crianças — prosseguiu Vautrin virando-se para Eugène e Victorine.

— Abençoo-os — disse impondo-lhes as mãos acima de suas cabeças. — Creia-me, senhorita, é uma grande coisa os votos de um homem honrado, eles devem trazer felicidade, Deus os escuta.

— Adeus, minha querida amiga — disse a sra. Vauquer para a sua pensionista.

— Acredita — ela acrescentou baixinho — que o sr. Vautrin tenha intenções relativas à minha pessoa?

— Hum... hum...

— Ah! minha querida mãe — disse Victorine suspirando e olhando para suas mãos, quando as duas mulheres ficaram sozinhas —, se esse bom sr. Vautrin falasse a verdade!

— Mas para isso basta uma coisa — respondeu a velha senhora —, somente que seu monstro de irmão caia de um cavalo.

— Ah, mamãe.

— Meu Deus, talvez seja pecado desejar mal a seu inimigo — prosseguiu a viúva. — Pois bem, me penitenciarei. Na verdade, de bom grado levarei flores a seu túmulo. Maldito coração! Ele não tem a coragem de falar em nome da mãe, de cuja herança se apropria graças a intrigas, e em prejuízo seu. Minha prima tinha uma bela fortuna. Para sua desgraça, nunca se levou em conta a parte dela no contrato de casamento.

— Minha felicidade me seria sempre difícil de suportar se custasse a vida a alguém — disse Victorine. — E se para eu ser feliz meu irmão tivesse de morrer, preferiria ficar aqui para sempre.

— Meu Deus, como diz esse bom sr. Vautrin, que, você está vendo, é muito religioso — prosseguiu a sra. Couture —; tive o prazer de saber que ele não é incrédulo como os outros, que falam de Deus com menos respeito do que o Diabo tem por ele. Pois bem, quem pode saber por que caminhos a Providência se apraz em nos conduzir?

Auxiliadas por Sylvie, as duas mulheres acabaram transportando Eugène ao

seu quarto, o deitaram na cama, e a cozinheira tirou suas roupas para pô-lo à vontade. Antes de sair, quando sua protetora estava de costas, Victorine deu um beijo na testa de Eugène com toda a felicidade que devia lhe causar esse furto criminoso. Olhou para o quarto, apanhou por assim dizer num só pensamento as mil felicidades daquele dia, e fez com elas um quadro que contemplou muito tempo, e adormeceu como a mais feliz criatura de Paris. O festejo em favor do

qual Vautrin fizera Eugène e o pai Goriot beberem vinho narcotizado decidiu a perda desse homem. Bianchon, semiembriagado, esqueceu de interrogar a srta. Michonneau sobre Engana-a-Morte. Se tivesse pronunciado esse nome, certamente teria despertado a prudência de Vautrin, ou, para lhe dar seu nome verdadeiro, de Jacques Collin, uma das celebridades da prisão dos forçados. Além disso, o apelido de Vênus do Père-Lachaise decidiu a srta. Michonneau a entregar o foragido no momento em que, confiante na generosidade de Collin, avaliava se não era melhor preveni-lo e fazê-lo fugir durante a noite. Ela acabava de sair, acompanhada por Poiret, para ir encontrar o famoso chefe da polícia de segurança, na pequena Rue Sainte-Anne, pensando ainda estar tratando com um funcionário superior chamado Gondureau. O diretor da

polícia judiciária a recebeu de braços abertos. Depois de uma conversa em que tudo foi acertado, a srta. Michonneau pediu a poção com a qual devia fazer a verificação da tatuagem. Pelo gesto de contentamento que fez o grande homem da pequena Rue Sainte-Anne, procurando um frasco numa gaveta de sua mesa, a srta. Michonneau adivinhou que havia nessa captura algo mais importante que a detenção de um simples foragido. De tanto apertar os miolos, desconfiou que a polícia esperava, segundo algumas revelações feitas pelos traidores da prisão, chegar a tempo para pôr a mão em quantias consideráveis. Quando expressou essas conjecturas àquela raposa, esta se pôs a sorrir e quis desviar as suspeitas da solteirona.

— Engana-se — ele respondeu. — Collin é a sorbonne mais perigosa que algum dia já se viu para os lados dos ladrões. É só isso. Os malandros sabem muito bem; é a bandeira deles, seu suporte, seu Bonaparte, em suma; todos gostam dele. Esse engraçadinho nunca nos deixará sua mufa ser executada na Place de Grève. 56

A srta. Michonneau não entendia, Gondureau lhe explicou as duas palavras da gíria que usara. “Sorbonne” e “mufa” são duas expressões enérgicas da linguagem dos ladrões, que foram os primeiros a sentir a necessidade de considerar a cabeça humana sob dois aspectos. A “sorbonne” é a cabeça do homem vivo, seu

consultor, seu pensamento. A “mufa” é uma palavra de desprezo destinada a expressar como a cabeça se torna pouca coisa quando é cortada.

— Collin está brincando com a gente — ele prosseguiu. — Quando encontramos esses homens que são como barras de aço temperado à inglesa, temos o recurso de matá-los se, durante a detenção, resolvem opor a menor resistência. Contamos com algumas alternativas que cheguem às vias de fato

para matar Collin amanhã de manhã. Assim evitam-se o processo, as despesas de guarda, a alimentação, e isso livra a sociedade. Os procedimentos, as intimações das testemunhas, suas indenizações, a execução, tudo o que deve legalmente nos livrar desses patifes custa mais que os mil escudos que a senhorita vai ganhar. Há economia de tempo. Dando um bom golpe de baioneta na pança de Engana-a-Morte, impediremos uma centena de crimes e evitaremos a corrupção de cinquenta maus sujeitos que se manterão muito comportados nos arredores do tribunal correcional. Isso é polícia bem-feita. Segundo os verdadeiros filantropos, conduzir-se assim é prevenir os crimes.

— E é servir seu país — disse Poiret.

— Pois é — retrucou o chefe —, agora à tarde está dizendo coisas sensatas. Sim, sem dúvida, servimos o país. O mundo também é muito injusto conosco. Prestamos à sociedade grandes serviços

ignorados. Enfim, cabe a um homem superior pôr-se acima dos preconceitos, e a um cristão adotar as desgraças que o bem arrasta consigo quando não é feito segundo as ideias preconcebidas. Paris é Paris, sabe? Essas palavras explicam minha vida. Tenho a honra de cumprimentá-la, senhorita. Amanhã estarei com minha gente no Jardin du Roi. Mande Christophe à Rue de Buffon, à casa do sr. Gondureau, ali onde eu estava. Cavalheiro, sou seu servidor. Se acaso alguma coisa lhe for roubada, recorra a mim para encontrá-la, estou à sua disposição.

— Muito bem — disse Poiret à srta. Michonneau —, encontram-se imbecis diante de quem a palavra “polícia” fica de pernas para o ar. Esse senhor é muito amável, e o que lhe pede é simples como dar bom-dia.

O dia seguinte deveria se destacar entre os dias mais extraordinários da história da Casa Vauquer. Até então o acontecimento mais notável daquela vida pacata fora o aparecimento meteórico da falsa condessa de l’Ambermesnil. Mas tudo iria empalidecer diante das peripécias daquele grande dia, que seria eternamente assunto nas conversas da sra. Vauquer. Primeiro, Goriot e Eugène de Rastignac dormiram até onze horas. A sra. Vauquer, voltando à meia-noite do Gaîté, ficou até dez e meia na cama. O longo sono de Christophe, que terminara o vinho oferecido por Vautrin, causou atrasos no serviço da casa. Poiret e a srta. Michonneau não se queixaram de o almoço ter atrasado.

Quanto a Victorine e à sra. Couture, dormiram até tarde. Vautrin saiu antes das oito, e retornou no exato momento em que o almoço foi servido. Portanto, ninguém reclamou quando, por volta das onze e quinze, Sylvie e Christophe foram bater em todas as portas, dizendo que o almoço esperava. Enquanto Sylvie e o criado se ausentaram, a srta. Michonneau, sendo a primeira a descer, derramou o licor no copo de prata

que pertencia a Vautrin, e no qual o leite para o seu café estava aquecendo em banho-maria, no meio de todos os outros. A solteirona contara com essa particularidade da pensão para dar seu golpe. Não foi sem algumas dificuldades que os sete pensionistas se viram reunidos. Quando Eugène, que se espreguiçava, foi o último de todos a descer, um mensageiro lhe entregou uma carta da sra. de Nucingen. Essa carta estava escrita assim:

Não tenho falsa vaidade nem raiva de você, meu amigo. Esperei-o até as duas horas depois de meia-noite. Esperar um ser que se ama! Quem conheceu esse suplício não o impõe a ninguém. Bem vejo que ama pela primeira vez. O que aconteceu afinal? A inquietação me assaltou. Se eu não tivesse receado entregar os segredos de meu coração, teria ido saber o que lhe acontecia de feliz ou infeliz. Mas sair a essa hora, seja a pé, seja de carro, não era se perder? Senti a desgraça de ser mulher. Tranquelize-me,

explique-me por que não veio, depois do que meu pai lhe disse. Ficarei zangada mas o perderei. Está doente? Por que morar tão longe? Uma palavra, por favor! Até breve, não é? Uma palavra me bastará, se está ocupado. Diga: “Estou chegando”, ou “estou doente”. Se estivesse passando mal, meu pai teria vindo me dizer! Então, o que aconteceu?...

— Sim, o que aconteceu? — exclamou Eugène, que se precipitou para a sala de jantar amassando a carta, sem terminá-la. — Que horas são?

— Onze e meia — disse Vautrin adoçando seu café.

O forçado foragido lançou para Eugène o olhar friamente fascinante que certos homens eminentemente magnéticos têm o dom de lançar, e que, dizem, acalma os loucos furiosos nos asilos de alienados. Eugène tremeu todos os seus membros. O barulho de um fiacre foi ouvido na rua e um criado com a libré do sr. Taillefer, e que a sra. Couture reconheceu imediatamente, entrou às pressas com ar assustado.

— Senhorita — exclamou —, o senhor seu pai está lhe chamando. Aconteceu

uma grande desgraça. O sr. Frédéric bateu-se em duelo, recebeu um golpe de espada na testa, os médicos estão sem esperança de



salvá-lo: a senhorita apenas terá tempo de lhe dar adeus, ele já está sem consciência.

— Pobre rapaz! — exclamou Vautrin. — Como alguém se disputa quando tem trinta boas mil libras de renda? Decididamente a juventude não sabe se comportar.

— Senhor! — gritou-lhe Eugène.

— Pois bem, o quê, meninão? — disse Vautrin acabando de beber tranquilamente seu café, operação que a srta. Michonneau seguia com o olhar, demasiado atenta para se emocionar com o acontecimento extraordinário que espantava a todos. — Não há duelos todas as manhãs em Paris?

— Vou com você, Victorine — disse a sra. Couture.

E as duas mulheres saíram voando, sem xale nem chapéu. Antes de ir, Victorine, com lágrimas nos olhos, dirigiu a Eugène um olhar que lhe dizia: “Não pensava que nossa felicidade devesse me causar lágrimas!”.

— Nossa! Então é profeta, sr. Vautrin? — perguntou a sra. Vauquer.

— Eu sou tudo — disse Jacques Collin.

— Isso é que é singular! — retrucou a sra. Vauquer, enfiando uma série de frases insignificantes sobre esse acontecimento. — A morte nos pega sem nos consultar. Os jovens costumam ir embora antes dos velhos. Somos felizes, nós mulheres, por não estarmos

sujeitas ao duelo; mas temos outras doenças que os homens não têm. Fazemos filhos, e o mal materno dura muito tempo! Que bilhete premiado para Victorine! O pai dela é obrigado a adotá-la.

— É isso! — disse Vautrin olhando para Eugène —, ontem ela não tinha um tostão, hoje de manhã está rica, com vários milhões.

— Puxa vida, sr. Eugène — exclamou a sra. Vauquer —, o senhor pôs a mão no lugar certo.

Diante dessa interpelação, o pai Goriot olhou para o estudante e viu em sua mão a carta amassada.

— Você não a terminou! O que é que isso quer dizer? Você seria como os outros? — perguntou-lhe.

— Senhora, nunca me casarei com a srta. Victorine — disse Eugène dirigindo-se à sra. Vauquer com um sentimento de horror e repugnância que surpreendeu os presentes.

O pai Goriot segurou a mão do estudante e a apertou. Gostaria de beijá-la.

— Oh, oh! — disse Vautrin. — Os italianos têm uma boa expressão: col tempo!

— Espero a resposta — disse a Rastignac o mensageiro da sra. de Nucingen.

— Diga que irei.

O homem foi embora. Eugène estava num violento estado de irritação que não lhe permitia ser prudente. “Que fazer?”, se dizia em voz alta, falando consigo mesmo. “Não há provas!”

Vautrin se pôs a sorrir. Nesse instante a poção absorvida pelo estômago começava a agir. No entanto, o forçado era tão robusto que se levantou, olhou

para Rastignac, disse-lhe com voz cavernosa:

— Jovem, o bem nos vem quando dormimos. E caiu duro, morto.

— Então existe uma justiça divina — disse Eugène.

— Mas afinal, o que é que ele tem, esse pobre querido sr. Vautrin?

— Uma apoplexia — gritou a srta. Michonneau.

— Sylvie, vamos, minha filha, vá buscar o médico — disse a viúva.

— Ah!, sr. Rastignac, então corra depressa à casa do sr.

Bianchon; Sylvie pode não encontrar nosso médico, o sr. Grimpel.

Rastignac, feliz de ter um pretexto para sair daquela pavorosa caverna, deu no pé, correndo.

— Christophe, ande, vá trotando até o boticário pedir alguma coisa contra a apoplexia.

Christophe saiu.

— Mas, pai Goriot, afinal, me ajude a transportá-lo lá para cima, para o quarto dele.

Vautrin foi agarrado, manobrado pela escada e posto em sua cama.

— Não lhe sou útil para nada, vou ver minha filha — disse o pai Goriot.

— Velho egoísta! — exclamou a sra. Vauquer. — Vá, desejo que morra como um cachorro.

— Mas então vá ver se tem éter — disse à sra. Vauquer a srta. Michonneau que, ajudada por Poiret, tirara as roupas de Vautrin.

A sra. Vauquer desceu para seu quarto e deixou a srta.

Michonneau como dona do campo de batalha.

— Ande, tire então a camisa dele e vire-o rápido! Mas faça alguma coisa de útil me evitando ver sua nudez — ela disse a Poiret. — Você fica aí como um bobalhão.

Com Vautrin virado, a srta. Michonneau tascou no ombro do doente um tapa

muito forte, e as duas letras fatais reapareceram em branco, no meio da região vermelha.

— Pronto, ganhou bem depressa sua gratificação de três mil francos — exclamou Poiret segurando Vautrin em pé, enquanto a srta. Michonneau lhe vestia a camisa. — Ufa! Ele é pesado — prosseguiu ao deitá-lo.

— Cale-se. E se houvesse um cofre? — disse prontamente a solteirona, cujos olhos pareciam perfurar as paredes, de tanto que examinava com avidez os menores móveis do quarto. — Se conseguíssemos abrir essa escrivaninha, com uma desculpa qualquer? — continuou.

— Talvez não fosse correto — respondeu Poiret.

— Não. Dinheiro roubado, como foi de todo mundo, não é de mais ninguém. Mas não temos tempo — ela respondeu. — Estou ouvindo a Vauquer.

— Aqui está o éter — disse a sra. Vauquer. — Positivamente, hoje é o dia das aventuras. Deus! Esse homem aí não pode estar doente, está branco como um frango.

— Como um frango? — repetiu Poiret.

— Seu coração bate regularmente — disse a viúva pondo a mão sobre o coração.

— Regularmente? — perguntou Poiret, espantado.

— Ele está muito bem.

— Acha? — perguntou Poiret.

— Nossa! Parece estar dormindo. Sylvie foi chamar um médico. Xi, srta. Michonneau, ele está fungando o éter. Ora, é um se-passo (espasmo)! O pulso dele está bom. É forte como um mouro. Mas veja só, senhorita, como é peludo na barriga; vai viver cem anos,

esse homem aí! A peruca dele está bem presa, mesmo assim. Veja, é colada, e, quanto a essa história de que é ruivo, tem cabelos postiços... Dizem que os ruivos são totalmente bons ou totalmente ruins! Então ele seria bom?

— Bom para ser enforcado — disse Poiret.

— O senhor quer dizer no pescoço de uma mulher bonita! — exclamou com vivacidade a srta. Michonneau. — Mas vá embora, sr. Poiret. É problema nosso, de nós mulheres, cuidar de vocês quando estão doentes. Aliás, considerando aquilo em que sabe ser útil, pode muito bem ir passear — acrescentou. — A sra. Vauquer e eu cuidaremos direitinho deste querido sr. Vautrin.

Poiret foi embora devagarinho e sem reclamar, como um cachorro a quem o dono dá um pontapé. Rastignac tinha saído para andar, para tomar ar, pois sufocava. Aquele crime cometido em hora marcada, ele quisera impedi-lo na véspera. O que tinha acontecido? O que devia fazer? Tremia por ser seu cúmplice. O sangue-frio de Vautrin ainda o apavorava.

“E se, no entanto, Vautrin morresse sem falar?”, pensava Rastignac.

Ia pelas alamedas do Luxembourg, como se estivesse sendo perseguido por uma matilha de cães, e parecia-lhe ouvir seus latidos.

— Muito bem — gritou-lhe Bianchon —, leu Le Pilote ?

Le Pilote era um jornal radical dirigido pelo sr. Tissot 57 e que fornecia à província, algumas horas depois dos jornais matutinos, uma edição em que havia as notícias do dia, que então chegavam aos departamentos com vinte e quatro

horas de antecipação em relação aos outros jornais.

— Tem aí uma ótima história — disse o residente do Hospital Cochin. — O Taillefer filho bateu-se em duelo com o conde Franchessini, da velha guarda, que lhe meteu duas polegadas de ferro na testa. Eis a pequena Victorine como um dos mais ricos partidos de Paris. Hein? Se tivéssemos sabido disso? Que roleta que é a morte! É verdade que Victorine olhava com bons olhos para você?

— Cale a boca, Bianchon, nunca me casarei com ela. Amo uma mulher deliciosa, sou amado por ela, eu...

— Você diz isso como se tivesse fazendo das tripas coração para não ser infiel. Mostre-me então uma mulher que valha o sacrifício da fortuna do sr. Taillefer.

— Quer dizer que todos os demônios andam atrás de mim?

— exclamou

Rastignac.

— Atrás de quem você estaria? Está louco? Então me dê sua mão

— disse

Bianchon — para que eu tome o seu pulso. Está com febre.

— Então vá ver a mãe Vauquer — disse-lhe Eugène —, esse celerado do

Vautrin acaba de cair como morto.

— Ah! — disse Bianchon, deixando Rastignac sozinho —, você me confirma suspeitas que quero verificar.

O longo passeio do estudante de direito foi solene. De certa forma, ele deu a volta em sua consciência. Se flutuou, se examinou a si próprio, se hesitou, pelo menos sua probidade saiu fortalecida dessa discussão áspera e terrível, como uma barra de ferro que resiste a todas as experiências. Lembrou-se das confidências que o pai Goriot lhe fizera na véspera, lembrou-se do apartamento escolhido para ele ao lado de Delphine, na Rue d'Artois; pegou de novo a carta, a releu, a beijou. “Um amor desses é minha âncora de salvação”, pensou. “Esse pobre velho teve muitos sofrimentos amorosos. Não diz nada de suas tristezas, mas quem não adivinharia! Pois bem, cuidarei dele como de um pai, darei a ele mil alegrias. Se ela me ama, virá muitas vezes à minha casa passar o dia perto dele. Essa grande condessa de Restaud é uma infame, transformaria o pai num porteiro. Querida Delphine! Ela é melhor para o bom homem, é digna de ser amada. Ah! esta noite, portanto, serei feliz!” Puxou o relógio, admirou-o. “Tudo deu certo comigo! Quando amamos para sempre, podemos



nos ajudar, portanto posso receber isso. Aliás, vencerei, com certeza, e poderei devolver tudo, ao cêntuplo. Nessa ligação não há crime nem nada que possa fazer a virtude mais severa franzir o cenho. Quantas pessoas honestas contraem uniões semelhantes! Não enganamos ninguém; e o que nos avilta é a mentira. Mentir não significa abdicar? Há muito tempo ela se separou do marido. Aliás, vou dizer a esse

alsaciano para me ceder uma mulher que lhe é impossível fazer feliz.”

O combate de Rastignac durou muito tempo. Se bem que a vitória devesse se ater às virtudes da juventude, ele foi, porém, levado por uma invencível curiosidade, por volta das quatro e meia, quando caía a noite, à Casa Vauquer, que jurara a si mesmo abandonar para sempre. Queria saber se Vautrin estava morto. Depois de ter tido a ideia de lhe ministrar um vomitivo, Bianchon mandara levar a seu hospital as matérias vomitadas por Vautrin, a fim de analisá-las quimicamente. Vendo a insistência da srta. Michonneau em querer jogá-las fora, suas desconfianças se reforçaram. Vautrin, aliás, se restabeleceu rápido demais para que Bianchon não desconfiasse de algum complô contra o alegre galhofeiro da pensão. Na hora em que Rastignac retornou, Vautrin estava, portanto, em pé, ao lado da estufa na sala de jantar. Atraídos mais cedo que de costume pela notícia do duelo de Taillefer filho, os pensionistas, curiosos em conhecer os

detalhes do caso e a influência que tivera sobre o destino de Victorine, estavam reunidos, menos o pai Goriot, e conversavam sobre essa aventura. Quando Eugène entrou, seus olhos encontraram os do imperturbável Vautrin, cujo olhar penetrou tão fundo em seu coração e mexeu tão fortemente algumas cordas fracas, que ele estremeceu.

— Muito bem, caro menino — disse-lhe o forçado foragido —, a Parca vai se dar mal comigo por muito tempo. Segundo essas damas, aguentei vitoriosamente uma congestão que deveria ter matado um boi.

— Ah! pode muito bem dizer um touro — exclamou a viúva Vauquer.

— Então estaria aborrecido por me ver em vida? — perguntou Vautrin ao ouvido de Rastignac, cujos pensamentos teve a impressão de adivinhar. — Seria para matar um homem tremendamente forte!

— Ah, palavra! — disse Bianchon —, a srta. Michonneau falava anteontem de um senhor apelidado de Engana-a-Morte ; esse nome lhe cairia bem.

Essa expressão produziu em Vautrin o efeito de um raio: empalideceu e

cambaleou, seu olhar magnético caiu como um raio de sol sobre a srta. Michonneau, a quem esse choque de firmeza paralisou os

jarretes. A solteirona se deixou afundar numa cadeira. Poiret adiantou-se prontamente entre ela e Vautrin, compreendendo que ela estava em perigo, de tal maneira o rosto do forçado ficou ferozmente significativo ao arrancar a máscara benigna sob a qual se escondia sua verdadeira natureza. Sem ainda entenderem nada desse drama, todos os hóspedes ficaram perplexos. Nesse momento, ouviu-se o passo de vários homens e o barulho de alguns fuzis que soldados bateram no calçamento da rua. No instante em que Collin procurava mecanicamente uma saída, olhando

para as janelas e as paredes, quatro homens se mostraram à porta da sala. O

primeiro era o chefe da polícia de segurança, os três outros eram oficiais de paz.

— Em nome da Lei e do Rei — disse um dos oficiais cujo discurso foi abafado por um murmúrio de espanto.

Logo reinou silêncio na sala de jantar, os hóspedes se afastaram para dar passagem a três desses homens, que, todos, tinham a mão no bolso lateral e empunhavam uma pistola armada. Dois guardas que seguiam os agentes ocuparam a porta do salão, e dois outros se mostraram naquela que saía pela escada. O passo e os fuzis de vários soldados ressoaram no calçamento pedregoso que margeava a fachada. Qualquer

esperança de fuga foi, assim, impossível para Engana-a-Morte, em quem todos os olhares pararam irresistivelmente. O chefe foi direto até ele, começou por lhe dar na cabeça um tapa aplicado tão violentamente que fez a peruca pular e devolveu à cabeça de Collin todo o seu horror. Acompanhadas por cabelos vermelho-tijolo e curtos que lhes davam um pavoroso caráter de força mesclada à astúcia, aquela cabeça e aquela face, em harmonia com o torso, foram inteligentemente iluminadas como se os fogos do inferno as tivessem iluminado. Cada hóspede compreendeu todo Vautrin, seu passado, seu presente, seu futuro, suas doutrinas implacáveis, a religião de seu bom prazer, a realza que lhe davam o cinismo de seus pensamentos, de seus atos, e a força de uma organização disposta a tudo. O sangue lhe subiu ao rosto e seus olhos brilharam como os de um gato selvagem. Ele pulou sobre si mesmo com um movimento impregnado de uma energia tão feroz, ele rugiu tão bem, que arrancou gritos de terror de todos os pensionistas. Diante desse gesto de leão, e apoiando-se no clamor geral, os agentes sacaram suas pistolas. Collin compreendeu o perigo vendo brilhar o gatilho de cada arma, e deu de repente a prova da mais alta força humana. Horrível e majestoso espetáculo! Sua fisionomia apresentou um fenômeno que só pode ser comparado com o da caldeira cheia desse vapor fumegante que levantaria montanhas, e que uma gota de água fria dissolve num piscar de olhos. A gota

d'água que esfriou sua raiva foi uma reflexão rápida como um raio. Ele começou a sorrir e olhou sua peruca.

— Você não está em seus dias de gentileza — disse ao chefe da polícia de

segurança. E esticou as mãos para os guardas, chamando-os com um sinal de cabeça. — Senhores guardas, ponham-me as algemas ou os grilhões. Pego os presentes como testemunhas de que não estou resistindo.

Um murmúrio admirativo, arrancado pela rapidez com que a lava e o fogo saíram e entraram nesse vulcão humano, ecoou na sala.

— Por essa você não esperava, senhor beleguim — continuou o forçado olhando para o famoso diretor da polícia judiciária.

— Ande, vamos tirando a roupa — disse-lhe o homem da pequena Rue Sainte- Anne com uma expressão cheia de desprezo.

— Por quê? — perguntou Collin. — Há senhoras. Não nego nada, e me rendo. Fez uma pausa e olhou para a plateia como um orador que vai dizer coisas

surpreendentes.

— Escreva, papai Lachapelle — disse dirigindo-se a um velhotinho de cabelo branco que se sentara na ponta da mesa depois de ter tirado de uma pasta a ordem de prisão. — Reconheço ser Jacques Collin, vulgo Engana-a-Morte, condenado a vinte anos de

cadeia; e acabo de provar que não roubei meu apelido. Se eu tivesse ao menos levantado a mão — disse aos pensionistas —, esses três dedos-duros aí espalhariam todo o meu sangue no piso doméstico de mamãe Vauquer. Esses engraçadinhos se metem a armar ciladas!

A sra. Vauquer se sentiu mal ao ouvir essas palavras.

— Meus Deus! Isso é deixar doente; e eu, que ontem estava no Gaîté com ele

— disse a Sylvie.

— Filosofia, mamãe — continuou Collin —, é uma desgraça ter ido ao meu camarote ontem, no Gaîté? — exclamou. — A senhora é melhor que nós? Temos menos infâmia nos ombros do que vocês têm no coração, vocês, membros flácidos de uma sociedade gangrenada: o melhor de vocês não resistiria a mim.

Seus olhos pararam em Rastignac, a quem dirigiu um sorriso gracioso que contrastava singularmente com a rude expressão de seu rosto.

— Nosso negocinho continua valendo, meu anjo, em caso de aceitação, porém! Está sabendo, não está?

E cantou:

Minha Fanchette é um encanto

Em sua simplicidade.

— Não fique constrangido — continuou —, sei fazer minhas cobranças. Temem-me muito para me passarem para trás , a mim!

A prisão de trabalhos forçados, com seus costumes e sua linguagem, com suas bruscas transições entre o divertido e o horrível, sua pavorosa grandeza, sua familiaridade, sua baixeza, foi de repente representada naquela interpelação e por aquele homem, que não foi mais um homem, mas o tipo de toda uma nação

degenerada, de um povo selvagem e lógico, brutal e ágil. Num instante Collin tornou-se um poema infernal em que se pintaram todos os sentimentos humanos, menos um, o do arrependimento. Seu olhar era o do arcanjo decaído que quer a guerra o tempo todo. Rastignac baixou os olhos, aceitando esse parentesco criminal como uma expiação de seus maus pensamentos.

— Quem me traiu? — perguntou Collin passando seu olhar terrível pela plateia. E detendo-o na srta. Michonneau: — Foi você — disse-lhe —, sua velha alcagueta, você me provocou uma falsa congestão, sua curiosa! Dizendo duas palavras eu poderia fazer cortar o seu pescoço daqui a uma semana. Perdoo-a, sou cristão. Aliás, não foi você que me vendeu. Mas quem? Ah! Ah! Vocês estão

vasculhando lá em cima — exclamou ao ouvir os oficiais da polícia judiciária que abriam seus armários e pegavam seus pertences. — Os passarinhos saíram do ninho, voaram ontem. E vocês nada saberão. Meus livros de registro estão aqui — disse batendo na testa. — Agora sei quem me vendeu. Só pode ser esse patife do Fio-de-Seda. Não é verdade, papai agarrador? — disse ao chefe de polícia. — Isso combina bem demais com a permanência de nossas cédulas bancárias lá em cima. Acabou-se, meus pequenos dedos-duros. Quanto a Fio-de-Seda, vai ser apagado em quinze dias, mesmo que vocês o fizessem ser vigiado por toda a sua polícia. O que deram a essa Michonnette? — perguntou aos homens da polícia —, alguns milhares de escudos? Eu valia mais que isso, Ninon cariada, Pompadour maltrapilha, Vênus do Père-Lachaise. 58 Se você tivesse me avisado, teria ganhado seis mil francos. Ah! você não desconfiava, velha vendedora de carne, sem o que teria me dado a preferência. Sim, eu teria lhe dado esse dinheiro para evitar uma viagem que me contraria e que me faz perdê-lo — disse enquanto lhe passavam as algemas. — Essa gente aí vai ter o maior prazer em me arrastar um tempo infinito para me atazanar. Se me mandassem imediatamente para as galés, eu logo estaria entregue aos meus afazeres, apesar de nossos curiosinhos do Quai des Orfèvres. Lá, todos vão virar a alma pelo avesso para fazer com que o general deles, esse bom Engana-a-Morte, consiga se evadir! Há algum de vocês que possua, como eu, a riqueza de mais de dez mil irmãos



prontos para fazer tudo por vocês? — perguntou com orgulho. — Tem coisa boa aqui — disse batendo no coração —; nunca trai ninguém! Sabe, alcagueta, veja-os — disse dirigindo-se à solteirona. — Eles olham para mim aterrorizados, mas você lhes dá engulhos de nojo. É o que você merece.

Fez uma pausa contemplando os pensionistas.

— Vocês são umas bestas! Nunca viram um forçado? Um forçado da estirpe de

Collin, aqui presente, é um homem menos covarde que os outros, e que protesta contra as profundas decepções do contrato social, como diz Jean-Jacques, de quem me glorifico ser aluno. Em suma, estou sozinho contra o governo com seu monte de tribunais, de guardas, de orçamentos, e os tapeio.

— Diachos! — disse o pintor. — Ele é bonito à beça para ser desenhado.

— Diga-me, donzel do Senhor Carrasco, governador da Viúva (nome cheio de terrível poesia que os forçados dão à guilhotina)

— acrescentou virando-se para o chefe da polícia de segurança —, seja bom menino, diga-me se foi Fio-de-Seda que me vendeu!

Não gostaria que ele pagasse por outro, não seria justo.

Nesse momento os agentes que tinham aberto tudo e inventariado tudo no quarto dele entraram e falaram baixinho ao chefe da expedição. O mandado de prisão estava cumprido.

— Senhores — disse Collin dirigindo-se aos pensionistas —, eles vão me

levar. — Vocês todos foram muito amáveis comigo durante minha temporada aqui, serei grato por isso. Recebam meu adeus. E me permitirão enviar-lhes figos da Provence.

Deu uns passos e virou-se para olhar Rastignac.

— Adeus, Eugène — disse com voz suave e triste que contrastava singularmente com o tom brusco de seus discursos. — Se ficar em apuros, deixo-lhe um amigo dedicado.

Apesar de suas algemas, conseguiu se pôr em guarda, fez um sinal de mestre de armas e gritou:

— Um, dois! — e ficou em posição de ataque. — Em caso de desgraça, dirija-se para cá. Homem e dinheiro, pode dispor de tudo.

Esse singular personagem deu um toque bastante burlesco a essas últimas palavras para que elas não pudessem ser compreendidas senão por Rastignac e por ele. Quando a casa foi evacuada pelos guardas, soldados e agentes da polícia, Sylvie, que esfregava vinagre nas têmporas da patroa, olhou para os pensionistas espantados.

— Pois é — disse —, apesar de tudo, era um bom homem.

Essa frase quebrou o encanto que produziam em cada um a afluência e a diversidade dos sentimentos excitados por aquela cena. Nesse momento, os pensionistas, depois de terem se examinado entre si, viram todos ao mesmo tempo a srta. Michonneau franzina, seca e fria tanto quanto uma múmia, agachada perto da estufa, de olhos baixos, como se estivesse temendo que a sombra de sua viseira não fosse bastante forte para esconder a expressão de seu olhar. Essa figura, que havia tanto tempo lhes era antipática, foi de repente explicada. Um murmúrio, que por sua perfeita unidade de som traía uma repugnância unânime, ressoou surdamente. A srta. Michonneau o ouviu e permaneceu onde estava. Bianchon foi o primeiro a se inclinar para seu vizinho.

— Levanto acampamento se essa mulher tiver de continuar a jantar conosco —  
disse a meia-voz.

Num piscar de olhos, todos, menos Poiret, aprovaram a proposta do estudante de medicina, que, contando com a adesão geral, adiantou-se até o velho pensionista.

— O senhor, que está especialmente ligado à srta. Michonneau — disse-lhe —, fale com ela, faça-a compreender que deve ir embora neste exato instante.

— Neste exato instante? — repetiu Poiret, espantado.

Depois foi para perto da velha, e disse-lhe ao ouvido algumas palavras.

— Mas meu aluguel está pago, estou aqui por causa de meu dinheiro, como todo mundo — ela disse lançando um olhar de víbora para os pensionistas.

— Não seja por isso, nós nos cotizaremos para devolvê-lo — disse Rastignac.

— O cavalheiro apoia Collin — ela respondeu lançando para o estudante um olhar venenoso e interrogativo —, não é difícil saber por quê.

Diante dessas palavras, Eugène pulou como para se precipitar em cima da solteirona e estrangulá-la. Esse olhar, cujas perfídias ele compreendeu, acabava de jogar uma terrível luz em sua alma.

— Mas deixa-a para lá — exclamaram os pensionistas. Rastignac cruzou os braços e ficou mudo.

— Acabemos com a srta. Judas — disse o pintor dirigindo-se à sra. Vauquer.

— Senhora, se não puser na porta a Michonneau, todos nós deixaremos o seu barraco, e diremos por todo lado que aqui só há espões e forçados. Caso contrário, todos nós nos calaremos sobre esse acontecimento, que, no final das contas, poderia acontecer nas melhores sociedades, até que os

condenados às galés sejam marcados na testa e que os proibam de se disfarçar de burguês de Paris e de bancarem tão ingenuamente os farsantes, como todos são.

Diante desse discurso, a sra. Vauquer recuperou milagrosamente a saúde,

endireitou-se, cruzou os braços, abriu os olhos claros e sem aparência de lágrimas.

— Mas, meu caro senhor, então quer a ruína de minha casa? Veja o sr. Vautrin... Oh! meu Deus — disse interrompendo-se —, não posso me impedir de chamá-lo por seu nome de homem honesto! Veja — prosseguiu —, um apartamento vazio, e querem que eu fique com dois a mais para alugar numa época em que todo mundo está alojado.

— Senhores, peguemos os nossos chapéus, e vamos jantar na Place Sorbonne, no Flicoteaux — disse Bianchon.

A sra. Vauquer calculou com um único olhar a decisão mais vantajosa, e andou até a srta. Michonneau.

— Vamos, minha querida lindinha, você não deseja a morte de meu estabelecimento, não é? Veja a que situação extrema me reduzem esses senhores; por esta noite, suba para o seu quarto.

— De jeito nenhum, de jeito nenhum — gritaram os pensionistas —, queremos que ela saia imediatamente.

— Mas ela não jantou, essa pobre senhorita — disse Poiret num tom lastimoso.

— Irá jantar onde quiser — gritaram várias vozes.

— No olho da rua, essa dedo-duro!

— No olho da rua, os dedos-duros!

— Senhores — exclamou Poiret, que se alçou de repente à altura da coragem que o amor confere aos carneiros —, respeitem uma pessoa do sexo frágil!

— Os dedos-duros não têm sexo — disse o pintor.

— Tremendo sexorama!

— No olhorama da rua!

— Senhores, isso é indecente. Quando se mandam as pessoas embora, é preciso respeitar as regras. Nós pagamos, nós ficamos — disse Poiret cobrindo-se com o boné e colocando-se numa cadeira ao lado da srta. Michonneau, a quem a sra. Vauquer aconselhava.

— Malvado — disse-lhe o pintor com um ar cômico —, seu malvadinho, vá!

— Vamos, se os senhores não forem, nós é que iremos — disse Bianchon. E os pensionistas fizeram em massa um movimento rumo ao salão.

— Senhorita, mas o que quer afinal? — exclamou a sra. Vauquer. — Estou arruinada. Não pode ficar, vão chegar a atos de violência.

A srta. Michonneau se levantou.

“Ela vai embora! — Ela não vai embora! — Ela vai embora! — Ela não vai embora!” Essas palavras ditas alternadamente e a hostilidade dos comentários que começavam a fazer a seu respeito obrigaram a srta. Michonneau a partir, depois de algumas estipulações feitas baixinho com a hospedeira.

— Vou para a pensão da sra. Buneaud — ela disse com ar ameaçador.

— Vá para onde quiser, senhorita — disse a sra. Vauquer, que viu uma cruel injúria na escolha que fazia de uma casa com a qual ela rivalizava, e que conseqüentemente lhe era odiosa. — Vá para a Buneaud, terá um vinho que faz as cabras dançarem e pratos feitos com restos!

Os pensionistas se puseram em duas filas, no maior silêncio. Poiret olhou tão ternamente para a srta. Michonneau, mostrou-se tão ingenuamente indeciso, sem saber se devia segui-la ou ficar, que os pensionistas, felizes com a partida da srta. Michonneau, começaram a rir entreolhando-se.

— Xô, xô, xô, Poiret — gritou-lhe o pintor. — Vamos, upa, upa!

O empregado do museu começou a cantar comicamente este início de uma conhecida romança:

Partindo para a Síria

O jovem e belo Dunois ...

— Vamos, ora, você está morrendo de vontade, trahit sua quemque voluptas —

disse Bianchon.

— Cada um segue a sua tradução livre e particular de Virgílio  
— disse o repetidor. 59

Como a srta. Michonneau tinha feito o gesto de pegar o braço de Poiret, ao olhá-lo, ele não conseguiu resistir a esse apelo e foi dar seu apoio à velha. Aplausos irromperam, e houve uma explosão de risos.

— Bravo, Poiret!

— Esse velho Poiret!

— Apolo-Poiret!

— Marte-Poiret!



— Corajoso Poiret!

Nesse momento, um mensageiro entrou, entregou uma carta à sra. Vauquer, que escorregou na cadeira, depois de lê-la.

— Mas só falta queimarem minha casa, os raios estão caindo. O Taillefer filho morreu às três horas. Estou sendo um bocado castigada por ter desejado bem a essas senhoras em prejuízo desse pobre rapaz. A sra. Couture e Victorine me pedem de volta seus pertences, vão ficar na casa do pai dela. O sr. Taillefer permite à filha manter a viúva Couture como dama de companhia. Quatro apartamentos desocupados, cinco pensionistas a menos!

Sentou-se e pareceu prestes a chorar.

— A desgraça entrou em minha casa — exclamou.

As rodas de um carro que parava ecoaram de repente na rua.

— Mais alguma desgraceira — disse Sylvie.

Goriot mostrou de repente uma fisionomia brilhante e colorida de felicidade, que podia fazer crer em sua regeneração.

— Goriot de fiacre — disseram os pensionistas —, o fim do mundo chegou!

O homem foi direto até Eugène, que permanecia pensativo num canto, e pegou-o pelo braço:

— Venha — disse-lhe com ar alegre.

— Então não sabe o que está acontecendo? — perguntou-lhe Eugène. — Vautrin era um forçado que acabam de prender, e o Taillefer filho morreu.

— Pois bem, e o que temos a ver com isso? — respondeu o pai Goriot. — Janto com minha filha, na casa de vocês, está entendendo? Ela o espera, venha!

Puxou tão violentamente Rastignac pelo braço que o fez andar à força e pareceu sequestrá-lo, como se fosse sua amante.

— Jantemos — gritou o pintor.

Nesse momento cada um pegou sua cadeira e sentou-se à mesa.

— Decididamente — disse a gorda Sylvie —, hoje só dá desgraça, meu ensopado de carneiro grudou na panela. Arre! vocês vão comê-lo queimado, azar!

A sra. Vauquer não teve coragem de dizer uma palavra ao ver apenas dez pessoas em vez de dezoito em torno de sua mesa; mas todos tentaram consolá-la e alegrá-la. Se primeiro os externos conversaram sobre Vautrin e os acontecimentos do dia, logo obedeceram ao jeito sinuoso da conversa e se puseram a falar de duelos, das galés, da justiça, das leis a refazer, das prisões. Depois se encontraram a mil léguas de Jacques Collin, de Victorine e de seu irmão. Embora fossem apenas dez, gritaram como vinte, e pareciam ser mais numerosos que de

costume; foi a única diferença que houve entre aquele jantar e o da véspera. A despreocupação habitual desse mundo egoísta que, no dia seguinte, deveria ter nos fatos cotidianos de Paris outra presa a devorar levou a melhor, e a própria sra. Vauquer se deixou acalmar pela esperança, que se serviu da voz da grossa Sylvie.

Esse dia deveria ser até de noite uma fantasmagoria para Eugène, que, apesar

da força de seu caráter e da bondade de seu espírito, não sabia como classificar suas ideias quando se viu dentro do fiacre, ao lado do pai Goriot, cujos discursos traíam uma alegria inabitual e ecoavam em seu ouvido, depois de tantas emoções, como as palavras que ouvimos em sonho.

— Acabou-se o que aconteceu de manhã. Vamos nós três jantar juntos, juntos! Entende? Faz quatro anos que não jantei com minha Delphine, minha pequena Delphine. Vou tê-la para mim durante uma noite toda. Estamos na sua casa desde hoje de manhã. Trabalhei como um operário, em mangas de camisa. Eu ajudava a carregar os móveis. Ah! Ah! não sabe como ela é boazinha à mesa, vai

cuidar de mim: “Tome, papai, coma isto, está bom”. E então nem vou conseguir comer. Oh! faz tanto tempo que não me vejo sossegado ao lado dela como vamos estar!

— Mas — disse-lhe Eugène —, então hoje o mundo está de cabeça para baixo?

— De cabeça para baixo? — disse o pai Goriot. — Mas em nenhuma época o mundo esteve tão bem. Só vejo rostos alegres nas ruas, pessoas que se dão apertos de mão e que se beijam; pessoas felizes como se todas fossem jantar na casa de suas filhas, papar um bom jantarzinho que ela encomendou na minha frente ao chefe do Café des Anglais. Mas, para quê! Perto dela o fel seria doce como o mel.

— Tenho a impressão de voltar à vida — disse Eugène.

— Mas ande logo, cocheiro — gritou o pai Goriot abrindo o vidro da frente. — Ande mais depressa, lhe darei cem vinténs para beber se me levar em dez minutos lá onde você sabe.

Ao ouvir essa promessa, o cocheiro atravessou Paris com a rapidez de um raio.

— Ele não está bom, esse cocheiro — dizia o pai Goriot.

— Mas aonde afinal está me levando? — perguntou-lhe Rastignac.

— À sua casa — disse o pai Goriot.

O carro parou na Rue d'Artois. O homenzinho desceu primeiro e jogou dez francos para o cocheiro, com a prodigalidade de um viúvo que, no paroxismo de seu prazer, não presta atenção em nada.

— Vamos subir — disse a Rastignac fazendo-o atravessar um pátio e levando-o à porta de um apartamento situado no terceiro andar, nos fundos de um prédio novo e de bela aparência. O pai Goriot não precisou tocar a campainha. Thérèse, a camareira da sra. de Nucingen, lhes abriu a porta. Eugène viu-se num delicioso apartamento de rapaz, composto de uma antessala, um salãozinho, um quarto de dormir e um gabinete com vista para um jardim. No salãozinho, cuja mobília e decoração podiam suportar a comparação com o que havia de mais bonito, de mais gracioso, avistou, à luz das velas, Delphine, que se levantou de uma conversadeira, ao lado da lareira, pôs a tela de proteção na frente do fogo e lhe disse, com uma entonação e voz carregada de ternura:

— Então foi preciso ir buscá-lo, senhor que não entende nada.

Thérèse saiu. O estudante pegou Delphine em seus braços, apertou-a intensamente e chorou de alegria. Esse último contraste entre o que ele via e o que acabava de ver, num dia em que tantas irritações tinham cansado seu coração e sua cabeça, foi determinante em Rastignac para um acesso de sensibilidade nervosa.

— Eu bem sabia que ele a amava — disse baixinho o pai Goriot à filha enquanto Eugène, abatido, jazia na conversadeira sem conseguir pronunciar uma palavra nem se dar conta ainda da maneira como este último golpe de mágica fora feito.

— Mas venha ver — disse-lhe a sra. de Nucingen pegando-o pela mão e levando-o para um quarto cujos tapetes, móveis e mínimos detalhes lhe lembraram, em proporções menores, o de Delphine.

— Falta uma cama — disse Rastignac.

— Sim, senhor — ela disse enrubescendo e apertando-lhe a mão.

Eugène olhou para ela e entendeu, jovem ainda, tudo o que havia de pudor verdadeiro num coração de mulher apaixonada.

— A senhora é uma dessas criaturas que devemos adorar sempre — ele lhe disse ao ouvido. — Sim, ousou lhe dizer, já que nos entendemos tão bem: quanto mais profundo e sincero é o amor, mais deve ser velado, misterioso. Não revelemos nosso segredo a ninguém.

— Oh! eu não serei ninguém — disse o pai Goriot resmungando.

— O senhor sabe que é nós , ora...

— Ah! era isso que eu queria. Vocês não vão prestar atenção em mim, não é? Irei, voltarei como um bom espírito que está em toda parte, e que sabemos estar ali sem vê-lo. Pois bem, Delphinette, Ninette, Dedel! Eu não estava certo ao lhe dizer: “Tem um lindo apartamento na Rue d’Artois, vamos mobiliá-lo para ele!”? Você não queria. Ah! Sou eu o autor da sua alegria, como sou o

autor dos seus dias. Os pais devem sempre dar para serem felizes. Dar sempre, é o que faz com que sejamos pai.

— Como? — disse Eugène.

— Sim, ela não queria, temia que dissessem bobagens, como se o mundo valesse a felicidade! Mas todas as mulheres sonham em fazer o que ela faz...

O pai Goriot falava sozinho, a sra. de Nucingen levava Rastignac para o

gabinete, onde o ruído de um beijo ecoou, por mais levemente que tenha sido dado. Esse aposento estava no mesmo nível da elegância do apartamento, no qual, aliás, nada faltava.

— Adivinhamos bem os seus desejos? — disse ela voltando para o salão a fim de se pôr à mesa.

— Sim, bem demais — disse ele. — Infelizmente, sinto que esse luxo tão completo, esses lindos sonhos realizados, todas as poesias de uma vida jovem, elegante, são demais e não os mereço; mas não posso aceitá-los da senhora, e ainda sou muito pobre para...

— Ah! Ah! já está me resistindo — ela disse com um arzinho de autoridade zombeteiro, fazendo um desses lindos muxoxos que as mulheres fazem quando querem escarnecer de algum escrúpulo para melhor dissipá-lo.

Eugène se questionara com muita solenidade durante aquele dia, e a prisão de Vautrin, mostrando-lhe a profundidade do abismo em que ele quase rolara, acabava de corroborar muito bem seus sentimentos nobres e sua delicadeza para que cedesse a essa acariciante refutação de suas ideias generosas. Uma profunda tristeza tomou conta dele.

— Como! — disse a sra. de Nucingen. — Recusaria? Sabe o que significa uma recusa dessas? Duvida do futuro, não ousa ligar-se a mim! Então tem medo de trair meu afeto? Se me ama, se eu... o amo, por que recua diante de obrigações tão tênues? Se soubesse o prazer que tive em cuidar de todo esse apartamento de rapaz, não hesitaria, e me pediria perdão. Eu tinha dinheiro que era seu, e o empreguei bem, é só isso. O senhor imagina ser grande, e é pequeno. Pede bem mais... (Ah! — disse ela captando um olhar de paixão em Eugène) e fica cheio de dedos por umas bobagens. Se não me ama, oh!, sim, não aceite. Meu destino está contido numa palavra. Fale! Mas, meu pai, dê então a ele algumas boas razões — acrescentou virando-se para o pai, depois de uma pausa. — Será que ele acredita que sou menos suscetível quanto à nossa honra?

O pai Goriot exibia o sorriso fixo de um teriaki 60 ao ver, ao ouvir aquela linda rusga.

— Criança! Você está no começo da vida — ela recomeçou, pegando a mão de Eugène — e encontra uma barreira



intransponível diante de muitas pessoas, a mão de uma mulher lhe abre caminho, e você recua! Mas vencerá, fará uma brilhante fortuna, o sucesso está escrito em sua bela fronte. Não poderá então me devolver o que lhe empresto hoje? Antigamente as damas não davam a seus cavaleiros armaduras, espadas, capacetes, cotas de malha, cavalos, a fim de que pudessem ir combater em nome delas nos torneios? Pois bem, Eugène, as coisas que lhe ofereço são as armas da época, ferramentas necessárias a quem quer ser alguma coisa. É bonito o sótão em que você se encontra, se se parece com o quarto de papai. Mas afinal, então não vamos jantar? Quer me entristecer? Responda então? — disse sacudindo sua mão. — Meu Deus, papai, decida-o logo, ou vou sair e não o reverei nunca mais.

— Vou fazê-lo se decidir — disse o pai Goriot saindo de seu êxtase.

— Meu

caro sr. Eugène, vai pedir dinheiro emprestado aos judeus, não vai?

— Não há outro jeito — ele disse.

— Bem, agora está amarrado — recomeçou o bom homem pegando uma

carteira ordinária de couro já bem gasto. — Fiz-me de judeu, paguei todas as faturas, ei-las. O senhor não deve um centavo por tudo o que se encontra aqui. Isso não perfaz uma grande quantia,

no máximo cinco mil francos. Empristo-os! Não vai me recusar, não sou uma mulher. Vai me fazer um reconhecimento de dívida num pedaço de papel e me devolverá mais tarde.

Algumas lágrimas rolaram ao mesmo tempo dos olhos de Eugène e de Delphine, que se fitaram com surpresa.

Rastignac estendeu a mão ao bom homem e a apertou.

— Pois é, ora essa! Vocês não são meus filhos? — disse Goriot.

— Mas, meu pobre pai — disse a sra. de Nucingen —, como foi então que o senhor fez?

— Ah! chegamos ao ponto — ele respondeu. — Quando convenci você a trazê-lo para perto, quando vi você comprando coisas como se fosse uma noiva, pensei cá comigo: “Ela vai se ver em apuros!”. O advogado pretende que o processo a mover contra o seu marido, para fazê-lo devolver sua fortuna, durará mais de seis meses. Bem. Vendi minhas mil trezentas e cinquenta libras de renda perpétua; consegui, com quinze mil francos, mil e duzentos francos de rendas vitalícias bem hipotecadas, e paguei aos seus fornecedores com o resto do capital, meus filhos. Quanto a mim, tenho lá em cima um quarto de cinquenta escudos por ano, posso viver como um príncipe com quarenta soldos por dia, e ainda me sobrará troco. Não gasto nada, quase não preciso de roupas. Faz quinze dias que estou rindo comigo mesmo ao pensar: “Como eles vão ser felizes!”. Pois bem, não estão felizes?

— Oh, papai, papai! — disse a sra. de Nucingen pulando sobre o pai, que a recebeu em seu colo. Ela o cobriu de beijos, ele lhe acariciou as faces com seus cabelos louros e derramou lágrimas sobre aquele belo rosto feliz, brilhante. — Papai querido, o senhor é um bom pai! Não, não existem sob o céu dois pais como o senhor. Eugène já gostava muito de si, como será agora?

— Mas, meus filhos — disse o pai Goriot, que fazia dez anos não sentia o

coração de sua filha bater contra o seu —, mas, Delphinette, então quer me matar de alegria? Meu pobre coração está se partindo. Bem, sr. Eugène, já estamos quites!

E o velho apertou a filha com um abraço tão selvagem, tão delirante que ela disse:

— Ai, está me machucando!

— Estou machucando! — ele disse, empalidecendo. Olhou para ela com um ar sobre-humano de dor. Para bem pintar a fisionomia desse Cristo da Paternidade,

seria preciso ir buscar comparações nas imagens que os príncipes da palheta inventaram para pintar a paixão sofrida em benefício dos mundos pelo Salvador dos homens. O pai Goriot beijou muito suavemente a cintura que seus dedos tinham apertado demais. — Não, não, não a machuquei — continuou, questionando-a com um sorriso —, foi você que me machucou

com seu grito. Isso custa mais caro — disse ao ouvido da filha, beijando-a com precaução —, mas é preciso agarrá-lo, sem o que ele se zangaria.

Eugène estava petrificado pela inesgotável dedicação daquele homem, e o contemplava expressando essa ingênua admiração que, na juventude, é o mesmo que fé.

— Serei digno de tudo isto — exclamou.

— Ó, meu Eugène, é bonito o que acaba de dizer. — E a sra. de Nucingen beijou o estudante na testa.

— Por você, ele recusou a srta. Taillefer e seus milhões — disse o pai Goriot.

— Sim, ela o amava, a pequena; e com o irmão morto, ei-la rica como Crespo.

— Oh! Por que dizer isso? — exclamou Rastignac.

— Eugène — disse-lhe Delphine ao ouvido —, agora sinto um remorso por esta noite. Ah! vou amá-lo! E para sempre.

— Eis o mais belo dia que tive desde o casamento de vocês — exclamou o pai Goriot. — O bom Deus pode me fazer sofrer o quanto quiser, desde que não seja por vocês, e pensarei: “Em fevereiro deste ano fui por um momento mais feliz que os homens podem ser durante toda sua vida”. Olhe para mim, Fifine! — disse à filha. — Ela é bem bonita, não é? Mas me diga, já encontrou

muitas mulheres que tenham as lindas cores e a covinha que ela tem? Não, não é mesmo? Pois é, fui eu que fiz esse amor de mulher. De agora em diante, sendo feliz por seu intermédio, ela se tornará mil vezes melhor. Posso ir para o inferno, meu vizinho — disse —, se precisar da minha parte de paraíso eu lhe darei. Vamos comer, vamos comer — prosseguiu, não sabendo mais o que estava dizendo —, tudo isto é nosso.

— Esse pobre pai!

— Se soubesse, minha filha — ele disse levantando-se e indo até ela, pegando-lhe a cabeça e beijando-a entre as tranças de seu cabelo —, como consegue me fazer feliz por tão pouco! Venha me ver de vez em quando, estarei lá em cima, você só terá de dar um passo. Prometa-me, diga!

— Prometo, pai querido.

— Diga de novo.

— Prometo, meu bom pai.

— Cale-se, eu a faria dizer cem vezes se eu me escutasse. Vamos jantar.

A noite inteira foi empregada em brincadeiras, e o pai Goriot não foi quem se mostrou o menos louco dos três. Deitava-se aos pés da filha para beijá-los; olhava muito tempo para os olhos dela;

esfregava a cabeça contra o vestido dela; por fim, fazia loucuras como teria feito o amante mais jovem e mais carinhoso.

— Está vendo? — perguntou Delphine a Eugène —, quando meu pai está conosco tenho de ser inteiramente dele. No entanto, às vezes será bem constrangedor.

Eugène, que já sentira várias vezes ímpetos de ciúme, não podia censurar essas palavras, que encerravam o princípio de todas as ingratidões.

— E quando o apartamento ficará pronto? — perguntou Eugène olhando em torno do quarto. — Então teremos de nos separar esta noite?

— Sim, mas amanhã virá jantar comigo — ela disse com ar sutil. — Amanhã é dia do Italiens.

— Quanto a mim, irei na plateia — disse o pai Goriot.

Era meia-noite. O carro da sra. de Nucingen estava esperando. O pai Goriot e o estudante retornaram à Casa Vauquer conversando sobre Delphine com um entusiasmo crescente que produziu um curioso combate de expressões entre aquelas violentas paixões. Eugène não conseguia esconder de si mesmo que o amor do pai, que nenhum interesse pessoal manchava, esmagava o seu pela persistência e extensão. Para o pai, o ídolo era sempre

belo e puro, e sua adoração crescia tanto com todo o passado como com o futuro. Encontraram a sra. Vauquer ao lado da estufa, entre Sylvie e Christophe. A velha proprietária estava ali como Mário sobre as ruínas de Cartago. 61 Esperava os dois únicos pensionistas que lhe restavam, consolando-se com Sylvie. Embora Lord Byron tenha atribuído lamentações muito bonitas a Tasso, elas estão bem longe da profunda verdade das que escapavam da sra. Vauquer.

— Então só serão três xícaras de café para preparar amanhã de manhã, Sylvie.

Ai, ai! Minha casa deserta, não é de partir o coração? O que é a vida sem meus pensionistas? Rigorosamente nada. Eis minha casa desmobiada de seus homens. A vida está toda nos móveis. Que fiz eu ao céu para ter atraído todos esses desastres? Nossas provisões de vagens e batatas são para vinte pessoas. A polícia na minha pensão! Então só vamos comer batatas! Então vou demitir Christophe!

O rapaz da Savoia, que dormia, acordou de repente e disse:

— Senhora?

— Pobre rapaz! É que nem um cão — disse Sylvie.

— Uma estação morta, todo mundo está alojado. De onde me cairão pensionistas? Perderei a cabeça. E essa sibila da

Michonneau que me raptou o Poiret! O que é que afinal ela fazia para esse homem ter se ligado a ela e a seguido como um totó?

— Ah, nossa! — disse Sylvie balançando a cabeça —, essas solteironas, essas aí conhecem todas as espertezas.

— Esse pobre sr. Vautrin que eles transformaram num forçado — prosseguiu a viúva —, pois é, Sylvie, é mais forte que eu, ainda não acredito. Um homem alegre desse jeito, que tomava café com aguardente a quinze francos por mês, e que pagava religiosamente!

— E que era generoso! — disse Christophe.

— Tem um erro aí — disse Sylvie.

— Que nada, ele mesmo confessou — continuou a sra. Vauquer. — E dizer que todas essas coisas aí aconteceram na minha casa, num bairro onde não passa nem um gato! Palavra de mulher honesta, estou sonhando! Pois, veja você, vimos Luís XVI ter seu acidente, vimos o imperador cair, o vimos voltar e cair de novo, tudo isso estava na ordem das coisas possíveis; ao passo que não há contra as pensões burguesas essas probabilidades: é possível ficar sem rei, mas sempre se tem que comer; e quando uma mulher honesta, De Conflans em solteira, serve jantar com todas as boas coisas, a não ser que chegue o fim do mundo... Mas é isso, é o fim do mundo.



— E pensar que a srta. Michonneau, que lhe causa todo esse problema, vai receber, pelo que dizem, mil escudos de renda — exclamou Sylvie.

— Nem me fale nisso, ela não passa de uma facínora! — disse a sra. Vauquer.

— E vai ficar com a Buneaud, para completar! Mas é capaz de tudo, deve ter feito horrores, em sua época matou, roubou. Devia ir para a prisão das galés no lugar desse pobre querido homem...

Nesse instante Eugène e o pai Goriot tocaram a campainha.

— Ah! Eis meus dois fiéis — disse a viúva suspirando.

Os dois fiéis, que tinham apenas uma levíssima lembrança dos desastres da pensão burguesa, anunciaram sem cerimônia à anfitriã que iam morar na Chaussée d'Antin.

— Ah! Sylvie — disse a viúva —, este era meu último trunfo. Os senhores me deram o golpe de misericórdia! Isso me atingiu no estômago. Estou com uma bola aqui. É o tipo do dia que me põe mais dez anos na cabeça! Vou enlouquecer, palavra de honra! Que fazer das vagens? Ah! bem, se eu ficar sozinha aqui, você irá embora amanhã, Christophe. Adeus, senhores, boa noite.

— Mas o que ela tem? — perguntou Eugène a Sylvie.

— Virgem! É que todo mundo foi embora por causa dos negócios. Isso lhe perturbou a cabeça. Arre, a estou ouvindo chorar. Vai

fazer bem a ela abrir o berreiro . Essa aí, é a primeira vez que esvazia os olhos desde que trabalho para ela.

No dia seguinte a sra. Vauquer tinha, segundo sua expressão, escutado a voz da razão . Se pareceu aflita como uma mulher que perdera todos os pensionistas, e cuja vida estava transtornada, mantinha todo o bom senso e mostrou o que era a verdadeira dor, uma dor profunda, a dor causada pelo interesse ofendido, pelos hábitos desfeitos. Sem dúvida, o olhar que um apaixonado lança para os lugares habitados por sua amante, ao deixá-los, não é mais triste do que foi o da sra. Vauquer para sua mesa vazia. Eugène a consolou dizendo-lhe que Bianchon, cuja residência terminava dali a alguns dias, iria com certeza substituí-lo; que o empregado do museu várias vezes manifestara o desejo de ter o apartamento da sra. Couture, e que em poucos dias ela teria refeito sua clientela.

— Deus o ouça, meu caro senhor! Mas a desgraça está aqui. Antes de dez dias a morte chegará, o senhor vai ver — disse-lhe dando um olhar lúgubre para a sala de jantar. — Quem ela pegará?

— Ainda bem que estamos de mudança — disse baixinho Eugène ao pai

Goriot.

— Senhora — disse Sylvie acorrendo assustada —, faz três dias que não vi

Mistigris.

— Ah! bem, se meu gato morreu, se nos deixou, eu...

A pobre viúva não terminou, juntou as mãos e jogou-se no encosto de sua poltrona, prostrada por esse terrível prognóstico.

Por volta do meio-dia, hora em que os carteiros chegavam ao bairro do Panthéon, Eugène recebeu uma carta elegantemente envelopada, lacrada com as armas de Beauséant. Continha um convite dirigido ao sr. e à sra. de Nucingen para o grande baile anunciado havia um mês, e que devia se realizar na casa da viscondessa. A esse convite estava anexado um bilhetinho para Eugène:

Pensei, senhor, que se encarregaria com prazer de ser o intérprete de meus sentimentos junto à sra. de Nucingen; envio-lhe o convite que me pediu, e ficarei encantada em conhecer a irmã da sra. de Restaud. Assim, traga-me essa linda pessoa, e faça com que ela não tome toda a sua afeição, pois o senhor me deve muita, em troca da que lhe tenho.

Viscondessa DE BEAUSÉANT .

“Mas”, pensou Eugène ao reler esse bilhete, “a sra. de Beauséant me diz muito claramente que não quer saber do barão de

Nucingen.” Foi prontamente à casa de Delphine, feliz em poder lhe proporcionar uma alegria cuja recompensa decerto receberia. A sra. de Nucingen estava no banho. Rastignac esperou no budoar, às voltas com impaciências naturais num rapaz ardente e apressado em tomar posse de uma amante, objeto de um ano de desejos. São emoções que não se encontram duas vezes na vida dos jovens. A primeira mulher realmente mulher a quem um homem se afeiçoa, isto é, aquela que se apresenta a ele no esplendor dos complementos que a sociedade parisiense requer, essa aí nunca tem rival. O amor em Paris em nada se parece com os outros amores. Ali nem os homens nem as mulheres deixam-se enganar pelas demonstrações enfeitadas de lugares-comuns que cada um estende por decência sobre seus afetos supostamente desinteressados. Nessa terra, uma mulher não deve satisfazer somente o coração e os sentidos, sabe perfeitamente que tem obrigações maiores a cumprir com as mil vaidades que compõem a vida. Ali, sobretudo o amor é essencialmente fanfarrão, insolente, esbanjador, charlatão e faustoso. Se todas as mulheres da corte de Luís XIV invejaram a sra. de La Vallière pelo ímpeto de paixão que fez esse grande príncipe esquecer que cada um de seus punhos de renda custava mil escudos quando ele os rasgou para facilitar ao duque de Vermandois sua entrada no palco do mundo, 62 o que se pode pedir ao resto da humanidade? Sejam jovens, ricos e com títulos de nobreza, sejam melhores ainda

se puderem; quanto mais grãos de incenso levarem para queimar perante o ídolo, mais este lhes será favorável, se todavia tiverem um ídolo. O amor é uma religião, e seu culto deve custar mais caro que o de todas as outras religiões; ele passa prontamente, e passa como uma criança que quer marcar sua passagem por devastações. O luxo do sentimento é a poesia das mansardas; sem essa riqueza, ali o que seria do amor? Se há exceções a essas leis draconianas do código parisiense, encontram-se na solidão, entre as almas que não se deixaram arrastar pelas doutrinas sociais, que vivem perto de alguma fonte de águas claras, fugidias mas incessantes; que, fiéis às suas sombras verdes, felizes por ouvirem a linguagem do infinito, escrita para elas em todas as coisas e que elas encontram em si mesmas, esperam pacientemente suas asas, lamentando as da terra. Mas Rastignac, semelhante à maioria dos jovens que, de antemão, provaram suas grandezas, queria se apresentar todo armado na liça da sociedade; sentira sua febre, e talvez se sentisse com a força de dominá-la, mas sem conhecer os meios

nem o objetivo dessa ambição. Na falta de um amor puro e sagrado, que preenche a vida, essa sede pelo poder pode se tornar uma bela coisa; basta despojar-se de todo interesse pessoal e propor-se a grandeza de um país como objeto. Mas o estudante ainda não chegara ao ponto de onde o homem é capaz de contemplar o curso da vida e julgá-la. Até então, sequer

sacudira por completo o encanto das frescas e suaves ideias que envolvem como uma folhagem a juventude das crianças criadas na província. Hesitara continuamente em cruzar o rubicão parisiense. Apesar de suas ardentes curiosidades, sempre conservara alguns preconceitos da vida feliz que o verdadeiro fidalgo leva dentro de seu castelo. No entanto, seus derradeiros escrúpulos haviam desaparecido na véspera, quando se viu em seu apartamento. Desfrutando das vantagens materiais da fortuna, como desfrutava havia muito tempo das vantagens morais dadas pelo berço, despojara-se de sua pele de homem de província e se instalara suavemente numa situação de onde descobria um belo futuro. Assim, enquanto esperava Delphine, indolentemente sentado naquele lindo budoar que se tornava um pouco o seu, via-se tão longe do Rastignac chegado no ano anterior a Paris que, espiando-o por um efeito de ótica moral, indagava se naquele momento se assemelhava a si mesmo.

— A senhora está no quarto — Thérèse foi dizer a ele, o que o fez estremecer.

Encontrou Delphine deitada na conversadeira, ao lado da lareira, fresca, repousada. Ao vê-la assim estendida sobre montes de musselina, era impossível não compará-la com essas belas plantas da Índia cujo fruto vem dentro da flor.

— Pois é, aqui estamos — ela disse com emoção.

— Adivinhe o que lhe trago — disse Eugène, sentando-se perto dela e pegando-lhe o braço para beijar sua mão.

A sra. de Nucingen fez um gesto de alegria ao ler o convite. Virou para Eugène seus olhos rasos e jogou os braços em seu pescoço para atraí-lo para si, num delírio de vaidosa satisfação.

— E é ao senhor (você — disse-lhe ao ouvido —, mas Thérèse está no meu

gabinete de toalete, sejamos prudentes!), é ao senhor que devo essa felicidade? Sim, ousou chamar isso de felicidade. Obtido por seu intermédio, não é mais que um triunfo de amor-próprio? Ninguém quis me apresentar a essa sociedade. Talvez neste momento me ache pequena, frívola, leviana como uma parisiense; mas pense, meu amigo, que estou disposta a tudo lhe sacrificar, e que, se desejo mais ardentemente que nunca ir ao Faubourg Saint-Germain, é porque está lá.

— Não acha — disse Eugène — que a sra. de Beauséant tem jeito de nos dizer que não espera ver o barão de Nucingen em seu baile?

— Mas claro — disse a baronesa devolvendo a carta a Eugène. — Essas mulheres têm o gênio da impertinência. Mas pouco importa, irei. Minha irmã deve estar lá, sei que prepara uma roupa deliciosa. Eugène — continuou baixinho —, ela vai lá para dissipar pavorosas suspeitas. Não sabe os rumores que

correm a respeito? Nucingen veio me dizer de manhã que ontem se falava dela no Círculo, sem o menor constrangimento. A que se agarra, meu Deus, a honra das mulheres e das famílias! Senti-me atacada, ferida por causa de minha pobre irmã. Segundo certas pessoas, o sr. de Trailles teria subscrito letras de câmbio que se elevam a cem mil francos, quase todas vencidas, e pelas quais ele iria ser processado. Diante desse extremo, minha irmã teria vendido seus diamantes a um judeu, aqueles belos diamantes que você deve ter visto nela, e que vêm da mãe da sra. de Restaud. Enfim, há dois dias só se fala disso. Imagino, então, que Anastasie tenha mandado fazer um vestido de lamê e queira atrair para si todos os olhares na casa da sra. de Beauséant, aparecendo em todo o seu brilho e com seus diamantes. Mas não quero ficar abaixo dela. Ela sempre procurou me esmagar, nunca foi boa para mim, que lhe fazia tantos favores, que sempre tinha dinheiro para lhe dar quando ela não tinha. Mas deixemos a sociedade, hoje quero ser muito feliz.

À uma da manhã Rastignac ainda estava na casa da sra. de Nucingen, que, prodigalizando-o com o adeus dos amantes, esse adeus cheio de alegrias vindouras, disse com uma expressão de melancolia:

— Sou tão medrosa, tão supersticiosa, dê a meus pressentimentos o nome que quiser, pois tremo de medo de pagar minha felicidade com alguma catástrofe terrível.



— Menina — disse Eugène.

— Ah! Eu é que sou a criança esta noite — ela disse rindo.

Eugène voltou para a Casa Vauquer com a certeza de abandoná-la no dia seguinte, e portanto se entregou, no caminho, a esses lindos sonhos que fazem todos os jovens quando ainda têm nos lábios o gosto da felicidade.

— E então? — perguntou-lhe o pai Goriot quando Rastignac passou defronte

de sua porta.

— E então? — respondeu Eugène —, amanhã lhe direi tudo.

— Tudo, não é? — gritou o homenzinho. — Vá dormir. Amanhã vamos começar nossa vida feliz.

No dia seguinte, Goriot e Rastignac não esperavam mais nada além da boa vontade de um mensageiro para partir da pensão burguesa, quando por volta de meio-dia o barulho de uma carruagem que parou exatamente na porta da Casa

Vauquer ressoou na Rue Neuve-Sainte-Geneviève. A sra. de Nucingen desceu de seu carro, perguntou se o pai ainda estava na pensão. Diante da resposta afirmativa de Sylvie, subiu rapidamente a escada. Eugène estava em seu quarto sem que seu vizinho soubesse. Ao almoçar, ele pedira ao pai Goriot para levar seus pertences, dizendo-lhe que se encontrariam às

quatro horas na Rue d'Artois. Mas enquanto o homenzinho fora buscar uns carregadores, Eugène, tendo prontamente respondido à chamada na escola, voltara sem que ninguém percebesse, para acertar as contas com a sra. Vauquer, não querendo deixar essa tarefa para Goriot, que em seu fanatismo com certeza teria pagado para ele. A proprietária tinha saído. Eugène tornou a subir para o quarto a fim de ver se não esquecera nada, e congratulou-se por ter tido esse pensamento ao ver na gaveta de sua mesa o aceite em branco, subscrito a Vautrin, que ele jogara ali displiscentemente no dia em que pagara o que devia. Não tendo lareira, ia rasgá-lo em pedacinhos quando, reconhecendo a voz de Delphine, não quis fazer nenhum barulho e parou para ouvi-la, pensando que ela não devia ter nenhum segredo para ele. Depois, desde as primeiras palavras, achou a conversa entre pai e filha muito interessante para não escutá-la.

— Ah! papai — ela disse —, Deus queira que o senhor tenha tido a ideia de pedir contas de minha fortuna suficientemente a tempo para que eu não esteja arruinada! Posso falar?

— Pode, a casa está vazia — disse o pai Goriot com voz alterada.

— Mas o que tem, meu pai? — continuou a sra. de Nucingen.

— Você acaba de me dar — respondeu o velho — uma machadada na cabeça. Deus a perdoe, minha filha! Não sabe como a amo; se soubesse, não me teria dito abruptamente essas coisas,

sobretudo se nada é desesperador. O que afinal aconteceu de tão premente para que tenha vindo me procurar aqui quando em poucos instantes estaríamos na Rue d'Artois?

— Ei, meu pai, somos senhores de nosso primeiro movimento numa

catástrofe? Estou louca! Seu advogado nos fez descobrir um pouco mais cedo a desgraça que provavelmente explodirá mais tarde. Sua velha experiência comercial vai nos ser necessária, e vim correndo buscá-lo como quem se agarra a um galho quando se afoga. Quando o sr. Derville viu Nucingen lhe opor mil chicanas, ameaçou-o com um processo dizendo-lhe que a autorização do presidente do tribunal seria prontamente obtida. Nucingen veio de manhã à minha casa para me perguntar se eu queria sua ruína e a minha. Respondi-lhe que não entendia nada disso, que tinha uma fortuna, que devia estar em posse de minha fortuna, e que tudo o que tinha a ver com esse litígio se referia a meu

advogado, pois eu estava na ignorância total e na impossibilidade de entender alguma coisa sobre o assunto. Não era o que o senhor me recomendara dizer?

— Bem — respondeu o pai Goriot.

— Pois é — continuou Delphine —, ele me pôs a par de seus negócios. Jogou todos os seus capitais e os meus em empresas que estão começando, e nas quais ainda foi preciso investir

grandes quantias externas. Se eu o forçasse a me prestar contas de meu dote, seria obrigado a decretar falência; ao passo que, se eu quizer esperar um ano, compromete-se, dando sua palavra, a me devolver uma fortuna dupla ou tripla da minha investindo meu capital em operações territoriais ao fim das quais serei dona de todos os bens. Meu pai querido, ele era sincero, me assustou. Pediu-me perdão por seu comportamento, me devolveu minha liberdade, permitiu que me comportasse como bem entendesse, contanto que o deixasse inteiramente livre para gerir os negócios em meu nome. Prometeu-me, para me provar sua boa-fé, chamar o sr. Derville sempre que eu quisesse, para julgar se os atos em virtude dos quais me instituiria proprietária estariam convenientemente redigidos. Enfim, pôs-se em minhas mãos, de pés e punhos atados. Pediu-me ainda, durante dois anos, a condução da casa, e me suplicou que nada gaste comigo além do que me concede. Provou-me que tudo o que podia fazer era manter as aparências, que tinha despachado sua dançarina, e que seria obrigado à mais estrita, porém mais severa, economia, a fim de chegar ao término de suas especulações sem alterar seu crédito. Eu o maltratei, pus tudo em dúvida a fim de pô-lo contra a parede e conhecer mais a história: mostrou-me seus livros e por fim chorou. Nunca vi um homem num estado desses. Perdeu a cabeça, falava em se matar, delirava. Deu-me pena.

— E você acredita nessas lorotas? — exclamou o pai Goriot. — É um ator! Encontrei alemães nos negócios: essas pessoas aí são quase todas de boa-fé, cheias de candura; mas quando, sob seu ar de franqueza e bonomia, começam a ser espertas e charlatãs, são mais que as outras. Seu marido a está enganando. Sente-se pressionado de perto, faz-se de morto, quer permanecer mais dono de tudo sob o seu nome do que é sob o dele. Vai aproveitar essa circunstância para se pôr ao abrigo dos acasos de seu comércio. É tão astuto quanto pérfido; é um mau sujeito. Não, não, não irei para o Père-Lachaise deixando minhas filhas desprovidas de tudo. Ainda me conheço um pouco nos negócios. Ele comprometeu — disse — os fundos próprios nas empresas, pois bem, os interesses dele são representados por valores, por reconhecimentos de dívidas, por contratos! Que os mostre e salde as contas com você. Escolheremos as melhores especulações, correremos os riscos, e teremos os títulos exequíveis em nosso nome, de Delphine Goriot, casada em separação de bens com o barão de Nucingen . Mas esse aí nos toma por imbecis? Pensa que consigo suportar por dois dias a ideia de deixá-la sem fortuna, sem pão? Eu não suportaria nem um dia, nem uma noite, nem duas horas! Se essa ideia fosse verdadeira, eu não sobreviveria. Ei, afinal!, terei trabalhado durante quarenta anos de minha vida, terei carregado sacas nas costas, terei suado em bicas, terei me privado toda a minha vida por vocês, meus anjos,

que me tornavam todo trabalho e todo fardo leves, e hoje minha fortuna, minha vida iriam em fumaça? Isso me faria morrer de raiva. Por tudo que há de mais sagrado na terra e no céu, vamos tirar isso a limpo, verificar os livros, o cofre, as empresas! Não durmo, não me deito, não como, até que me seja provado que sua fortuna está aí, inteira. Graças a Deus, você é casada com separação de bens; terá o dr. Derville como advogado, felizmente um homem honesto. Santo Deus! Guardará seu bom milhãozinho, suas cinquenta mil libras de renda, até o fim de seus dias, ou eu armo um bafafá em Paris, ah! ah! Mas eu me dirigiria às câmaras se os tribunais nos prejudicassem. Saber que você está tranquila e feliz quanto a dinheiro, esse pensamento aliviaria todos os meus males e acalmaria minhas tristezas. O dinheiro é a vida. A moeda faz tudo. O que então nos está armando esse casca- grossa do alsaciano? Delphine, não faça uma concessão de nem um quarto de vintém a esse bestalhão, que a acorrentou e a tornou infeliz. Se precisa de você, vamos cobri-lo de pauladas para valer, e o faremos andar na linha. Meu Deus, minha cabeça está escaldante, sinto no crânio alguma coisa que me queima. Minha Delphine na miséria! Oh, minha Fifine, você! Com os diabos! Onde estão minhas luvas? Vamos sair, quero ir ver tudo, os livros, os negócios, o cofre, a correspondência, neste instante. Só me acalmarei quando me for provado que sua fortuna não corre mais riscos, e que eu a vir com meus olhos.

— Meu querido pai! Vá com cautela. Se pusesse a menor veleidade de vingança nesse negócio, e se mostrasse intenções demasiado hostis, eu estaria perdida. Ele o conhece, achou muito natural que, sob sua inspiração, eu me inquietasse por minha fortuna; mas juro ao senhor, ele a tem entre as mãos, e quis mantê-la. É homem de fugir com todos os capitais e de nos deixar aí, esse celerado! Ele bem sabe que eu mesma não desonrarei o nome que carrego processando-o. É ao mesmo tempo forte e fraco. Examinei tudo muito bem. Se o encurralarmos, estou arruinada.

— Mas então é um patife?

— Pois bem, sim, meu pai — disse jogando-se numa cadeira, aos prantos. — Eu não queria confessar-lhe para poupá-lo da tristeza de ter me casado com um

homem dessa espécie! Costumes secretos e consciência, a alma e o corpo, tudo nele se harmoniza! É pavoroso: eu o odeio e o desprezo. Sim, não consigo mais estimar esse vil Nucingen depois de tudo o que me disse. Um homem capaz de se jogar nos arranjos comerciais que me contou não tem a menor delicadeza, e meus temores vêm do que li perfeitamente em sua alma. Propôs-me claramente, ele, meu marido, a liberdade; sabe o que isso significa, se eu quisesse ser, em caso de desgraça, um instrumento em suas mãos, em suma, se quisesse lhe servir de testa de ferro?

— Mas as leis estão aí! Mas há uma Place de Grève para os genros dessa espécie — exclamou o pai Goriot —, mas eu mesmo o guilhotinaria se não houvesse um carrasco.

— Não, meu pai, não há leis contra ele. Escute em duas palavras a linguagem dele, destituída dos circunlóquios com que a envolvia: “Ou está tudo perdido, você não tem um tostão, está arruinada, pois eu não escolheria como cúmplice outra pessoa que não você; ou me deixará conduzir como quero minhas empresas”. Está claro? Ainda está ligado a mim. Minha proibição de mulher o tranquiliza; sabe que lhe deixarei sua fortuna e me contentarei com a minha. É uma associação desonesta e de ladroagem à qual devo consentir sob pena de ficar arruinada. Compre minha consciência e pague por ela deixando-me ser, à vontade, a mulher de Eugène. “Permito-lhe cometer erros, deixe-me cometer crimes arruinando a pobre gente!” Essa linguagem não é bastante clara? Sabe o que ele chama “fazer operações”? Compre terrenos baldios em seu nome, depois manda construir casas, por testas de ferro. Esses homens fecham os contratos para as construções com todos os empreendedores, a quem pagam em títulos a longo prazo, e aceitam, mediante uma pequena quantia, dar quitação a meu marido, que então se torna dono das casas, enquanto esses homens se livram dos empreendedores tapeados indo à falência. O nome da casa de Nucingen serviu para deslumbrar os pobres construtores. Isso eu entendi. Entendi



também que, para comprovar, caso necessário, o pagamento de quantias enormes, Nucingen enviou valores consideráveis a Amsterdam, a Londres, a Nápoles, a Viena. Como os penhoraremos?

Eugène ouviu o som pesado dos joelhos do pai Goriot, que provavelmente caiu

nos ladrilhos do quarto.

— Meu Deus, o que lhe fiz? Minha filha entregue a esse miserável, ele exigirá tudo dela, se quiser. Desculpe, minha filha! — gritou o velho.

— Sim, se estou num abismo, talvez seja um pouco culpa sua — disse

Delphine. — Temos tão pouco juízo quando nos casamos! Acaso conhecemos o

mundo, os negócios, os homens, os costumes? Os pais deveriam pensar por nós. Pai querido, nada o recrimino, desculpe-me essas palavras. Nisso o erro é todo meu. Não, não chore, papai — disse beijando a testa do pai.

— Não chore tampouco, minha pequena Delphine. Dê seus olhos, para que os enxugue beijando-os. Ande! Vou recuperar minha cachola e desenrolar a meada dos negócios que seu marido enrolou.

— Não, deixe-me fazer; saberei manobrá-lo. Ele me ama, pois então vou me servir de minha influência sobre ele para levá-lo a investir prontamente alguns capitais meus em propriedades. Talvez o faça comprar em meu nome Nucingen, na Alsácia, ele gosta de lá. Venha só amanhã para examinar os livros, os negócios dele. O sr. Derville não entende nada do que é comercial. Não, não venha amanhã. Não quero me amofinar. O baile da sra. de Beauséant acontece depois de amanhã, quero me cuidar para estar bela, descansada, e honrar meu querido Eugène! Vamos então ver seu quarto!

Nesse instante um carro parou na Rue Neuve-Sainte-Genève, e ouviu-se na escada a voz da sra. de Restaud, que dizia a Sylvie: “Meu pai está aí?”. Essa circunstância, felizmente, salvou Eugène, que já meditava em se jogar na cama e fingir estar dormindo.

— Ah, meu pai!, falaram-lhe de Anastasie? — disse Delphine ao reconhecer a voz da irmã. — Parece que também lhe acontecem coisas singulares em seu casamento.

— Como é mesmo? — disse o pai Goriot. — Então seria meu fim. Minha pobre cabeça não aguentará uma dupla desgraça.

— Bom dia, papai — disse a condessa ao entrar. — Ah, ei-la aqui, Delphine. A sra. de Restaud pareceu constrangida ao encontrar a irmã.

— Bom dia, Nasie — disse a baronesa. — Então acha minha presença extraordinária? Vejo papai todo dia.

— Desde quando?

— Se viesse aqui, saberia.

— Não implique comigo, Delphine — disse a condessa num tom lamentável.

— Estou um bocado infeliz, estou perdida, meu pobre pai! Oh, desta vez, bem perdida!

— O que você tem, Nasie? — exclamou o pai Goriot. — Conte-nos tudo, minha filha.

Ela empalideceu.

— Vamos, Delphine, acuda-a, ora, seja boa com ela, gostarei ainda mais de você, se conseguir!

— Minha pobre Nasie — disse a sra. de Nucingen sentando a irmã —, fale. Veja em nós as duas únicas pessoas que sempre a amarão o bastante para perdoar-lhe tudo. As afeições familiares são as mais seguras, sabe?

Ela a fez respirar uns saís, e a condessa voltou a si.

— Morrerei por causa disso — disse o pai Goriot. — Vejamos — continuou remexendo seu fogo de torrões de turfa —, aproximem-se vocês duas. Estou com frio. O que tem, Nasie? Diga logo, está me matando...

— Pois bem — disse a pobre mulher —, meu marido sabe tudo. Imagine, meu pai, que há algum tempo, lembra-se daquela letra de câmbio de Maxime? Pois é, não era a primeira. Eu já tinha pagado muitas. Pelo início de janeiro, o sr. de Trailles me parecia muito triste. Não me dizia nada; mas é tão fácil ler no coração de quem amamos, basta um nadinha: além disso, há os pressentimentos. Por fim, estava mais amoroso, mais terno do que jamais o tinha visto, e eu me sentia cada vez mais feliz. Pobre Maxime! Em seu pensamento, me dava adeus, conforme me disse; queria dar um tiro nos miolos. Finalmente, tanto o atormentei, tanto supliquei, fiquei duas horas ajoelhada diante dele. Disse-me que devia cem mil francos! Oh, papai, cem mil francos! Fiquei louca. O senhor não os tinha, eu havia devorado tudo.

— Não — disse o pai Goriot —, eu não poderia produzi-los, a não ser que fosse roubá-los. Mas teria ido, Nasie! Irei!

Diante dessas palavras largadas de modo lúgubre, como um som de estertor de um moribundo, e que indicava a agonia do sentimento paterno reduzido à impotência, as duas irmãs fizeram uma pausa. Que egoísmo teria ficado frio a esse grito de desespero que, semelhante a uma pedra lançada num abismo, lhe revelava a profundidade?

— Encontrei-os dispondo daquilo que não me pertencia, meu pai — disse a condessa, desfazendo-se em lágrimas.

Delphine ficou comovida e chorou pondo a cabeça sobre o pescoço da irmã.

— Então é tudo verdade — disse-lhe.

Anastasié baixou a cabeça, a sra. de Nucingen agarrou todo seu corpo, beijou-a carinhosamente e, apertando o coração, disse-lhe:

— Aqui você será sempre amada sem ser julgada.

— Meus anjos — disse Goriot com uma voz fraca —, por que a união de vocês se deve à infelicidade?

— Para salvar a vida de Maxime, em suma, para salvar toda a minha felicidade

— retomou a condessa encorajada por esses testemunhos de uma ternura cálida e palpitante —, levei a esse agiota que vocês conhecem, um homem fabricado pelo

inferno, que nada é capaz de enternecer, esse sr. Gobseck, os diamantes de família aos quais o sr. de Restaud é tão apegado, os dele, os meus, tudo, e os vendi. Vendi! Entendem? Ele foi salvo! Mas eu, eu estou morta. Restaud soube de tudo.

— Por quem? Como? Que eu o mato! — gritou o pai Goriot.

— Ontem, mandou me chamar a seu quarto. Fui... “Anastasié”, disse-me com uma voz... (ah! bastou sua voz, adivinhei tudo), “Onde estão seus diamantes? — Comigo. — Não”, disse me olhando, “estão aí, na minha cômoda.” E me mostrou o estojo,

que cobrira com seu lenço. “Sabe de onde vêm?”, perguntou. Caí diante de seus joelhos... chorei, perguntei-lhe de que morte queria me ver morrer.

— Você disse tudo isso! — exclamou o pai Goriot. — Pelo sagrado nome de Deus, aquele que fizer mal a uma ou a outra, enquanto eu for vivo, pode ter certeza de que o queimarei a fogo brando! Sim, o despedaçarei como...

O pai Goriot se calou, as palavras expiravam em sua garganta.

— Enfim, minha querida, ele me pediu alguma coisa mais difícil de fazer do que morrer. Que o céu preserve qualquer mulher de ouvir o que ouvi!

— Assassinarei esse homem — disse o pai Goriot tranquilamente.

— Mas ele só tem uma vida, e me deve duas. Enfim, o que foi? — retrucou olhando para Anastasie.

— Pois bem — prosseguiu a condessa, depois de uma pausa —, me olhou e disse: “Anastasie, enterro tudo no silêncio, permaneceremos juntos, temos filhos. Não matarei o sr. de Trailles, poderia não acertá-lo, e para me desfazer dele de outra maneira poderia esbarrar na justiça humana. Matá-lo em seus braços seria desonrar as crianças. Mas, para não ver morrerem os seus filhos nem o pai deles nem eu, imponho-lhe duas condições. Responda: Tenho um filho meu?”. Eu disse sim. “Qual?”, perguntou. — Ernest, nosso primogênito. — Bem — respondeu. “Agora, jure-me

obedecer-me, a partir de hoje, num único ponto.” Jurei. “Você assinará a venda de seus bens quando eu lhe pedir.”

— Não assine — gritou o pai Goriot. — Jamais assine isso. Ah! Ah!, sr. de

Restaud, não sabe o que é tornar feliz uma mulher, ela vai buscar a felicidade lá onde esta se encontrar, e o senhor a castiga com sua tola impotência?... Mas estou aqui, alto lá! Esse aí vai me encontrar em seu caminho. Nasie, fique sossegada. Ah, ele é afeiçoado a seu herdeiro! Bom, bom. Agarrarei seu filho, que, raios me partam, é meu neto. Posso, afinal, ver esse pirralho? Meto-o na minha aldeia, cuidarei dele, fique muito tranquila. Farei capitular esse monstro aí, dizendo-lhe: “Agora, nós dois! Se quiser ter seu filho, devolva à minha filha

os bens dela, e deixe-a se comportar como bem entender”.

— Meu pai!

— Sim, seu pai! Ah! Sou um verdadeiro pai. Que esse grande nobre engraçadinho não maltrate minhas filhas. Diachos! Não sei o que tenho nas veias; tenho aí o sangue de um tigre, gostaria de devorar esses dois homens. Ó, minhas crianças! Esta é então a vida de vocês? Mas é a minha morte. Então o que será de vocês quando eu não estiver mais aqui? Os pais deveriam viver tanto quanto os filhos. Meus Deus, como o teu mundo é mal-arranjado! E no entanto tens um filho, pelo que nos dizem. Devias

nos impedir de sofreremos em nossos filhos. Pois é, meus queridos anjos! Só devo a presença de vocês às suas dores. Vocês só me fazem conhecer as suas lágrimas. Bem, sim, me amam, estou vendo. Venham, venham se queixar aqui! Meu coração é grande, pode tudo receber. Sim, por mais que vocês o trespassem, os destroços ainda formarão um coração de pai. Gostaria de pegar as suas penas, sofrer por vocês. Ah! Quando eram pequenas, eram muito felizes...

— Nós só tivemos aqueles tempos de bom — disse Delphine. — Onde estão os momentos em que degringolávamos do alto das sacas no grande sótão?

— Meu pai! Não é só isso — disse Anastasie ao ouvido de Goriot, que deu um pulo. — Os diamantes não foram vendidos por cem mil francos. Maxime está sendo processado. Não temos mais que doze mil francos para pagar. Ele me prometeu se comportar, parar de jogar. Não me resta mais nada no mundo além do amor dele, e por ele paguei muito caro para não morrer se me escapasse. Sacrifiquei-lhe fortuna, honra, repouso, filhos. Oh! faça com que ao menos Maxime fique livre, honrado, com que possa permanecer na sociedade, onde saberá conseguir uma posição. Agora ele não me deve apenas a felicidade, temos filhos que ficariam sem fortuna. Tudo estará perdido se ele for posto na Sainte- Pélagie. 63



— Não os tenho, Nasie. Nada, mais nada, mais nada! É o fim do mundo. Oh! o

mundo vai desabar, é certo. Vá embora, salve-se antes! Ah! Ainda tenho minhas argolas de prata, seis talheres, os primeiros que tive na vida. Enfim, não tenho mais que mil e duzentos francos de renda vitalícia...

— Que fez então de suas rendas perpétuas?

— Vendia-as, reservando-me esse pouquinho de renda para minhas necessidades. Eu precisava de doze mil francos para arrumar um apartamento para Fifine.

— Sua casa, Delphine? — perguntou à irmã a sra. de Restaud.

— Oh! o que isso pode mudar! — retrucou o pai Goriot —, os doze mil

francos estão empregados.

— Adivinho — disse a condessa. — Para o sr. de Rastignac. Ah! minha pobre

Delphine, pare. Veja a que ponto cheguei.

— Minha querida, o sr. de Rastignac é um moço incapaz de arruinar sua amante.

— Obrigada, Delphine. Na crise em que me encontro, esperava mais de você;

mas você nunca gostou de mim.

— Sim, ela gosta de você, Nasie — gritou o pai Goriot —, me dizia isso há pouco. Falávamos de você, ela me afirmava que você era bela e que, quanto a ela, era apenas bonita.

— Ela! — repetiu a condessa —, ela é de uma beleza fria.

— Ainda que fosse isso — disse Delphine corando —, como se comportou comigo? Você me renegou, me fez fecharem as portas de todas as casas aonde eu desejava ir, em suma, jamais perdeu a menor ocasião para me fazer sofrer. E eu vim como você extorquir deste pobre pai, de mil em mil francos, sua fortuna e reduzi-lo ao estado em que ele se encontra? Aí está a sua obra, minha irmã. Quanto a mim, vi meu pai tanto quanto pude, não o pus no olho da rua, e não vim lhe lambe as mãos quando precisava dele. Somente não sabia que ele havia empregado esses doze mil francos para mim. Sou organizada!, você sabe. Aliás, quando papai me deu presentes, nunca os mendiguei.

— Era mais feliz que eu: o sr. de Marsay era rico, você sabe algo a respeito. Você sempre foi vil como o ouro. Adeus, não tenho nem irmã, nem...

— Cale-se, Nasie! — gritou o pai Goriot.

— Só uma irmã como você pode repetir aquilo em que nem a sociedade já não acredita, você é um monstro — disse-lhe Delphine.

— Minhas filhas, minhas filhas, calem-se, ou me mato diante de vocês.

— Bem, Nasie, eu a perdoo — disse a sra. de Nucingen, continuando —, você é uma pobre coitada. — Mas sou melhor que você. Dizer-me isso no momento em que me sentia capaz de tudo para socorrê-la, até mesmo entrar no quarto de meu marido, o que não faria nem por mim nem por... Isso é digno de todo o mal que cometeu contra mim há nove anos.

— Minhas filhas, minhas filhas, beijem-se! — disse o pai. — Vocês são dois anjos.

— Não, deixe-me — gritou a condessa, que Goriot pegara pelo braço e que se livrou do abraço do pai. — Ela tem menos pena de mim do que teria meu marido. Não se diria que é a imagem de todas as virtudes!

— Ainda prefiro ser vista como quem deve dinheiro ao sr. de Marsay do que

confessar que o sr. de Trailles me custa mais de duzentos mil francos —

respondeu a sra. de Nucingen.

— Delphine! — gritou a condessa dando um passo em sua direção.

— Eu lhe digo a verdade enquanto você me calunia — retrucou friamente a baronesa.

— Delphine! Você é uma...

O pai Goriot se lançou, segurou a condessa e a impediu de falar cobrindo-lhe a boca com a mão.

— Meu Deus! Meu pai, no que o senhor esteve remexendo hoje de manhã? —

perguntou-lhe Anastasie.

— Pois é, sim, estou errado — disse o pobre pai enxugando as mãos na calça.

— Mas não sabia que vocês viriam, estou me mudando.

Ele estava feliz por ter atraído uma crítica que desviava para si a raiva da filha.

— Ah! — prosseguiu, sentando-se — vocês me partiram o coração. Estou morrendo, minhas filhas. Meu crânio está assando internamente como se tivesse fogo. Então sejam boazinhas e amem-se! Vocês me matariam. Delphine, Nasie, vamos, estavam certas, estavam erradas, as duas. Vejamos, Dedel — continuou virando para a baronesa, olhos cheios de lágrimas —, ele precisa de doze mil francos, vamos procurá-los. Não se olhem assim.

Pôs-se de joelhos diante de Delphine.

— Peça-lhe desculpas para me dar prazer — disse-lhe ao ouvido —, ela é a mais infeliz, não é mesmo?

— Minha pobre Nasie — disse Delphine apavorada com a selvagem e alucinada expressão que a dor imprimia no rosto do pai —, errei, beije-me...

— Ah! Vocês estão pondo um bálsamo no coração — gritou o pai Goriot. — Mas onde encontrar doze mil francos? E se eu me propusesse como substituto?

64

— Ah! Meu pai! — disseram as duas filhas, cercando-o —, não, não.

— Deus o recompensará por esse pensamento, nossa vida não bastaria!, não é, Nasie? — continuou Delphine.

— E além disso, pobre pai, seria uma gota d'água — a condessa observou.

— Mas então nada podemos fazer com nosso próprio sangue? — gritou o velho, desesperado. — Devoto-me àquele que a salvar, Nasie! Matarei um homem por ele. Farei como Vautrin, irei para as galés! Eu... — Parou como se tivesse sido fulminado. — Mais nada! — disse arrancando os cabelos. — Se soubesse aonde ir para roubar, mas ainda assim é difícil encontrar um roubo para fazer. E, além disso, seria preciso gente e tempo para assaltar o Banco de França.

Pois é, devo morrer, só me resta morrer. Sim, já não sirvo para nada, não sou mais pai! Não. Ela me pede, ela precisa! E eu,

miserável, não tenho nada. Ah! você conseguiu rendas vitalícias, velho celerado, e tinha filhas! Mas então não as ama? Morra, morra como um cão que é! Sim, estou mais baixo que um cão, um cão não se comportaria assim! Oh, minha cabeça! Está fervendo!

— Mas papai — gritaram as duas jovens mulheres que o cercavam para impedi-lo de bater a cabeça contra as paredes —, seja, afinal, sensato!

Ele soluçava. Eugène, apavorado, pegou a letra de câmbio subscrita em favor de Vautrin, e cujo selo comportava uma quantia maior; corrigiu o algarismo, transformou-a numa letra de câmbio regular de doze mil francos em nome de Goriot e entrou.

— Aqui está todo o seu dinheiro, senhora — disse apresentando o papel. — Eu estava dormindo, sua conversa me acordou, pude assim saber o que eu devia ao sr. Goriot. Aqui está o título que poderá descontar, vou pagá-lo fielmente.

A condessa, imóvel, segurava o papel.

— Delphine — disse ela, pálida e trêmula de cólera, de fúria, de raiva —, eu lhe perdoaria tudo, Deus é testemunha, mas isto! Como? Este senhor estava aí, e você sabia! Teve a mesquinharia de se vingar deixando-me entregar a ele meus segredos, minha vida, a de meus filhos, minha vergonha, minha honra! Saiba, você

não é mais nada para mim, odeio-a, vou lhe fazer todo o mal possível, eu...

— A raiva lhe cortou a palavra, e sua garganta secou.

— Mas é meu filho, nosso filho, seu irmão, seu salvador — gritava o pai Goriot. — Beije-o, ora essa, Nasie! Veja, eu o beijo — continuou apertando Eugène com uma espécie de furor. — Oh, meu filho! Serei mais que um pai para você, quero ser uma família. Gostaria de ser Deus, vou jogar o universo a seus pés. Mas beije-o, afinal, Nasie! Não é um homem, mas um anjo, um verdadeiro anjo.

— Deixe-a, meu pai, ela está louca neste momento — disse Delphine.

— Louca! Louca! E você, o que está? — perguntou a sra. de Restaud.

— Minhas filhas, vou morrer se continuarem — gritou o velho caindo na cama como que ferido por uma bala. “Elas me matam!”, pensou.

A condessa olhou para Eugène, que permanecia imóvel, perplexo com a violência daquela cena:

— Senhor — ela lhe disse interrogando-o com o gesto, com a voz e o olhar, sem prestar atenção no pai, cujo colete foi rapidamente desabotoado por Delphine.

— Senhora, pagarei e me calarei — ele respondeu sem esperar a pergunta.

— Você matou nosso pai, Nasie! — disse Delphine mostrando à irmã, que escapuliu, o velho desmaiado.

— De fato a perdoe — disse o bom homem abrindo os olhos —, sua situação é terrível e transtornaria uma cabeça mais assentada. Console Nasie, seja meiga com ela, prometa a seu pobre pai, que está morrendo — pediu a Delphine apertando sua mão.

— Mas o que o senhor tem? — ela perguntou muito assustada.

— Nada, nada — respondeu o pai —, isso vai passar. Tenho alguma coisa que me comprime a testa, uma enxaqueca. Pobre Nasie, que futuro!

Nesse momento a condessa voltou, jogou-se aos pés do pai:

— Perdão! — gritou.

— Ora — disse o pai Goriot —, você me faz ainda mais mal agora.

— Senhor — disse a condessa a Rastignac, com os olhos banhados de lágrimas

—, a dor me tornou injusta. — Será um irmão para mim? — prosseguiu estendendo-lhe a mão.

— Nasie — disse-lhe Delphine apertando-a —, minha pequena Nasie, esqueçamos tudo.



— Não — disse ela —, hei de me lembrar!

— Anjos — exclamou o pai Goriot —, vocês me tiram a cortina que eu tinha sobre os olhos, suas vozes me reanimam. Então beijem-se de novo. Pois bem, Nasie, esta letra de câmbio a salvará?

— Espero. Mas diga, papai, quer pôr sua assinatura nela?

— Ora, como sou tolo, esquecer isso! Mas é que passei mal, Nasie, não brigue comigo. Mande me dizer que está fora de apuros. Não, eu irei. Mas não, não irei, não posso mais ver seu marido, o mataria na hora. Quanto a alterar a natureza de seus bens, lá estarei. Vá depressa, minha filha, e faça com que Maxime se comporte direito.

Eugène estava perplexo.

— Essa pobre Anastasie sempre foi violenta — disse a sra. de Nucingen —, mas tem bom coração.

— Ela voltou para o endosso — disse Eugène ao ouvido de Delphine.

— Acha?

— Eu gostaria de não acreditar. Desconfie dela — respondeu levantando os olhos como para confiar a Deus pensamentos que não ousasse expressar.

— Sim, sempre foi um pouco artista, e meu pobre pai se deixa enganar por seus dramas.

— Como vai, meu bom pai Goriot? — perguntou Rastignac ao velhote.

— Tenho vontade de dormir — ele respondeu.

Eugène ajudou Goriot a se deitar. Depois, quando o bom homem adormeceu segurando a mão de Delphine, sua filha se retirou.

— Esta noite no Italiens — ela disse a Eugène —, você me dirá como ele vai. Amanhã se mudará, cavalheiro. Vejamos seu quarto. Oh! Que horror! — ela disse ao entrar. — Mas estava pior que meu pai. Eugène, você se comportou bem. Gostaria ainda mais de você se isso fosse possível; mas, meu menino, se quer fazer fortuna, não deve jogar assim doze mil francos pela janela. O conde de Trailles é jogador. Minha irmã não quer enxergar isso. Ele teria ido buscar seus doze mil francos ali onde sabe perder ou ganhar montes de ouro.

Um gemido os fez voltar ao quarto de Goriot, que encontraram aparentemente adormecido; mas, quando os dois amantes se aproximaram, ouviram estas palavras: “Elas não são felizes!”. Que ele dormisse ou estivesse acordado, o tom dessa frase feriu tão profundamente o coração de sua filha que ela se aproximou do catre sobre o qual jazia o pai e o beijou na fronte. Ele abriu os olhos dizendo:

— É Delphine!

— Pois é, como está? — ela perguntou.

— Bem — ele disse. — Não fique preocupada, vou sair. Andem, andem, meus filhos, sejam felizes.

Eugène acompanhou Delphine à casa dela; mas, aflito com o estado em que deixara Goriot, recusou-se a jantar com ela e voltou para a Casa Vauquer. Encontrou o pai Goriot de pé e pronto para se sentar à mesa. Bianchon se instalara de maneira a bem examinar o rosto do macarroneiro. Quando o viu pegar seu pão e o cheirar para julgar a farinha com que era feito, o estudante, tendo observado nesse movimento uma ausência total do que se poderia chamar de consciência do ato, fez um gesto sinistro.

— Mas venha para perto de mim, senhor residente do Hospital Cochin — disse

Eugène.

Bianchon se transferiu para o lado dele com mais satisfação ainda porque ia ficar perto do velho pensionista.

— O que ele tem? — perguntou Rastignac.

— A menos que me engane, está frito! Deve ter ocorrido alguma coisa de extraordinário com ele, que me parece estar prestes a ter uma apoplexia serosa iminente. Embora a parte inferior do rosto esteja bastante serena, as feições superiores repuxam para a testa, involuntariamente, veja! Além disso, os olhos se encontram no estado especial que denota a invasão do soro no cérebro. Não

aparentam estar cheios de uma poeira fina? Amanhã de manhã saberei mais.

— Haveria algum remédio?

— Nenhum. Talvez se possa retardar sua morte se encontrarmos os meios de conseguir uma reação nas extremidades, nas pernas; mas, se amanhã de noite os sintomas não desaparecerem, o pobre homem está perdido. Sabe qual acontecimento causou a doença? Ele deve ter recebido um golpe violento sob o qual seu estado de espírito terá sucumbido.

— Sim — disse Rastignac, lembrando-se de que as filhas tinham batido sem sossego no coração do pai.

“Pelo menos”, pensava Eugène, “ela, Delphine, ama o pai!”

À noite, no Italiens, Rastignac tomou algumas precauções a fim de não alarmar demais a sra. de Nucingen.

— Não se aflija — ela respondeu às primeiras palavras que Eugène lhe disse

—, meu pai é forte. Só que de manhã nós o sacudimos um pouco. Nossas fortunas estão em jogo, imagina a extensão dessa desgraça? Eu não viveria se seu afeto não me tornasse insensível ao que outrora eu veria como angústias mortais. Hoje não há mais que um só temor, uma só infelicidade para mim: perder o amor que me fez sentir o prazer de viver. Fora desse sentimento,

tudo me é indiferente, nada mais amo no mundo. Você é tudo para mim. Se sinto a felicidade de ser rica, é para melhor agradá-lo. Sou, para minha vergonha, mais amante que filha. Por quê? Não sei. Toda a minha vida está em você. Meu pai me deu um coração, mas você o fez bater. O mundo inteiro pode me censurar, que me importa!, se você, que não tem o direito de me querer mal, me absolve por crimes a que me condenou um sentimento irresistível? Acredita que sou uma filha desnaturada? Oh, não, é impossível não amar um pai tão bom como é o nosso. Podia eu impedir que ele não visse enfim a continuação natural de nossos deploráveis casamentos? Por que não os impediu? Não cabia a ele refletir por nós? Hoje, eu sei, sofre tanto quanto nós; mas que podíamos fazer? Consolá-lo! Não o consolaríamos de nada. Nossa resignação lhe causava mais dor que nossas críticas e nossas queixas lhe causariam mal. Há situações na vida em que tudo é amargura.

Eugène ficou mudo, transido de ternura pela expressão ingênua de um

sentimento verdadeiro. Se as parisienses costumam ser falsas, ébrias de vaidade, individualistas, coquetes, frias, é certo que quando amam realmente sacrificam mais sentimentos que as outras mulheres às suas paixões; engrandecem com todas as suas mesquinhas e tornam-se sublimes. Além disso, Eugène estava impressionado com o espírito profundo e judicioso que a mulher

exibe para julgar os sentimentos mais naturais, quando uma afeição privilegiada a separa deles, afastando-a. A sra. de Nucingen se chocou com o silêncio que Eugène mantinha.

— Mas em que está pensando? — perguntou.

— Ainda escuto o que me disse. Até aqui acreditei amá-la mais do que você me amava.

Ela sorriu e se armou contra o prazer que sentiu, para deixar a conversação nos limites impostos pelas conveniências. Nunca tinha ouvido as expressões vibrantes de um amor jovem e sincero. Mais algumas palavras, e já não teria se contido.

— Eugène — disse mudando de conversa —, então não sabe o que se passa? Toda Paris estará amanhã na casa da sra. de Beauséant. Os Rochefide e o marquês d’Ajuda se entenderam para que nada transpire; mas o rei assina amanhã o contrato de casamento, e sua pobre prima ainda não sabe de nada. Ela não poderá deixar de receber, e o marquês não comparecerá a seu baile. Só se fala dessa aventura.

— E a sociedade ri de uma infâmia, e dela é cúmplice! Então não sabe que a sra. de Beauséant morreria por causa disso?

— Não — disse Delphine sorrindo —, você não conhece as mulheres desse tipo. Mas toda Paris irá à casa dela, e lá estarei! E devo-lhe essa felicidade.

— Mas — disse Rastignac — não é um desses boatos absurdos como os tantos que fazem circular em Paris?

— Amanhã saberemos a verdade.

Eugène não voltou para a Casa Vauquer. Não conseguiu tomar a decisão de não desfrutar de seu novo apartamento. Se, na véspera, fora forçado a deixar Delphine a uma hora da madrugada, foi Delphine que o deixou por volta das duas horas para voltar para casa. Ele dormiu no dia seguinte até bem tarde, esperou até cerca de meio-dia pela sra. de Nucingen, que foi almoçar com ele. Os jovens são tão ávidos por essas lindas alegrias que ele quase esquecera o pai Goriot. Foi uma longa festa para que ele se habituasse com cada uma dessas coisas elegantes que lhe pertenciam. A sra. de Nucingen estava ali, dando a tudo um novo valor. No entanto, pelas quatro horas os dois amantes pensaram no pai Goriot imaginando a felicidade que prometia a si mesmo ao ir morar naquela casa. Eugène observou que era necessário transportar para lá o velhote, depressa, se ele estivesse doente, e largou Delphine para correr à Casa Vauquer. Nem o pai Goriot nem Bianchon estavam à mesa.

— Pois é — disse-lhe o pintor —, o pai Goriot está estropiado.  
Bianchon está

lá em cima com ele. O homem viu uma das filhas, a condessa de  
Restaurama.

Depois quis sair e sua doença piorou. A sociedade vai ficar  
privada de um de seus belos ornamentos.

Rastignac lançou-se pela escada.

— Ei! sr. Eugène!

— Sr. Eugène! A senhora o chama — gritou Sylvie.

— O sr. Goriot — disse-lhe a viúva — e o senhor deviam sair no dia  
15 de fevereiro. Já há três dias o quinze passou, estamos no  
dezoito; será preciso me pagar um mês inteiro para o senhor e  
para ele, mas, se quiser se responsabilizar pelo pai Goriot, sua  
palavra me bastará.

— Por quê? Não tem confiança?

— Confiança! Se o homenzinho ficasse de miolo mole e morresse,  
suas filhas não me dariam um tostão, e toda a roupa velha dele  
não vale dez francos. Hoje de manhã levou seus últimos talheres,  
não sei por quê. Estava vestido como um rapaz. Deus me perdoe,  
acho que tinha passado ruge, pareceu-me rejuvenescido.

— Eu respondo por tudo — disse Eugène, arrepiando-se de  
horror e preocupando-se com uma catástrofe.



Subiu para o quarto do pai Goriot. O velho jazia em sua cama, e Bianchon estava perto dele.

— Bom dia, pai — disse-lhe Eugène.

O homem lhe sorriu suavemente e respondeu revirando-lhe os olhos vidrosos:

— Como ela vai?

— Bem. E o senhor?

— Vou indo.

— Não o canse — disse Bianchon arrastando Eugène para um canto do quarto.

— E então? — perguntou Rastignac.

— Só se salva por um milagre. A congestão sanguínea ocorreu, ele está com sinapismos; felizmente os sente, estão agindo.

— É possível transportá-lo?

— Impossível. É preciso deixá-lo aqui, evitar-lhe qualquer movimento físico e qualquer emoção...

— Meu bom Bianchon — disse Eugène —, nós dois cuidaremos dele.

— Já mandei vir o médico-chefe de meu hospital.

— E aí?

— Ele se pronunciará amanhã à noite. Prometeu-me vir no final de seu expediente. Infelizmente esse pobre velho cometeu hoje de manhã uma imprudência sobre a qual não quer se explicar. É teimoso como uma mula. Quando falo com ele, faz de conta que não ouve, e dorme para não me responder; ou então, se está de olhos abertos, começa a gemer. Saiu de manhã, andou a pé por Paris, não se sabe onde. Levou tudo o que possuía de valioso, foi fazer algum tráfico esquisito que esgotou suas forças! Uma das filhas veio aqui.

— A condessa? — perguntou Eugène. — Uma morena alta, de olhar vivo e bem-feita, lindo pé, cintura ágil?

— É.

— Deixe-me a sós um momento com ele — disse Rastignac. — Vou confessá-lo, a mim dirá tudo.

— Enquanto isso vou jantar. Só tente não agitá-lo muito; ainda temos alguma esperança.

— Fique tranquilo.

— Elas se divertirão bastante amanhã — disse o pai Goriot a Eugène quando ficaram a sós. — Vão a um grande baile.

— Mas o que fez hoje de manhã, papai, para estar passando tão mal esta noite e precisar ficar de cama?

— Nada.

— Anastasie veio? — perguntou Rastignac.

— Veio — respondeu o pai Goriot.

— Muito bem, não me esconda nada. O que mais ela lhe pediu?

— Ah! — prosseguiu reunindo forças para falar —, ela estava muito infeliz, sabe, meu filho! Nasie não tem um tostão desde o caso dos diamantes. Tinha encomendado para esse baile um vestido de lamê que deve lhe cair como uma joia. Sua costureira, uma infame, não quis lhe fazer crédito, e sua camareira pagou mil francos de sinal pela toailete. Pobre Nasie, chegar a esse ponto! Isso me dilacerou o coração. Mas a camareira, vendo aquele Restaud perder toda a confiança em Nasie, ficou com medo de perder seu dinheiro, e se entendeu com a costureira para que só entregasse o vestido se os mil francos fossem devolvidos. O baile é amanhã, o vestido está pronto, Nasie está desesperada. Ela quis me pegar emprestados meus talheres para pô-los no prego. O marido quer que vá a esse baile para mostrar a toda Paris os diamantes que dizem ter sido vendidos por ela. Acaso ela pode dizer a esse monstro: “Devo mil francos, pague-os”? Não. Eu entendi isso. Sua irmã, Delphine, irá com uma toailete maravilhosa. Anastasie não deve ficar abaixo da irmã mais moça. E, além do mais, está tão afogada em lágrimas, minha pobre filha! Fui tão humilhado por não ter tido ontem doze mil francos que eu teria dado o resto de minha miserável vida para redimir esse erro. Está

entendendo? Tive a força de tudo suportar, mas minha última falta de dinheiro me partiu o coração. Oh! Oh! Nem uma nem duas, me aprimei, me emperiquei; vendi por seiscentos francos talheres e argolas, depois penhorei, por um ano, meu título de renda vitalícia por quatrocentos francos pagos de uma vez, ao papai Gobseck. Ora bolas! Comerei pão! Isso me bastava quando eu era moço, ainda pode bastar. Pelo menos ela terá uma bela noite, a minha Nasie. Estará elegantíssima. Estou com a nota de mil francos ali, debaixo de minha cabeceira. Ter sob minha cabeça o que dará prazer à pobre Nasie é algo que me conforta. Ela poderá pôr no olho da rua sua malvada Victoire. Onde já se viu domésticos não terem confiança em seus patrões! Amanhã estarei bem, Nasie vem às dez horas. Não quero que me achem doente, não iriam ao baile, ficariam cuidando de mim. Nasie me beijará amanhã como a seu filho, suas carícias me curarão. Enfim, eu não teria gastado mil francos no boticário? Prefiro dá-los ao meu Cura-Tudo, à minha Nasie. Vou consolá-la na sua miséria, ao menos. Isso me absolve do erro de ter comprado uma renda vitalícia. Ela está no fundo do poço, e já não sou forte o suficiente para tirá-la de lá. Oh! vou me reinstalar no comércio. Irei a Odessa para comprar grãos. Lá o trigo vale três vezes menos do que custa o nosso. Se a introdução dos cereais in natura é proibida, as bravas pessoas que fazem as leis não sonharam em proibir a fabricação dos produtos à base de

trigo. He, he!... Descobri isso hoje de manhã! Há belos negócios a fazer com os amidos.

“Ele está louco”, pensou Eugène olhando para o velho.

— Vamos, fique descansando, não fale...

Eugène desceu para jantar quando Bianchon subiu. Em seguida, os dois passaram a noite cuidando do doente em revezamento, e se ocupando, um em ler seus livros de medicina, o outro em escrever para a mãe e as irmãs. No dia seguinte, os sintomas que se declararam foram, segundo Bianchon, de favorável augúrio; mas exigiram cuidados contínuos de que só os dois estudantes eram capazes, e em cujo relato é impossível comprometer a pudibunda fraseologia da época. As sanguessugas aplicadas no corpo definhado do velho foram acompanhadas de cataplasmas, banhos de pé, manobras médicas para as quais, de resto, precisava-se da força e da dedicação dos dois rapazes. A sra. de Restaud não apareceu; mandou buscar a quantia por um mensageiro.

— Achei que ela viria pessoalmente. Mas não é um mal, teria se inquietado —

disse o pai, parecendo feliz com essa circunstância.

Às sete horas da noite, Thérèse foi levar uma carta de Delphine.

Mas o que faz, meu amigo? Apenas amada, já serei negligenciada? Você me mostrou, nessas confidências despejadas de coração a coração, uma alma

bela demais para não ser desses que permanecem sempre fiéis ao verem quantos matizes têm os sentimentos. Como disse ao ouvir a prece de Moisés:

65 “Para uns é uma mesma nota, para outros é o infinito da música!”.

Lembre-se de que o espero esta noite para ir ao baile da sra. de Beauséant. Decididamente, o contrato do sr. d’Ajuda foi assinado hoje de manhã na corte, e a pobre viscondessa só soube às duas horas. Toda Paris vai se apresentar na casa dela, assim como o povo abarrota a Place de Grève quando deve haver uma execução. Não é horrível ir ver se essa mulher esconderá sua dor, se saberá morrer dignamente? Eu decerto não iria, meu amigo, se já tivesse estado na casa dela; mas com certeza ela não mais receberá, e todos os esforços que fiz seriam supérfluos. Minha situação é bem diferente da dos outros. Aliás, vou também para vê-lo. Espero-o. Se não estiver perto de mim daqui a duas horas, não sei se o perdoaria por essa traição.

Rastignac pegou uma pena e respondeu assim:

Aguardo um médico para saber se seu pai ainda deve viver. Está moribundo. Irei levar-lhe a sentença, e temo que seja uma sentença de morte. Você verá se poderá ir ao baile. Mil ternuras.

O médico chegou às oito e meia, e, sem dar uma opinião favorável, não pensou que a morte fosse iminente. Anunciou melhoras e recaídas alternadas das quais dependeriam a vida e a razão do velho.

— Seria melhor que morresse rapidamente — foram as últimas palavras do médico.

Eugène confiou o pai Goriot aos cuidados de Bianchon e saiu para ir levar à sra. de Nucingen as tristes notícias que, em seu espírito ainda imbuído dos deveres de família, deveriam suspender toda alegria.

— Diga-lhe que se divirta assim mesmo — gritou-lhe o pai Goriot, que parecia

adormecido, mas se recostou no momento em que Rastignac saiu.

O rapaz se apresentou a Delphine desolado de dor, e encontrou-a penteada, calçada, tendo apenas que pôr o vestido de baile. Mas, semelhantes às pinceladas com que os pintores terminam seus quadros, os últimos preparativos exigiam mais tempo que demandavam o próprio fundo da tela.

— O quê, não está vestido? — ela disse.

— Mas, senhora, seu pai...

— Ainda meu pai — ela exclamou interrompendo-o. — Mas não me ensinará o que devo a meu pai. Conheço meu pai há muito tempo. Nem uma palavra, Eugène. Só o escutarei quando tiver feito sua toalete. Thérèse preparou tudo em seu apartamento; meu carro está pronto, pegue-o; e volte. Conversaremos sobre meu pai na ida para o baile. É preciso partir cedo, se ficarmos presos na fila dos carros, teremos muita sorte se entrarmos só às onze horas.

— Senhora!

— Ande! Nem uma palavra — ela disse correndo ao budoar para pegar um colar.

— Mas vá logo, sr. Eugène, para a senhora não se zangar — disse Thérèse empurrando o rapaz, apavorado com esse elegante parricídio.

Foi se vestir fazendo as mais tristes, as mais desanimadoras reflexões. Via o

mundo como um oceano de lama no qual um homem mergulhava até o pescoço se ali molhasse o pé. “Aí só se cometem crimes mesquinhos!”, pensou. “Vautrin é maior.” Ele vira as três grandes expressões da sociedade: a Obediência, a Luta e a Revolta; a Família, a Sociedade e Vautrin. E não ousava tomar partido. A



Obediência era maçante, a Revolta, impossível, e a Luta, incerta. Seu pensamento o levou para o seio de sua família. Lembrou-se das puras emoções daquela vida calma, rememorou os dias passados em meio a seres por quem era querido. Conformando-se às leis naturais do lar doméstico, aquelas queridas criaturas ali encontravam uma felicidade plena, contínua, sem angústias. Apesar de seus bons pensamentos, não se sentiu com coragem de ir confessar a fé das almas puras para Delphine, ordenando-lhe a Virtude em nome do Amor. Sua educação iniciada já dera seus frutos. Já amava egoisticamente. Seu tato lhe permitira reconhecer a natureza do coração de Delphine. Pressentia que ela era capaz de andar sobre o corpo do pai para ir ao baile, e ele não tinha a força de representar o papel de um argumentador, nem a coragem de lhe desagradar, nem a virtude de abandoná-la. “Ela jamais me perdoaria ter tido razão contra ela nessa circunstância”, pensou. Depois, interpretou as palavras dos médicos, gostou de pensar que o pai Goriot não estava tão perigosamente doente quanto acreditava; por último, acumulou argumentos assassinos para justificar Delphine. Ela não conhecia o estado em que o pai se encontrava. O próprio homenzinho a mandaria para o baile se ela fosse vê-lo. Muitas vezes a lei social, implacável em sua fórmula, condena ali onde o crime aparente é desculpado pelas inúmeras modificações que a diferença dos caracteres, a diversidade dos interesses e das situações introduzem no seio das famílias. Eugène queria se enganar, estava

disposto a sacrificar para sua amante o sacrifício da própria consciência. Fazia dois dias que tudo mudara em sua vida. A mulher nela jogara suas desordens, fizera a família empalidecer, tudo confiscara em seu proveito. Rastignac e Delphine tinham se encontrado nas condições requeridas para sentirem um pelo outro os mais profundos prazeres. A bem preparada paixão entre eles crescera graças ao que mata as paixões, graças à fruição. Possuindo aquela mulher, Eugène percebeu que até então apenas a desejava, e só a amou no dia seguinte da felicidade: o amor talvez seja apenas o reconhecimento do prazer. Infame ou sublime, adorava aquela mulher pelas volúpias que lhe levava como dote, e por todas as que dela recebera; da mesma maneira, Delphine amava Rastignac tanto quanto Tântalo teria amado o anjo que teria vindo satisfazer sua fome, ou matar a sede de sua garganta ressecada.

— E então, como vai meu pai? — perguntou-lhe a sra. de Nucingen quando ele

estava de volta e em traje de baile.

— Extremamente mal — respondeu —, se quer me dar uma prova de sua afeição, corramos vê-lo.

— Pois bem, sim — ela disse —, mas depois do baile. Meu bom Eugène, seja gentil, não me dê lição de moral, venha.

Partiram. Eugène ficou calado durante parte do caminho.

— Mas o que tem? — ela perguntou.

— Estou ouvindo o estertor de seu pai — ele respondeu em tom do amuo. E pôs-se a contar, com a calorosa eloquência da juventude, o ato feroz a que a sra. de Restaud fora impelida pela vaidade, a crise mortal que a derradeira dedicação do pai causara, e quanto custaria o vestido de lamê de Anastasie. Delphine chorava.

“Vou estar feia”, pensou. Suas lágrimas secaram.

— Irei cuidar de meu pai, não abandonarei sua cabeceira — continuou.

— Ah! ei-la como a queria — exclamou Rastignac.

As lanternas de quinhentos carros iluminavam os arredores do palacete de Beauséant. De cada lado da porta iluminada havia um guarda montado a cavalo. A grande sociedade afluía tão abundantemente, e todos punham tanto empenho em ver aquela grande mulher no momento de sua queda, que os salões, situados no térreo do palacete, já estavam lotados quando a sra. de Nucingen e Rastignac se apresentaram. Desde o momento em que toda a corte se precipitou à casa da Grande Mademoiselle, cujo amante Luís XIV lhe arrancara, 66 nenhum desastre amoroso foi mais rumoroso que o da sra. de Beauséant. Nessa circunstância, a última filha da quase real casa de Bourgoigne mostrou-se superior a seu mal, e

dominou até o último momento a sociedade cujas vaidades ela só aceitara para pô-las a serviço do triunfo de sua paixão. As mais belas mulheres de Paris animavam os salões com suas toaletes e seus sorrisos. Os homens mais distintos da corte, os embaixadores, os ministros, as pessoas ilustres de todo tipo, enfeitadas de cruces, placas, cordões multicoloridos, espremiavam-se em torno da viscondessa. A orquestra fazia ecoarem os motivos de sua música sob os lambris dourados daquele palácio, deserto para sua rainha. A sra. de Beauséant mantinha-se de pé diante de seu primeiro salão para receber seus pretensos amigos. Vestida de branco, sem nenhum enfeite em seus cabelos simplesmente trançados, parecia calma e não exibia dor, nem orgulho, nem falsa alegria. Ninguém podia ler em sua alma. Poderia se dizer uma Níobe de mármore. Seu sorriso para os amigos íntimos foi por vezes escarnekedor; mas a todos pareceu como sempre foi, e mostrou-se tão bem como era quando a felicidade a ornamentava com seus raios, quando os mais insensíveis a admiraram, assim como as jovens romanas aplaudiam o gladiador que sabia sorrir ao expirar. O mundo parecia ter se enfeitado para dar adeus a uma de suas soberanas.

— Eu tremia de medo que não viesse — disse a Rastignac.

— Senhora — ele respondeu com voz emocionada, tomando essas palavras como uma crítica —, vim para ser o último a ir embora.

— Bem — ela disse pegando sua mão. — Talvez seja aqui o único em quem posso me fiar. Meu amigo, ame uma mulher que possa amar para sempre. Não abandone nenhuma.

Pegou o braço de Rastignac e levou-o para um sofá no salão onde jogavam.

— Vá — disse-lhe — à casa do marquês. Jacques, meu criado de quarto, o conduzirá e lhe entregará uma carta para ele, a quem peço minha correspondência. Ele a entregará integralmente, prefiro acreditar nisso. Quando estiver com minhas cartas, suba a meu quarto. Vão me prevenir.

Levantou-se para ir ao encontro da duquesa de Langeais, sua melhor amiga,

que também estava chegando. Rastignac partiu, mandou chamar o marquês d’Ajuda no palacete de Rochefide, onde ele devia passar a noite, e onde o encontrou. O marquês o levou à sua casa, entregou ao estudante uma caixa e lhe disse:

— Estão todas aqui.

Pareceu querer falar com Eugène, fosse para questioná-lo sobre os acontecimentos do baile e sobre a viscondessa, fosse para lhe confessar que talvez já estivesse desesperado com o casamento, como ficou mais tarde; mas um lampejo de orgulho brilhou em seus olhos, e ele teve a deplorável coragem

de manter segredo sobre seus mais nobres sentimentos.

— Não lhe diga nada de mim, meu caro Eugène.

Apertou a mão de Rastignac com um gesto afetuosamente triste, e lhe fez sinal para partir. Eugène voltou ao palacete de Beauséant e foi introduzido no quarto da viscondessa, onde viu os preparativos de uma partida. Sentou-se perto da lareira, olhou a caixinha de cedro e caiu numa profunda melancolia. Para ele, a sra. de Beauséant tinha as proporções das deusas da *Ilíada*.

— Ah, meu amigo! — disse a viscondessa ao entrar e apoiando a mão no ombro de Rastignac.

Ele viu sua prima em lágrimas, os olhos erguidos, a mão trêmula, a outra levantada. Ela pegou de repente a caixa, colocou-a no fogo e a viu queimar.

— Eles estão dançando! Vieram todos, rigorosamente, ao passo que a morte virá mais tarde. Pssiu, meu amigo! — disse pondo um dedo sobre a boca de Rastignac, prestes a falar. — Nunca mais verei Paris nem a sociedade. Às cinco da manhã vou partir para ir me enterrar no fundo da Normandia. Desde as três da tarde fui obrigada a fazer meus preparativos, assinar atos, ver os negócios; não podia enviar ninguém à casa de...

Parou.

— Ele tinha certeza de que o encontrariam na casa de...

Parou de novo, prostrada de dor. Nesses momentos tudo é sofrimento, e certas palavras são impossíveis de pronunciar.

— Finalmente — prosseguiu — eu contava com o senhor esta noite para este último favor. Gostaria de lhe dar uma prova de minha amizade. Pensarei muitas vezes em si, que me pareceu bom e nobre, jovem e cândido no meio deste mundo em que essas qualidades são tão raras. Desejo que pense em mim de vez em quando. Tome — disse dando uma olhadela ao redor —, aqui está a caixa onde eu punha minhas luvas. Todas as vezes que a peguei antes de ir ao baile ou ao espetáculo, senti-me bela, porque estava feliz, e só tocava nela para aí deixar algum pensamento gracioso: há muito de mim aí dentro, há toda uma sra. de Beauséant que não existe mais, aceite-a, providenciarei para que a levem à sua casa, na Rue d'Artois. A sra. de Nucingen está muito bem esta noite, ame-a bastante. Se não nos virmos mais, meu amigo, tenha certeza de que farei votos para si, que foi bom comigo. Desçamos, não quero deixá-los crer que estou chorando. Tenho a eternidade pela frente, ficarei sozinha e ninguém me pedirá contas de minhas lágrimas. Um último olhar para este quarto.

Parou. Em seguida, depois de ter escondido um instante os olhos com a mão,

enxugou-os, banhou-os de água fresca e pegou o braço do estudante.

— Vamos! — disse.

Rastignac ainda não sentira emoção tão violenta como foi o contato com aquela dor tão nobremente contida. Ao entrar no baile, Eugène deu uma volta com a sra. de Beauséant, última e delicada atenção daquela mulher graciosa.

Logo avistou as duas irmãs, a sra. de Restaud e a sra. de Nucingen. A condessa estava magnífica com todos os seus diamantes à mostra, que, para ela, sem dúvida eram ardentes, pois usava-os pela última vez. Por mais poderosos que fossem seu orgulho e seu amor, não sustentava muito bem os olhares do marido. Esse espetáculo não era capaz de tornar menos tristes os pensamentos de Rastignac. Se ele tinha revisto Vautrin no coronel italiano, <sup>67</sup> reviu então, sob os diamantes das duas irmãs, o catre em que jazia o pai Goriot. Tendo sua atitude melancólica enganado a viscondessa, ela lhe retirou seu braço.

— Vá! não quero lhe custar um prazer — ela disse.

Eugène foi logo reclamado por Delphine, feliz com o efeito que produzia, e desejando pôr aos pés do estudante as homenagens que recolhia naquela sociedade, pela qual esperava ser adotada.

— Como acha que está Nasie? — perguntou-lhe.

— Ela já gastou por conta, até a morte do pai — disse Rastignac.



Por volta das quatro da manhã, a multidão dos salões começava a clarear. Logo a música não se fez mais ouvir. A duquesa de Langeais e Rastignac viram-se a sós no grande salão. A viscondessa, pensando ali só encontrar o estudante, dirigiu-se para lá depois de dar adeus ao sr. de Beauséant, que foi dormir lhe repetindo:

— Está errada, minha cara, de ir se isolar assim, na sua idade! Fique conosco!

— Adivinhei suas intenções, Clara — disse a sra. de Langeais.  
— Está partindo para não mais voltar; mas não partirá sem ter me ouvido e sem que nos tenhamos entendido. — Pegou a amiga pelo braço, levou-a para o salão contíguo e ali, olhando-a com lágrimas nos olhos, apertou-a nos braços e beijou-a nas faces. — Não quero deixá-la friamente, minha cara, seria um remorso muito pesado. Pode contar comigo como consigo mesma. Esta noite você foi grandiosa, senti-me digna de si, e quero provar-lhe. Cometi erros consigo, nem sempre me comportei bem, perdoe-me, minha cara: renego tudo o que pôde tê-la ferido, gostaria de retomar minhas palavras. Uma mesma dor uniu nossas almas, e não sei quem de nós será a mais infeliz. O sr. de Montriveau não estava aqui esta noite, entende? Quem a viu durante este baile, Clara, jamais a esquecerá. Quanto a mim, tento um último esforço. Se fracassar, irei para um convento! Para onde vai?

— Para a Normandia, Courcelles, amar, rezar, até o dia em que Deus me retirar deste mundo.

— Venha, sr. de Rastignac — disse a viscondessa com voz emocionada, pensando que aquele rapaz estava esperando. O estudante se ajoelhou, pegou a mão de sua prima e a beijou. — Antoinette, adeus! — prosseguiu a sra. de Beauséant —, seja feliz. Quanto ao senhor, é feliz, é jovem, pode acreditar em alguma coisa — disse ao estudante. — Quando partir deste mundo, terei tido, como alguns moribundos privilegiados, religiosas e sinceras emoções ao meu redor!

Rastignac foi embora por volta das cinco horas, depois de ter visto a sra. de Beauséant em sua berlinda de viagem, depois de ter recebido seu derradeiro adeus molhado de lágrimas que provavam que as pessoas mais elevadas não estão excluídas da lei do coração e não vivem sem tristezas, como certos cortesãos do povo gostariam de fazê-lo crer. Eugène voltou a pé para a Casa Vauquer, com um tempo úmido e frio. Sua educação se concluía.

— Não salvaremos o pai Goriot — disse-lhe Bianchon quando Rastignac entrou no quarto de seu vizinho.

— Meu amigo — disse-lhe Eugène depois de olhar para o velhinho adormecido —, vá, persiga o destino modesto ao qual você limita seus desejos. De meu lado, estou no inferno, e aí devo

permanecer. Seja qual for o mal que lhe contarem da sociedade, acredite! Não há Juvenal que consiga pintar o seu horror coberto de ouro e pedrarias.

No dia seguinte, Rastignac foi acordado pelas duas da tarde por Bianchon, que, obrigado a sair, lhe pediu para cuidar do pai Goriot, cujo estado piorara muito durante a manhã.

— O homenzinho não tem dois dias, talvez não tenha seis horas de vida — disse o estudante de medicina —, e no entanto não podemos parar de combater a doença. Será preciso lhe ministrar cuidados caros. Nós é que iremos cuidar dele; mas não tenho um tostão. Revirei os bolsos dele, remexi nos armários: zero vezes zero. Interroguei-o num momento em que estava lúcido, disse-me não ter um vintém com ele. Quanto você tem?

— Restam-me vinte francos — respondeu Rastignac —; mas irei apostá-los, e ganharei.

— E se perder?

— Pedirei dinheiro a seus genros e a suas filhas.

— E se não lhe derem? — retrucou Bianchon. — O mais urgente neste momento não é encontrar dinheiro, é necessário envolver o homem num

sinapismo fervendo, dos pés até o meio das coxas. Se ele gritar, ainda haverá remédio. Você sabe como se faz. Aliás, Christophe o ajudará. Passarei no boticário para me responsabilizar por todos os remédios que pegaremos com ele. É triste que o pobre homem não possa ser transportado para nosso hospital, lá estaria melhor. Vamos, venha para que eu o instale, e não o largue até que eu volte.

Os dois rapazes entraram no quarto onde jazia o velho. Eugène ficou apavorado com a mudança daquela face convulsa, branca e profundamente fraca.

— E então, papai? — disse-lhe inclinando-se sobre o catre.

Goriot levantou para Eugène olhos vazios e o fitou muito atentamente sem reconhecê-lo. O estudante não aguentou essa cena, lágrimas umedeceram seus olhos.

— Bianchon, não seria bom ter cortinas nas janelas?

— Não. As circunstâncias atmosféricas já não o afetam. Seria bom demais se ele sentisse calor ou frio. No entanto, precisamos fogo para fazer as infusões e preparar várias coisas. Vou lhe enviar feixes de gravetos que nos servirão até termos lenha. Ontem e esta noite queimei a sua e todos os torrões de turfa do pobre homem. Estava úmido, a água escorria pelas paredes. Mal pude secar o quarto. Christophe o varreu, é realmente uma pocilga. Queimei zimbro, pois estava fedendo muito.

— Meu Deus! — disse Rastignac. — Mas as filhas dele!

— Tome, se ele pedir algo para beber, dê-lhe isto — disse o residente mostrando a Rastignac um grande jarro branco. — Se ouvi-lo gemer e se o ventre estiver quente e duro, peça a Christophe para ajudá-lo a ministrá-lo... você sabe. Se por acaso ele tiver uma grande exaltação, se falar muito, se tiver, em suma, um tantinho de demência, deixe-o estar. Não será um mau sinal. Mas mande Christophe ao Hospital Cochin. Nosso médico, meu colega ou eu viremos lhe aplicar as moxas. Fizemos de manhã, enquanto você dormia, uma grande consulta com um aluno do dr. Gall, com um médico-chefe do Hôtel-Dieu e o nosso. Esses senhores pensaram reconhecer curiosos sintomas, e vamos acompanhar os avanços da doença a fim de esclarecer vários pontos científicos bem importantes. Um desses senhores pretende que a pressão do sangue, caso se desse mais sobre um órgão que sobre outro, poderia desenvolver fatos particulares. Portanto, escute-o bem, caso ele fale, a fim de verificar a que gênero de ideias pertenceriam seus discursos: se são efeitos de memória, de penetração, de julgamento; se ele se ocupa de materialidades ou de sentimentos; se calcula, se volta ao passado; enfim, ponha-se em condição de nos fazer um relatório exato. É possível que a invasão ocorra em bloco, ele morrerá imbecil como está neste momento. Tudo é muito esquisito

nas doenças desse tipo! Se a bomba estourasse por aqui — disse Bianchon mostrando o occipital do doente

—, há exemplos de fenômenos singulares: o cérebro recobre algumas de suas faculdades, e a morte é mais lenta a se declarar. As serosidades podem se desviar do cérebro, pegar caminhos cujo curso só se conhece pela autópsia. Há nos Incurables um velho idiota em quem o derrame seguiu a coluna vertebral; sofre terrivelmente, mas está vivo.

— Elas se divertiram bastante? — perguntou o pai Goriot, que reconheceu

Eugène.

— Oh! só pensa nas filhas — disse Bianchon. — Disse-me mais de cem vezes esta noite: “Elas estão dançando! Ela está com seu vestido”. Chamava-as pelos nomes. Ele me fazia chorar, que o diabo me carregue!, com suas entonações: “Delphine!, minha pequena Delphine! Nasie!”. Palavra de honra — disse o estudante de medicina —, era de se debulhar em lágrimas.

— Delphine — disse o velho —, ela está aí, não está? Eu bem que sabia. — E

seus olhos recuperaram uma atividade alucinada para olhar as paredes e a porta.

— Desço para dizer a Sylvie que prepare os sinapismos — gritou Bianchon —, o momento é favorável.

Rastignac ficou sozinho ao lado do velho, sentado ao pé da cama, com os olhos fixos naquela cabeça assustadora e dolorosa de ver.

“A sra. de Beauséant foge, este aqui morre”, ele pensou. “As belas almas não podem ficar muito tempo neste mundo. De fato, como os grandes sentimentos se aliariam a uma sociedade mesquinha, pequena, superficial?”

As imagens da festa à qual assistira se representaram em sua lembrança e contrastaram com o espetáculo daquele leito de morte. Bianchon reapareceu de repente.

— Ouça bem, Eugène, acabo de ver nosso médico-chefe, e voltei correndo. Se

se manifestarem sintomas de razão, se ele falar, deite-o sobre um longo sinapismo, de maneira a envolvê-lo com mostarda desde a nuca até abaixo da cintura, e mande nos chamar.

— Querido Bianchon — disse Eugène.

— Oh! Trata-se de um fato científico — prosseguiu o estudante de medicina com todo o ardor do neófito.

— Ora — disse Eugène —, serei então o único a cuidar deste pobre velhinho, por afeição.

— Se tivesse me visto hoje de manhã, não diria isso — retrucou Bianchon,

sem se ofender com o comentário. — Os médicos que praticam só veem a doença; eu ainda vejo o doente, meu querido rapaz.

Foi embora, deixando Eugène a sós com o velho, e no temor de uma crise que não demorou a se declarar.

— Ah, é você, meu querido filho — disse o pai Goriot reconhecendo Eugène.

— Sente-se melhor? — perguntou o estudante, pegando-lhe a mão.

— Sim, eu sentia a cabeça apertada como num torno, mas está se soltando. Viu minhas filhas? Elas vão chegar logo, virão correndo assim que souberem que estou doente, cuidaram tanto de mim na Rue de la Jussienne! Meu Deus! Gostaria que meu quarto estivesse limpo para recebê-las. Há um rapaz que me queimou todas as minhas turfas.

— Estou ouvindo Christophe — disse-lhe Eugène —, ele está subindo com a lenha que esse rapaz lhe envia.

— Que bom! Mas como pagar a lenha? Não tenho um tostão, meu filho. Dei tudo, tudo. Estou dependendo da caridade. Pelo menos o vestido de lamê era bonito? (Ah! estou com dor!) Obrigado,



Christophe. Deus o recompensará, meu menino; não tenho mais nada.

— Vou lhe pagar bem, a você e a Sylvie — Eugène cochichou para o rapaz.

— Minhas filhas lhe disseram que viriam, não disseram, Christophe? Vá lá de novo, lhe darei cem vinténs. Diga a elas que não me sinto bem, que gostaria de beijá-las, de vê-las mais uma vez antes de morrer. Diga-lhes isso, mas sem assustá-las demais.

Christophe partiu, a um sinal de Rastignac.

— Elas vão vir — prosseguiu o velhote. — Eu as conheço. Essa boa Delphine, se eu morrer, que tristeza lhe causarei! Nasie também. Não gostaria de morrer, para não fazê-las chorar. Morrer, meu bom Eugène, é não vê-las mais. Lá para onde se vai vou me aborrecer um bocado. Para um pai, o inferno é ficar sem filhos, e já fiz meu aprendizado desde que se casaram. Meu paraíso era na Rue de la Jussienne. Mas me diga, se eu for para o paraíso, poderei voltar para a terra como espírito, ao redor delas. Ouvi contar coisas assim. Serão verdadeiras? Acredito vê-las neste momento, tais como eram na Rue de la Jussienne. Desciam de manhã. “Bom dia, papai”, diziam. Eu as pegava no colo, lhes fazia mil provocações, pregava-lhes peças. Elas me acariciavam, gentis. Almoçávamos toda manhã, juntos, jantávamos, em suma, eu era

pai, desfrutava de minhas filhas. Quando estavam na Rue de la Jussienne, não argumentavam, não sabiam nada do mundo, gostavam muito de mim. Meu Deus! Por que não continuaram para sempre a ser pequenas? (Oh, estou sofrendo, a cabeça me repuxa.) Ah! Ah!

desculpe, minhas filhas! Estou sofrendo horrivelmente, e é preciso que seja dor de verdade, pois vocês me tornaram um tanto resistente à dor. Meu Deus! Se pelo menos tivesse as mãos delas nas minhas, não sentiria minha dor. Acha que virão? Christophe é tão bobo! Eu deveria ter ido pessoalmente. Ele vai vê-las. Mas ontem você esteve no baile. Então me diga como estavam? Elas não sabiam nada da minha doença, não é mesmo? Não teriam dançado, pobrezinhas! Oh! Não quero mais ficar doente. Ainda precisam muito de mim. As fortunas delas estão comprometidas. E a que maridos estão entregues! Cure-me, cure-me! (Ai! como estou sofrendo! Ai! Ai! Ai!) Tenho que me curar, sabe, porque elas precisam de dinheiro, e sei onde ir ganhá-lo. Vou fazer amido em Odessa. Sou esperto, ganharei milhões. (Oh! Estou sofrendo demais!)

Goriot ficou calado por um instante, parecendo fazer todos os esforços para juntar suas forças e suportar a dor.

— Se estivessem aqui eu não me queixaria — disse. — Então, por que me queixar?

Caiu num cochilo leve, que durou muito tempo. Christophe voltou. Rastignac, que pensava que o pai Goriot dormia, deixou o rapaz lhe prestar contas de sua missão em voz alta.

— Senhor — ele disse —, primeiro fui à casa da senhora condessa, com quem me foi impossível falar, estava em altos negócios com o marido. Como insisti, o sr. de Restaud veio pessoalmente e me disse assim: “O sr. Goriot está morrendo, pois bem, é o que tem de melhor a fazer. Preciso da sra. de Restaud para concluir negócios importantes, ela irá quando tudo estiver terminado”. Parecia estar furioso, esse senhor aí. Eu ia sair quando a senhora entrou na antessala por uma porta que eu não estava vendo e me disse: “Christophe, diga a meu pai que estou em discussão com meu marido, não posso deixá-lo; trata-se de vida ou morte de meus filhos; mas, assim que tudo terminar, irei”. Quanto à senhora baronesa, outra história! Não a vi e não pude falar com ela. “Ah!”, me disse a camareira, “a senhora voltou do baile às cinco e quinze, está dormindo; se a acordar antes do meio-dia, ralhará comigo. Eu lhe direi que o pai piorou quando ela me chamar. Sempre é hora de lhe dar uma má notícia.” Por mais que eu tivesse pedido, ah, hã-hã! Pedi para falar com o senhor barão, tinha saído.

— Nenhuma das filhas virá — exclamou Rastignac. — Vou escrever às duas.

— Nenhuma — respondeu o velhote se erguendo. — Têm negócios, dormem, não virão. Eu sabia. É preciso morrer para saber o que são os filhos. Ah, meu amigo, não se case, não tenha filhos! Você lhes dá a vida, eles lhe dão a morte. Você os faz entrar no mundo, eles daí o expulsam. Não, não virão! Sei disso há

dez anos. Eu me dizia isso às vezes, mas não ousava acreditar.

Uma lágrima rolou de cada um de seus olhos, da borda vermelha, sem cair.

— Ah, se eu fosse rico, se tivesse mantido minha fortuna, se não lhes tivesse dado, estariam aqui, me lamberiam as faces com seus beijos! Eu moraria num palacete, teria belos aposentos, domésticos, fogo para mim; e estariam em prantos, com seus maridos, seus filhos. Eu teria tudo isso. Mas qual o quê. O dinheiro compra tudo, até mesmo filhas. Oh! meu dinheiro, onde está? Se tivesse tesouros para deixar, cuidariam de mim, me curariam; eu as escutaria, as veria. Ah, meu querido filho, meu único filho, prefiro meu abandono e minha miséria! Pelo menos, quando um pobre coitado é amado, está bem seguro de que o amam. Sim, gostaria de ser rico, eu as veria. Pensando bem, quem sabe? As duas têm coração de pedra. Eu tinha amor demais por elas para que o tivessem por mim. Um pai deve ser sempre rico, deve manter os filhos em rédea curta como cavalos manhosos. Eu ficava de joelhos diante delas. As miseráveis! Elas coroam dignamente seu comportamento comigo há dez anos. Se

soubesse como eram cheias de atenções comigo nos primeiros tempos de seus casamentos! (Oh! estou sofrendo um cruel martírio!) Eu acabava de dar a cada uma quase oitocentos mil francos, não podiam, nem tampouco seus maridos, ser rudes comigo. Recebiam-me: “Meu bom pai” aqui; “meu querido pai” ali. Meu lugar estava sempre posto à mesa delas. Em suma, jantava com seus maridos, que me tratavam com consideração. Eu ainda parecia ter alguma coisa. Por que isso? Eu não tinha dito nada de meus negócios. Um homem que dá oitocentos mil francos às filhas era um homem a ser cuidado. E desdobravam-se em atenções, mas era para meu dinheiro. O mundo não é bonito. Eu vi isso! Levavam-me de carruagem ao espetáculo, e eu ficava à vontade nas festas. Enfim, diziam-se minhas filhas e me admitiam como pai delas. Ainda tenho minha perspicácia, sabe, e nada me escapou. Tudo foi feito com essa habilidade e me trespassou o coração. Eu via muito bem que eram fingimentos; mas o mal não tinha remédio. Na casa delas só me sentia à vontade na mesa de baixo. Eu não sabia dizer nada. Assim, quando algumas daquelas pessoas da sociedade perguntavam ao ouvido de meus genros: “Quem é aquele senhor ali?”, diziam “É o pai dos escudos, é rico. — Ah, diachos!”, e me olhavam com o respeito devido aos escudos. Mas, se às vezes eu os constrangia um pouco, compensava muito bem meus defeitos! Aliás, quem afinal é perfeito? (Minha cabeça está uma chaga!) Sofro neste momento o que é preciso sofrer para morrer, meu querido sr. Eugène, pois

bem, isso não é nada em comparação com a dor que me causou o primeiro olhar pelo qual Anastasie me fez compreender que eu acabava de dizer uma besteira que a humilhava; seu olhar me cortou todas as veias. Eu gostaria de saber tudo, mas o que soube muito bem é que estava sobrando nesta terra. No dia seguinte fui à casa de Delphine para me consolar, e eis que ali faço uma besteira que a deixou furiosa. Fiquei como louco. Passei oito dias não mais sabendo o que devia fazer. Não ousei ir vê-las, de medo de suas reprimendas. E eis-me no olho da rua das casas de minhas filhas. Ó, meu Deus! Já que conheces as misérias, os sofrimentos que tolerei; já que contaste as punhaladas que recebi, neste tempo que me envelheceu, me mudou, me matou, me embranqueceu, por que então estás me fazendo sofrer hoje? Expiei muito bem o pecado de amá-las demais. Vingaram-se muito bem de meu afeto, torturaram-me como carrascos. Pois bem, os pais são tão tolos! Amava-as tanto que voltei lá, assim como um jogador volta ao jogo. Minhas filhas eram meu vício; eram minhas amantes, em suma, tudo! As duas precisavam de alguma coisa, de joias; suas camareiras me diziam, e eu lhes dava, para ser bem recebido! Mas mesmo assim me deram umas liçõeszinhas sobre minha maneira de me comportar em sociedade. Oh! Não esperavam o dia seguinte. Começaram a sentir vergonha de mim. Eis o que é bem educar os filhos. Na minha idade eu não podia, porém, ir à escola. (Estou sofrendo

horriavelmente, meu Deus! Os médicos! Os médicos! Se me abrissem a cabeça, sofreria menos.) Minhas filhas, minhas filhas, Anastasie, Delphine! Quero vê-las. Mande buscá-las pelos guardas, à força! A justiça está comigo, tudo está do meu lado, a natureza, o código civil. Eu protesto. A pátria sucumbirá se os pais forem pisoteados. Isso está claro. A sociedade e o mundo funcionam graças à paternidade, tudo desaba se os filhos não amam os pais. Oh! vê-las, ouvi-las, não importa o que me dirão, contanto que eu escute suas vozes, isso acalmará minhas dores, Delphine sobretudo. Mas diga a elas, quando estiverem aqui, para não me olharem friamente como olham. Ah! meu bom amigo, sr. Eugène, não sabe o que é encontrar o ouro do olhar mudado de repente em chumbo cinza. Desde o dia em que os olhos delas pararam de brilhar para mim, sempre estive no inverno aqui; nunca mais tive senão tristezas a devorar, e devorei-as! Vivi para ser humilhado, insultado. Amo-as tanto, que engolia todas as afrontas com que me vendiam uma pobre fruiçãozinha vergonhosa. Um pai esconder-se para ver suas filhas! Dei-lhes minha vida, não me darão uma hora hoje! Tenho sede, tenho fome, o coração me queima, não virão refrescar minha agonia, pois estou morrendo, sinto. Mas então não sabem o que é andar sobre o cadáver do próprio pai! Há um Deus nos céus, ele nos vingará, a nós pais, sem que desejemos. Oh! elas virão! Venham, minhas queridas, venham me beijar ainda, um derradeiro beijo, o viático de seu pai, que pedirá a Deus por vocês, que lhe dirá que foram

boas filhas, que as defenderá! Afinal de contas, vocês são inocentes. Elas são inocentes, meu amigo. Diga-o a todo mundo, que não as inquietem por minha causa. Tudo é culpa minha, habituei a me pisotear. Gostava disso. Ninguém tem nada com isso, nem a justiça humana, nem a justiça divina. Deus seria injusto se as condenasse por minha causa. Eu não soube me conduzir, fiz a besteira de abdicar de meus direitos. Teria me aviltado por elas! O que quer? O mais belo caráter, as melhores almas teriam sucumbido à corrupção dessa facilidade paterna. Sou um miserável, sou punido com justiça. Só eu é que causei as desordens de minhas filhas, mimei-as. Hoje querem o prazer, como antigamente queriam balas. Sempre lhes permiti satisfazerem suas fantasias de mocinhas. Aos quinze anos, tinham carruagem! Nada lhes resistiu. Só eu sou culpado, mas culpado por amor. As vozes delas me abriam o coração. Ouço-as, estão vindo. Oh, sim, virão! Reza a lei que se venha ver o pai morrer, a lei está do meu lado. Além do mais, isso custará apenas uma corrida. Pagarei. Escreva-lhes que tenho milhões para lhes deixar! Palavra de honra. Irei fazer massas italianas em Odessa. Conheço o modo de fazer. No meu projeto há milhões a ganhar. Ninguém pensou nisso. Não se estragarão no transporte, como o trigo ou como a farinha. Eh, eh, o amido? Haverá milhões aí! Não minta, diga-lhes milhões e, mesmo que venham por avareza, prefiro ser enganado, mas as verei. Quero minhas filhas! Eu as fiz! Elas são minhas! — disse erguendo-se, mostrando a Eugène



uma cabeça de cabelos brancos esparsos e que ameaçava com tudo o que podia expressar ameaça.

— Vamos — disse-lhe Eugène —, deite-se de novo, meu bom pai Goriot, vou escrever a elas. Assim que Bianchon voltar irei lá, se não vierem.

— Se não vierem? — repetiu o velhote soluçando. — Mas terei morrido, morrido de um acesso de raiva, de raiva! A raiva está me invadindo! Neste momento, vejo minha vida inteira. Sou um palerma! Elas não me amam, nunca me amaram! Isso está claro. Se não vieram, não virão mais. Quanto mais demorarem, menos se decidirão a me dar essa alegria. Conheço-as. Nunca souberam adivinhar nada de minhas tristezas, de minhas dores, de minhas necessidades, tampouco adivinharão minha morte; não conhecem o segredo de minha ternura. Sim, estou vendo, para elas o hábito de abrir minhas entranhas tirava o valor de tudo o que eu fazia. Teriam pedido para me furar os olhos, eu lhes teria dito: “Furem-nos!”. Sou muito tolo. Acreditam que todos os pais são como o delas. É preciso sempre se valorizar. Os filhos delas me vingarão. Mas é interesse delas virem aqui. Portanto, previna-as que estão comprometendo a própria agonia. Cometem todos os crimes num só. Mas vá logo, diga-lhes então

que não vir é um parricídio! Já cometeram o suficiente, sem precisar acrescentar esse aí. Grite então como eu: “Ei, Nasie! Ei, Delphine! Venham ver seu pai, que foi tão bom para vocês e está

sofrendo!”. Nada, ninguém. Então morrerei como um cão? Eis minha recompensa, o abandono. São infames, umas celeradas; abomino-as, amaldiçoo-as; hei de me levantar, à noite, de meu caixão para amaldiçoá-las de novo, pois, enfim, meus amigos, estou errado? Elas se conduzem muito mal! Hein? O que estou dizendo? Não me avisou que Delphine está aqui? É a melhor das duas. Você é meu filho, Eugène! Ame-a, seja um pai para ela. A outra é muito infeliz. E as fortunas delas! Ai, meu Deus! Estou expirando, sofrendo um pouco demais! Corte-me a cabeça, deixe-me somente o coração.

— Christophe, vá buscar Bianchon — exclamou Eugène apavorado com o aspecto que tomavam as queixas e os gritos do velho — e traga-me um cabriolé.

— Vou buscar suas filhas, meu bom pai Goriot, vou trazê-las.

— À força, à força! Chame a guarda, a infantaria, tudo! tudo — ele disse dando para Eugène um último olhar em que brilhou a razão. — Diga ao governo, ao procurador do rei, que me tragam as duas, eu quero!

— Mas o senhor as amaldiçoou.

— Quem foi que disse isso? — respondeu o velho, estupefato. — Sabe muito bem que as amo, as adoro! Fico curado se puder vê-las... Ande, meu bom vizinho, meu querido filho, vá, você é bom; gostaria de lhe agradecer, mas não tenho nada a lhe dar

além das bênçãos de um moribundo. Ah! gostaria ao menos de ver Delphine para lhe dizer que salde minha dívida consigo. Se a outra não puder, traga-me essa aí. Diga-lhe que não a amará mais se ela não quiser vir. Ela o ama tanto que virá. Algo para beber, as entranhas me queimam! Ponha-me alguma coisa sobre a cabeça. A mão de minhas filhas, isso aí me salvaria, eu sinto... Meu Deus! quem re fará as fortunas delas se eu me for? Quero ir a Odessa por elas, a Odessa, fazer massas.

— Beba isto — disse Eugène levantando o moribundo e pegando-o com seu

braço esquerdo enquanto com o outro segurava uma xícara cheia de chá.

— Você deve amar seu pai e sua mãe! — disse o velhinho apertando com as mãos enfraquecidas a mão de Eugène. — Compreende que vou morrer sem vê-las, as minhas filhas? Ter sempre sede e não beber, eis como vivi por dez anos... Meus dois genros mataram minhas filhas. Sim, não tive mais filhas depois que se casaram. Pais, digam às câmaras para fazerem uma lei sobre o casamento! Enfim, não casem suas filhas se as amarem. O genro é um celerado que estraga tudo numa filha, tudo conspurca. Chega de casamentos! É o que nos tira nossas

filhas, e deixamos de tê-las quando estamos morrendo. Façam uma lei sobre a morte dos pais. Isso é pavoroso! Vingança! São

meus genros que as impedem de vir. Matem-nos! Morte a Restaud, morte ao alsaciano, são meus assassinos! A morte ou minhas filhas! Ah! acabou, estou morrendo sem elas! Elas! Nasie, Fifine, vamos, venham logo! O papai de vocês está indo...

— Meu bom pai Goriot, acalme-se, vejamos, fique tranquilo, não se agite, não pense.

— Não vê-las, é esta a agonia!

— Vai vê-las!

— Verdade! — exclamou o velho, perdido. — Oh! revê-las! Vou revê-las, ouvir suas vozes. Morrerei feliz. Pois bem! Sim, já não peço para viver, não fazia mais questão, meus sofrimentos estavam aumentando. Mas vê-las, tocar nos vestidos delas, ah!, só nos vestidos é muito pouco; mas que eu cheire alguma coisa delas! Pegue-me os cabelos... belos...

Sua cabeça caiu sobre o travesseiro como se recebesse uma bordoadada. Suas mãos se agitaram sobre a coberta como para pegar os cabelos das filhas.

— Abençoo-as — disse fazendo um esforço —, abençoo. Caiu, de repente. Neste instante Bianchon entrou.

— Encontrei Christophe — ele disse —, vai lhe trazer um carro.

Depois, olhou para o doente, levantou-lhe à força as pálpebras, e os dois estudantes viram um olho sem calor e baço.

— Não voltará a si — disse Bianchon —, não creio. — Pegou o pulso, apalpou-o, pôs a mão no coração do homenzinho.

— A máquina continua a bater; mas na sua situação é uma desgraça, seria melhor que morresse!

— Pois é — disse Rastignac.

— Mas o que você tem? Está pálido como a morte.

— Meu amigo, acabo de ouvir gritos e queixumes. Há um Deus! Oh, sim! Há um Deus, e ele nos fez um mundo melhor, ou nossa terra é um disparate. Se isso não fosse tão trágico, eu me desfaria em lágrimas, mas estou com o coração e o estômago terrivelmente apertados.

— Sabe, precisaremos de muitas coisas; onde pegar o dinheiro? Rastignac tirou seu relógio.

— Tome, ponha-o logo no prego. Não quero parar no caminho, pois temo perder um minuto que seja, e espero Christophe. Não tenho um tostão, e terei de pagar meu cocheiro na volta.

Rastignac se desabalou pela escada e partiu para ir à Rue du Helder, à casa da

sra. de Restaud. No caminho, sua imaginação, chocada com o horrível espetáculo de que fora testemunha, aqueceu sua indignação. Quando chegou à antessala e perguntou pela sra. de Restaud, responderam-lhe que não podia atender.

— Mas — ele disse ao mordomo —, venho da parte de seu pai, que está morrendo.

— Senhor, temos as ordens mais severas do senhor conde...

— Se o sr. de Restaud está, diga-lhe em que circunstância se encontra seu sogro e previna-o de que preciso lhe falar neste instante.

Eugène esperou por muito tempo.

“Talvez ele esteja morrendo neste momento”, pensou.

O mordomo o introduziu no primeiro salão, onde o sr. de Restaud recebeu de pé o estudante, sem mandá-lo sentar, diante de uma lareira em que não havia fogo.

— Senhor conde — disse-lhe Rastignac —, o senhor seu sogro expira neste momento numa espelunca infame, sem um tostão para comprar lenha; está realmente à morte e pede para ver a filha...

— O senhor — respondeu-lhe com frieza o conde de Restaud — deve ter percebido que tenho muito pouca ternura pelo sr. Goriot. Ele comprometeu com seu caráter a sra. de Restaud, fez a desgraça de minha vida, vejo nele o inimigo de meu sossego. Que morra, que viva, tudo me é perfeitamente indiferente. Eis meus sentimentos a seu respeito. O mundo poderá me criticar, desprezo a opinião pública. Tenho agora coisas mais importantes

a fazer que me ocupar do que pensarão de mim os néscios ou os indiferentes. Quanto à sra. de Restaud, não está em condições de sair. Aliás, não quero que saia de sua casa. Diga ao pai dela que assim que tiver cumprido seus deveres comigo, com meu filho, irá vê-lo. Se ama o pai, pode se liberar em alguns instantes...

— Senhor conde, não me cabe julgar seu comportamento, o senhor é o chefe

de sua mulher; mas posso contar com sua lealdade? Pois bem! Prometa-me somente lhe dizer que o pai dela não tem um dia de vida, e já a amaldiçoou ao não vê-la à sua cabeceira!

— Diga-lhe isso o senhor mesmo — respondeu o sr. de Restaud, chocado com sentimentos de indignação que o tom de Eugène traía.

Conduzido pelo conde, Rastignac entrou no salão onde a condessa habitualmente ficava: encontrou-a afogada em lágrimas, e afundada numa bergère como uma mulher que quisesse morrer. Ela lhe deu pena. Antes de olhar para Rastignac, ela dirigiu ao marido olhares temerosos que anunciavam uma prostração completa de suas forças esmagadas por uma tirania moral e física. O

conde balançou a cabeça, ela se imaginou estimulada a falar.

— Ouvi tudo, senhor. Diga a meu pai que, se conhecesse a situação em que estou, ele me perdoaria. Eu não contava com esse suplício, está acima de minhas forças, senhor, mas resistirei até o fim — disse ao marido. — Sou mãe. Diga a meu pai que sou irrepreensível com ele, apesar das aparências — gritou para o estudante, desesperada.

Eugène cumprimentou os esposos, adivinhando a terrível crise em que a mulher estava, e se retirou, pasmo. O tom do sr. de Restaud lhe demonstrara a inutilidade de sua iniciativa, e compreendeu que Anastasie já não era livre. Correu à casa da sra. de Nucingen e a encontrou na cama.

— Estou doente, meu pobre amigo — ela lhe disse. — Peguei frio ao sair do baile, temo estar com pneumonia, estou esperando o médico...

— Ainda que tivesse a morte nos lábios — disse-lhe Eugène interrompendo-a

—, é preciso se arrastar para junto de seu pai. Ele a chama! Se pudesse ouvir o mais leve de seus gritos, não se sentiria mais doente.

— Eugène, meu pai talvez não esteja tão doente como você diz; mas ficaria desesperada de cometer o menor erro aos seus olhos, e me conduzirei como você quiser. Ele, eu sei, morreria de tristeza se minha doença se tornasse mortal por causa dessa saída. Pois



bem, irei assim que meu médico vier. Ah! Por que está sem o seu relógio? — disse, não vendo mais a corrente. Eugène enrubesceu. — Eugène! Eugène, se já a vendeu, perdeu... oh! isso seria muito ruim!

O estudante se inclinou sobre a cama de Delphine e disse-lhe ao ouvido:

— Quer saber? Pois então saiba! Seu pai não tem com o que comprar a mortalha em que o colocarão esta noite. Seu relógio está penhorado, eu não possuía mais nada.

Delphine pulou de repente para fora da cama, correu à escrivaninha, pegou sua bolsa, entregou-a a Rastignac. Tocou a campainha e exclamou:

— Vou lá, vou lá, Eugène. Deixe que eu me vista; eu seria um monstro! Vá,

chegarei antes de você! Thérèse — gritou para a camareira —, diga ao sr. de

Nucingen que suba para falar comigo agora mesmo.

Eugène, feliz de poder anunciar ao moribundo a presença de uma de suas filhas, chegou quase alegre à Rue Neuve-Sainte-Geneviève. Remexeu na bolsa para poder pagar imediatamente o cocheiro. A bolsa daquela jovem mulher, tão rica, tão elegante, continha setenta francos. Chegando ao alto da escada, encontrou

o pai Goriot segurado por Bianchon e sendo operado pelo cirurgião do hospital, diante dos olhos do médico. Queimavam-lhe as costas com moxas,

último remédio da ciência, remédio inútil.

— Sente-as? — indagou o médico.

O pai Goriot, tendo entrevistado o estudante, respondeu:

— Elas vêm, não é?

— Ele pode se safar — disse o cirurgião —, está falando.

— Vêm — respondeu Eugène —, Delphine está chegando.

— Pois é! — disse Bianchon —, ele falava das filhas, pelas quais grita como um homem empalado grita por água, segundo dizem...

— Pare — disse o médico ao cirurgião —, não há mais nada a fazer, não o salvaremos.

Bianchon e o cirurgião recolocaram o moribundo estendido sobre o catre infecto.

— Mas seria preciso trocar sua roupa de cama — disse o médico.

— Embora

não haja nenhuma esperança, é preciso respeitar sua natureza humana. Voltarei, Bianchon — ele disse ao estudante. — Se ele ainda se queixar, ponha-lhe ópio sobre o diafragma.

O cirurgião e o médico saíram.

— Vamos, Eugène, coragem, meu filho! — disse Bianchon a Rastignac quando ficaram a sós —, trata-se de lhe pôr uma camisa branca e fazer a cama. Vá dizer a Sylvie para subir uns lençóis e vir nos ajudar.

Eugène desceu e encontrou a sra. Vauquer ocupada em pôr a mesa com Sylvie. Às primeiras palavras que Rastignac lhe disse, a viúva foi até ele, assumindo o jeito azedamente meloso de uma comerciante desconfiada que não gostaria de perder seu dinheiro nem de aborrecer o freguês.

— Meu caro sr. Eugène — ela respondeu —, sabe bem como eu que o pai Goriot não tem mais um tostão. Dar lençóis a um homem que está esticando a canela é perdê-los, tanto mais que será preciso sacrificar um para a mortalha. Assim, o senhor já me deve cento e quarenta e quatro francos, ponha mais quarenta francos de lençóis e algumas outras coisinhas, a vela que Sylvie lhe dará, tudo isso soma ao menos duzentos francos, que uma pobre viúva como eu não está em condição de perder. Nossa mãe! Seja justo, sr. Eugène, já perdi bastante nesses cinco dias em que a urucubaca se alojou na minha casa. Teria dado dez escudos para que esse homenzinho aí tivesse ido embora nestes dias, como o senhor dizia. Isso choca meus pensionistas. Por uma coisinha à toa eu o mandaria levar ao hospital. Enfim, ponha-se no meu lugar. Meu estabelecimento acima de tudo, é minha vida, a minha. Eugène tornou a subir, rapidamente, para o quarto do pai Goriot.

— Bianchon, o dinheiro do relógio?

— Está ali em cima da mesa, restam trezentos e sessenta e poucos francos. Do que me deram paguei tudo o que devíamos. O recibo da casa de penhor está debaixo do dinheiro.

— Tome, senhora — disse Rastignac depois de despencar pela escada, horrorizado —, liquide as nossas contas. O sr. Goriot não tem muito tempo a ficar na sua pensão, e eu...

— Sim, ele sairá daqui de pés juntos, pobre velho — ela disse contando duzentos francos, com um ar meio alegre, meio melancólico.

— Terminemos — disse Rastignac.

— Sylvie, dê os lençóis e vá ajudar esses senhores lá em cima.

— O senhor não se esquecerá de Sylvie — disse a sra. Vauquer ao ouvido de

Eugène —, já são duas noites em que ela está de vigília.

Assim que Eugène virou as costas, a velha correu até sua cozinheira:

— Pegue os lençóis virados do avesso, número sete. Por Deus, são bastante bons para um morto — disse-lhe ao ouvido.

Eugène, que já subira alguns degraus da escada, não ouviu as palavras da velha hospedeira.

— Vamos — disse-lhe Bianchon — vestir-lhe a camisa. Segure-o reto.

Eugène se pôs na cabeceira da cama e segurou o moribundo, de quem Bianchon tirou a camisa, e o velho fez um gesto como para guardar alguma coisa sobre o peito, e deu gritos queixosos e desarticulados, à maneira dos animais que têm uma grande dor a manifestar.

— Oh! Oh! — disse Bianchon —, ele quer uma correntinha de cabelos com um medalhão que nós lhe retiramos há pouco para pôr as moxas. Pobre homem! Temos de colocá-la de novo. Está em cima da lareira.

Eugène foi pegar uma corrente trançada com cabelos louro-acinzentados, provavelmente os da sra. Goriot. Leu de um lado do medalhão: Anastasie; e do outro: Delphine. Imagem de seu coração que repousava sempre sobre seu coração. Os cachos contidos ali dentro eram de tal finura que deviam ter sido cortados durante a primeira infância das duas filhas. Quando o medalhão encostou em seu peito, o velho fez um hã prolongado que anunciava uma satisfação terrível de ver. Era um dos derradeiros ecos de sua sensibilidade, que parecia se retirar para o centro desconhecido de onde partem e para onde se dirigem nossas simpatias. Seu rosto convulsionado ficou com uma expressão de alegria doentia. Os dois estudantes, impressionados

com aquele terrível brilho de uma força de sentimento que sobrevivia ao pensamento, soltaram, cada um, lágrimas quentes sobre o agonizante, que deu um grito agudo de prazer.

— Nasie! Fifine! — disse.

— Ele ainda vive — disse Bianchon.

— Para que isso lhe serve? — disse Sylvie.

— Para sofrer — respondeu Rastignac.

Depois de fazer ao amigo um sinal para lhe dizer que o imitasse, Bianchon se ajoelhou para passar os braços sob as pernas do doente, enquanto Rastignac fazia o mesmo do outro lado da cama a fim de passar as mãos sob as costas. Sylvie estava ali, pronta para retirar os lençóis, quando o moribundo fosse levantado, e substituí-los pelos que ela trazia. Enganado talvez pelas lágrimas, Goriot usou suas derradeiras forças para estender as mãos, encontrou de cada lado da cama as cabeças dos estudantes, agarrou-os violentamente pelos cabelos e ouviu-se um som fraco:

— Ah! meus anjos!

Duas palavras, dois murmúrios acentuados pela alma que levantou voo depois dessas palavras.

— Pobre homem querido — disse Sylvie enternecida com essa exclamação em que se pintava um sentimento supremo que a mais horrível, a mais involuntária das mentiras exaltava uma derradeira vez.

O último suspiro desse pai devia ser um suspiro de alegria. Esse suspiro foi a expressão de toda sua vida, ele mais uma vez se enganava. O pai Goriot foi piedosamente recolocado sobre seu catre. A partir desse momento, sua fisionomia manteve a dolorosa marca do combate que se travava entre a morte e a vida numa máquina que não tinha mais essa espécie de consciência cerebral de que resulta a sensação do prazer e da dor para o ser humano. Para a destruição, não era mais que uma questão de tempo.

— Ele vai ficar assim algumas horas, e morrerá sem que se perceba, sequer terá os estertores. O cérebro deve estar completamente invadido.

Nesse instante ouviram na escada os passos de uma jovem mulher ofegante.

— Ela está chegando tarde demais — disse Rastignac. Não era Delphine, mas Thérèse, sua camareira.

— Sr. Eugène — ela disse —, armou-se uma cena violenta entre o senhor e a senhora, a respeito do dinheiro que essa pobre senhora pedia para o pai. Ela desmaiou, o médico chegou, foi preciso

sangrá-la, ela gritava: “Meu pai está morrendo, quero ver papai!”.  
Em suma, gritos de partir a alma.

— Chega, Thérèse. Mesmo que viesse, agora seria supérfluo. O sr. Goriot já perdeu a consciência.

— Pobre querido senhor, está tão mal assim! — disse Thérèse.

— Os senhores não precisam mais de mim, tenho que ir ver o meu jantar, são quatro e meia — disse Sylvie, que quase deu um encontrão no alto da escada com a sra. de Restaud.

Foi uma aparição grave e terrível essa da condessa. Olhou para o leito de morte, mal iluminado por uma única vela, e derramou lágrimas ao perceber a máscara de seu pai na qual ainda palpitavam os derradeiros estremecimentos da vida.

Bianchon se retirou, por discrição.

— Não escapei cedo o suficiente — disse a condessa a Rastignac.

O estudante fez um sinal afirmativo de cabeça, cheio de tristeza.  
A sra. de

Restaud pegou a mão do pai e a beijou.

— Perdoe-me, meu pai! O senhor dizia que minha voz lhe lembrava um túmulo; pois bem, volte um momento à vida para abençoar sua filha arrependida. Escute-me. Isso é um pavor! Sua bênção é a única que agora posso receber aqui. Todos me odeiam, só o senhor me ama. Meus próprios filhos me odiarão.



Leve- me consigo, eu o amarei, cuidarei de si. Ele não está mais ouvindo, estou louca.

Caiu de joelhos e contemplou aquele destroço com uma expressão de delírio.

— Nada falta à minha desgraça — disse olhando para Eugène. — O sr. de Trailles foi embora, deixando aqui dívidas enormes, e soube que ele me enganava. Meu marido nunca me perdoará, e deixei-o como senhor de minha fortuna. Perdi todas as minhas ilusões. Ai de mim! Por quem traí o único coração (apontou para o pai) pelo qual era adorada! Conheci-o mal, rejeitei-o, causei-lhe mil sofrimentos, infame que sou!

— Ele sabia disso — disse Rastignac.

Nesse instante o pai Goriot abriu os olhos, mas pelo efeito de uma convulsão. O gesto que revelava a esperança da condessa não foi menos horrível de ver do que o olho do moribundo.

— Estaria me ouvindo? — gritou a condessa. — Não — disse para si mesma,

sentando-se ao lado da cama.

Como a sra. de Restaud manifestou o desejo de velar pelo pai, Eugène desceu para comer alguma coisa. Os pensionistas já estavam reunidos.

— E então — disse-lhe o pintor —, parece que vamos ter um pequeno mortorama lá em cima?

— Charles — disse Eugène —, parece-me que deveria brincar com algum assunto menos lúgubre.

— Então não podemos mais rir aqui? — retrucou o pintor. — O que tem isso de mais, já que Bianchon diz que o velho perdeu a consciência?

— Pois bem — prosseguiu o empregado do museu —, ele morrerá como terá vivido.

— Meu pai morreu — gritou a condessa.

Diante desse grito terrível, Sylvie, Rastignac e Bianchon subiram e encontraram a sra. de Restaud desfalecida. Depois de fazê-la voltar a si, transportaram-na para o fiacre que a esperava. Eugène a entregou aos cuidados de Thérèse, ordenando-lhe que a levasse para a casa da sra. de Nucingen.

— Ah! ele está mesmo morto — disse Bianchon ao descer.

— Vamos, senhores, à mesa — disse a sra. Vauquer —, a sopa vai esfriar. Os dois estudantes se puseram lado a lado.

— Que é preciso fazer agora? — perguntou Eugène a Bianchon.

— Eu fechei os olhos dele, e o arrumei de forma adequada.

Quando o médico da prefeitura tiver atestado o óbito que iremos

declarar, vamos envolvê-lo dentro de uma mortalha e o enterraremos. O que quer que aconteça com ele?

— Ele não vai mais farejar seu pão assim — disse um pensionista imitando a careta do velho.

— Santo Deus, senhores — disse o repetidor —, mas deixem o pai Goriot, e não nos façam mais engoli-lo, pois faz uma hora que ele é servido neste jantar. Um dos privilégios da bela cidade de Paris é que é possível nascer aqui, viver aqui, morrer aqui sem que ninguém preste atenção em você. Aproveitemos, portanto, as vantagens da civilização. Há sessenta mortos hoje, querem se condoer dessas hecatombes parisienses? Que o pai Goriot tenha batido as botas, melhor para ele! Se o adoram, vão velá-lo e nos deixem, nós aqui, comer em paz.

— Oh!, sim — disse a viúva —, melhor para ele que tenha morrido! Parece que o pobre homem teve muitos desgostos na vida.

Foi a única oração fúnebre de um ser que, para Eugène, representava a Paternidade. Os quinze pensionistas começaram a conversar como de costume. Quando Eugène e Bianchon acabaram de comer, o barulho dos garfos e colheres, os risos da conversa, as diversas expressões daqueles rostos glutões e indiferentes, sua despreocupação, tudo os gelou de horror. Saíram para buscar um padre que velasse e rezasse durante a noite ao lado do morto. Precisaram calcular os últimos deveres a cumprir

com o velhote a partir do pouco dinheiro de que poderiam dispor. Lá pelas nove da noite o corpo foi posto sobre um suporte, amarrado, entre duas velas, naquele quarto nu, e um padre foi se sentar perto dele. Antes de se deitar, Rastignac, tendo pedido informações ao eclesiástico sobre o preço do ofício religioso e do cortejo fúnebre, escreveu um

bilhete ao barão de Nucingen e ao conde de Restaud solicitando-lhes que enviassem seus funcionários para prover a todas as despesas do enterro. Despachou-lhes Christophe, depois se deitou e dormiu, moído de cansaço. Na manhã seguinte Bianchon e Rastignac foram obrigados a ir declarar pessoalmente o óbito, que pelo meio-dia foi atestado. Duas horas depois nenhum dos dois genros enviara dinheiro, ninguém se apresentara em nome deles, e Rastignac já fora obrigado a pagar as despesas do padre. Tendo Sylvie pedido dez francos para enrolar o homenzinho na mortalha e costurá-la, Eugène e Bianchon calcularam que, se os parentes do morto não quisessem se envolver em nada, eles mal teriam como assumir as despesas. Portanto, o estudante de medicina se encarregou de pôr ele mesmo o cadáver num caixão de pobre, que mandou vir de seu hospital, onde o conseguiu por um preço mais em conta.

— Pregue uma peça nesses engraçadinhos aí — ele disse a Eugène. — Vá

comprar um lote, por cinco anos, no Père-Lachaise, e encomende um ofício religioso de terceira classe na igreja e na funerária. Se os genros e as filhas se recusarem a reembolsá-lo, você mandará gravar na sepultura: “Aqui jaz o sr. Goriot, pai da condessa de Restaud e da baronesa de Nucingen, enterrado às custas de dois estudantes”.

Eugène só seguiu o conselho do amigo depois de ter ido em vão à casa do sr. e da sra. de Nucingen e à do sr. e da sra. de Restaud. Não foi mais longe que a porta. Os dois porteiros tinham ordens severas.

— O senhor e a senhora — disseram — não estão recebendo ninguém; o pai da senhora morreu, e eles estão afundados na dor mais profunda.

Eugène tinha bastante experiência do mundo parisiense para saber que não devia insistir. Seu coração se apertou estranhamente quando se viu na impossibilidade de chegar perto de Delphine.

“Venda uma joia”, escreveu-lhe no aposento do porteiro, “para que seu pai seja decentemente levado à última morada.”

Lacrou esse bilhete e pediu ao porteiro do barão que o entregasse a Thérèse,

para sua patroa; mas o porteiro o entregou ao barão de Nucingen, que o jogou no fogo. Depois de ter tomado todas as

providências, Eugène voltou lá pelas três para a pensão burguesa, e não conseguiu segurar uma lágrima quando avistou naquela porta secundária o caixão mal e mal coberto por um pano preto, posto sobre duas cadeiras naquela rua deserta. Um aspersório ordinário, no qual ainda ninguém tocara, estava mergulhado num prato de cobre prateado cheio de água benta. A porta nem sequer estava coberta de preto. Era a morte dos pobres, que não tem fausto, nem acompanhantes, nem amigos, nem parentes.

Bianchon,

obrigado a ficar no hospital, escrevera um bilhete a Rastignac para lhe prestar contas do que providenciara quanto à igreja. O residente lhe comunicava que uma missa era caríssima, que era preciso se contentar com o ofício mais barato das vésperas, e que ele enviara Christophe à funerária, com um bilhete. No momento em que Eugène acabava de ler o rabisco de Bianchon, viu entre as mãos da sra. Vauquer o medalhão rodeado de ouro em que estavam os cabelos das duas filhas.

— Como a senhora ousou pegar isso? — perguntou-lhe.

— Por Deus! Tinha que enterrá-lo com isso? — respondeu Sylvie. — É de ouro.

— Com certeza! — prosseguiu Eugène indignado —, que ao menos ele leve consigo a única coisa que pode representar suas duas filhas.

Quando o rabeção chegou, Eugène fez levantarem o caixão, o despregou e

colocou religiosamente sobre o peito do velho uma imagem que se referia a um tempo em que Delphine e Anastasie eram jovens, virgens e puras, e não argumentavam, como ele dissera entre seus gritos de agonizante. Só Rastignac e Christophe acompanharam, com dois papa-defuntos, o carro que levava o pobre homem à Saint-Étienne-du-Mont, igreja perto da Rue Neuve-Sainte-Geneviève. Lá chegando, o corpo ficou exposto numa pequena capela baixa e escura, em torno da qual o estudante procurou em vão as duas filhas do pai Goriot ou seus maridos. Ele estava sozinho, com Christophe, que se imaginava obrigado a prestar os derradeiros serviços a um homem que o fizera ganhar algumas boas gorjetas. Esperando os dois padres, o menino do coro e o sacristão, Rastignac apertou a mão de Christophe, sem conseguir pronunciar uma palavra.

— Sim, sr. Eugène — disse Christophe —, era um bravo e honrado homem, que nunca disse uma palavra mais alta que outro, que não prejudicava ninguém e nunca fez nenhum mal.

Os dois padres, o menino do coro e o sacristão chegaram e deram tudo o que se

pode dar por setenta francos numa época em que a religião não é rica o bastante para rezar de graça. Os clérigos cantaram um

salmo, o Libera , o De profundis . O ofício durou vinte minutos. Só havia um carro de luto para um padre e um menino do coro, que aceitaram levar com eles Eugène e Christophe.

— Não há séquito — disse o padre —, poderemos ir depressa, a fim de não demorarmos, já são cinco e meia.

Contudo, quando o corpo foi posto no rabeção, duas carruagens armoriadas, mas vazias, a do conde de Restaud e a do barão de Nucingen, se apresentaram e seguiram o cortejo até o Père-Lachaise. Às seis horas, o corpo do pai Goriot

desceu à sua cova, em torno da qual estavam os empregados de suas filhas, que desapareceram junto com o clero, tão logo foi dita a curta oração em intenção do bom homem em troca do dinheiro que o estudante pôde pagar. Quando os dois coveiros jogaram algumas pás de terra sobre o caixão para escondê-lo, levantaram-se e um deles, dirigindo-se a Rastignac, pediu-lhe a gorjeta. Eugène revirou seu bolso e não encontrou nada, foi obrigado a pedir emprestado vinte vinténs a Christophe. Esse fato, tão insignificante em si mesmo, determinou em Rastignac um acesso de horrível tristeza. O dia caía, um crepúsculo úmido irritava os nervos, ele olhou para a sepultura e ali enterrou sua última lágrima de rapaz, essa lágrima arrancada pelas santas emoções de um coração puro, uma dessas lágrimas que, da terra onde caem, tornam a jorrar rumo ao céu. Cruzou os braços, contemplou as nuvens, e ao vê-lo assim Christophe o deixou.



Ao ficar sozinho, Rastignac deu uns passos até o alto do cemitério e viu Paris

tortuosamente deitada ao longo das duas margens do Sena, onde as luzes começavam a brilhar. Seus olhos se prenderam quase avidamente entre a coluna da Place Vendôme e a cúpula dos Invalides, ali onde vivia aquela bela sociedade em que ele quisera penetrar. Lançou sobre essa colmeia zunindo um olhar que parecia de antemão extrair-lhe o mel, e disse estas palavras grandiosas:

— Agora, somos nós dois!

E como primeiro ato do desafio que lançou à Sociedade, Rastignac foi jantar na casa da sra. de Nucingen.

Saché, setembro de 18

**InfoLivros.org**

